

Antonio Carlos Pinheiro



Memórias e Aventuras NA EDUCAÇÃO E NO ENSINO DE GEOGRAFIA





Presidente

Luiz Carlos Ribeiro

Revisão Geral

Jéssica Lopes

Projeto Gráfico

Adriana Almeida

Capa

Antônio Carlos Pinheiro

Conselho Editorial

Andréa Coelho Lastória (USP/Ribeirão Preto)

Carla Cristina R. G. de Sena (UNESP/Ourinhos)

Carolina Machado Rocha Busch Pereira (UFT)

Denis Richter (UFG)

Eguimar Felício Chaveiro (UFG)

Lana de Souza Cavalcanti (UFG)

Loçandra Borges de Moraes (UEG/Anápolis)

Míriam Aparecida Bueno (UFG)

Vanilton Camilo de Souza (UFG)

Memórias e Aventuras
NA EDUCAÇÃO E NO ENSINO DE GEOGRAFIA

© Autoras e autores – 2020

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio,
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme decreto nº 1.825,
de 20 de dezembro de 1907.

Comissão Técnica do Sistema Integrado de Bibliotecas Regionais (SIBRE),
Catalogação na Fonte

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte (CIP)
(Elaboração: Filipe Reis – CRB 1/3388)

P654m Pinheiro, Antonio Carlos.
Memórias e aventuras na educação e no ensino de Geografia
/ Antonio Carlos Pinheiro. – Goiânia : C&A Alfa Comunicação,
2020.
330 p.
ISBN 978-65-992286-9-8
1. Ensino de Geografia. 2. Biografia. 3. Educação Geográfica.
I. Título.

CDU: 929

Antonio Carlos Pinheiro

Memórias e Aventuras
NA EDUCAÇÃO E NO ENSINO DE GEOGRAFIA



GOIÂNIA, GO | 2020

agradecimentos

Tenho muitos a agradecer: meus amigos de ontem e de hoje, que estão em Bragança Paulista, Campinas, Goiânia, São Paulo, João Pessoa e outras cidades do país e do mundo. Se fosse tentar mencionar todos os nomes, poderia cometer injustiça. Porém, citarei alguns que espero que representem todos que foram importantes na minha vida. Agradeço aos meus pais, Izaura e Bendito e meu Sergio que apesar dos nosso desencontros, convivemos bom tempo juntos, a alguns familiares, em especial as tias Maria José (Marzé) e Angelina (Cidinha) que acompanharam meu crescimento, com quem até hoje mantenho contato.

Dos parceiros e amigos, começo por Silvia Regina Mascarin, que me ensinou muita coisa na vida, na educação e na Geografia. Nossa parceria floresceu e gerou muitos frutos. Vanilton Camilo de Souza, moramos juntos em Goiânia e partilhamos muitas festas e conversas animadas. Genésio Amorim, que tive o prazer de orientar em Goiânia e se tornou meu grande amigo. Onde estiver, não te esquecerei. Célia Giglio e Angélica Minhoto, da Unifesp, que me acolheram e até hoje nos encontramos. Leandro Menog, que foi meu aluno na Unifesp e, quando estou em São Paulo, sempre nos encontramos.

De João Pessoa, aos professores Christianne Maria da Silva Moura e Marcelo de Oliveira Moura, meus companheiros de trabalho e amigos de vida e de diversão, que tornam meu cotidiano

na UFPB e fora dela mais suave. Mauricéia Ananias e Raimundo Barroso, com quem tenho muitas conversas e encontros culinários.

Aos meus orientados de mestrado e doutorado de ontem e de hoje, a maioria dedicados e competentes. Aos que atuam atualmente e são imprescindíveis na construção do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Geográfica (GEPEG): Guibson, Eliane, David, Josias, Maurílio, Dayane, Marta, Sergio, Irecêr, Ana Neri, Adriano, Simone, Maria, Rita e Fabiano. Os dois últimos e Joabe, também do Laboratório e Oficina de Geografia da Paraíba (Logepa), que estão sempre prontos para as atividades.

Aos meus gatos residentes, aos que mudaram para a vizinhança e aos que cuido na UFPB, os quais me dão muita alegria e preocupação além de tornarem minha vida mais leve e alegre. Os residentes: Alice, Augusto, Benjamim, Bianco, Bruno, Celeste, Diana, Elisa, Estela, Ferdinando, Fred Junior, Iuri, Júpiter, Leona, Letícia, Lucrécia, Marcelino, Maria Clara, Otelo, Paloma, Pietra, Rafaela, Raquel Maria, Safira. Os que vivem na vizinhança: Brisa, Cid, Érico, Fred e Leandra. *In memoriam*: Alvaro, Chiquinha, Daiane, Elvis, Lindinha, Luna, Penépole, Pretinha e Samira. As minhas plantas que tornam minha vida um jardim de felicidade.

Agradeço a participação na Banca dos seguintes Professores Doutores: Raimundo Barroso Cordeiro Junior (UFPB), presidente, e de Eliseu Clementino de Souza, da Universidade do Estado da Bahia, Lana de Souza Cavalcanti, da Universidade Federal de Goiás, Patrícia Cristina de Aragão, da Universidade Estadual da Paraíba, Charlinton José dos Santos Machado, da UFPB e Jussara Fraga Portugal, da Universidade do Estado da Bahia. Agradeço Ana Estela Bento Marinho que fez a leitura e correção deste texto. E por fim a minha perseverança por ter exercido a docência por tanto tempo apesar das adversidades que encontrei pelo caminho.

Um agradecimento especial para Eduardo Souza Falcão, meu companheiro e grande amor, meu porto seguro na vida.

lista de abreviaturas e siglas

AECI	Agência Espanhola de Cooperação Internacional
AGB	Associação dos Geógrafos Brasileiros
AGB-Cps	Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Campinas
Anpuh	Associação Nacional de Professores Universitários de História
Apeoesp	Associação dos Professores do Estado de São Paulo (Sindicato)
ANPEG	Associação Nacional de Pós-Graduação em Geografia
Apropucc	Associação dos Professores da PUC-CPS
ATP	Assistente Técnico Pedagógico – DEs de Campinas
CA	Centro Acadêmico
CAPES	Companhia de Aperfeiçoamento do Pessoal do Ensino Superior
CCEAT	Centro de Ciências Exatas, Ambientais e de Tecnologias – PUC-Cps
CE	Centro de Educação – UFPB
CARH	Centro de Aperfeiçoamento de Recursos Humanos – SEE-SP
CBG	Congresso Brasileiro de Geógrafos – AGB
CCA	Coordenadoria de Currículos Acadêmicos – PRG/UFPB
Cefam	Centro Específico de Aperfeiçoamento do Magistério
CENP	Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas – SEE-SP
Climageo	Laboratório de Climatologia Geográfica – UFPB
CNP	Caderno do Núcleo de Pesquisas do ICH/PUC-Cps
CNPq	Conselho Nacional de Pesquisas – MEC

DE	Delegacia de Ensino
DCE	Diretório Central dos Estudantes
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais – MEC
Degeoc	Departamento de Geociências – CCEN/UFPB
DME	Departamento de Metodologia da Educação – CE/UFPB
DOU	Diário Oficial da União
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EMC	Educação Moral e Cívica
Enade	Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes
Eneg	Encontro Nacional de Ensino de Geografia – Fala Professor – AGB
ENG	Encontro Nacional de Geógrafos – AGB
Enpeg	Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia
Epeg	Encontro Paulista de Ensino de Geografia
Epege	Encontro Paulista de Ensino de Geografia
Ereg	Encontros Regionais de Ensino de Geografia de Campinas – AGB-Cps
Erepeg	Encontro Regional de Práticas de Ensino de Geografia do Nordeste
FAPESP	Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo
FESB	Faculdade de Ciências e Letras de Bragança Paulista
FDE	Fundação para o Desenvolvimento da Educação – SEE-SP
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICH	Instituto de Ciências Humanas – PUC-Cps
IES	Instituição de Ensino Superior
IESA	Instituto de Estudos Socioambientais – UFG
IFCH	Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Unicamp
IG	Instituto de Geociências – Unicamp
GEPEG	Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Geográfica – UFPB
LDB	Lei de Diretrizes e Bases – MEC
LGBTQ+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer e +
Logepa	Laboratório de Oficina de Geografia da Paraíba – UFPB
MEC	Ministério da Educação
MST	Movimento dos Sem Terra
NDE	Núcleo Docente Estruturante
NEPEG	Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Geográfica
PCG	Proposta Curricular de Geografia
PDT	Partido Democrático Trabalhista

PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PMG	Prefeitura Municipal de Guarulhos
PNLD	Plano Nacional do Livro Didático – MEC
PPC	Projeto Pedagógico Curricular
PRG	Pró-reitoria de Graduação – UFPB
Prodocência	Programa de Consolidação das Licenciaturas
Progep	Pró-reitoria de Gestão de Pessoas – UFPB
PPGG	Programa de Pós-graduação em Geografia
PPC	Projeto Pedagógico Curricular
PPP	Práticas Pedagógicas Programadas – Unifesp
PRP	Programa de Residência Pedagógica – Unifesp
PT	Partido dos Trabalhadores
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
PUC-Cps	Pontifícia Universidade Católica de Campinas
PUC-Goiás	Pontifícia Universidade Católica de Goiás
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
REUNI	Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – MEC
RGC	Reuniões de Gestão Coletiva – AGB
SEE-SP	Secretaria de Estado da Educação de São Paulo
RGC	Reunião de Gestão Coletiva – AGB
Simpro	Sindicato dos Professores de Campinas
SISU	Sistema Unificado de Seleção – MEC
TC	Trabalho de Campo
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UAM	Universidade Autônoma de Madrid
UBA	Universidade de Buenos Aires
UBS	Unidades Básicas de Saúde
UCM	Universidad Complutense de Madrid
UEG	Universidade Estadual de Goiás
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais

UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFT	Universidade Federal do Tocantins
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UNEB	Universidade Estadual da Bahia
Unesp	Universidade Estadual Paulista
Unifesp	Universidade Federal de São Paulo
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas
UNL	Universidade Nova de Lisboa
USAID	United States Agency for International Development
USF	Universidade São Francisco
USP	Universidade de São Paulo
URCA	Universidade Regional do Cariri
UTI	Unidade de Terapia Intensiva

Sumário

Agradecimentos	vii
Lista de abreviaturas e siglas	ix
Introdução.	17
Prefácio	20
1 Chegando ao mundo, à escola e ao mercado de trabalho	23
Lembranças da infância e o Grupo Escolar José Guilherme	30
Escola Estadual Casper Líbero e o mundo do trabalho Delícias da adolescência, o 2º grau e a descoberta da realidade.	42
Escola de “machos”	46
Escola de “machos”	50
II Ensino superior na graduação e novos horizontes.	55
Novas descobertas, a política partidária e sindical	59
Vida nova em Campinas – o curso de Geografia.	62
III Entrada no magistério: tornando-me professor.	70
Os grupos da Delegacia de Ensino e a Geografia Crítica.	80
Experiência e aprendizado no Cefam-Campinas	90

	Atuação na Educação Continuada como formador . . .	94
IV	Associação dos Geógrafos Brasileiros	97
	Encontros Nacionais de Geógrafos	113
	Queremos o curso de Geografia na Unicamp!	115
	Experiência na gestão da AGB-Nacional.	118
	Afastamento da gestão da AGB, mas não abandono. . .	122
V	Entrada na PUC-Campinas como professor	123
	A crise do curso de Geografia.	134
	Gestando a Geografia na PUC	137
	Novos rumos, novas fronteiras.	143
VI	Da prática à teoria: a pós-graduação	147
	A origem da maquete dinâmica	150
	O mestrado em Educação	154
	Doutorado: tem ideias que caem na cabeça	157
	A tese: conhecendo o presente e o passado.	160
VII	Estágio na Espanha.	167
	Clandestino sem destino	172
	Viva a democracia! O Brasil em alta no velho mundo .	175
	Quem tem boca vai a Oviedo	177
	Madrid 40 grados e os encanto de Portugal: o regresso	179
VIII	Goiânia e a UFG: comida boa e gente receptiva.	182
	IESA/UFG: trabalho sério e risadas.	187
	Núcleo de Estudos e Pesquisa em Educação	
	Geográfica	194
	Pós-graduação no IESA/UFG	199
	Lembranças de Goiânia e da UFG.	201
	Publicação do livro/catálogo produto da tese.	202
IX	Frio e chuva: volta para São Paulo e entrega na	
	Unifesp.	205

	Bragança e família são melhores à distância	209
	A Unifesp e o Campus de Guarulhos	211
	Desvendando a realidade de Guarulhos: as PPPs	216
	Conhecendo as escolas: Programa de Residência Pedagógica	228
	Eduardo e mudança para a cidade de São Paulo	234
	Vidas e lugares de professores: estágio de pós-doutorado	239
X	Aterrissando na ensolarada capital da Paraíba	244
	O primeiro impacto na universidade: professor substituto	246
	As reuniões de departamento: o DME	248
	O PPGG e a esperança da felicidade	253
	Supervisão de Estágio Docência no PPGG	254
	Outras atividades e supervisão de pós-doutorado no PPGG	260
	Licença para capacitação	262
	Geociências ou Geografia?	265
	A coordenação descoordenada	267
	PIBID e Prodocência: de volta para as escolas	278
	Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Geográfica – GEPEG	279
	Laboratório e Oficina de Geografia da Paraíba e a extensão	286
XI	Reflexões sobre minha trajetória na universidade	295
	Palavras finais	311
	Referências	322

introdução

*Salgo a caminar
Por la cintura cósmica del sur
Piso en la región
Más vegetal del viento y de la luz
Siento al caminar
Toda la piel de América en mi piel
Y anda en mi sangre un río
Que libera en mi voz
Su caudal.¹*

Este livro resulta do meu memorial para obtenção da progressão funcional para Professor Titular na Universidade Federal da Paraíba, apresentado em quatro de setembro de 2020. Quando comecei a escrever não desejava que fosse apenas uma descrição do *Curriculum Lattes*, mas um texto que refletisse minha trajetória formativa, desde a escola básica, passando pela universidade e minhas experiências profissionais. No entanto, acabei destacando passagens da minha vida que, no meu ponto de vista, explicam quem sou, assim como minhas conquistas e decepções. Não relacionei aqui todos os projetos que realizei, artigos que escrevi e eventos de que participei. Isso tudo pode ser conferido no meu currículo.

Antes de começar minha escrita, pretendia fazer um preâmbulo por meio dos estudos autobiográficos, uma forma de teorização da escrita de si. Porém, em face das adversidades que me acometeram desde o início do ano, como problemas de saúde e, logo depois,

1 Primeira estrofe da música **Canción con todos**, interpretada por Mercedes Sosa. Compositores: Armando Tejada Gómez Y César Isella. <https://www.vagalume.com.br/mercedes-sosa/cancion-con-todos.html>. Acesso em 01/08/2020.

a pandemia – que aumentou o tempo de dedicação ao trabalho remoto – acabei desistindo da ideia.

Apropriei-me, por meio das narrativas, de parte da minha vida. De certa forma, construí um percurso que me permitiu a apropriação da minha existência. Ao escrever sobre minha história de vida, acabei falando sobre outras pessoas com que convivi e aprendi muitas coisas, mas também recordei fatos que gostaria de ter esquecido e que acabei narrando no texto como testemunho de decepções e sofrimentos. Diante disso, resolvi não citar o nome dessas pessoas e nem colocar fotografias onde elas aparecem. Cito, no texto, o nome das pessoas que realmente me importam. Por outro lado, muitas pessoas importantes sugeriram na minha vida, entre familiares, amigos, namorados, professores, alunos, colegas de trabalho, amigos que não citei para não tornar o texto maior do que já ficou – por isso, peço desculpas.

Ao rememorar e escrever o texto experimentei momentos de felicidades e de angústias. Foi um processo terapêutico. Antes de escrever, tinha um roteiro pré-estabelecido, porém, no decorrer, permiti que as narrativas fossem fluindo, dando sentido ao texto.

Falar da própria história de vida, das experiências vivenciadas e acumuladas é um processo reflexivo que leva o sujeito a repensar sobre suas ações no presente e no passado. Rememorar fatos ressignificando-os e reeditando-os por meio da narrativa, das experiências vividas e imaginadas, representa uma reconstrução e uma reinvenção, por meio da memória, da sua própria identidade. (PINHEIRO, 2012, p. 27).

O livro não está escrito exatamente acompanhando uma cronologia, pois escolhi organizar por temáticas representando minhas ações e atividades realizadas. Contudo, empreendo um passeio pelo tempo, podendo retornar à infância mesmo quando estou narrando minha experiência como professor universitário.

Como estava com dificuldades para ficar por longo tempo sentado, contei com a colaboração da minha bolsista Rita de Cas-

sia Santos de Lira. Algumas narrativas foram gravadas em áudio e transcritas por ela, que me ajudou a acelerar a escrita. Com base nesse texto, fui reorganizando, acrescentando, eliminando. Também tive ajuda de meu companheiro, Eduardo Souza Falcão, que me orientou no uso das palavras. Escrevo em primeira pessoa, mas também em terceira, pois muitas passagens da minha vida tiveram a companhia e colaboração de outras pessoas. No texto, também incluí alguns depoimentos para ilustrar minha trajetória.

O que escrevo é fruto de minhas escolhas. Teria mais coisas para destacar, tanto na vida como na profissão, mas o que está no texto foi o possível neste momento. Não me preocupei em padronizar os itens. Deixei fluir. Dessa forma, alguns são maiores e outros menores. Apesar de me permitir falar dos contextos da minha formação e experiência profissional, tentei me conter para não alongar ainda mais no texto. Espero que ele possa dar uma ideia de como me vejo e de como me construí na vida e na profissão.

prefácio

FOTOBIOGRAFIA DE UM PROFESSOR DE GEOGRAFIA: *imagens, memórias e histórias*

Quando recebi o convite para compor a banca de promoção da carreira do magistério no ensino superior (Classe E, Professor Titular) do colega Antonio Carlos Pinheiro, tinha a certeza de que receberia um memorial com muitas histórias sobre a sua trajetória na docência e o modo como está se constituindo professor. Gosto de ler memoriais, pois sempre me envolvo nas tramas que são tecidas quando o narrador abre o seu baú de memórias e as mobiliza para compor o enredo das histórias que serão contadas. Isso me fascina. Conhecer as trajetórias de vida-formação-profissão de colegas professores perpassa pela compreensão do outro e da sua identidade.

Ao receber o material, fiquei encantada ou, como dizem, “impactada” com a capa. Antonio Carlos conseguiu reunir fotos 3X4 que foram tiradas ao longo da sua vida e elaborou um mosaico imagético, cujas partes se complementam e se articulam entre si, num movimento que retrata o tempo da/na vida. Contudo, a riqueza das fotografias não foi um elemento impactante apenas na capa, mas ao longo das centenas de páginas escritas com muita maestria, sensibilidade e, claro, irreverência. A seleção das fotografias para compor as narrativas das histórias foi uma estratégia adotada pelo autor

como um interessante dispositivo que acionou muitas das memórias das histórias narradas. A sua leitura possibilitou ao escritor, com o olhar de hoje, revisitar o passado e grafar as marcas do vivido.

Para além das fotografias que compõem a capa, no seu interior, a escrita é permeada de/por muitas outras tantas histórias que, além das experiências pessoais do autor, narram também múltiplas histórias e experiências da sua trajetória de formação e profissão, as quais se cruzam e entrecruzam com as histórias de tantas outras pessoas que também fazem parte da sua vida. São fatos, fotos e situações que emergem nas entrelinhas do dito e do não dito, do que ficou por dizer.

Nessa escrita, as fotografias são relevantes registros imagéticos que retratam tempos, temporalidades; cenários e lugares; pessoas e eventos e, nas histórias aqui narradas, desempenham um mister papel: traduzir histórias carregadas de emoção. Histórias sobre escolhas, perdas, ganhos, enfrentamentos, negações, acolhimentos, resiliência, acontecimentos, rituais, diálogos, encontros e desencontros, chegadas e partidas.

Como um contador de histórias, desprovido da preocupação com a interpretação do leitor, Antonio Carlos faz escolhas ao selecionar o que poderia narrar. E, assim, fez um roteiro previamente pensado e elaborado. Antonio vai construindo o enredo do texto à medida que revisita as suas memórias, elegendo fatos e situações que demarcaram o seu modo de *ser-estar* no mundo, reafirmando que “[...] É impossível separar o *eu* profissional do *eu* pessoal” (NÓVOA, 1994, p. 17)¹. [grifos do autor]

As narrativas são marcadas por muitas travessias: da conservadora Bragança Paulista a Campinas, perpassando por São Paulo, Guarulhos, Goiânia e João Pessoa; singulares eventos e relevantes aprendizagens, as quais demarcam um *dever*... E, assim, vai tecendo o seu enredo e dando sentidos ao experienciado, em diferentes contextos e tempos.

1 NÓVOA, António. *Os professores e as histórias da sua vida*. In: _____ (Org.). *Vidas de professores*. Portugal: Porto, 1994.

Essas histórias de mobilidades – geográfica, social e cultural – constituem o repertório das *geo(bio)travessias*², que se configuram como processos que abrangem histórias de vida tecidas em diferentes cenários geográficos (*geotravessias*), sociais, econômicos e culturais (*biotravessias*), presentes nesse texto. Através da evocação das memórias, relata os percursos e as situações experienciadas, as quais compõem a sua historicidade, nesse devir “ser-saber-fazer” pelas trilhas da Geografia, revelando dúvidas, certezas, incertezas, opiniões e escolhas.

E, assim, Antonio Carlos Pinheiro nos brinda com a partilha das suas memórias através da sua *foto(bio)grafia*, marcada pela presença de emoções em suas interpretações sobre o vivido, sobre as suas experiências mais íntimas, incluindo questões que envolvem família, sexualidade, classe social, valores, disputas e escolhas. Um texto que retrata questões sociais, culturais e dos bastidores da profissão. Nesses relatos, as reflexões sobre os seus percursos valorizam a experiência e as muitas itinerâncias praticadas.

Nessa construção autobiográfica – uma narrativa concomitantemente histórica, reflexiva e crítica – o que está em cena não é o ato de compartilhar uma história a partir das experiências sobre o que foi vivido, mas, o modo como traduziu a vida e evidenciou a construção de sua historicidade.

Na certeza de que essa *foto(bio)grafia* inspirará outras tantas histórias que necessitam ser narradas, convido o leitor para mergulhar e se perder nessa trama *geo(bio)gráfica* emaranhada de/com muita emoção.

Princesa do Sertão, fim de noite quente da primavera.

Jussara Fraga Portugal

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

2 OLIVEIRA, Simone Santos de. “Travessias” de aluno de escola da roça a professor de universidade: percursos de vida e trajetórias de formação. 2017. 304f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduc. Departamento de Educação. Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Salvador, 2017.

I

*Chegando ao mundo,
à escola e ao mercado
de trabalho*

Viver
E não ter a vergonha
De ser feliz
Cantar e cantar e cantar
A beleza de ser
Um eterno aprendiz¹



Em 1969, aos seis anos, fui matriculado em uma escola municipal próximo de casa na Vila Mota, em Bragança Paulista², estado de São Paulo, para cursar o jardim da infância. Essa escola municipal era conveniada com uma Igreja Católica ligada à Paróquia de Santa Teresinha e ficava no alto de um morro. Não me recordo do nome e não sei se ainda existe. Lembro-me de que era área de expansão da cidade e o calçamento da minha rua, Carvalho Mota, ainda não estava terminado. Foi nessa rua onde nasci, em uma casa modesta de esquina, em 15 de fevereiro de 1963. O parto ocorreu em casa, quando o dia estava amanhecendo, com ajuda de uma parteira. Era época de carnaval e, segundo minha mãe, entre uma contração e outra, ela escutava as pessoas passando cantarolando marchinhas de carnaval. O quarto ficava voltado para a rua e se ouvia tudo que

1 Parte da letra da música: *O que é, o que é?*, de Gonzaguinha. <https://www.ouvirmusica.com.br/gonzaguinha/>. Acesso em 02/08/2020.

2 Durante o texto, quando apenas escrever Bragança, entenda-se “Bragança Paulista”, pois existem mais duas cidades com o nome de Bragança, uma em Portugal e outra no estado do Pará, no Brasil.

acontecía através da janela. Fico imaginando: “ó abre alas/que eu quero passar...” ou “mamãe eu quero, mamãe eu quero/mamãe eu quero mamar...” (risos).

Fui o primeiro filho de uma família pequena: meu pai, minha mãe e meu irmão, dado que outros irmãos não sobreviveram e morreram ainda bebês. Por outro lado, minha mãe tinha mais onze irmãos e meu pai mais cinco, cresci em meio a muitos tios, tias, primos, primas e meus avós.

Meu núcleo familiar era constituído, de minha mãe, Izaura Vasconcellos Pinheiro, natural de Senador Amaral (MG)³, de meu pai, Benedito Pinheiro, natural de Pedra Bela (SP)⁴ e meu irmão Sergio Pinheiro, natural de Bragança; os três falecidos há mais de dez anos.

Minha mãe sempre foi “do lar” e meu pai era torneiro mecânico. Ambos vieram da zona rural para a cidade quando adolescentes e cursaram até o terceiro ano primário no sítio. Minha mãe, que também bordava e fazia crochê, quando estava grávida, esperava uma menina. Naquela época, não havia as facilidades do *ultrassom* e calculavam o gênero pelo formato da barriga: se fosse pontuda, seria menino, se fosse redonda, seria menina. Quando me gestava, estava com a barriga arredondada, daí acreditava-se que seria uma menina. Minha mãe havia preparado todo o enxoval cor-de-rosa com as iniciais RM, pois meu nome seria Raquel Maria Pinheiro.

3 Cidade do sul de Minas Gerais, conta com população de 5.219 habitantes de acordo com o censo de 2010. Em 1992, tornou-se município desmembrado de Cambuí. Situado a 1.472 metros de altitude. <https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-senador-amaral.html>. Acesso: 29/01/2020.

4 Cidade vizinha a Bragança Paulista, conta com população de 5.780 habitantes de acordo com o censo de 2010. Situada a 1.099 metros de altitude. <https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-pedra-bela.html>

Antônio Carlos Pinheiro



Figura 1 – *Antonio Carlos Pinheiro – bebê*

Fonte: 1963. Acervo do autor.

MEMÓRIAS E AVENTURAS NA EDUCAÇÃO E NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Quando criança, meu irmão começou a me chamar de Cacaoio, apelido que carreguei por toda infância e adolescência e até hoje chamado por meus parentes. Arrependo-me de não o ter tornado público e levado para fora do âmbito familiar, pois, em função do meu nome Antonio Carlos, deram-me muitos apelidos derivados desse nome, sendo um deles mais duradouro, que não vou citar. Quando me mudei de Campinas para Goiânia, decidi deixá-lo para trás.

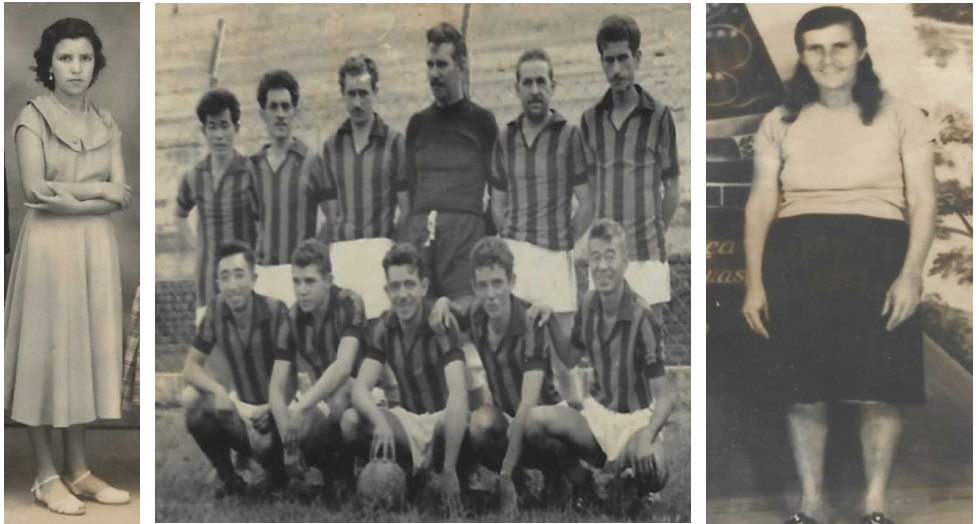


Figura 2 – *Fotos de família 1. Foto da esquerda: minha mãe Izaura, 1960. Foto do centro: meu pai Benedito, terceiro da esquerda para direita, em pé, 1960. Foto da direita: minha avó paterna, Divina de Jesus, 1970*

Fonte: Acervo do autor.



Figura 3 – *Casamento dos meus pais*

Fonte: 1962. Acervo do autor.

No jardim da infância, desenhava muito, principalmente palavras e números. Não cheguei a concluir, pois sofri um acidente no meio do ano. Depois de um aniversário na casa de minha avó materna, eu e meus primos pegamos as bolas da decoração que chamávamos de “bexigas” para brincar. Colocávamos para dentro da boca o látex e chupávamos fazendo outra bolinha e estourava. Durante a brincadeira, engoli um bom pedaço. Esse material colou meu intestino grosso e gradativamente comecei a ter dificuldades de defecar. Logo fiquei com uma barriga imensa e estava cada vez mais debilitado. Naquela época, Bragança Paulista tinha cerca de 50 mil habitantes e pouca infraestrutura de assistência médica. Que me lembre, havia um único hospital, a Santa Casa de Misericórdia. Como erámos pobres, foi lá que fui parar já sem conseguir andar. Mas antes, minha mãe tentou vários recursos, como *benzimentos*, chás diversos, promessas. Ela era católica tradicional e fervorosa. No hospital, decidiram fazer uma exploração *in loco*. Abriram minha barriga e extraíram a borracha junto com um pedaço do intestino e emendaram tudo de novo. Minha mãe chamava a doença de “nó nas tripas”.



Figura 4 – Sergio e Antonio Carlos

Fonte: 1969. Acervo do autor.

Lembranças da infância e o Grupo Escolar José Guilherme

Em 1970, já recuperado da cirurgia, fui matriculado no primeiro ano primário no Grupo Escolar José Guilherme, no Bairro do Lavapés, em Bragança Paulista. As aulas aconteciam no período da manhã e recorro que levantava com muita dificuldade para ir à escola. Bragança tem um clima tropical de altitude, com cerca de 900 metros acima do nível do mar, assim, as manhãs geralmente eram frias e também sempre fui mais notívago. Nessa época, já tínhamos mudado da Vila Mota para o Bairro do Lavapés. Embora fosse um ambiente mais urbanizado, nossa casa ainda era bem simples. Para ir à escola, atravessava uma ponte do ribeirão do Lavapés. Normalmente havia muita nebrina de manhã, sobretudo no inverno. Bragança é uma cidade de morros, fica no início da Serra da Mantiqueira e, com isso, também tem muitos vales. A escola ficava em um deles. Ao lado do ribeirão, ficava uma grande praça com um chafariz para os cavalo que puxavam as carroças vindas da roça beberem água. Segundo minha mãe, o ribeirão tinha esse nome porque era onde as pessoas se lavavam quando vinham do sítio para subir até o centro da cidade. Também ali passava a estrada de ferro e havia uma estação, onde muitas pessoas lavavam os pés para entrarem no trem.

Figura 5 – *Meu núcleo familiar
Izaura, Benedito, Antonio Carlos e
Sergio, 1970*

Fonte: Acervo do autor.



Tenho algumas recordações do trem. A linha ligava Bragança Paulista até a cidade de São Paulo e circulava em dois horários: saía de Bragança de manhã cedo, retornava às onze horas, voltava para São Paulo e retornava no final da tarde. Lembro-me de que ficávamos na janela da casa da minha avó, que era no alto do morro, para ver a Maria-Fumaça chegando. Apitava muito e soltava muita fumaça por onde passava.

Segundo pesquisa de Sonsin (2003), a Estrada de Ferro Bragantina, foi inaugurada em 1884, quando Bragança era grande produtora de café. Ligava Bragança a São Paulo até a Estação da Luz, passando por Atibaia e Mairiporã. Em 1913, foi prolongada até Vargem, próximo ao sul de Minas Gerais. Com a abertura da Rodovia Fernão Dias, em 1958, e posteriormente o crescimento do transporte rodoviário, foi perdendo passageiros e cargas. Foi desativada em 1967, no dia 21 de junho, quando passou seu último trem⁵.

Depois da desativação do trem, sempre faltava alguma coisa. Muitas pessoas demoraram a se acostumar com a falta dele, pois os horários eram demarcados pelas suas chegadas e partidas. Logo a estação foi abandonada, depredada e depois demolida.

Quando entrei no Grupo Escolar, ia para escola sozinho. Levava na bolsa o caderno, os materiais e um lanche, usava uma bermuda azul até o joelho com suspensório e camisa branca com o bordado da escola. Naquela época, o ribeirão Lavapés já estava poluído, pois, como ficava na parte mais baixa, recebia muito esgoto da cidade. Era comum a população chamá-lo de “rio bosteiro”. Recordo até hoje daquele cheiro podre quando o atravessava. Atualmente está quase todo canalizado na área urbana.



Figura 6 – Fotos de família 2 – Foto da esquerda, atrás, em pé: Tia Matilde, Tia Carminha, Tia Maria José; na frente, em pé: Tia Teresa, minha mãe Izaura, meu pai Benedito. No canto esquerdo, em pé: Sergio e Antonio Carlos. Sentados, da esquerda para a direita: Tio Benedito, minha avó Angelina e meu avô Antonio da Cunha, 1970. Foto da direita: em pé, à esquerda: minha avó Angelina, à direita minha mãe Izaura; embaixo: Sergio e Antonio Carlos, 1972

Fonte: Acervo do autor.



Figura 7 – Bragança Paulista. Bairro do Lavapés – primeiro sobrado no topo do morro, casa dos meus avós maternos, 1996 (não sei quem é essa mulher)

Fonte: Foto cedida por Eliana Almeida.

A escola não era grande, com uma arquitetura antiga, tinha cerca de 10 salas de aula. Na entrada, a recepção, secretaria e a sala da diretora, um pátio coberto onde a gente corria no recreio com um palco ao fundo para apresentação de atividades, como teatros e músicas. Ao lado da cozinha, ficavam os banheiros e uma grande pia com várias torneiras para lavar as mãos e beber água. Além de levar o lanche, adorava comer a merenda, geralmente achocolatado com bolachas, às vezes tinha arroz doce e sopa.

Quando entrei na escola, ainda era praticado o modelo antigo. A primeira etapa era o Grupo Escolar, referente ao atual ensino fundamental I e depois vinha o ginásio, do 5º ao 8º ano. Na década de 1970, houve reforma na organização da escola, promulgada pela lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, juntando o Grupo Escolar e o

ginásio, formando o 1º grau, e o colegial formando o 2º grau. O 1º grau ia desde a 1ª série até a 8ª série; o 2º grau, que se chamava antes colegial, tinha três anos. Para explicar melhor sobre estas mudanças, extraí um texto do livro *Lugares de professores: vivências, formação e práticas docentes nos anos iniciais do ensino fundamental* de minha autoria, para ilustrar (PINHEIRO, 2012, p. 28):

Na década de 1960, todo o sistema de ensino era organizado em 4 ciclos: o ensino primário, o ginásio com 4 anos, o colegial com 3 anos e o superior com duração variável. Com a promulgação da Lei 5.692, em 1971, ficou estabelecido: o ensino de 1º grau com 8 anos; o ensino de 2º grau de 3 a 4 anos, caso fosse também profissionalizante, e o ensino superior. A mudança de ciclos para série e graus está relacionada com o ideário de desenvolvimento econômico que ocorria no país nas décadas de 1960 e 1970. Nessa época, era necessário formar trabalhadores para o mercado de trabalho que tivessem condições para dominar os conhecimentos básicos e as técnicas de produção. Daí a importância de garantir uma escolarização de 8 anos para todas as camadas da população: o 1º grau completo, o básico e o 2º grau que formasse técnico-profissionais para ocupar postos mais qualificados.

Não me lembro de todas as professoras, mas recorro que a escola era comandada por mulheres. No primeiro ano, não me lembro da professora. Essa etapa era dedicada à alfabetização e às operações básicas de matemática. Tinha um caderno de caligrafia que repetia muitas vezes as letras e depois as primeiras palavras. Usava a cartilha chamada de *Caminho Suave*, que está hoje na 132ª Edição. Com o tempo, o enredo foi sendo modificado e os personagens alterados. Sobre a cartilha, escrevo o seguinte:

Escrita pela educadora Branca Alves de Lima (1911-2001), desde 1948, essa cartilha vendeu 40 milhões de exemplares e participou do processo de alfabetização de cerca de um terço da população brasileira por 50 anos. A autora da cartilha denominava seu método de “alfabetização pela imagem”. Segundo Mazzeu (2011), a seleção das palavras baseou-se num critério técnico, começando

do “b” pela palavra “barriga” até o “z” pela palavra “Zazá”. Todas as sílabas iniciais são formadas por uma consoante e uma vogal, sendo a vogal sempre o “a”. (PINHEIRO, 2012, p. 42).

No 2º ano, lembro-me da Dona Laís, professora de religião, era bem nova, provavelmente não era formada ainda e fazia estágio na escola. Gostávamos muito dela, uma moça linda, branquinha com uma pele de pêssego. Queria tanto agradá-la que peguei escondido um copo de uma coleção da minha mãe para presenteá-la. Apenas a partir do 3º ano tenho lembranças mais sólidas. Neste ano, era a professora Dona Iolanda, ela era negra e solteira, o que era muito raro na época. Uma negra ser professora, sobretudo em Bragança, uma cidade conservadora, elitista e tradicionalista como era e ainda é. Dona Iolanda era de uma família de negros com várias mulheres solteiras e todas professoras. Era extremamente rigorosa, muito brava. Acredito que por ser negra devia receber muitas cobranças por parte da escola e dos pais. Nos corredores e no recreio, ouvia frases racistas sobre ela por parte dos alunos, mas nunca na frente dela, até por que estudei em plena ditadura militar. Ninguém se atrevia a desafiar uma autoridade e a professora era autoridade inquestionável naquela época.

No 4º ano a professora foi a Dona Matilde, ela foi também minha professora de Ciências na 7ª série do 1º grau quando estava em outra escola. Com a Reforma de 1971 além da mudança na organização e da nomenclatura das etapas de escolarização, foi extinto o Exame de Admissão para o ginásio, no modelo anterior, os estudantes faziam uma prova para passar do Grupo Escolar para o Ginásio, logo, não era todo mundo que entrava. Existia um mini “vestibular” e quem não passasse, ficava repetindo a prova sempre até passar. Para os mais ricos existiam professores particulares para ajudar a passar no exame, o que não foi o meu caso. Porém eu peguei exatamente a troca de modelo e não precisei fazer a prova, já tinha garantida a entrada na 5ª série. A diferença de série e ano é muito importante, quando percebemos que o ano tem um fim, mas a série não, você passa por um processo seriado, até conseguir acabar. A

seriação baseava-se no princípio de pré-requisitos hierarquizados e sequenciais, onde cada sujeito só poderia passar de um nível para o outro se cumprisse com todos os requisitos anteriores. Ocorre que na prática muitos profissionais da educação ainda não assimilaram esse ideário. (PINHEIRO, 2012, p. 29).

Essa primeira etapa da escola, foi durante um dos momentos mais duros da ditadura militar, no governo do General Médici. (1969-1974), segundo o site: suapesquisa, sobre este período, este governo se caracterizou pela endurecimento do regime,

Em 1969, a Junta Militar escolheu o novo presidente: o general Emílio Garrastazu Médici. Seu governo é considerado o mais duro e repressivo do período, conhecido como “anos de chumbo”. A repressão à luta armada cresceu e uma rígida política de censura foi colocada em execução. Jornais, revistas, livros, peças de teatro, filmes, músicas e outras formas de expressão artística foram censurados. Muitos professores, políticos, músicos, artistas e escritores foram investigados, presos, torturados ou exilados do país. O DOI-Codi (Destacamento de Operações e Informações ao Centro de Operações de Defesa Interna) atuou como centro de investigação e repressão do governo militar.⁶

Tenho várias recordações. Por exemplo, quando o aluno faltava sem dar notícias, a diretora chamava a polícia, que ia até a casa da família perguntar por que o estudante estava faltando.

Estávamos na fase desenvolvimentista do governo militar, querendo abrir o Brasil para as multinacionais de bens de consumo não duráveis.

A década de 1970 passava por várias transformações, influenciando o campo educativo, com reformulações na legislação e no ideário didático-pedagógico. Nas décadas de 1960, a ideologia do desenvolvimento avançou no Brasil, ganhando nova roupagem

6 <https://www.suapesquisa.com/ditadura/>. Acesso: 29/01/2020.

na década de 1970. Diante das pressões internas e externas, os países subdesenvolvidos tiveram que se aparelhar com meios tecnológicos para poder acompanhar e satisfazer as demandas impostas pelo capitalismo monopolista mundial. A técnica tinha papel estratégico na produção e organização socioespacial do país. Esse processo, chamado de revolução tecnoburocrática, surgiu ao lado da ideologia do desenvolvimento, o qual se faria por meio do planejamento estratégico por técnicos ligados ao aparelho estatal, apoiados pelas multinacionais e assessorados pelo governo norteamericano. Em 1961, é promulgada a primeira Lei de Diretrizes e Bases (LDB), a lei n. 4.024. Sua regulamentação será feita no período do governo militar, no decorrer da década de 1960, por meio de diversos decretos e leis complementares e acordos multilaterais. Após 1964, foram realizados, pelo governo, acordos entre o Ministério da Educação e Cultura (MEC) e a United States Agency for International Development (USAID). Esse ato objetivava implementar nos países em desenvolvimento programas de ajuda financeira e assessorias técnicas. Em relação à escola, preconizava-se estabelecer uma relação de eficácia entre recursos aplicados e produtividade, como melhorar os conteúdos, os métodos e técnicas de ensino. Pretendia-se transformar a escola, a fim de torná-la mais eficaz para o desenvolvimento do país. (PINHEIRO, 2012, p. 38).

Lembro que na época, Bragança Paulista contava com cerca de 50 mil habitantes⁷. Comprávamos tudo no armazém perto de casa e não consumíamos os enlatados caros. O óleo era em garrafa, os alimentos a granel e o leite e o pão era vendido na porta de casa. Lembro fortemente que a gente só conseguia viver bem por que meu avô tinha um sítio e trazia para nós alimentos. Para outros mantimentos, tínhamos cupom para pegar arroz, açúcar e sal com o exército que vinha até a cidade aos sábados, para entregar os produtos de acordo com o tamanho da família.

7 Atualmente a população estimada pelo IBGE é de 168.668 mil habitantes (IBGE, 2020) BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; Brasília, 2020. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/braganca-paulista/panorama>. Acesso: 19/01/2020.

Os meus pais eram muito alienados e medrosos. Mandavam-me ficar quieto quando eu questionava o porquê das coisas acontecerem daquela forma. Uma lembrança marcante é quando eu e meu irmão íamos à rodoviária da cidade para cortar cabelo com meu pai, fazíamos isso com grande periodicidade. Era corte estilo militar, quase uma regra para todos os meninos, sobretudo os mais pobres. Era comum ver estampados nas paredes, cartazes de procurados por terrorismo. Geralmente as fotos eram de rostos muito jovens. Perguntava para meu pai quem eram, mas ele não respondia, queria saber o que tinham feito, mas ele dizia que eram “bandidos” e não se podia mais falar no assunto. Bragança Paulista era espécie de rota de fuga. A rodovia Fernão Dias, que liga São Paulo a Minas Gerais, passa ao lado da cidade. Por isso tantos cartazes na rodoviária.

Mas não era só o corte do cabelo. Na escola, entrávamos na sala de aula marchando, cantávamos o hino nacional, rezávamos, hasteávamos a bandeira. Tínhamos várias comemorações durante o ano, como o dia da bandeira, do índio, do soldado, da marinha, do exército, aeronáutica, 31 de março, que chamavam de dia da revolução, e, em São Paulo, dia 9 de julho, dia da revolução de 1930. Sabíamos todos os hinos destas datas e independente do que representava, cantava sempre. Do dia sete de setembro, da independência, eu gostava. Não entendia nada, mas adorava os ensaios para o desfile no centro da cidade e sempre participava. Era um momento de orgulho para a família ver os filhos desfilando.

Um aspecto muito comum na época era a propagação de um novo higienismo pelo governo. Além da ideologia do patriotismo imposta, a higiene também era bastante difundida. Segundo Góis Junior (2007)⁸, esse movimento que surge na Europa foi propagada pelo mundo ocidental como ideal de comportamento e civilidade,

8 GÓISJUNIOR, Eivaldo. **Movimento higienista e o processo civilizador: apontamentos metodológicos**. X Simpósio Internacional Processo Civilizador. Campinas: Unicamp, abril/2007. http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais10/Artigos_PDF/Eivaldo_Gois_Jr.pdf Acesso: 29/01/2020.

Em meados do século XIX e início do século XX, chegava ao Brasil, mediante reapropriações e reinterpretações, um novo ideal, a exemplo da cultura grega, com a preocupação central na saúde. Suas propostas residiam na defesa da Saúde Pública, na Educação, e no ensino de novos hábitos. Preconizando normas e hábitos que colaborariam com o aprimoramento da saúde coletiva e individual, o “movimento higienista” era altamente heterogêneo sob o ponto de vista teórico (nos seus fundamentos biológicos e raciais) e ideológico (liberalismo e antiliberalismo). (GÓIS Junior, 2007, p. 9).

Considero que havia uma preocupação em influenciar a população, em especial os trabalhadores, para atuar no novo modelo de desenvolvimento adotado. As pessoas precisavam estar limpas e saudáveis para isso. Porém os discursos soavam como uma obrigação individual. Embora houvesse políticas governamentais, a responsabilidade era uma obrigação de cada um. Na escola, contavam muitas histórias relacionando saúde com higiene. Utilizavam-se fábulas, muitas vezes ilustradas para defender essas ideias, como, por exemplo, a do Jeca Tatu⁹, um caipira¹⁰ que andava descalço, indolente e não tomava banho. Geralmente era relacionado com vagabundagem e deveria ser combatido. Muitas vezes, a indolência se justificava com falta de higiene. Muitas pessoas que não conseguiam se ajustar ou não tinham condições para manter um padrão de higiene eram mal vistas e discriminadas, sobretudo os pobres e miseráveis que viviam em moradias de situações precárias sem saneamento básico, água potável ou coleta de lixo. Esse discurso, que surgiu no início do século XX no Brasil, foi retomado nessa época articulado à disciplina, limpeza e saúde. Na escola, era mais notável nas disciplinas de Ciências e Educação Física, obrigatórias para todos os alunos.

9 Personagem criado por Monteiro Lobato. A imagem de Jeca Tatu foi utilizada inclusive como instrumento em operações de esclarecimento sobre a importância do saneamento público e a urgência em erradicar doenças como o amarelo. <https://www.infoescola.com/biografias/jeca-tatu/>. Acesso: 29/01/2020.

10 Caipira – substantivo masculino e feminino [Brasil]. Homem da roça ou do mato; matuto, capiau. Pessoa tímida e acanhada. Fonte: <https://www.dicio.com.br/caipira/>. Acesso: 14/07/2020.

Lembro-me de um personagem muito divulgado nessa época, o Sugismundo, uma criança maltrapilha e suja, que não gostava de banho e vivia cheia de mosquitos voando em volta dele. Na escola, chegavam cartilhas com esses personagens e eram entregues para todas as crianças.

A professora nos levava ao Posto de Saúde da cidade onde médicos mostravam dentro de potes de vidros larvas de insetos transmissores de doenças, além de fotos de pessoas doentes. Não me esqueço do pulmão de um fumante escurecido e ressecado dentro de um vidro. Hoje sei que essa propaganda escondia as precárias condições sanitárias da população na época, justificando o pouco investimento na saúde pública e no saneamento básico. Também essa propaganda objetivava inculcar em nós a ideia de um país em desenvolvimento sem crises e conflitos. A ideologia da época visava assegurar o progresso e nós éramos a geração que, individualmente, iríamos garantir esse avanço. A manutenção da ordem era o lema e a escola era o lugar onde tudo tinha que dar certo. “Ordem para o progresso”, que pode ser entendida no aspecto da lei e também na ordenação do território, do corpo, da moral etc. (PINHEIRO, 2012, p. 41).

As pessoas que apresentavam alguma deficiência também sofriam muito. Havia poucas políticas para atendê-los, muitas famílias tinham vergonha e tendiam a prendê-los dentro de casa. Eram vistos como anômalos e bizarros. Não me lembro, durante minha escolarização, de ter visto na escola alguém com alguma deficiência. Para eles, havia escolas especiais e não se misturavam com os outros.



Figura 8 – Jeca Tatu e Sugismundo. Imagem da esquerda – <https://br.pinterest.com/reclamesestadao/remedios/>. Imagem. Da direita – <https://br.pinterest.com/pin/585116176557141849/>

Fonte: Ambas as figuras acesso em 13/07/2020.

Uma curiosidade: na Figura 8, na esquerda aparece a propaganda de um tônico fortificante *Ankiloscomina Fontoura*, que ficou mais conhecido como *Biotônico Fontoura*. Esse remédio foi tomado por muitas gerações – pelos meus avós, meus pais. Inclusive, tomei durante a minha infância toda, além de óleo de rícino, de bacalhau, de oliva, gemas de ovo cruas (risos) e uma dose da vara de marmelo (a fruta do doce chamado de marmelada) para correções em casa, e a palmatória para correção na escola. O criador do *Biotônico Fontoura* foi o farmacêutico Candido Fontoura, nascido em Bragança no final do século XIX.

O personagem do Jeca Tatu foi imortalizado por Amâncio Mazzaropi¹¹. Assisti a muitos filmes de Mazzaropi aos domingos, na matinê do Cine São Luiz, no Bairro do Lavapés, na minha infância. Hoje é uma loja de eletrodomésticos.

A vacinação em massa para a população mais pobre era obrigatória. Geralmente quem aplicava eram soldados do exército. Se a criança não tivesse a carteirinha preenchida, a família teria problemas. Havia até ameaça de prisão para os responsáveis.

Observava os acontecimentos, perguntava sobre eles, mas ninguém me respondia. Meu pai, minha mãe, os professores, a maioria se calava. Lembro-me de um vizinho que era universitário desaparecer. Ninguém falava sobre o que aconteceu. Tínhamos medo de tudo, da polícia, dos professores, da igreja, dos pobres, dos mendigos, dos comunistas, dos deficientes e até dos fantasmas (risos).

Escola Estadual Casper Líbero e o mundo do trabalho

Entrei na 5ª série do 1º grau na Escola Estadual Casper Líbero, em 1975, em Bragança. Uma realidade nova, a escola era estadual e bem maior. Tinha 11 anos, estudei no período da tarde e a organização era diferente, sentia-me adulto. Nessa etapa, tinha um professor para cada matéria, não havia mais a “tia” para nos acompanhar.

11 Amâncio Mazzaropi, ator, produtor, diretor. São Paulo-SP (1912), Taubaté-SP (1981). “Fundou a Pam Filmes – Produções Amacio Mazzaropi em 1958 e, a partir daí, passa a produzir e dirigir seus filmes, sendo sua primeira produção “Chofer de Praça”, em que ele emprega todas as suas economias para alugar os estúdios da Cia Vera Cruz e as filmagens externas foram rodadas na cidade de São Paulo, com os equipamentos alugados da Vera Cruz;...” Com inspiração na obra de Monteiro Lobato, o personagem Jeca, o caipira de fala arrastada, tímido, mas cheio de malícia, arrastou multidões para os cinemas;...” “... Falece em 13 de junho de 1981, aos 69 anos de idade, vítima de câncer na medula, logo após iniciar sua 33ª produção, ‘Jeca e Maria Tromba Homem’...” Fonte: <http://www.adorocinema.com/personalidades/personalidade-544057/biografia/>. Acesso em 13/07/2020.

Mesmo sendo pública, essa escola foi, por muitos anos, frequentada pela classe média da cidade. Nessa época, o Governo estava “democratizando” o ensino fundamental em número de ofertas, denominando de 1º grau o antigo ginásio e de 2º grau o colegial. A escola para qual entrei possuía laboratórios, boas salas de aula, auditório, quadra de esportes, biblioteca, era bem estruturada. No currículo, havia *Geografia e História* como disciplinas separadas, mesmo que na maioria das escolas prevalecessem os *Estudos Sociais*. Esse componente era comum nos anos iniciais, juntava Geografia, História e também aparecia em currículos de muitas escolas, mas, nas estaduais de São Paulo, não era adotado. Porém havia a disciplina de *Educação Moral e Cívica* (EMC), que era obrigatória.

Lembro-me de alguns professores por razões diversas. A professora de *Geografia* foi uma das que me marcou, porém durou pouco. Ela se chamava Dona Shirley, era jovem e de família de classe média. Ela deu apenas três meses de aula. Um dia, entraram dois homens vestidos de preto na escola e a creio que a levaram embora. Encontrei-a depois, quando estava na faculdade. Na verdade, nunca soube exatamente o que aconteceu com ela. Não se podia falar do episódio na escola nem da professora. Apesar do pouco tempo, suas aulas foram marcantes. Seu modo de dar aulas era diferente dos outros, não ficávamos apenas no livro didático, saímos para o pátio da escola e, às vezes, nos arredores, para ver as montanhas, o ribeirão Lavapés, que passava atrás da escola; dava exemplos relacionados à nossa experiência de vida, levava material paradidático e criava muitas atividades lúdicas com os conteúdos da Geografia.

Lembro-me da Dona Leda, professora de *Francês*. Ela levava música, aprendemos a cantar o hino da França, as aulas eram muito divertidas. Ela era baixinha, tinha o cabelo penteado para cima, pele muito branca e era ruiva. Lembro-me de um professor de *Música*, acho que era *gay*, pelo modo de vestir, falar e gesticular. No auditório da escola, havia um piano, que foi o que restou da estrutura da sua

época áurea. Lá a gente cantava, fazia exercício vocal, aprendia as notas musicais e ouvia muita música tocada pelo professor. Adorava essas aulas.

Na 6^o série, foi marcante o Seu Palma, que era um senhor que dava aula de *Trabalhos Manuais*, uma disciplina que separava as meninas dos meninos. Os meninos aprendiam a trabalhar com marcenaria, instalações elétricas e hidráulicas entre outras coisas; para as meninas, era bordado, tricô, crochê. Eu adorava essas aulas, mas tinha muita vontade também participar das aulas das meninas. Depois essas matérias foram aos poucos saindo do currículo, conforme a reforma de 1971 avançava, passaram a serem disciplinas optativas até desaparecerem completamente.

Na 7^a série, com 13 anos, mudei para o curso noturno. Com essa idade, sobretudo para os filhos dos trabalhadores, estava apto para o mercado de trabalho. Como minha família não era rica, eu precisava trabalhar para ter meu próprio dinheiro. Antes disso, desde criança ia para casa da minha avó ajudar na limpeza em troca de algum dinheiro. Além disso, em algumas épocas do ano, ia para o sítio, para ajudar na colheita de feijão, milho, café e ganhava mais dinheiro, além de vender tapetes, pelas ruas, que minha mãe fazia.

A partir dos 13 anos, as coisas mudaram significativamente na minha vida. Procurei emprego e trabalhei em uma loja de móveis, depois em uma gráfica como aprendiz e passei por uma fase de desemprego aos 14 anos. Daí, fazia algum “bico” como temporário. Distribuí folhetos de propaganda e até de campanha eleitoral. A escola do noturno tinha um bar ao lado. Já fumava e bebia cerveja (quando tinha dinheiro) e paquerava muito os meninos. Na escola, quando entrei para a 7^a série, não tinha mais aulas de Francês, Trabalhos Manuais e Música. Foi ampliada a carga horária de *Inglês* e inserida a *Educação Artística*. Em 1977, aos 14 anos, formei-me na 8^a série.



Figura 9 – *Formatura do 1º grau na Escola Casper Líbero. Bragança Paulista, 1977 (não me recordo dos nomes das meninas)*

Fonte: Acervo do autor.

Delícias da adolescência, o 2º grau e a descoberta da realidade

Aos 15 anos, no ano de 1978, entrei no 2º grau na mesma escola “Casper Líbero”. O 1º ano era básico e os outros dois eram setorizados: primário (exatas), secundário (biológicas) e terciário (humanas). No 2º ano, o aluno escolhia um setor. Optei pelo setor terciário, que, naquela escola, era voltado para Técnico de Contabilidade. Além das disciplinas básicas, tinha: *Mercadologia e Contabilidade*.

Lembro-me de uma professora de *Português*, a Dona Zilá. Ela se comportava de forma diferente, sentava na mesa, usava roupas apertadas e sensuais e cruzava as pernas. Estava sempre maquiada e isso fazia todos prestarem atenção nela, não necessariamente nas aulas. Também tinha a Dona Ana, de *História*, que a gente chamava de Tia Ana. Era ex-freira e o oposto da Dona Zilá, muito recatada. Recordo que, ao final do ano, casou-se; tinha passado dos quarenta e fizemos uma festa para ela.

De *Geografia*, era o professor Carlos, que falava muito na aula, embora trabalhasse com a Geografia Tradicional, ou seja, decorativa e mnemônica. Ele era muito eloquente. Era um senhor idoso e tinha uma dentadura, que, quando ficava empolgado, a dentadura saía da boca e várias vezes caía no chão da sala para diversão da turma.

As disciplinas de *Mercadologia* e de *Contabilidade* não eram dadas por um professor com formação docente, mas sim por um contador, que era considerado bom na área em Bragança e era chamado para assumir o cargo. Isso era muito comum na época, era denominado de “notório saber”. Quando não se tinha um professor formado, buscava-se na cidade algum profissional conhecido para ministrar as aulas. Isso ocorria em outras áreas, como Enfermagem, Agrimensura etc.

Em 1980, fui admitido na fábrica de confecção de calças da *Star Up*, uma marca famosa da época. Na fábrica, fiz várias coisas, como serviço geral, depois promovido para o controle de qualidade.

O serviço constava em separar as calças por categorias, conforme a perfeição e os níveis de defeitos. Trabalhávamos em uma mesa bem grande utilizando padrões definidos pela fábrica e pelo mercado, supervisionados por uma chefe rígida. Acho que classificávamos em cinco categorias sucessivamente: as de primeira eram importadas; as de segunda para a classe média; de terceira para os trabalhadores; da quarta para a quinta, iam para as lojas populares e feiras livres e tirávamos as etiquetas.

Trabalhei oito meses nessa fábrica e depois em outras confecções, de lenços, camisas, cuecas. Era uma atividade *taylorista* e repetitiva. Trabalhava o dia todo e, à noite, ia para a escola. Dentro da fábrica, as coisas começaram a mudar e as pessoas pareciam estranhas, “cochichavam” que ia haver reunião com os trabalhadores. Para mim, reuniões só podiam ser com o patrão e tive curiosidade para saber como era, então comecei a frequentar.



Figura 10 – Fotos do mundo do trabalho e da escola. Foto da esquerda com minhas colegas de fábrica. Foto da direita com meus colegas de escola (não me lembro dos nomes das pessoas), 1978

Fonte: Acervo do autor.

Em 1980, as coisas explodem, os movimentos políticos de base começaram a mostrar força e o exército começou a perder a sua. O país estava em uma crise imensa, descobri a greve nesse momento. Nunca tinha passado pela minha cabeça que poderia parar de trabalhar para lutar por direitos. Fui educado para ser trabalhador obediente, nunca tinha pensando em fazer greve.

Não sei explicar como aprendia as coisas, gostava de ler e isso me ajudou muito. Minha mãe comprava enciclopédias, uns livros que ela achava bonitos para enfeite da estante, de capa dura, nem sempre interessantes; mas tinha mania de comprar tudo que apareciam vendendo na porta de casa. Geralmente lia os livros didáticos, as revistas que minha tia Cidinha, irmã mais nova de minha mãe, assinava, como: *Cruzeiro*¹² e *Manchete*¹³. Também lia revistas em quadrinhos e enciclopédias na biblioteca da escola. Quando comecei a trabalhar, comprei muitos romances em bancas de revista, aquelas edições em papel jornal. Tenho poucas lembranças de estímulos na escola. Geralmente a gente lia fragmentos de obras, mas muito pouco o livro todo. Esse tipo de leitura descobri por conta própria, comprando depois.

Meu pai e minha mãe tinham até a 3º ano do antigo curso primário e estudaram no sítio. Basicamente foram para a escola para aprender a ler, escrever e calcular. Quando conversava com minha mãe sobre a escola que estudou, suas lembranças se relacionavam ao trajeto de quilômetros que fazia todo dia, das festas e das formas de burlar meus avós para não ir à escola.

12 Lançada no Rio de Janeiro (RJ) em 10 de novembro de 1928 por Assis Chateaubriand Bandeira de Mello, O *Cruzeiro* foi uma das mais proeminentes revistas ilustradas da história da imprensa brasileira. Foi publicado até 1985. <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/o-cruzeiro/>. Acesso: 29/01/2020.

13 *Manchete* foi uma revista semanal de grande circulação, lançada no Rio de Janeiro (RJ) em 26 de abril de 1952, tendo circulado regularmente até 29 de julho de 2000. Criada pelo imigrante ucraniano Adolpho Bloch, fugido da Revolução Russa, a publicação se estabeleceu como principal concorrente da então extremamente bem-sucedida revista O *Cruzeiro*. <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/manchete/>. Acesso: 29/1/2020.

Estava terminando o 2º grau e queria mudar de emprego, sair da fábrica. Consegui um trabalho em um banco privado, era um novo mundo para mim. Trabalhei como *contínuo*, uma espécie de *office boy*. No início fazia trabalho externo, levando cobranças para os clientes, carregando malotes de dinheiro e documentos até conseguir trabalhar na contabilidade do banco. Hoje esse trabalho não existe mais, mas há 40 anos não havia tanta informatização como atualmente. Também carregar malas de dinheiro pela cidade, acredito não ser mais possível nos dias atuais.

Depois do contato com algumas pessoas do sindicato das confecções de roupas, quando estava na fábrica, passei a me interessar pela política, ficava mais atento ao noticiário da televisão. Comecei a ler jornais, inclusive assinei uma revista para ficar mais informado.

Inicialmente me envolvi com o PDT (Partido Democrático Trabalhista). Em 1979, Leonel Brizola retornou ao país e seu discurso me atraiu muito (logo que chegou, Brizola rompeu com o Partido Trabalhista Brasileiro, o PTB, e entrou no PDT). Em São Paulo, o líder era Rogê Ferreira. Começamos, em Bragança, a organizar o partido, porém durou pouco. Entre as pessoas, havia alguns jovens de classe média e não concordávamos com suas posições e táticas.

Nessa mesma época, Luiz Inácio Lula da Silva, o Lula, já despontava como líder sindical. Sabia pelos informativos do sindicato das greves do ABC-paulista, também a televisão não conseguia mais esconder. Em 1978, os metalúrgicos das cidades do ABC-paulista (Santo André, São Bernardo e São Caetano), entraram em greve, o que impactou o país. Depois foram as greves de 1979 e 1980. Estes movimentos estavam inseridos no contexto da ditadura, atingindo o regime político e o mundo do trabalho. Foram eventos com grande repercussão na época. (SANTANA, 2018)¹⁴. Começamos a organizar, em Bragança, o Partido dos Trabalhadores (PT), que foi fun-

14 SANTANA, Marco Aurélio. Classe trabalhadora, confronto político e democracia: o ciclo de greves do ABC-paulista e os desafios do sindicalismo atual. *Lua Nova*, São Paulo, 104: 19-65, 2018. <http://www.scielo.br/pdf/ln/n104/1807-0175-ln-104-19.pdf>. Acesso: 29/01/2020.

dado em 1980. Em Bragança, foi em 1981, por um grupo de sindicalistas. Filiei-me ao partido no mesmo ano e fui servir no exército, voltando para a militância em 1982.

Escola de “machos”

O ano de 1981 foi muito intenso, tinha 17 anos e me alistei no exército em Bragança. Chamava-se Tiro de Guerra. Basicamente era para aprender o básico para servir na reserva caso acontecesse alguma guerra.

Segundo o Exército brasileiro, os Tiros de Guerra são – órgãos de formação de reserva que possibilitam aos convocados, mas não incorporados em organizações militares da ativa, prestar o serviço militar inicial nos municípios onde estão residindo. Desse modo, os jovens convocados recebem instrução, conciliando-a com o trabalho e estudo. No Tiro de Guerra, o Atirador deverá permanecer por um período de 6 a 10 meses participando de atividades específicas das Forças Armadas, ao término do período o referido militar é licenciado das fileiras do Exército¹⁵.

Quando me alistei no exército, acreditava que seria dispensado, pois era magrelo, baixinho e “bixa”¹⁶. Trabalhava o dia todo no banco e, à noite, começaria a faculdade. Em 1981, entrei na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Bragança Paulista (FESB) no curso de Estudos Sociais. No dia da seleção, chegamos às cinco horas da manhã. Mandaram-nos para um pátio e pediram para todos tira-

15 <http://www.eb.mil.br/web/ingresso/duvidas-mais-frequentes?> Acesso: 29/01/2020.

16 Existem vários termos para designar os homossexuais, alguns deles com teor bem pejorativo, porém no texto vou utilizar três que considero mais brandos: 1 – Homossexuais (embora em alguns momentos possa ficar muito científico); 2 – *Gay* (apesar de ser uma palavra estrangeira, mas é rápida e suave); 3 – Bixa (pode parecer estranho, mas, para mim, chega a ser carinhosa e é a mais utilizada entre a comunidade. Escrevo com “x” para diferenciar de “bicha”). **Mas, atenção! Que fique bem claro! Esse chamamento é quase exclusivo entre os membros da comunidade, fora dela é preciso ter cuidado. Para um hétero sexual se dirigir a um homossexual por esse termo, deve antes ter a sua permissão, senão pode soar como algo pejorativo e ofensivo. Além disso, nem todos os homossexuais aceitam esse termo.**

rem a roupa. Nunca vi tantos homens pelados juntos. Fomos organizados em fila por ordem alfabética e chamados um a um.

Acredito que havia umas 300 pessoas, todos os homens de tamanhos e cores diversas. Destes, 140 seriam selecionados. Na frente, havia uma tenda e nós estávamos no sol e pelados. Quando chegava lá, três homens, um coronel e dois sargentos, examinavam-nos, pesavam, mediam a altura, olhavam os dentes, embaixo dos braços, no meio das pernas e até o ânus. Naquele momento, sentia-me como um pedaço de carne ambulante. Lembrei-me do higinismo propagado pela escola no primário. O alistamento no exército era obrigatório.

Depois da vistoria, ainda pelados, faziam entrevistas perguntando sobre família, religião, doenças, drogas, trabalho, estudo etc. Evidente que não falei tudo, como, por exemplo, a minha orientação sexual e posições políticas. No outro dia, fui ver a lista dos selecionados e, para minha surpresa, meu nome estava lá, além de dois amigos, um bissexual e outro assumidamente *gay*. Inclusive o segundo contou que acreditava que seria dispensado. Embora não tivesse revelado que era homossexual, acredito que não seria motivo para dispensa, pois meus amigos falaram para os selecionadores pensando que seriam dispensados e não foram.

Na época, o exército estava desmoralizado e acredito que precisavam escolher melhor as pessoas que fossem admitidas. No meu caso, sabiam que estava entrando no ensino superior e tinha um trabalho considerado bom naquele momento para uma cidade do interior, era bancário.

No primeiro dia, os 140 homens selecionados se apresentaram e novamente ficamos pelados. Formamos uma fila para cortar cabelo e depois pegar as fardas. Eu tinha um cabelo lindo cheio de cachos. Sentei na cadeira e vi cair no chão minhas lindas madeixas. Depois fomos nos vestir. Quando coloquei a farda, ficou enorme em mim, mas o pior foi o coturno, uma bota que chegava até o meio das pernas com um cadarço imenso para amarrar, o salto e a ponta eram de ferro, uma verdadeira arma e muito pesado.

No dia seguinte, o sargento me chamou para fazer uma prova para cabo, levei um susto. Fiz a prova com cerca de 20 pessoas. Tinha questões de Matemática, Português, Topografia, Educação Moral e Cívica, símbolos nacionais, todas de múltipla escolha. Fiz de qualquer jeito para não passar. Depois de duas horas, saiu o resultado e 12 pessoas foram aprovadas. Fui o primeiro. Fui nomeado: Cabo Pinheiro, número 006.

A estrutura de organização do exército começava com grupos, com um cabo e 12 soldados. A cada três grupos formava-se um pelotão sob comando de um sargento e tudo junto formava o quartel, comandado por um tenente. O sargento falava que o exército era uma “escola de machos”, não necessariamente para macho.

A forma como nos tratavam era sempre muito agressiva e violenta. Eram comuns muitas piadas machistas e homofóbicas, inclusive havia um incentivo por parte dos sargentos para que reproduzíssemos esses comportamentos. Apesar disso, pessoalmente não tinha muito problema, principalmente com os de patente menor, os soldados. De alguma forma, estava protegido pelos superiores para garantir a ordem e a obediência dos 12 homens que estavam sob meu comando imediato.

Basicamente tinha que ir todos os dias ao quartel. Chegava às cinco horas da manhã e, como era cabo, ficava uma ou duas horas a mais que os soldados, para aprender coisas específicas para repassar para eles, como: ordem unida, montar e desmontar armas, atirar, aprender os exercícios de Educação Física, defesa pessoal etc. O pior eram as aulas sobre civismo, em especial contra o perigo comunista. Ensinavam como identificar um subversivo, cantar os hinos (que eu já sabia), entre outras coisas. Saía de lá às 12 horas, corria para a casa, mudava de roupa e ia para o banco.

No trabalho, passei a fazer um turno de seis horas, obviamente com redução de salário, embora tivesse dias em que ficava até mais tarde no banco, sobretudo quando a contabilidade não fechava, pois já tinha sido promovido para essa área. Depois do trabalho, ainda

tinha a faculdade até as 22 horas. Durante esse ano, dormia cerca de 5 horas por noite, emagreci muito.

Não ficávamos confinados no quartel todos os dias. O Tiro de Guerra era um modelo onde frequentávamos todo dia e, uma vez por semana, fazíamos a guarda de 12 horas com revezamento. Como Cabo Pinheiro-006, dava instrução de tiro, que aprendi bem, de marcha militar, ginástica, o que era muito engraçado. Geralmente as roupas eram grandes em mim. No caso da farda, minha tia Maria José, irmã da minha mãe (tia Marzé), era costureira e fez uma adaptação, ajustando a calça e a jaqueta, inclusive com enchimento nos ombros para parecer maior. Porém, na Educação Física, não tinha jeito. Estava tão magro que era um corpinho esquelético pulando no tablado na frente de mais de cem soldados, até que pararam de exigir que eu desse as aulas.



Figura 11 – No Tiro de Guerra com os soldados e no alojamento. Não me lembro dos nomes dos rapazes, 1981

Fonte: Acervo do autor.

Outro fato marcante era o terrorismo que “plantavam” nas nossas cabeças. Era comum, durante a guarda a noite, jogarem “bombinhas” no pátio do quartel para nos assustar e para ver se estávamos atentos. No outro dia, diziam que eram os comunistas tentando atacar o quartel. Nunca acreditei nisso, mas alguns soldados morriam de medo. Interessante era o fascínio que os sargentos tinham pelos órgãos masculinos e, em especial, pelas nádegas dos soldados. Era comum, quando algum soldado errava algum exercício ou atividade imposta, os sargentos baterem com as mãos ou chutarem a “bunda” deles, talvez para desmoralizar, mas também por algum tipo de tara, afinal os homens escolhidos eram jovens e a maioria tinha corpos perfeitos. Fiquei um ano na “escola de machos” e foi muito sofrido e cansativo. Na verdade, essa experiência me deu mais certeza da minha natureza sexual, pois aprendi que ser “macho” é ser covarde e hipócrita.

No último dia, foi a formatura. Foi no centro da cidade e lá estavam várias autoridades, o prefeito, o bispo da cidade, juízes etc. Depois de consagrados cabos e soldados da reserva, fizemos a última marcha para o quartel, onde tiramos a farda, deixamos lá e colocamos nossa roupa de civil. Estávamos livres. Depois de liberados, organizamos um grupo e fomos para um bar comemorar, bebemos muito e, mais tarde, tudo terminou numa orgia. Foi ótimo.

II

Ensino superior na graduação e novos horizontes

Tudo conquistei com astúcia e firmeza, isso quando quis. No entanto, me sinto às vezes indefeso, querendo, tentando esconder o mais visível. De repente fico nu, aquilo que sempre estava preso, ficou livre. Talvez seja difícil esta liberdade. Pode até se expor ao exagero, mas no momento é gostoso, é bonito. Penso ser aquilo que esperava, porém, não sei com que carta jogar.¹



entrei no curso superior em 1981. A Faculdade de Ciências e Letras de Bragança Paulista (FESB)² tinha quatro cursos, todos de licenciatura no modelo da Reforma de 1971: *Letras – Português/Inglês, Ciências, Educação Artística e Estudos Sociais*. Quando me inscrevi no vestibular, pensei em Educação Artística, mas falavam muito mal do curso, então fiquei com os Estudos Sociais. Poderia ter feito outro curso, pois existe em Bragança a Universidade São Francisco (USF) com cursos de Administração, Ciências Contábeis, Direito, Pedagogia, Medicina, entre outros; mas não me via nessas áreas. Mesmo trabalhando no banco, não pretendia fazer carreira bancária. Desde o início, incomodava-me aquela quantidade de valores com que lidava em relação ao meu salário.

1 Trecho de um poema escrito por mim em 12/05/1986. Intitulado **Rompendo**.

2 Fundação de Ensino Superior de Bragança Paulista (FESB). Mantenedora da Faculdade de Ciências e Letras e o Instituto Técnico Profissionalizante. Fundação: 1967 (Criada por Lei Municipal Nº 855 de 03/05/1967). <http://www.fesb.br/institutions>. Acesso: 29/01/2020.

Escolhi Estudos Sociais quando vi o currículo do curso, que tinha as disciplinas de Sociologia, Filosofia, Antropologia. Isso me atraiu, apesar de muita História e um pouco de Geografia. Na verdade, durante o 2º grau, nunca tivemos orientação vocacional e nem informação sobre o que poderíamos cursar na faculdade. Era comum as pessoas desejarem cursos que são mais almejados tradicionalmente, como, Medicina, Direito, Engenharia, mas nenhuma dessas áreas me agradava. Inclusive, em geral, esses cursos são ocupados pela classe média, mesmo sem ter capacidade. Escolhem por *status* ou remuneração. Por isso sempre defendi as cotas.

Em relação à licenciatura, também fui entender o que significava quando estava cursando. Não me interessava ser professor. Aliás, durante minha formação na escola básica, nunca pensei nisso, mas não tive muita escolha. Sabia o que não queria, mas era o que tinha naquele momento. Além disso, era muito novo, não tinha condições de sair de Bragança e estava servindo ao Exército. Porém, quando comecei a cursar, passei a gostar. Havia professores de Bragança, a maioria apenas com graduação e alguns que faziam mestrado e doutorado, que vinham de Campinas ou de São Paulo para ministrar aulas.

Tive professores muito bons, como a professora Shirley, de Geografia, aquela que deu três meses de aula na quinta série e, depois do exílio, voltou para Bragança. Na FESB, dava *Geografia Geral e do Brasil*. Nunca soube de fato o que aconteceu com ela. Quando a reencontrei estava muito mudada, usava roupas tipo indianas, fazia um estilo esotérico, e não tínhamos intimidade o suficiente para esse tipo de conversa. Além disso, creio que ela não queria contar. Soube que passou muitos anos na Europa. Também a professora de *História Antiga e Medieval*, que aparece entregando o diploma na foto de formatura. Chamava-se Beatriz. Muito culta, ela apresentou a mitologia grega, que me fascinou. O professor Palma, que deu aulas de *Trabalhos Manuais* na 6ª série, dava *História da Arte* e também abriu meus horizontes.

Os mais jovens geralmente faziam pós-graduação e eram muito bons. Esses eram responsáveis pela *Sociologia*, *Antropolo-*

gia, Ciência Política. Com eles, conheci o trio: Marx, Weber e Durkheim. Li várias obras que me marcaram, como o livro *A História da Riqueza do Homem*, de Leo Huberman, *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, de Weber e *O Príncipe*, de Maquiavel. Desse professores, lembro-me da Regina, de *Antropologia*, que fazia doutorado na Unicamp. Também tinha a disciplina de *Estudos dos Problemas Brasileiros*, era obrigatória para todos os cursos, uma espécie de Educação Moral e Cívica para o ensino superior.

No segundo ano da faculdade, em 1982, reorganizamos o Centro Acadêmico (CA). Fazíamos debates, discussões políticas, festas e até participamos de um programa de auditório da TV Cultura chamado “Quem sabe, sabe?”. Era uma espécie de disputa entre faculdades e nós, da FESB, participamos com uma faculdade da grande São Paulo, da qual não me lembro do nome e nem de onde era. Na disputa, tinha várias provas e recitei uma poesia, que não me recordo mais qual foi. Passei dias ensaiando e meus colegas do CA tentaram de tudo para tirar meu sotaque caipira do interior, mas não teve jeito, foi assim mesmo.

Chegamos bem cedo no Teatro Franco Zampari, no Bairro da Luz, em São Paulo. Fomos de ônibus fretado com uma torcida. Chegando, quem ia se apresentar era levado para o camarim, os outros ficaram no auditório ensaiando as coreografias. Estava morrendo de medo, entrei no camarim e sentei na frente de um espelho enorme cheio de lâmpadas. Veio uma maquiadora e me deixou mais bonito do que já era. Aguardei me chamarem e parece que foi uma eternidade. Ouvi meu nome para subir ao palco e cumprir a prova. Passei pela coxia que levava ao palco, subi, entrei e recitei a poesia.

Os apresentadores eram Antônio Fagundes e Clarisse Abujamra. Apesar das luzes e holofotes que ofuscavam, olhei para o auditório e via as duas torcidas, ambas gritando o nome das faculdades na maior agitação. Nem sei como recitei, nem senti meu corpo, minhas pernas estavam trêmulas, mas cumpri o ensaiado. Depois que terminou, saí do palco extasiado. No final, ganhou a outra faculdade, mas voltamos felizes para Bragança pela nossa ousadia.



Figura 12 – Formatura do Curso de Estudos Sociais na FESB. Entregando o Diploma, a professora Beatriz, 1983

Fonte: Acervo do autor.

Novas descobertas, a política partidária e sindical

Em 1982, saí do exército e aprofundei minha participação política. Passei a militar no Partido dos Trabalhadores (PT) em Bragança e na Comissão Pró-sindicato dos Bancários de Bragança. Até então éramos filiados ao Sindicato dos Bancários de Campinas. Antes de ir para o exército, já estava filiado ao partido, mas não tinha como participar, primeiro porque não tinha tempo e depois pela vigilância. No PT, em Bragança, cheguei a compor a secretaria. Era tudo precário, não havia dinheiro e eram poucos os filiados.

Em 1982, foi a primeira eleição direta para governador do estado e Lula era candidato. Éramos estudantes, trabalhadores e

antigos militantes da esquerda da cidade, além de lideranças populares das periferias. Em um sábado, Lula fazendo uma excursão por várias cidades da região, passaria em Bragança às 12 horas. Teríamos que preparar tudo para o comício. Sem dinheiro, como montar um palanque para nosso líder?

Conseguimos o empréstimo de um pequeno caminhão de um senhor que transportava galinha, o “Zé Galinha”. Colocamos o carro no meio de uma praça no Bairro do Lavapés. Lavamos, enfeitamos, colocamos faixas e esperamos o Lula. Ficamos na maior expectativa com sua chegada. A maioria nunca tinha o visto pessoalmente, inclusive eu. Às 12 horas ouvimos as buzinas da carreata chegando. Lula estava numa camionete acenando para o povo. Chegou, desceu e veio nos cumprimentar. Estava com a camisa molhada de suor, abraçou-nos fraternalmente nos deixando todos impregnados de suor, mas isso não importava, pois era nossa luta e ele nosso líder. Aliás, Lula, abraçou muita gente que estava lá, sempre muito carismático, com um largo sorriso, parecia que já nos conhecia há muito tempo. Foi um momento de êxtase. Porém, após poucos minutos que Lula subiu no caminhão, caiu uma forte chuva e, mesmo molhados, continuamos lá. Mas a chuva era tão forte que não dava para ouvir o discurso dele, então resolvemos correr e nos abrigar em um posto de gasolina. Lula foi junto, subiu em um fusca e continuou o discurso. Ele falava e o povo reproduzia, foi lindo. Apaixonei-me por ele.

Em 1983, terminei a licenciatura curta em Estudos Sociais no meio do ano. Apesar da militância, tinha muita vontade de sair de Bragança e procurar novos rumos. Estava entediado com o banco onde trabalhava e com a cidade. Nesta época, com 20 anos, já tinha meu dinheiro e independência. Comprei um carro, um fusca bege. Vivia uma vida em vários personagens: o bancário, o militante, a bixa, o estudante, o filho, o irmão.

No banco, era visto como um agitador. No meio *gay*, não falava de política, pois a maioria das bixas não gostavam de política e da esquerda, primeiro porque os militantes eram homofóbicos e

segundo porque os *gays* gostavam de *glamour*, valorizavam o luxo, a beleza, e o PT, na época, enaltecia a pobreza. Geralmente os homens eram cabeludos e barbudos e mal cuidados, padrão muito distante da estética dos homossexuais. Eu administrava muitas vidas, era feliz e não sabia.

Trabalhava no banco, estudava à noite e militava no PT. Adorava o carnaval, desfilei vários anos na *Escola de Samba Unidos do Lavapés*, no bairro onde morava. Inclusive a fantasia de 1983 foi feita por mim. Tinha uma parceira que sempre desfilava comigo, creio que se chamava Marise, hoje não sei o paradeiro dela.



Figura 13 – *Escola de Samba Unidos do Lavapés em Bragança Paulista. Foto da Esquerda, 1982. Foto da Direita, 1983*

Fonte: Acervo do autor.

O que acelerou minha partida foram os problemas familiares. Em uma cidade pequena, todos sabem o que se faz e, embora todos os grupos em que circulava soubessem da minha sexualidade, o maior incômodo era o familiar. Imagine uma pessoa que critica a igreja, o capitalismo, subversivo, que desfila em Escola de Samba

e circula pela cidade com um bando de barbudos durante o dia e, à noite, com um bando de bixas. Isso começou a incomodar meu irmão, até que resolveu falar para os meus pais. De alguma forma eles sabiam, mas verbalizar, tornar público é um problema. Foi o que fez meu irmão, ele falou para meus pais, que não aceitaram. Meu pai ignorou, mas minha mãe foi mais ofensiva. Daí, concluí que estava na hora de sair de casa e de Bragança. No outro dia, conversei com o gerente do banco e falei do meu desejo de me transferir para São Paulo. Como ele estava querendo se livrar de mim, no dia seguinte me chamou e disse: tem uma vaga para Campinas, você quer? Não pensei muito e aceitei. Na outra semana, estava chegando a Campinas com minhas malas.

Vida nova em Campinas – o curso de Geografia

Depois de finalizar a licenciatura curta em Estudos Sociais, cursada de 1981 a 1983, na FESB, com 21 anos, deixei Bragança e fui para a cidade grande. Pretendia ir para São Paulo, mas surgiu uma vaga do banco para uma agência em Campinas com posse imediata, aceitei e me transferi. Tudo aconteceu muito rápido, cerca de uma semana depois do surgimento da vaga estava de mudança.

Fui bem recebido. Quando cheguei, o gerente do banco tinha arrumado um pensionato para eu morar. Cheguei entre 1983-1984 em Campinas e o momento era de muita agitação política. Era o movimento das “Diretas Já”³, que mobilizou o país inteiro e rei-

3 “Movimento político suprapartidário em defesa do retorno de eleições diretas para a presidência da República. Tendo se iniciado em maio de 1983, o movimento ganhou dimensões políticas e sociais mais amplas, culminando numa série de comícios, nos primeiros meses de 1984, que mobilizaram milhões de brasileiros quando da campanha para a sucessão do governo do general João Batista Figueiredo, último presidente do regime militar instituído em 1964. No Brasil, a última eleição direta para a presidência da República havia sido a de 3 de outubro de 1960, quando foi eleito Jânio Quadros. Com a promulgação, pelo regime de 1964, do Ato Institucional nº 2, de 27 de outubro de 1965, e como definido em seu artigo 9º, o presidente e vice-presidente da República passaram a ser eleitos por maioria absoluta dos membros do Congresso

vindicava eleições diretas. Como era envolvido com o PT em Bragança, aproximei-me do Diretório Municipal de Campinas. Comecei a frequentar o PT assim que cheguei e foi tudo novo: mais gente militando, mais eventos, muita discussão. Campinas é uma cidade industrial com setor terciário dinâmico e universidades. Na época, a cidade tinha cerca de um milhão de habitantes, além das várias cidades menores no seu entorno.

Em 1984, decidi voltar a estudar e pensei em cursar Jornalismo ou Artes. Mas soube da possibilidade de entrar na universidade sem fazer o vestibular, pela entrada de graduados. Fui procurar minha antiga professora da FESB, que fazia doutorado na Unicamp, que me informou como proceder. Ela me convenceu a tentar o curso de Ciências Sociais na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Fui até lá e me inscrevi.

Particpei da seleção por meio de prova escrita e fui selecionado. Naquela época, havia poucos cursos noturnos na Unicamp e todos pelos quais me interessei eram diurnos, como o de Ciências Sociais. Não me matriculei, pois não conseguiria fazer o curso, que era durante o dia inteiro e não existia nenhuma bolsa de ajuda permanência na época. Mesmo se trabalhasse à noite e estudasse durante o dia, seria muito difícil. Naquele tempo, os serviços no banco não eram informatizados como hoje. Durante a noite, a agência ficava fechada, porém funcionava a compensação de cheques, um turno que começava às 21 horas até as 6 horas da manhã. Nossa jornada era sempre de oito ou mais horas dependendo do tipo de trabalho.

Considerarei que seria muito cansativo, sair do banco pela manhã e ir para a universidade e passar o dia, sabendo que além das aulas teria muita leitura para fazer. Não seria possível. Era o sistema

Nacional, em sessão pública e votação nominal, com o povo brasileiro perdendo o direito de escolher seu presidente através do voto direto..... Com a vitória da Aliança Democrática e consequente eleição de Tancredo Neves e José Sarney para presidente e vice-presidente, respectivamente, em janeiro de 1985, chegou ao fim o regime militar no Brasil.” MOREIRA, Maria Ester L. **Diretas Já (verbete)** <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/diretas-ja>. Acesso: 31/01/2020.

de créditos e algumas disciplinas de 60 horas/aulas dividiam seus horários durante o dia. Às vezes, havia duas aulas de manhã, das 10 às 12 horas, parava para o almoço e retornava às 14 para ficar até as 16 horas. Parece que era uma tentativa de prender o estudante no curso, porém acabava sendo excludente, pois não possibilitava para os trabalhadores a oportunidade de estudar.

Passei o ano de 1984 sem estudar, trabalhando e participando do PT. A realidade do partido era muito distinta de Bragança, pois lá havia um grupo bem homogêneo, em que todos faziam tudo com poucas divergências. Em Campinas, era setorizado com hierarquia bem definida, sem contar as disputas internas pelas diversas tendências políticas existentes. Era muito forte a participação de sindicalistas: bancários, eletricitários, petroleiros, metalúrgicos, comerciantes, professores, entre outros.

Com mais liberdade, comecei a frequentar o ambiente *gay* da cidade e conheci muita gente. Também era praticamente a mesma coisa que em Bragança, pois os *gays* não se interessavam por política. Quem participava do PT geralmente não se assumia. Era um ambiente homofóbico e, como estava totalmente assumido, sentia dificuldades para me integrar nos grupos e sentia certa rejeição, então fui me afastando aos poucos. Na prática, para os *gays*, não existe lugar na esquerda nem na direita.

Em 1985, sabendo que não teria como me manter na Unicamp, procurei o Instituto de Ciências Humanas (ICH) da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Cps)⁴. Ao contrário da primeira, lá a maioria dos cursos eram noturnos, sobretudo os de licenciatura. No ICH, tinha três cursos: Ciências Sociais, História e Geografia.

Influenciado pela professora Regina, da FESB, continuei com a ideia de cursar Ciências Sociais na PUC, mas a turma estava com-

4 Durante o texto, toda vez que me referir à PUC-Campinas, utilizarei apenas “PUC”. Quando me referir à PUC de outros lugares, indicarei o local, exemplo: PUC-SP, PUC-Goiás etc.

pleta e não tinha vaga. Tentei História e também não tinha vaga. Pensei em procurar outro curso, mas, quando estava indo embora, a secretária me chamou e disse que tinha vaga para Geografia. O curso ficava no campus do centro e outros no Campus I, bem distante. Morava e trabalhava no centro. Pensando nas facilidades que teria em não precisar de transporte, decidi aceitar e depois buscar uma transferência para outro curso. Perguntei se teria alguma seleção e quando poderia começar e a secretaria disse: pode vir amanhã.

No curso de Geografia, entrei no segundo ano como graduado, consegui dispensa de várias disciplinas por ter feito Estudos Sociais. Basicamente cursei as disciplinas específicas de Geografia e de Antropologia Teológica, que era obrigatória na PUC. Dependendo de quem ministrava esta última, era mais uma aula de religião para o ensino superior. O currículo era bem fechado e normalmente não tinha muita escolha. As disciplinas não se organizavam por sistema de créditos, eram anuais, a maioria com 120 horas aulas. Dividiam-se em Geografia Física I, II e III, Geografia Humana I, II e III, Geografia do Brasil I, II, Geografia Regional, Geografia Política, Cartografia, Evolução do Pensamento Geográfico e as disciplinas pedagógicas voltadas para a licenciatura. Os conteúdos de urbana, agrária, população, estavam nas geografias humanas; climatologia, geomorfologia, pedologia e hidrografia estavam nas geografias físicas.

No ano de 1985 estava cansado do banco, era um bom funcionário, meu cargo era caixa, passava o dia atendendo clientes e lidando com dinheiro. Comecei a ser pressionado para assumir a chefia dos caixas, estava em ascensão. Isso era bom, porém eu tinha outros planos. Nesse ano, fiz um acordo de demissão e recebi todo o fundo de garantia, que me manteve por um ano, pagando aluguel, as despesas e as mensalidades da PUC.

Estava livre para estudar, no entanto sabia que o dinheiro não duraria por muito tempo. Daí, aproveitando, comecei a dar algumas aulas, como substituto na disciplina de Educação Moral e Cívica, na Escola Estadual Newton da Silva Telles, em Campinas, duas vezes por semana, tema de que tratarei posteriormente. Como

sabia que não conseguiria fazer o curso todo na Unicamp, aproveitava meus horários livres para fazer minicursos de 30 horas, oferecidos pela universidade para os professores da escola básica, além de disciplinas como ouvinte, nos cursos de Ciências Sociais e de História. Na época, havia um movimento que buscava a aproximação da universidade com a escola básica.

A Associação Nacional de Professores Universitários de História (Anpuh), conveniada com a universidade e com a Secretaria de Educação de São Paulo (SEE-SP), promovia vários cursos para professores. Sempre ficava sabendo através da escola em que trabalhava e também por que frequentava a Unicamp. Adorava andar pela universidade, ir às bibliotecas, cantinas, ver o movimento dos estudantes. Apesar de não ser aluno regular, comportava-me como se fosse. Tudo era diferente da PUC: tinha muita palestra, achava os estudantes mais bonitos (risos), a maioria de classe média, às vezes, arrogantes, mas estava no meio deles. A PUC basicamente funcionava à noite, era bem movimentada, a maioria dos alunos eram trabalhadores e sua frequência se restringia à sala de aula.

No curso de Geografia, lembro-me de todos os professores, como Odete Mayer, Paulo Pacheco, Tarcísio Sigríst, Ruy Ribeiro de Campos e outros que não citarei os nomes. A maioria era conteudista e suas aulas expositivas, quase não utilizavam textos, geralmente tinham a matéria anotada em um caderno ou em fichas que reproduziam no quadro e a gente copiava no caderno. A professora Odete trabalhava com Geografia do Brasil, embora soubesse muito e explicasse bem, trabalhava na perspectiva da memorização. Logo que terminei o curso, ela faleceu.

Paulo trabalhava com as geografias físicas. Seu humor era inconstante: quando gostava de uma turma, dava boas aulas. Creio que gostou da minha. Tinha uma habilidade com o desenho que nunca mais encontrei. Quando estudou, em um currículo mais antigo, tinha a disciplina de Desenho no curso. Paulo levava uma caixa de giz colorido e, na medida em que explicava a matéria, desenhava. Quando terminava a aula sobre relevo de algum local, o qua-

dro estava todo desenhado, era uma obra de arte. Apesar da falta de textos, fez-me gostar dos conteúdos da Geografia Física.

O professor Tarcísio ministrava as metodologias e o ensino: as Práticas de Ensino e os Estágios Supervisionados. Um pouco problemático, mas um bom professor. Participou dos movimentos estudantis nos anos 1960-1970 e relatava as torturas que ocorriam. Não ficou claro se foram com ele, mas se empolgava e ninguém conseguia falar. Fumava cachimbo na sala de aula, com cheiro de chocolate e, quando terminava a aula, a sala estava toda esfumada. Ele costumava trabalhar com textos, li várias vezes a Ideologia Alemã, de Marx e Engels, por sua exigência.

Ruy Campos era muito inteligente, não tinha intimidade com ele. Embora conteudista e exigente, era um excelente professor. Ele acreditava que a eficiência do professor se relacionava com seu rigor, parecia ficar satisfeito quando a turma tirava notas abaixo da média. Não considerava as dificuldades dos alunos e vários eram reprovados na sua disciplina. Trabalhava com as disciplinas de Evolução do Pensamento Geográfico e Geografia Política. Tinha preconceito com as disciplinas pedagógicas, pois, para ele, algumas eram desnecessárias, como a Psicologia da Educação. Apesar disso, era estudioso, inteligente e culto. Suas aulas eram todas baseadas em textos e, para quem lia antes, aproveitava bastante suas explicações. Também escrevia muito, seus textos, artigos e livros são excelentes, escritos com muito cuidado acadêmico. Soube que foi trabalhar no Campus de Angra dos Reis, da Universidade Federal Fluminense (UFF), e faleceu nesta cidade em 08 de agosto de 2015.

As aulas de Cartografia eram básicas, passamos o ano pintando mapas. A disciplina de Antropologia Teológica era praticamente uma aula de religião e geralmente era ministrada por um padre. Na segunda, foi ministrada pelo Padre João, que se destacou porque não ficava só na discussão religiosa. No último ano do curso, tive aulas com a professora Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira, na área de Geografia Humana, especificamente na agrária.

Durante o curso de Geografia, não tive relações próximas com os meus colegas, achava-os alienados e pouco interessados em política. Como logo que entrei na PUC comecei a participar do CA, que envolvia os três cursos do ICH, enturmei-me com as pessoas dos outros cursos que eram mais politizadas. Era muito prazeroso estar no CA, que ficava em um porão, no prédio da PUC. Aliás, uma construção antiga do século XIX muito bonita, que foi a moradia de um barão do café de Campinas. Fazíamos muitas coisas, envolvíamos-nos em tudo, promovíamos eventos e festas. Depois de 1986, envolvido com a AGB-Cps⁵, muitas vezes nos juntávamos na realização dos eventos.

Era um bom aluno, cumpria as tarefas solicitadas. Recordo que existia certo preconceito entre os professores da Geografia da PUC com a escola, em especial a pública. A maioria deles também atuavam em escolas privadas. Mesmo sendo um curso de licenciatura, o modelo do curso se espelhava no bacharelado. Dos cursos do ICH, o único que tinha duas modalidades era de Ciências Sociais. No projeto dos cursos, o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) não era obrigatório para as licenciaturas, mas a turma decidiu fazer. O meu TCC foi sobre o mercado municipal de Campinas, sobre o comércio e sua dinâmica. Não havia computador com tanta facilidade como hoje, e tudo foi feito na máquina de datilografia. Não sei onde foi parar o trabalho, mas a máquina de escrever tenho até hoje, uma *Olivetti* portátil.

Terminei a graduação em 1987. Tive muita dificuldade para pagar a PUC. No último ano o dinheiro guardado acabou. Fiz uma viagem para o 6º Encontro Nacional de Geógrafos (ENG), em 1986, em Campo Grande/MS, de avião e gastei bastante (sobre esse ENG, explicarei melhor minha participação posteriormente). Mas fui, quis experimentar! Tanto é que, nos outros eventos, por um tempo, fui de ônibus por que os recursos eram escassos.

5 Em relação à Seção Campinas da Associação dos Geógrafos Brasileiros, utilizarei “AGB-Cps” e apenas “AGB” será para a entidade de abrangência nacional.

Em 1987, vivia do salário de professor da rede pública de ensino de São Paulo, em Campinas. Como professor eventual, ganhava pouco, porém continuei no magistério, principalmente depois que passei a trabalhar em cursos preparatórios para vestibular, para concursos públicos e, posteriormente, para professores na educação continuada.

Minha trajetória como militante da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB-Cps e Nacional) me ajudou a entender melhor a Geografia, complementou o que faltava na graduação, o que expliquei em item específico. No curso de graduação, tive poucas aulas de campo. A faculdade não investia nestas atividades e, quando tinha, era com nossos recursos. Paulo fazia alguns nos arredores de Campinas, como no Parque Geológico do Varvito, na cidade de Itu (SP)⁶, geralmente aos sábados. Foram as experiências que tivemos neste tipo de atividade.

6 O Parque do Varvito, inaugurado em 1995, foi construído numa área de 44.346 m² da antiga pedreira. Varvito é o nome utilizado pelos geólogos para dominar um tipo de rocha sedimentar única, formada pela sucessão repetitiva de lâminas ou camadas, cada uma delas depositada durante o intervalo de um ano. Fonte: <https://itu.sp.gov.br/meio-ambiente/parque-geologico-do-varvito/>. Acesso em 27/03/2020.

III

*Entrada no magistério:
tornando-me professor*

*Meu estilo é muito de tudo que sou
Das sombras da vida, do caminhar em busca
Nas essências de tudo que acontece
Que acaba por mim assimilado
Sendo o que sou, um pouco de tudo
Resultado das totalidades do mundo vivido
Que estou, onde sou e aconteço¹*



Em 1985, iniciei o magistério na Escola Estadual Newton da Silva Teles, no Bairro Costa e Silva, em Campinas, como substituto. Nesta escola, fiquei alguns meses e foi muito tranquilo, dava poucas aulas e aproveitava para fazer coisas diversas. Fiz curso de teatro, de dança, vários minicursos na Unicamp, envolvi-me com muita gente das artes, frequentava manifestações políticas, aproveitei muito para aprender coisas novas e também para me divertir. Nesse tempo, gastei todo dinheiro que eu tinha recebido do banco. No final do ano, saí dessa escola, basicamente dava poucas aulas e não me envolvia muito, era substituto.

Em 1985, no segundo semestre, entrei para a Escola Estadual Professora Hercy Moraes, situada no Parque Tropical, como professor eventual. Fiquei nessa condição até sair em 1990, pois, nesse período, não houve concurso para professor em São Paulo. A escola era grande e a maioria dos alunos eram filhos de operários e traba-

1 Poema escrito por mim, Antonio Carlos Pinheiro em 11/07/1987, intitulado: **Acontecendo**.

lhadores informais, muitos alunos eram de baixa renda. Trabalhei nesta escola até 1990. Foi lá que aconteceu o episódio que surtei em plena sala de aula, transcrito do meu livro *Lugares de professores: vivências, formação e práticas docentes nos anos iniciais do ensino fundamental*, de 2012, páginas 73 a 76, que reproduzo aqui por considerar que retrata bem o início da minha carreira como professor:

Nessa escola, era prática da direção atribuir para os professores novos e não efetivos as turmas consideradas problemáticas. Os professores mais antigos e/ou efetivos tinham prioridade na escolha das turmas e preferiam os alunos considerados “melhores”. Nessa escola, as turmas eram classificadas numa escala “do melhor para o pior, dos que tinham as notas altas para aqueles que tinham as mais baixas”. Para dividir as turmas, utilizavam-se letras para distingui-las, começando do “A” em diante, conforme a quantidade de turmas por cada série. A turma “A” era a melhor, decrescendo conforme ia “baixando” o nível, segundo critérios estabelecidos pela escola, nos quais incluía principalmente o comportamento. Em 1985, primeiro ano da minha carreira, foi-me atribuída a 6ª série G, ou seja, a última da sequência, considerada a pior da escola do período noturno. Nessa turma, trabalhei com a disciplina de Educação Moral e Cívica, extinta anos depois. O livro didático era fornecido pelo Estado. Ao final do ano, os alunos deveriam devolver o material para a escola, para que no seguinte outros alunos utilizassem. A 6ª G era tida como o “antro de marginais” da escola e muitos daqueles alunos estavam repetindo a série por vários anos. Na época, não havia a progressão continuada. Na 6ª série, a faixa etária desejável para cursá-la era entre 11 a 13 anos. Na 6ª G, a média de idade era de 17 anos. Como o curso era noturno, a maioria dos alunos trabalhava durante o dia. A escola atendia uma população de classe baixa economicamente, e o bairro não tinha equipamentos de lazer para atender aquela população. Os atritos, as brigas, as conversas exaltadas, a desatenção entre os alunos era constante. Desde os primeiros dias de aula não conseguia que prestassem atenção nas aulas, parecia que eu não existia para eles. Como estava no meu primeiro ano de docência, busquei ajuda dos professores mais experientes da escola. Aconselhado por eles, utilizei quase todos os recursos disponíveis: pontos negativos; tirava alunos da sala

de aula; mandava para a diretoria; ameaçava com avaliações etc. Com isso conseguia breves e relativos momentos de silêncio para “passar a matéria”. Com o tempo, esses procedimentos não funcionaram mais. Depois de um mês de trabalho, pensei em desistir do ofício, aquilo provocava em mim profunda angústia. Ver aqueles meninos e meninas desmotivados e sem nenhum interesse pela matéria e pela escola gerava muito desânimo. No entanto, intrigava-me o fato de quase não faltarem às aulas, estavam lá todo dia para fazer suas “estripulias”, jogar papel uns nos outros, falar alto, gritar, entre outras “bagunças”. Aliás, eram constantes as reclamações dos professores sobre minha turma. No auge dos meus vinte e dois anos, preme de crenças na escola como instrumento de transformação da sociedade, adepto da “Geografia Crítica”, comecei a declinar e duvidar que fosse possível fazer algo para mudar a realidade daquelas pessoas. Como não conseguia controlar a turma, passei a dar minhas aulas em meio aos gritos e agitação dos alunos. Um dia, comecei a ler o “ponto” do livro didático e pedi que me acompanhassem na leitura. Não me recordo do texto exatamente, mas lembro da frase que causou o “surto” na sala de aula. Em meio aquela confusão, li a seguinte frase: “O homem é um animal racional”. Quando terminei a leitura, parei, olhei pra turma e tive um acesso de fúria descontrolável. Naquela hora peguei o que estava mais perto de mim, no caso o próprio livro didático, e comecei a rasgá-lo enlouquecidamente, jogando as folhas picadas para o alto e depois o que sobrou joguei na lata do lixo que estava ao lado da porta. Por um instante, os alunos pararam o que estavam fazendo e ficaram vidrados em mim. Mas logo, seguindo meu exemplo, rasgaram seus livros jogando os pedaços para o alto, numa festa de papéis picados, a sala parecia um baile de carnaval. Ao final da catarse, a sala de aula estava cheia de papel jogado no chão. Meu ataque durou o tempo suficiente para todos rasgarem seus livros. Na sequência, alunos e professores de outras classes estavam no corredor onde ficava a sala de aula, em seguida, vieram os funcionários e a própria diretora. A cena foi inesquecível, parece que os alunos e eu, cada um com seus propósitos, realizamos uma “limpeza”, um afrontamento, uma liberação. Foi uma catarse coletiva. Evidente que fui chamado pela diretora, que antes nos fez limpar toda a sala e recolher os pedaços dos livros rasgados.

Na diretoria, pensei em me demitir, mas fui advertido que seria submetido a um processo administrativo. Contudo, a diretora sabendo das dificuldades de encontrar outro professor que se dispusesse a assumir aquela turma, disse que se eu continuasse com a 6ª G até o final do ano, o processo poderia ser mais brando, mas com a condição que o livro didático não seria mais fornecido para aquela turma. Aceitei a condição e no outro dia voltei para a sala de aula. Quando entrei, notei que estavam todos sentados em silêncio me observando. Entrei, sentei e fiquei olhando para eles com certo desinteresse. Para minha surpresa, um aluno começou a falar: “O que vamos fazer agora professor? O que faremos sem o livro? Como vamos estudar?”. Fiquei surpreso, sobretudo quando notei que esta opinião era corroborada por quase todos os alunos da turma. Num impulso, disse que poderíamos conversar. Alguém perguntou: “Conversar sobre o quê?” Disse: “Sobre nossas vidas.” “Mas isso é matéria de escola? Como vamos estudar sem livro?” Indagou uma aluna. Disse: “Esqueçam o livro, não temos mais e a escola não vai fornecer outros, vamos falar da vida de vocês, do trabalho, como se divertem.” Essa turma era do período noturno e a maioria trabalhava durante o dia. Uma aluna, zangada, levantou-se e disse: “Eu venho aqui pra me divertir e a sua aula era a melhor para isso, mas agora o que faremos, vamos ter que ficar aqui olhando um para o outro?”. Para encurtar um pouco a história, depois de muita insistência, os alunos resolveram falar de suas vidas, de como era o ônibus que tomavam do trabalho para a casa e da casa para a escola, das abordagens da polícia, da forma como eram vistos na escola. Descobrimos em suas experiências muitas coisas interessantes, que constituiu a “matéria” das nossas aulas. A cada tema discutido, os alunos traziam revistas, jornais, fazíamos dramatizações representando o cotidiano do trabalho, da família, até do ônibus no horário de “pico”. O interesse pela aula cresceu gradativamente entre eles. Não havia mais programa pré-definido e tudo era transformado em desenhos, textos, dramatizações, cartazes etc. Para a diretora e para outros professores da escola pouco importava se eles estavam aprendendo alguma coisa, o fundamental era mantê-los sob controle.

Depois desse episódio, em 1986, comecei a dar aulas de Geografia para o 1º e 2º graus na escola Hercy Moraes. Creio que, na maioria das escolas do estado de São Paulo, a disciplina de EMC acabou no final da década de 1980. Com a implantação das novas propostas curriculares em 1990, foi suprimida, mesmo que ainda existisse em muitas escolas no âmbito nacional.

A disciplina de EMC foi criada de acordo com o Decreto de Lei 869/1969 juntamente com a disciplina de Organização Social e Política do Brasil (OSPB), como obrigatórias. O propósito era enaltecendo o regime militar ditatorial da época e os valores nacionalistas. Substituíam a Sociologia e Filosofia e, em muitas escolas, até a História e Geografia.

As disciplinas de EMC e OSPB, deixaram de existir oficialmente em 1993, revogadas pela Lei N. 8.663, no governo de Itamar Franco. Sentia que o conteúdo dessa disciplina não correspondia à realidade dos alunos. Depois do surto, comecei a descobrir outras formas de dar aulas e questionar a relação do que aprendia na universidade com a prática na escola além de como aproximar o meu aprendizado como professor com o dos alunos.

No curso superior que fazia, não havia preparação para trabalhar na escola. Fui aprendendo a resolver os problemas na realidade, a princípio, com os professores que estavam lecionando há mais tempo; depois, participando dos grupos de estudos promovidos pela Delegacia de Ensino (DE) e na Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB). Depois que decidi ficar na escola, após o episódio do livro, não estava mais preocupado com processo administrativo de sindicância, era jovem e não tinha medo, mas precisava do salário. Além disso, a diretora me ofereceu aulas de Geografia no 1º e 2º grau, tudo que queria.

Na escola, lembro-me de que tinha uma professora chamada Rose (nome fictício), que, depois do episódio do estresse, ofereceu-se para me ajudar. Quando não tinha diretor na escola, ela ocupava esse cargo. Na época, o cargo de diretor era por meio de concurso, geralmente ocupados por quem fazia Pedagogia e depois complementação em Administração Escolar. Houve também um tempo

em que era mais democrático e votávamos em algum professor para ocupar o cargo por um tempo determinado de mandato, mas esse processo durou pouco. Não sei como é atualmente.

A professora resolveu me adotar. Era uma senhora com muitos anos de experiência e falava que ia me ajudar a “dominar” e “controlar” os alunos. Na época, adorei. Estava meio perdido. A formação que tive na primeira graduação e depois na segunda não foi suficiente. Baseava-me nos professores que tive, mas não concordava com suas práticas. Na escola, atribuíam-me as turmas mais rebeldes, consideradas as piores. Era comum atribuir essas turmas para os professores novatos. A classificação das turmas era por ordem alfabética, começando do “A” para a melhor e sucessivamente “B, C, D...” era ruim para os alunos. Aqueles que estavam nas turmas das últimas letras (exemplo: 6ª série G) eram considerados mais fracos. Como a escola tinha muitos alunos, quanto menores as séries, mais turmas havia. Geralmente, a classificação era feita com base nas notas e comportamento, porém escondiam outros fatores, como situação econômica, raça, sexualidade, origem familiar etc.

A professora Rose resolveu me ensinar como dominar os alunos, pediu para acompanhá-la e entramos em uma sala que estava uma bagunça, todos os alunos gritando e correndo. Ela abriu a porta, entrou na sala, olhou bem séria para todos e os alunos sentaram nas suas carteiras em silêncio. Ela falou que mantinha a disciplina apenas com o olhar, “um olhar de controle”. Fiquei pensando: qual o poder que essa mulher tem? Será que é o “dom” que todos falam que precisamos ter para ser professor? Desejava aprender a ter esse poder.

Quando a aula acabou, fui para sala dos professores e fiquei questionando se realmente tinha capacidade para ser professor. Será que tenho esse poder? Será que tenho e não sei? Conversava muito com ela, que me explicava várias coisas, falava que nós deveríamos nos impor e exigir respeito, porque eles têm que entender que o professor manda e eles obedecem. Comecei a tentar reproduzir seus conselhos. Daí em diante, entrava na sala e fazia o que me ensinava,

mas não adiantava. Voltava para a professora e contava sobre minha experiência e sempre me dava novos conselhos.

Aos poucos, ensinava-me mais coisas. Um dia, disse-me que a gente não deve se envolver com os alunos e sim com a matéria. A vida deles é dura e isso não é da nossa competência. Estávamos lá para ensinar os conteúdos das nossas disciplinas e essa é nossa responsabilidade. Disse que uma solução era dar nota para tudo, criar exercícios, trabalhos etc. Não ter medo de dar nota baixa. Outra proposta é fazer uma prova bem difícil para que não consigam responder, assim vão te respeitar. Fui estudar e entendi o segredo do controle – a prova e a reprovação. Mas tinha um problema: eu trabalhava com as turmas das últimas letras “E, F, G”, com alunos que não se importavam com as notas. Iam para escola por obrigação, ou porque os pais os obrigavam, ou porque não tinham nada para fazer em casa. Moravam em péssimas condições e não havia nada para fazer no bairro. A escola era um local de lazer e diversão.

Na escola, não tinha como o aluno ficar fora da sala fugindo da aula, pois, na época, tinha um “inspetor de alunos”, que andava pelos corredores mandando todos para a sala. Para mandar o aluno para diretoria, também havia regras. Geralmente quando o aluno ia, ficava sentado por um bom tempo, o que era irritante para eles, além do medo da diretora, principalmente da expulsão da escola, prática comum na época.

Essa escola ficava em um terreno enorme, em um vale ao lado de um córrego. O prédio, incluindo o pátio, as salas e todas as instalações eram gradeadas do chão ao teto. Então, quando o aluno estava dentro, não conseguia sair. Geralmente faziam festas para arrecadar dinheiro e os recursos eram para aumentar o muro, que devia ter uns cinco metros, além da manutenção das grades.

No ano de 1988, entraram na escola os professores Alceu, de História, e Inês, de Educação Artística. Eles eram casados. Tínhamos a mesma visão de educação e formamos um grupo forte, depois atraímos outros professores. Fizemos muitos projetos juntos, inclusive aos

sábados. Chamávamos a comunidade e muitos iam, trabalhávamos com dinâmicas envolvendo as crianças, os jovens e adultos.

Na época, o salário de professor era muito baixo. Às vezes, tinha que fazer “bico” para pagar as contas: pintava cerâmica, fazia pão e doces caseiros para vender. No sítio, em Bragança, tinha muita fruta. Levava para Campinas e fazia meus doces e dizia que era uma tia que produzia e vendia.

Na escola, faltavam recursos. Basicamente tinha o livro didático, que era reutilizado em várias séries. No entanto, na época, havia vasta produção de material paradidático produzido pelas editoras, porém, a escola e os alunos não tinham dinheiro para comprar. Às vezes, chegava algum fornecido pelo Governo, mas quase sempre ficavam fechados em um armário. Daí, comprava e levava para a escola materiais com meus recursos.



Figura 14 – Instrumentos utilizados na escola – Décadas de 1980/90.
Imagem da esquerda: Mimeógrafo. <https://penochaocabecafeita.blogspot.com/2012/04/quem-nunca-recebeu-uma-prova-feita-no.html>. Imagem da direita, acima: Projetor de Slides. Abaixo: Retroprojektor. <http://www.wanferlocaoes.com.br/blog/aparelho-retroprojektor/>

Fonte: Acesso em 14/07/2020

Muitas atividades eram rodadas no mimeógrafo. Eu escrevia num papel de carbono, colocava na máquina com álcool e rodava as cópias manualmente. Na escola, também havia o projetor de *slides*, com negativos de fotos. Colocava na máquina para projetar na parede, mas tinha hora que travava e era bem engraçado. Também o retroprojetor, uma máquina onde colocava um papel plástico na sua base, que antes era preenchido com uma caneta especial e colocava na máquina, que projetava na parede. Tinha que ter cuidado, porque ela esquentava e, se queimasse a lâmpada, demorava um tempo para a escola comprar outra.

Os professores se preocupavam muito com a aparência. Na prática, identificavam-se mais com a classe média alta do que com a classe trabalhadora. Até hoje isso pode ser observado no comportamento dos professores, seja da escola básica ou na universidade. Sempre era convidado pelos alunos para compor a formatura. Só ficava chateado porque não ganhava flores. Sempre me davam canetas – que acabava perdendo – e para as professoras davam flores.



Figura 15 – Parainfo na Formatura do 2º grau na Escola Hercy Moraes. Catedral de Campinas, 1990

Fonte: Acervo do autor.

Os grupos da Delegacia de Ensino e a Geografia Crítica

Em 1986, comecei a me aproximar dos encontros das Delegacias de Ensino (DE) da rede estadual. Na sala dos professores, havia um quadro de avisos com convites para os professores. A maioria não ia, falavam que não resolvia nada e não tinham tempo, afinal esses encontros aconteciam fora do horário de trabalho. Cada área de ensino tinha alguém responsável por elaborar projetos, oficinas, minicursos, discussões. Eram os Assistentes Técnicos Pedagógicos (ATP), professores que se afastavam da escola para trabalhar na DE.

Existiam três DEs em Campinas, que agrupavam em torno de 50 escolas cada uma: na 1ª DE, na área da Geografia, a responsável era a professora Maria Ligia Prado de Almeida Brandt; e, na 2ª DE, a professora Silvia Regina Mascarin. Minha escola ficava na jurisdição da 1ª DE, mas muitas vezes as professoras faziam encontros em conjunto. Também havia a 3ª DE, mas não me lembro do ATP e de trabalhos em conjunto.

Comecei a frequentar. Cada reunião tratava de um tema atual da Geografia ou do cotidiano da sala de aula, além de temas pedagógicos, como planejamento, projetos de ensino, avaliação etc. Sobre este último, discutimos como a avaliação era utilizada como instrumento de controle e, muitas vezes, de opressão, sobretudo as “provas”. Com isso, passei a questionar os ensinamentos da professora Rose sobre como manter os alunos comportados. Com o tempo, o governo do estado oficializou esses encontros como reuniões de aperfeiçoamento e, quando eram no dia da aula, o professor que participasse não levava falta na escola e recebia uma declaração. Tenho várias até hoje.

Ligia era loira, beirando os 60 anos, com uma aparência delicada e sensível, mas, quando falava, ficávamos impressionados. Além das reuniões da DE, sempre nos encontrávamos nos eventos da Unicamp. Ficamos amigos e ela sempre me avisava quando ia ter

evento da DE ou na Unicamp, pois nem sempre essas informações chegavam à escola. Como na época não havia *e-mail* e nem celular e eu não tinha telefone fixo, ela ligava para a escola e avisava os dias dos eventos.

Um dia, em uma reunião conjunta com as duas DEs, ela apresentou a professora Silvia Regina Mascarin, que passou a ser ATP da 2ª DE. Silvia era exuberante (e ainda é), uma mulher alta, clara, mas com um cabelo preto brilhante. Chegou belíssima e falando com uma voz grave com um português impecável, devia ter trinta e poucos anos. Foi paixão à primeira vista (risos). Durante meu tempo em Campinas, até 2004, fizemos muitas coisas juntos, foram muitos projetos na AGB, nas escolas, na PUC, assessorias, entre outros. Atualmente é aposentada e vive em um sítio em Cordeirópolis, interior de São Paulo. Apesar da distância, ainda somos amigos e sempre nos falamos.

Quando conheci Ligia e Silvia, frequentei quase todos os minicursos. Como era conhecido nas DEs, estava sempre informado dos eventos. Descobri que existiam cursos com duração mais longa, oferecidas pelo Estado. Geralmente cada DE enviava um representante. Quando havia seleção, candidatava-me, outras vezes era indicado. Alguns cursos eram promovidos pela Unicamp, pela Universidade de São Paulo (USP), outros pela Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (CENP) da SEE-SP.

Em 2011, o governo remodelou a secretaria e a CENP foi extinta. Lembro-me de que uma vez, em 1989, fui a um curso na Ilha do Cardoso. É uma reserva no litoral sul de São Paulo. Ficamos lá por 20 dias. Estudamos o mangue, a Mata Atlântica, a vida dos ribeirinhos e fizemos muitos trabalhos de campo. Foram professores de Geografia e de Biologia de várias DEs do estado de São Paulo.



Figura 16 – Curso na Ilha do Cardoso – litoral sul de São Paulo

Fonte: Acervo do autor, 1989.

Em 1986, havia reuniões específicas para discutir as propostas curriculares para todas as disciplinas do ensino básico. No caso da Geografia, a proposta foi muito polêmica, estava baseada quase na sua totalidade no materialismo histórico dialético de cunho marxista e na tendência da Geografia Crítica. Quem elaborava eram professores da USP, além de alguns professores da escola básica. A maioria deles atuava na AGB e tinham muitos contatos com os professores do estado, por meio da Associação dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (Apeoesp)². O governador do estado de São Paulo na época era Franco Montoro (1983-1987), do

2 “A **Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo)** foi fundada no dia **13 de janeiro de 1945**, em São Carlos. De acordo com seu Estatuto, a Apeoesp é uma entidade sem fins lucrativos, sem discriminação de raça, credo religioso, gênero ou convicção política ou ideológica. É uma entidade sindical integrada por docentes e especialistas em educação das redes públicas do Estado de São Paulo.” “...Com 180 mil sócios, a Apeoesp hoje é um dos maiores sindicatos da América Latina e tem sua sede central na Capital e está representada em 94 regiões do estado de São Paulo onde mantêm subseções, 10 na capital, 17 na grande São Paulo e 67 no interior.” Fonte: <http://www.apeoesp.org.br/o-sindicato/historia/>. Acesso em 27/03/2020.

Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), primeiro eleito pelo voto popular após a abertura política.

A leitura do livro de Antonio Carlos Robert de Moraes (1985): *Geografia: pequena história crítica*³ foi marcante. Nele, o autor fazia um histórico da Geografia desde sua sistematização no século XIX, vinculando o positivismo como fundamento da Geografia tradicional, passando pelos alemães, criticando o determinismo de Ratzel e o possibilismo do francês Vidal de La Blache.

Moraes (1985) considerava que a Geografia de Ratzel e de La Blache tinha sua base no positivismo de Auguste Comte. Ratzel estava engajado no projeto de expansão alemã “definindo o objeto geográfico como o estudo da influência que as condições naturais exerciam sobre a humanidade” (MORAES, 1985, p. 55). Estas influências atuavam na fisiologia e no caráter, como possibilidade de expansão ou de obstáculos e aceleração. Assim, as relações com o espaço dependiam das condições e capacidades de exploração de uma determinada sociedade e seu grau de desenvolvimento. O instrumento básico para esse sucesso era o Estado. La Blache se opõe a Ratzel, porém está engajado no projeto colonialista francês. Para ele, o objeto da Geografia é a relação homem-natureza; mesmo recebendo influência do meio, pode transformá-la, assim a natureza passou a ser vista como possibilidades para a ação humana e não um mero determinante (MORAES, 1986).

No penúltimo capítulo do livro, cita o movimento de renovação da Geografia, citando o pragmatismo, mas sua ênfase era para a Geografia Crítica. De maneira geral, associava a Geografia Pragmática⁴ ao planejamento, orientado para instrumentalizar os propósitos práticos e ideológicos da classe dominante, visando

3 MORAES, Antonio Carlos R. **Geografia: pequena história crítica**. São Paulo: Ed. Hucitec, 4ª Ed., 1985.

4 Segundo Moraes (1985), a Geografia Pragmática, também tinha outras derivações como a Geografia Teorética e Quantitativa. Basicamente era a utilização dos métodos matemáticos na explicação dos fenômenos geográficos, com ênfase nos dados estatísticos, baseando-se na teoria dos sistemas, tendo a técnica como objetivo central dos estudos espaciais.

uma despolitização do discurso geográfico. Essa tendência foi marcante nas décadas de 1960 e 70 no Brasil. Em contrapartida, considerava a Geografia Crítica como a possibilidade de renovar esse discurso, sobretudo centrando-o nas questões sociais. Defendia que a Geografia deveria ser pensada no âmbito das relações teórico-práticas, como uma *práxis* revolucionária (MORAES, 1985). Criticava a mera descrição dos fenômenos espaciais, defendendo que os estudos precisavam ultrapassar a aparência, buscando identificar a essência dos problemas.

No seu livro, citava diversos autores, todos lidos e discutidos pelo grupo na DE, como o clássico do francês Yves Lacoste: *A Geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. Esse livro, proibido durante o governo militar no Brasil, foi revitalizado na década de 1970 clandestinamente e com a abertura na década de 1980, publicada pela Editora Papyrus⁵. Lacoste (1989, p. 21) afirmava que a Geografia ensinada, era “uma disciplina maçante, mas antes de tudo simplória...”, baseada na descrição e na memorização. Além disso, fragmentava os fenômenos espaciais de cada país no seu ensino – relevo, vegetação, população, cidades – trabalhados separadamente. Para Lacoste, essa Geografia, que chamava “dos professores” tinha uma função ideológica, servia para mascarar e mistificar a realidade, tornando-se um instrumento de dominação pelas classes dominantes. Chamava de uma Geografia da prática do poder e do Estado (LACOSTE, 1989).

Foram vários livros estudados, como o de Milton Santos: *Por uma Geografia Nova*, de 1986⁶. Assim como Moraes (1985), Santos (1986) fazia uma retrospectiva histórica da trajetória da Geografia mais aprofundada, baseando-se nos aspectos filosóficos e epistemológicos da ciência geográfica, centrando, no objeto, o espaço geográfico. Ambos os autores partiam de bases semelhantes, afirmavam que a Geografia era uma ciência social e que seu papel era desenvol-

5 LACOSTE, Yves. *A Geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. Campinas: Ed. Papyrus, 2ª Ed. 1989.

6 SANTOS, Milton. *Por uma Geografia Nova*. São Paulo: Ed. Hucitec, 3ª Ed., 1986.

ver nas pessoas o senso crítico para questionar o poder do Estado sob o controle das classes dominantes. Além dos autores citados acima, muitos outros defendiam essa perspectiva. Diante dessas leituras, o grupo da DE e depois da AGB-Cps radicalizou suas posturas. Não eram suficientes as práticas meramente científico-acadêmicas. Precisávamos ir para a rua, participar dos movimentos.



Figura 17 – Capas de livros importantes na década de 1980/90

Fonte: Fotos escaneadas pelo autor, 2020.

A Proposta Curricular de Geografia (PCG) foi apelidada de “vermelhinha”, pois tinha a capa vermelha. Por ter definido uma única tendência para suas bases, o materialismo histórico acabou afastando alguns professores da Geografia, em especial os da área da Geografia Física, que trabalhavam com outros aportes epistemológicos, como a Teoria de Sistema e a Geografia Quantitativa.

Em geral, a crítica estava relacionada à falta de pluralidade na confecção da proposta. O grupo adepto da Geografia Crítica considerava que diversas temáticas na área física deveriam ser abordadas pela Geologia; ou, no caso da escola básica, pela disciplina de Ciências e Biologia, como: formação da terra, geomorfologia, solos, etc. Em geral, esses assuntos seriam tratados como questões ambientais e a natureza definida como recurso para a sociedade. Defendia-se

que a Geografia deveria discutir a questão da ocupação da terra, especulação imobiliária, as contradições existentes na sociedade etc.

A proposta baseada neste viés, minimizando outras tendências, gerou um distanciamento de alguns professores. O professor Aziz Ab'Sáber⁷, referência da Geografia Física, alinhado à esquerda e crítico do capitalismo, fez diversas objeções sobre o teor da proposta na época. Quem o conheceu sabe que, além de um exímio pesquisador da Geomorfologia e da Geografia Física, foi um homem sensível para causas sociais e ambientais. Em depoimento para Cynara Menezes, que resultou no livro *O que é ser geógrafo*⁸, Ab'Saber (2013, p. 159), relatou:

Ninguém escolhe o lugar, o ventre, a cor da pele, a etnia, a condição socioeconômica e sociocultural. Nasce onde o acaso deixa acontecer. No mundo inteiro, nos países mais diversos, os nascituros emergem nas situações mais diversas do ponto de vista da conjuntura socioeconômica, familiar e sociocultural. Isso nos obriga a ter uma responsabilidade com o ser humano, com o outro, que não pode ter limitações, independentemente dos lugares onde nasceram, já que podem ter nascido na rusticidade dos sertões ou na beira dos igarapés, ou ainda na periferia pobre das grandes cidades. É uma responsabilidade ética e humanística que deve

7 Aziz Ab'Sáber nasceu em 24 de outubro de 1924, em São Luiz do Paraitinga, SP, e dedicou quase 70 anos ao estudo da Geografia. Aos 17 anos, ingressou no curso de Geografia e História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências (FFLC) da USP. Decidiu-se pela Geografia, na qual se licenciou em 1944. Tornou-se especialista em Geografia Física, em 1946, quando iniciou estudos sobre Geologia e ingressou na USP como jardineiro, passando a prático de laboratório, três meses depois, no Departamento de Geologia e Paleontologia da FFLC. Manteve-se no cargo enquanto obtinha o doutorado (1956) e até tornar-se livre-docente (1965), quando passou a dar aulas de Geografia Física na universidade. Antes de ser professor da USP, deu aulas no ensino médio e na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. Tornou-se professor titular em 1968, aposentando-se na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), em 1982. Mesmo aposentado, continuou desenvolvendo suas pesquisas e, em 1988, passou a integrar o IEA como professor visitante da Área de Ciências Ambientais, tornando-se depois professor honorário do Instituto, no qual atuou até a véspera de sua morte em 16 de março de 2012. <http://www.iea.usp.br/noticias/azizabsaber.html>. Acesso em 18/07/2020.

8 AB'SABER. Aziz Nacib. **O que é ser geógrafo**: memórias profissionais de Aziz Ab'Saber em depoimento para Cynara Menezes. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

presidir o pensamento de todas as pessoas que têm um mínimo de esclarecimento e moral humana. E disso resulta que, para o Brasil, onde existem grandes extensões, temos que estar pensando em todos aqueles que nascem em seus confins mais necessitados, e não apenas nos mais favorecidos das grandes cidades.

O relato acima demonstra como o professor Ab'Saber, abordava os conteúdos da área físico-naturais ou socioambientais nos seus estudos. Outro grupo insatisfeito com a proposta era o dos adeptos da Geografia Humanista, também chamada de Geografia da Percepção, que tinham suas bases na Fenomenologia. Esta tendência também fazia parte do movimento de renovação da Geografia, que criticava a visão tradicional positivista. Considerava as percepções, as sensações, os sentimentos do ser humano nos seus estudos. Dois livros foram marcantes na época e, apesar de eu estar mais alinhado ao grupo da Geografia Crítica, acabei lendo por curiosidade e gostei: *Topofilia e Espaço e Lugar*, ambos de Yi-fu Tuan⁹. Em artigo sobre essas tendências, publicado na Revista Terra Livre, número 24 da AGB, escrevo o seguinte:

Essa tendência retoma algumas características do humanismo, incorporando nos seus estudos a visão antropocêntrica do saber, valorizando a subjetividade do homem, na concepção de espacialidade, com destaque para o conceito de lugar. Adota uma posição holística, refutando o procedimento analítico, acusando-o de não absorver a riqueza do todo, limitando-se à análise das partes. A ação humana para o humanismo, não pode ser separada de seu contexto, seja ele social ou físico. O ser humano é considerado produtor de cultura, atribuindo valores às coisas que o cercam. Nesta concepção, a generalização conduz a perda relativa dos contextos particulares, que são elementos fundadores da cultura. Para tanto, a compreensão deste contexto, propaga que os métodos

9 Yi-fu Tuan nasceu na China em 1930, no final de 1960 passou a ser professor da Universidade de Minnesota nos Estados Unidos da América. TUAN, Yi-fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980. TUAN, Yi-fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

devem ser variados, considerando cada fenômeno estudado (PINHEIRO, p. 2005,181).

Na visão dos pesquisadores daquele tempo, que apoiavam a Proposta Curricular, consideravam a Geografia como uma ciência da sociedade. Acreditávamos que nosso dever era fazer a revolução na escola e na universidade. Na época, o pensamento marxista predominava nos setores progressistas, seja no sindicato, na igreja com a Teologia da Libertação e mesmo no cotidiano. Portanto, começamos a confrontar os professores que não aderiam. Nos encontros, havia muitas “brigas” e discussões.

Muitos livros marcaram minha formação. Destaco o de Maria Teresa Nidelcoff: *A escola e a compreensão da realidade*, de 1987. Nidelcoff, educadora argentina, acreditava no engajamento do professor junto ao povo. Trabalhou por vários anos nas periferias de Buenos Aires até se mudar para Madri, em face da perseguição política que viveu durante a ditadura militar argentina.

Na introdução do livro, a autora apresenta um resumo por meio de algumas palavras, defendendo que a consciência de viver no mundo é um processo contínuo e crescer significa ir se localizando no tempo e espaço, com lucidez, considerando as circunstâncias da vida; que é a partir daí que as pessoas podem criar e transformar a realidade para seu benefício individual e coletivo. Logo no início, coloca o que acredita que deveria ser a missão do professor, como aparece a seguir:

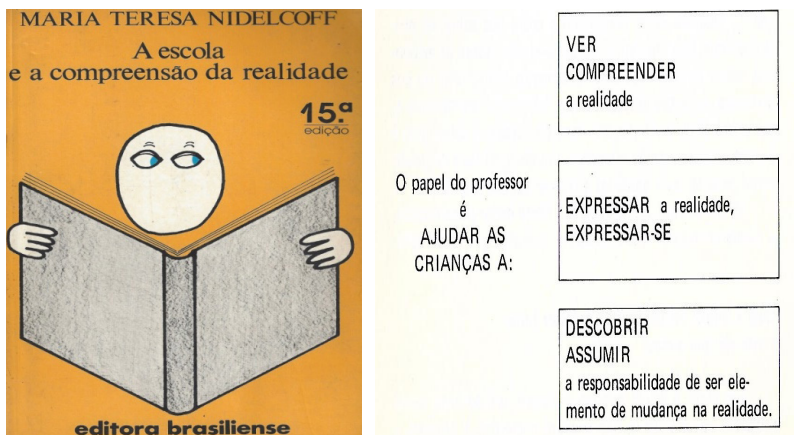


Figura 18 – Livro: *A escola e a compreensão da realidade*. Direita, capa do livro, esquerda, quadro da página 6 do livro

Fonte: imagens escaneadas pelo autor, 2020.

Para ela, o homem é um ser histórico que se realiza no tempo, e a função da escola é “dar instrumentos às crianças: para a análise da realidade de expressão – iniciá-las na experiência da reflexão e da ação em grupo” (NIDELCOFF, 1987, p.7). Seu livro tocou muito, pois trabalhava com as dimensões de tempo e espaço de forma crítica e revolucionária.

No ensino de Geografia, foram outros livros importantes, como: *Para onde vai o ensino de Geografia?* O livro, publicado em 1989, contém vários artigos que criticavam o ensino tradicional, ou seja, discutiam o ensino mnemônico, repetitivo e decorativo, propondo uma nova perspectiva para o ensino baseado na Geografia Crítica. O livro de Márcia Spyer Resende, de 1986: *A Geografia do aluno trabalhador* foi marcante. A autora foi professora de Prática de Ensino, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). No seu livro, produto da sua dissertação de mestrado, apresentava um relato de experiência que desenvolveu com estudantes trabalhadores na Educação de Jovens e Adultos (EJA), a partir da sua história de vida.

Outro livro que me impactou foi: *As veias abertas da América Latina*, de Eduardo Galeano, de 1982, que abordava a história de exploração do continente latino-americano. É um inventário detalhado deste processo, com muita informação sobre datas e sobre esta espoliação. Na educação, a *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire, foi fundamental para compreender o meu processo de escolarização e dos meus alunos na época. Essa leitura foi um desvendar de dúvidas e uma espécie de tomada de consciência da escola em que tinha estudado e da que estava trabalhando. Entre as várias questões abordadas no livro, tocou-me quando o autor aponta que são os oprimidos que mais sabem e sentem a opressão, e que são eles que podem e devem lutar para buscar a libertação (FREIRE, 1983). Essas palavras, entre outras sobre a relação da opressão exercida por setores da sociedade, fortaleceram-me para não aceitar preconceitos, em especial a homofobia.

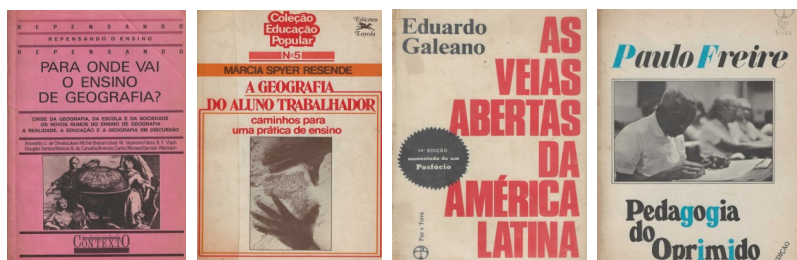


Figura 19 – Livros diversos marcantes na década de 1980/90

Fonte: Capas de livros escaneadas pelo autor, 2020.

Experiência e aprendizado no Cefam-Campinas

Em 1988, foi criado o Centro Especializado de Formação e Aperfeiçoamento de Magistério (Cefam) pelo governo do Estado de São Paulo. Na época, o curso magistério de nível médio era responsável para formar professores dos anos iniciais do ensino fundamental. Foram construídas 40 unidades em várias cidades do interior e na capital. Em Campinas, havia uma escola.

O Cefam era uma escola pública considerada de excelência. Na época, foi pioneiro em diversas ações, implantou o sistema de cotas para alunos da escola básica. As vagas eram muito disputadas, inclusive pelos alunos oriundos das escolas da rede privada. O ingresso era por meio de uma prova de conteúdos do ensino fundamental. Os alunos recebiam uma bolsa de estudo e estudavam em tempo integral, com exceção das sextas-feiras à tarde, horário em que ocorriam as reuniões pedagógicas semanais dos professores.

Os professores que trabalhavam no Cefam eram selecionados por meio de concurso público. Podiam concorrer os professores efetivos e os “eventuais”, além de professores sem nenhum vínculo com a rede pública, além dos aposentados. Na época, mais da metade dos professores da rede estadual eram eventuais. Todos os anos, eram recontratados por um ano. Fiquei nessa condição durante onze anos em que trabalhei como professor do estado.

Em 1989, abriu seleção para os professores no Cefam. Inscrevi-me e fui aprovado para ministrar aulas nas disciplinas de *Geografia*, no primeiro e no segundo ano, e de *Metodologia e Conteúdo do Ensino de História e Geografia* no terceiro e no quarto ano. Por algum tempo, trabalhei concomitantemente em duas escolas, na Escola Hercy Moraes fiquei de 1985 até 1990; no Cefam, de 1989 até 1993. Em 1992, ingressei na PUC e fiquei até 2003.

No início, o Cefam dividia espaço com outra escola, porque o prédio estava em construção. Demorou um ano, mas, quando ficou pronto, foi incrível. Tinha laboratório com computadores, o que naquela época era raro, biblioteca, banheiros para banho, quadra de esportes, sala de professores, copa, cozinha e refeitório, instalações administrativas, estacionamento, jardim, várias salas de aula e um grande pátio coberto.

Toda sexta-feira, acontecia a reunião pedagógica com todos os professores. Embora tivéssemos diferenças teóricas e políticas, a relação era respeitosa entre os docentes e discentes. Era a escola que desejávamos para todos. Nas reuniões, as discussões eram organizadas por temas definidos anteriormente e a partir dos problemas que

identificávamos nos alunos e nas nossas práticas, várias vezes acompanhadas de textos. Aprofundei minhas leituras de Paulo Freire e conheci muitos autores da área de Educação, como Piaget, Vygotsky, José Carlos Libâneo, Demerval Saviani, entre outros. Com Geografia, trabalhava em conjunto com a professora Ligia Brandt, que estava no Cefam. Estudávamos juntos os clássicos de Geografia e planejávamos nossas aulas.

Ligia me ensinou muita coisa. Desde os tempos em que era ATP da DE, eu a conhecia dos grupos de estudos promovidos por ela e pela Silvia Mascarin. Gosto de enaltecer essa passagem, pois a sala de aula na universidade constituiu uma fração do meu aprendizado, mas minha formação ocorreu na militância política, na AGB-Cps e Nacional, na Apeoesp, nos cursos oferecidos pela Unicamp e USP, pela SEE-SP e no próprio Cefam.



Figura 20 – Professores do Cefam-Campinas. Claudio Borges, José Claudio dos Santos (Dega), Antonio Carlos e Maria José de Oliveira (Zezé), 1990

Fonte: Foto cedida por Zezé de Oliveira, 2019.

Como dito anteriormente, os professores do Cefam eram estudiosos e cultos. Em geral, eram referência nas suas áreas, em Campinas. Aprendi muito com eles, mas destaco alguns, como a professora Maria José de Oliveira, a “Zezé”, de Educação Artística: muito dinâmica e criativa, fizemos muitos trabalhos juntos. A Fran, de Matemática, mostrou-me outra visão de ensinar e aprender a matéria. A Lindabel Delgado, de Didática, que, além de professora da escola, era representante regional da Apeoesp. Osvaldo, de Física. Cláudio Borges, de História, entre outros.

Quando o Cefam foi criado, em 1988, além de formar, era propósito do projeto aperfeiçoar os professores por meio de cursos. Porém, assim como em Campinas, os Cefams do estado ganharam força política significativa. Logo no segundo ano de existência, as unidades distribuídas pelo estado passaram a se organizar. Fazíamos encontros estaduais, com discussões teóricas e políticas. Nesses eventos, carregávamos os alunos e também alguns pais e mães. Envolvíamos todos os segmentos da escola. Era muito bom para todos, os alunos adoravam.

As universidades passaram a nos perceber e estreitamos nossos contatos. Com essa visibilidade, passamos a conquistar autonomia política e muitos docentes do Cefam resistiam a desenvolver outras atividades além de formação inicial de professores. Nunca negamos, mas, para isso, reivindicávamos ser remunerados para a função e a contratação de mais professores. Como as reivindicações foram negadas, o governo elaborou outra política para formação continuada.

Durante minha estada no Cefam, lembro que participávamos de quase todas as manifestações políticas, inclusive com os alunos e muitos pais, mães e familiares. Muitas vezes, saíamos em passeata da escola com faixas e cartazes até o Largo do Rosário, no centro de Campinas, local tradicional das manifestações políticas da cidade. Que saudades! Imagina fazer isso hoje, com esse movimento da “escola sem partido”? (risos).

Atuação na Educação Continuada como formador

No início da década de 1991, trabalhava no Cefam. Neste ano, houve a convocatória para o curso de extensão para formação de capacitadores de professores da escola básica, promovido pela Fundação pelo Desenvolvimento da Educação (FDE)¹⁰, vinculada a SEE-SP. Cada DE tinha direito de indicar um professor de vários componentes curriculares. Inscrevi-me representando a Geografia, por Campinas, e fui selecionado. Os encontros aconteciam todos os sábados, o dia inteiro, durante um ano, na sede da FDE em São Paulo. Naquela época, quem dava aula para professores era chamado de “capacitador”. Anteriormente o termo utilizado era “reciclagem”, e atualmente é chamado de “aperfeiçoamento” ou de “educação continuada”.

Durante o curso, conheci muita gente interessante e tive aulas com a professora Rosalina Batista Braga, da UFMG; com os professores Ariovaldo Umbelino de Oliveira, Odete Seabra, Gil Sodero de Toledo, Nidia Nacib Ponstuska, todos da USP; Shoko Kimura, da SEE-SP; Tomoko Paganeli, da UFF, entre outros.

Em 1992, a SEE-SP em conjunto com a FDE, criou o Centro de Aperfeiçoamento de Recursos Humanos (CARH), com sedes distribuídas por várias regiões do estado para atualizar os profissionais da educação. Importante destacar que era outra instituição, sem nenhum vínculo com o Cefam. Embora fosse chamado pelas DEs para ministrar cursos para professores na região de Campinas, ao

10 Criada 23 de junho de 1987, a Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE) é responsável por viabilizar a execução das políticas educacionais definidas pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, implantando e gerindo programas, projetos e ações destinadas a garantir o bom funcionamento, o crescimento e o aprimoramento da rede pública estadual de ensino. Entre suas principais atribuições estão construir escolas, reformar, adequar e manter os prédios, salas de aula e outras instalações; oferecer materiais e equipamentos necessários à Educação; gerenciar os sistemas de avaliação de rendimento escolar; e viabilizar meios e estruturas para a capacitação de dirigentes, professores e outros agentes educacionais e administrativos, visando sempre à melhor qualidade do ensino e à aplicação apropriada das políticas educativas definidas pelo Estado. Fonte: <http://www.fde.sp.gov.br/>. Acesso: 24/02/2020.

término do curso realizado na FDE, tornei-me “capacitador oficial”. Em Campinas, trabalhei no CARH de 1992 até 1994.

Fiquei muito conhecido na região de Campinas, circulava em todas as DEs: Campinas, Americana, Mogi Mirim, São João da Boa Vista, Jundiaí e até na DE de Bragança Paulista, onde nasci. Era muito gratificante, ganhava experiência e também um dinheiro extra. No ano de 1992, ministrei cursos semestrais para professores do ensino fundamental, na 3ª DE-Cps, como prestador de serviços e, nos anos de 1997 e 1998, na 4ª DE-Cps na mesma condição.

Muitos professores se matriculavam, porque, na época, a cada quantidade de horas realizadas nos cursos pelos professores, era computado para a progressão funcional. Modestamente, mesmo que alguns professores frequentassem por esse motivo, acabavam se envolvendo, não reclamavam. Como eu tinha alguma experiência com sala de aula e enfrentado muitos problemas cotidianos com os alunos, esforçava-me para tratar as temáticas levando em conta a realidade dos professores, dos alunos e das escolas. Além disso, sempre fui bem-humorado e nossas aulas eram muito divertidas. Geralmente, nos nossos encontros, as pessoas levavam comidas para o lanche coletivo, momento mais esperado do curso. Foram tempos de muito aprendizado e prazer.

Trabalhei em vários projetos com Silvia Mascarin. Fizemos muitas parcerias oferecendo alguns cursos para professores e trabalhando em outros, especialmente para preparação para concursos para as redes estadual e municipal. Juntos, escrevemos livros e artigos, organizamos trabalhos de campo na AGB-Cps e frequentamos muitos eventos com apresentações de trabalhos.



IV CONGRESSO ESTADUAL PAULISTA SOBRE A FORMAÇÃO DE EDUCADORES

27 à 31 de maio de 1996 - Grande Hotel - Águas de São Pedro - SP

Figura 21 – Algumas parcerias com Silvia Mascarin. Em evento com Silvia Mascarin, 1996. Primeira edição do livro

Fonte: Acervo do autor, Imagem escaneada, 2020.

Formamos uma dupla dinâmica. Foi muito boa nossa relação no trabalho e na vida, pois aprendi muito com ela. Em 2000, escrevemos, em conjunto com duas professoras de História, *Gente de São Paulo – São Paulo da Gente*, que teve sua primeira edição em 2001 (Figura 20). O livro foi escrito para a segunda etapa dos anos iniciais do ensino fundamental. Até hoje, o livro é aprovado pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD). Creio que está na 6ª edição. Não fiquei rico, pois esse mercado é muito diverso e a editora não apresenta os reais números vendidos, sobretudo nas livrarias.

Esta experiência como capacitador também foi desenvolvida na PUC quando era docente. Apesar das críticas que faço sobre minha trajetória como docente naquela instituição, envolvi-me com professores de outros cursos, em especial da Faculdade de Educação. Entrei em vários projetos e, entre eles, o mais duradouro foi denominado *Universidade e escola: uma via de mão dupla*, em que realizamos diversos trabalhos e cursos com professores da escola básica da região de Campinas.

IV

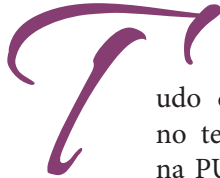
*Associação dos
Geógrafos Brasileiros*

*O que foi feito amigo
De tudo que a gente sonhou?
O que foi feito da vida?
O que foi do amor?*

*Quisera encontrar
Aquele verso menino que escrevi
Há tantos anos atrás*

*Falo assim sem saudade
Falo assim por saber
Se muito vale o já feito
Mais vale o que será*

*E o que foi feito é preciso conhecer
Para melhor prosseguir¹*



Tudo começou em 1986, quando estava no terceiro ano do curso de Geografia na PUC. Tinha entrado nessa graduação no segundo ano como graduado, pois havia cursado Estudos Sociais, em Bragança. Nesse ano, aconteceu o Encontro Nacional de Geógrafos (ENG), realizado em Campo Grande-MS, promovido pela Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB)².

Esse foi o primeiro evento de grande porte a nível nacional, em Geografia, de que participei. Também foi minha primeira viagem de avião. Fomos com um grupo de estudantes da universidade

1 Trecho da música composta por Milton Nascimento, imortalizada na voz de Elis Regina, intitulada: **O que foi feito Devera**. <https://www.vagalume.com.br/elis-regina/o-que-foi-feito-de-vera.html>. Acesso em 02/08/2020.

2 A Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) foi fundada em 1935, na cidade de São Paulo, a partir de reuniões lideradas pelo professor Pierre Defontaine, da USP. Em 1970, em São Paulo, decidiu-se realizar em conjunto com a Assembleia Geral os ENG, sendo o primeiro realizado na cidade de Presidente Prudente. Em 1978, foi um momento significativo na história da AGB. Na época, a associação era considerada demasiadamente acadêmica e elitista. Anteriormente, havia distinção entre os associados e apenas os sócios titulares poderiam participar da diretoria da entidade.

e também alguns professores da rede básica de ensino da região de Campinas. Pela primeira vez, vi pessoalmente alguns professores que conhecia por textos, como Milton Santos, Carlos Valter Porto Gonçalves, José William Vesentini, entre outros.

Presenciei, pela primeira vez, discussões acaloradas e disputas de ideias nos debates ocorridos nas mesas redondas. Isso me deixou muito empolgado. Como era envolvido com a militância estudantil, no PT e no sindicato dos professores, na Apeoesp, estava acostumado; mas, no plano acadêmico, foi a primeira vez. Naquela época, participava do CA e a ida ao ENG de Campo Grande fortaleceu ainda mais as críticas que tinha sobre o meu curso. Nos ENGs, comecei a frequentar como observador as reuniões dos grupos que ocorriam durante o evento e também a me interessar pela AGB. Durante o evento, encontrei as duas professoras que conhecia de Campinas, Silvia Mascarin e Ligia Brandt. No ENG, conversamos muito e pensamos: porque não abrir uma seção local da AGB na cidade?

Na época, no estado de São Paulo, existiam as seções locais de São Paulo, Presidente Prudente e Rio Claro. Quando voltamos para Campinas, chegamos com intenção de criar uma. Formamos um grupo para discutir a seção da AGB. Tínhamos os contatos com a entidade realizados no evento e éramos associados à AGB-Seção-SP. As pessoas com quem conversamos se ofereceram para dar suporte e orientação sobre como organizar um grupo e, depois de alguns meses, fundamos a Seção Pró-AGB-Campinas.

Durante o ENG, em 1986, foi lançado o primeiro número da revista *Terra Livre*, da AGB-Nacional. Até hoje, tenho quase todos os números lançados. O número 01 da revista tratava de temas atuais da época. Na apresentação, o editor, Diamantino Pereira (1986), afirmava que a produção do conhecimento deve se fazer a partir da prática e a entidade tem que considerar a prática social, transpondo as fronteiras da academia, considerando temáticas como: campo, ambiente, ensino, movimentos urbanos, entre outros que estavam em voga naquele momento. Na época, era presidente da AGB-Na-

cional o professor Dr. Orlando Valverde. Foi nesse contexto que entrei na AGB, momento em que a entidade assumia um papel político mais contundente se envolvendo com discussões para além da Geografia.

Destaco também a preocupação da AGB com o ensino. Nas páginas 76 e 77 da revista *Terra Livre*, em 1986, foi publicado um documento sobre o diagnóstico do ensino de Geografia no Brasil, voltado para o ensino superior de Geografia. No texto, discutia-se um currículo com compromisso social. Não havia distinção entre as práticas na escola e na universidade, para ambas o propósito era formar um profissional engajado com as questões políticas da sociedade. Para os cursos superiores, propunham uma formação básica e posteriormente os alunos fariam uma opção para o bacharelado ou para a licenciatura. Nesse sentido, todos seriam geógrafos. Esse seria o papel do curso de formação na universidade, em que todos os cursos devem formar bacharéis. Apesar das boas intenções, para essa proposta não havia distinção entre a formação do bacharel e licenciando. De acordo com ela, o professor de Geografia era um geógrafo instrumentalizado para o ensino.

Percebia-se uma distinção na formação. No documento, estava claro que para o professor a proposta era a prática de ensino e para o técnico a prática da pesquisa. Compreendo que, naquele momento, as críticas escritas no documento questionavam o modelo das licenciaturas curtas, que formavam professores de forma aligeirada, como, por exemplo, os Estudos Sociais. Porém estas propostas contribuíram para a dicotomia que se aprofundou entre essas modalidades. Para o bacharel, privilegiava-se a pesquisa e, para o professor, a prática de ensino, criando, na Geografia, duas classes de profissionais. Esta visão ainda hoje permanece nas universidades e no imaginário dos geógrafos, influenciando na organização dos currículos.

Em 1987, houve o primeiro Encontro Nacional de Ensino de Geografia (ENEG), o *Fala Professor*, realizado em Brasília. Fomos com um grupo de estudantes e professores da escola básica. Viajei de trem de Campinas para Brasília. Atualmente o trem de passagei-

ros não existe mais³. Naquele momento, a seção Pró-AGB-Campinas estava formalizada. No evento, aproveitamos para conversar com as pessoas mais experientes na AGB. Aproximamo-nos da professora Nídia Nacib Pontuschka, que, na época, era professora da Faculdade de Educação, da USP, e faleceu em 2018.

Em 2011, em entrevista com a professora Nídia, publicada no número 01 da Revista Brasileira de Educação em Geografia⁴, ela revelou, dando depoimentos sobre a sua trajetória profissional, sua formação escolar e acadêmica, bem como acerca de outras entidades de que participou, o quanto a universidade é falha na formação de professores. Em muitos momentos, identifiquei-me com os seus depoimentos.

Voltando a falar sobre o *Fala Professor*, destaco que o encontro foi bastante dinâmico. Além das discussões, fizemos uma passeata em frente ao MEC, na explanada dos ministérios. Éramos em torno de duas mil pessoas exigindo o final dos cursos de Estudos Sociais. Reivindicávamos o pleno retorno da Geografia nos currículos das escolas básicas do país e a reformulação dos currículos dos cursos de Geografia em todas as Instituições de Ensino Superior (IES), principalmente nas universidades e faculdades privadas.

Apesar de ter estudado Estudos Sociais, estava pedindo seu fim (risos). Nessa época, começa a se fortalecer uma das minhas características pessoais, uma prática altruísta que me acompanhou em muitas situações durante minha vida profissional. Sinceramente acredito nem sempre ter sido positivo, pois percebi que gerei muitos incômodos e, várias vezes, deixei meus planos pessoais de lado em prol do

3 Em 1981 foi recolocado nos trilhos o Trem Bandeirante entre Campinas da Rede Ferroviária Federal S.A., antigas Viação Férrea Centro-Oeste e Estrada de Ferro Mogiana. O trem saía de Campinas, passava por Ribeirão Preto (SP), Uberaba e Araguari (MG), Goiandira e Ipameri (GO) e chegava a Brasília. O trem foi desativado em 1992, no governo de Fernando Collor de Melo. <http://doc.brazilia.jor.br/Ferrovia-Historia-Brasilia/1981-reinaugura-Trem-Bandeirante-Campinas-Brasilia.shtml>. Acesso: 14/01/2020.

4 PINHEIRO, Antonio Carlos. **Entrevista com a professora Nídia Nacib Pontuschka:** trajetória escolar, profissional e atuação no ensino de Geografia. Revista Brasileira de Educação em Geografia, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 01-23, jan./jun., 2011. Acesso: 14/01/2020.

coletivo. Pratiquei, muitas vezes na minha vida, esse altruísmo. Em vários movimentos de que participei, como no CA, AGB, Apeoesp, Apropucc, quando ocupei cargos na PUC-Cps, e, sobretudo, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), entre outras participações na vida. Mas, em tudo que participei, “entrei de cabeça”, e, mesmo quando não concordava com alguma decisão, não deixava de atuar e respeitar a decisão da maioria. Às vezes, fui ingênuo.

Em 1987, era presidente da AGB-Nacional o professor Dr. José Borzarcchiello da Silva, da Universidade Federal do Ceará (UFC). Nesse momento, havia poucas pessoas que se dedicavam exclusivamente a pensar e pesquisar o ensino. Não havia uma área específica para o ensino de Geografia, O próprio termo *Educação Geográfica* ainda não existia. Vários geógrafos se preocupavam com o ensino, mas pouco se discutia sobre as especificidades na formação do professor. Para a maioria, formando-se um bom geógrafo era o suficiente. A discussão sobre as especificidades da licenciatura na formação do professor se aprofunda, nesta época, na AGB, nas universidades e na pós-graduação.

Em pesquisa realizada no doutorado sobre a *Trajatória da pesquisa acadêmica sobre o ensino de Geografia no Brasil, 1972-2000*, defendida em 2003 e depois no livro *O ensino de Geografia no Brasil: catálogo de dissertações e teses*, publicado em 2005, identifiquei, nas décadas de 1960 a 1980, 45 dissertações de mestrado e quatro teses de doutorado⁵, além de diversos artigos em livros e revistas

5 Das quatro teses identificadas, três foram realizadas no formato anterior, antes da instituição dos cursos de pós-graduação no final da década de 1960. São elas, por ordem cronológica: OLIVEIRA, Livia de. **Contribuição para o ensino de Geografia**. Rio Claro. 1967. (Doutorado em Geografia) UNESP-RC; CAMPOS, Antonio P. S. **A contribuição da Geografia ao planejamento educacional**. São Paulo. 1972. (Doutorado em Geografia). USP; e ISSER, Bernardo. **A Geografia e os Estudos Sociais**. Presidente Prudente. 1973. Universidade Estadual Paulista (UNESP). Para saber, em 1951, foram criados o Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq) e a Companhia de Aperfeiçoamento do Pessoal do Ensino Superior (CAPES), com o objetivo de financiar, por meio de bolsas de pesquisa, o aperfeiçoamento e a especialização voltados para a realização dos cursos de pós-graduação. Mas, foi em 1968, com a Reforma Universitária, que ocorreu a institucionalização e consolidação dos cursos de pós-graduação como conhecemos hoje. A quarta tese, já no modelo atual, é de SIMIELLI, Maria H. R. **O mapa como meio de comunicação: implicações no ensino da geografia do 1 grau**. São Paulo.

que publiquei, evidenciei isso. Voltarei a falar desse tema adiante, no item sobre o doutorado.

Havia, na época, alguns professores universitários que pesquisavam ou escreviam sobre o ensino, como os professores doutores: José Willian Vesentini (USP), Nídia Nacib Pontuschka (USP), Maria Elena Simielli (USP), Diamantino Ferreira (PUC-SP), Ruy Moreira (UFF), Antonio Carlos Castrogiovanni, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Márcia Maria Spyer Resende, da (UFMG), Maria Lucia Estrada (UFMG), Vânia Rúbia Farias Vlach, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Shoko Kimura, da rede estadual de São Paulo, Tomoko Paganelli, na época, da rede estadual do Rio de Janeiro, entre outros.

No *Fala Professor* de Brasília, o tom do evento era de proposição, como foram muitos outros da AGB de que participei. Geralmente, na plenária final do encontro, produziam-se resoluções, que eram encaminhadas para as seções locais e para as autoridades governamentais. Nesse encontro, foram aprovadas propostas subdivididas em três eixos: 1 – Educação em geral; 2– Ensino de Geografia; 3 – Encaminhamentos Políticos da Entidade, entre outros (Anais do *Fala Professor*, 1987).

Nesta época, a AGB passou de uma entidade exclusivamente acadêmica e científica para atuar como uma entidade profissional e política. Vários temas foram discutidos no *Fala Professor*, como: aumento da carga horária de Geografia no currículo; escola de tempo integral; elaboração de programas a partir da realidade do aluno; cursos de “reciclagem” para professores; melhoria dos cursos de formação de professores de Geografia, entre outros⁶.

Em 1990, foi fundada oficialmente a Seção da AGB em Campinas. Fui eleito o primeiro diretor, de 1990 a 1992. Em 1989, mesmo

1986. (Doutorado em Geografia). USP. Fonte: PINHEIRO, Antonio Carlos. **O ensino de Geografia no Brasil** – Catálogo de dissertações e teses (1967-2003). Goiânia: Editora Vieira: 2005.

6 Associação dos Geógrafos Brasileiros. Anais do 1º Encontro Nacional de Ensino de Geografia: *Fala Professor*. Brasília, 1987.

quando era pró-seção, lançamos o *Boletim Informativo da AGB-Cps*, chamado de *Espaço Geográfico*, publicado até 2002.

Por vários anos, fui responsável pelo boletim. Em geral, publicávamos pequenos artigos de opinião, informes sobre eventos locais, nacionais e internacionais, convocações para reuniões e assembleias e chamadas para os cursos que organizávamos. A confecção era bem precária. Por muitas vezes, era feito por meio de colagem, datilografado e, algumas vezes, quando tínhamos recursos, em gráficas. Na época, o acesso ao computador não era tão fácil como hoje e, por muitas vezes, era datilografado em máquina de escrever e depois montado e fotocopiado. Mesmo rústico, enviávamos por correio para todos os associados, para outras seções da AGB e outros órgãos.

Em 1993, publicamos o *Caderno Propostas* com artigos dos participantes da AGB-Cps, professores e estudantes. Infelizmente, ficou apenas no número 0, não houve outra publicação. Inclusive o desenho da capa é de minha autoria. Essas publicações foram digitalizadas em 2015 e podem ser encontradas na atual página da AGB-Cps⁷. Desde 2011, é publicada periodicamente a revista científica *Boletim Campineiro de Geografia* em formato digital.

7 As publicações: *O Espaço Geográfico* e o *Caderno Propostas* foram escaneadas em 2015 na gestão de Fabricio Gallo, diretor, Gustavo Teramatsu, secretário e realizado pela bolsista Mariana da Silva Lima. Também pode ter acesso ao Boletim Campineiro de Geografia. <http://agbcampinas.com.br/site/sobre/>. Acesso: 14/01/2020.



4º ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE GEOGRAFIA
"FALA PROFESSOR"

"As Transformações no Mundo da Educação"
18 a 23 de Julho de 1999 - Curitiba / PR

Em julho temos um encontro marcado, o 4º Fala Professor. A AGB-Campinas está se organizando para participar do evento com um grande número de associados. Em conjunto com a VazTur, estamos elaborando propostas de estadia e transporte para facilitar a ida das pessoas de Campinas e região. Os sócios podem fazer suas reservas mesmo antes da inscrição no 4º ENEG. Dia 10/04/99, realizou-se na USP em São Paulo a reunião da Comissão Executiva de Organização do 4º ENEG, que definiu os Espaços de Diálogo e Grupos de Trabalho. O Espaço de Diálogo é um

momento em que os professores poderão apresentar seus relatos de experiências, sobretudo os resultados das atividades práticas de sala de aula e da escola, paiséis e pesquisas. Os trabalhos devem estar ligados aos Eixos do Encontro e a inscrição é livre. Os Grupos de Trabalho, se constituem em espaços de aprofundamento sobre questões fundamentais relacionadas à política educacional brasileira. Os temas que serão discutidos podem ser propostos pelos sócios e pelas Seções Locais da AGB.

NOTA DA TESOUREARIA:

Em reunião da Diretoria Executiva Local em novembro de 1998, ficou decidido que o valor da anuidade para 1999 será de R\$ 30,00. Sócio-estudante: R\$ 15,00. Obs: As pessoas que se associarem, do outubro a dezembro de 1998 - o pagamento valerá para o ano de 1999. Maiores informações: (019) 867-1938 com Genofá. Para proceder o pagamento, os sócios podem depositar na conta corrente da AGB-Campinas, no BANESPA FUNDAMP, Ag. 307, c/c: 13-41010-0 e depois enviar cópia do depósito para Genofá T. Dal Tu Marqueriti, Rua Rio Grande do Sul, 438, R. Sílex, Jaguariúna-SP, Cep: 13820-000. Avisamos todos os sócios que não podemos atender com a mesma prioridade os sócios que não estão em dia com a entidade, portanto as correspondências serão enviadas com prioridade aqueles que estão em dia com a AGB-Campinas.

NOTAS

II Fórum Regional de Educação da AGB-Campinas realizado em Indaiatuba-SP, dia 27 de março, contou com cerca de 30 pessoas representantes das cidades de Indaiatuba, Campinas, Valinhos, Jaguariúna, Mogi Mirim. As discussões tiveram início com a exposição da Professora Maria Izabel A Noronha, representante da APEOESP de Indaiatuba e da Professora Sílvia Regina Mascarin, da AGB-Campinas.

Durante o VII Encontro de Geógrafos da América Latina que realizou-se em Porto Rico de 22 a 26 de março deste ano, foi fundada a União Geográfica da América Latina (UGAL). A entidade pretende valorizar o ensino de Geografia como componente fundamental dos currículos nacionais, desenvolver uma comunicação internacional para manter informada a comunidade latino-americana das atividades científicas, culturais, profissionais e outras eventos. Também a entidade buscará reintegrar o espanhol como idioma oficial nas atividades da União Geográfica Internacional. O VIII EGAL será realizado no Chile em 2001.



Figura 22 – Boletim Informativo Espaço Geográfico e Caderno Propostas. Espaço Geográfico, N. 28, Mai/jun. 1999. <http://agbcampinas.com.br/site/publicacoes/espaco-geografico/>. Imagem Caderno Propostas, Ano I, N. 0 Set/1993. <http://agbcampinas.com.br/site/publicacoes/caderno-propostas/>

Fonte: Acesso em 14/01/2020.

Segundo relatos, em 1978, na Assembleia Geral da AGB, realizada durante o ENG de Fortaleza, ampliaram-se as possibilidades de participação para todos os sócios de compor as gestões da entidade, como os estudantes de graduação e pós-graduação e os professores de ensino básico⁸. Em 1980, durante o ENG realizado no Rio de Janeiro, foi discutida a necessidade de uma Gestão Coletiva (RGC) na AGB. Anteriormente a entidade se organizava por seções com bases municipais e uma Diretoria Nacional. Segundo Moreira (2010)⁹, depois de um impasse, foram criadas as RGCs. Nessas reuniões, as seções locais se reuniam em alguma cidade do país que

9 MOREIRA, Ruy. **Origem da Gestão Coletiva**. Site da Seção Local de Juiz de Fora-MG, 2010. <https://agbjuizdefora.webnode.com.br/rgrcs/historico/>. Acesso em 14/01/2020.

tivesse uma seção local para discutir as políticas da entidade. A primeira ocorreu em Juiz de Fora (MG), em 1980. Sobre a mudança de gestão da AGB, Moreira, descreve que:

Havia na UFF (Universidade Federal Fluminense) um grupo de estudantes recém saídos do trotskismo para o anarquismo, criador da Seção Local de Niterói, que há tempo propugnava uma forma autogestionária para a AGB. Estes estudantes cumpriram papel fundamental nos resultados da Assembléia Estatutária de julho de 1979 e foram peça-chave na preparação do 4º ENG. (MOREIRA, Histórico,2010).

Concordo que as intenções foram boas no momento, quando da realização do 4º ENG do Rio de Janeiro. Mas, com o tempo, gradativamente a AGB foi se tornando um campo de batalha, onde muitos professores e pesquisadores eram excluídos, caso não comungassem com as ideias definidas pelos membros participantes das RGCs.

Tenho muito apreço e respeito pelo professor Dr. Ruy Moreira, um grande intelectual da Geografia. Li a maioria de suas obras, mas, na AGB, sempre liderou um grupo radical na entidade. Assisti várias de suas participações nos eventos da AGB. No meu ponto de vista, esse grupo inicial, de trotskistas e anarquistas, com o tempo, transformou-se em “stalinistas de classe média”. Fiquei na AGB por mais de dez anos fazendo o serviço pesado, observava e presenciava ações com que não concordava, mas sempre respeitei as decisões da maioria. Apesar de ter aprendido muito, aos poucos a AGB foi se transformado numa plataforma para projeção de alguns oportunistas e fui me desinteressando.

De 1989 a 2003, participei de várias RGCs. Na maioria das vezes, fomos de ônibus e com recursos próprios, pois a seção local não conseguia pagar a viagem nem as despesas dos integrantes. Naquela época, só existia o curso de Geografia na PUC, licenciatura e noturno.

A maioria dos sócios da AGB-Cps eram estudantes e professores da escola básica, desse modo, a anuidade tinha um valor baixo. Fomos para Porto Alegre, Brasília, Belo Horizonte, Niterói, Vitória etc. Em Campinas, houve, durante o tempo em que participei, várias RGCs. Na reunião quando o professor Armando Correia da Silva era o presidente da AGB em 1991, ocorreu um fato inesperado: estávamos no prédio do Cefam, onde eu trabalhava na época, e, quando saímos, fomos surpreendidos com a falta do carro do professor Armando, que foi roubado da frente do colégio. Foi uma situação bem desagradável.

O professor Armando Correia da Silva era um homem muito tranquilo, tinha um semblante sóbrio à primeira vista, mas tinha muito bom humor, tanto que riu do acontecido com seu carro. Nasceu em Taquaritinga, em 1931, foi professor da USP e faleceu em São Paulo, em 2000. Dos seus vários livros, marcaram-me dois: *O espaço fora do lugar* e *De quem é o pedaço*. Li e reli diversas vezes suas obras. O professor Armando era considerado o filósofo da Geografia, discutia a ontologia do espaço. Além de defender o pensamento livre, também foi um grande pianista nas noites paulistanas.

Em 1997, foi realizada outra reunião em Campinas, a 58ª RGC. Era presidente da AGB o professor Dr. Antonio Tomaz Junior, da Unesp de Presidente Prudente. Geralmente, quando sediávamos uma RGC, fazíamos um evento aberto a todos durante a reunião. Na época, utilizávamos o Salão Nobre da PUC. Nesse evento, o tema foi a questão agrária, área de estudo do professor Tomaz. Na época, era diretora da seção local a professora Silvia Regina Mascarin.

Em 1999, realizou-se a 66ª RGC em Campinas. Era presidente da AGB o professor Dr. Carlos Walter Porto Gonçalves, então professor da UFF. Na época, era diretor da AGB-Cps o professor Dr. Archimedes Perez Filho, da Unicamp, que posteriormente foi meu orientador no doutorado.



Figura 23 – Reunião de Gestão Coletiva – Campinas 1991. Professor Dr. Armando Correia da Silva (USP) na ponta da mesa. Na ponta, à direita, com a mão no rosto, a Professora Gaetana de Brito Palladino Pereira, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Os demais: representantes das seções locais

Fonte: Acervo do autor 1991.

Em 2003, no último ano de minha participação na seção local, quando o professor Dr. Marcio Cataia assumiu, fui o vice-diretor. Era presidente da AGB-Nacional o professor Dr. Bernardo Mançano Fernandes. O evento aconteceu na Unicamp, no mês de março. Foi a 78ª RGC, sendo o grande tema a organização do 5º Congresso Brasileiro de Geógrafos (CBG), em Goiânia, cidade onde depois fui morar, em 2004.

Geralmente era comum as sedes das seções locais da AGB ficarem dentro das universidades públicas. A AGB-Cps, desde sua fundação, até o final da década de 1990, tinha a seção local, sua sede, dentro de um armário na PUC. Depois conseguimos uma salinha no prédio do Diretório Central dos Estudantes (DCE) da PUC, mas

não foi por muito tempo. Quando mudou a gestão do DCE, tivemos que sair e voltamos para o armário. Foi assim até 2001. Depois da instalação do curso de Geografia na Unicamp, por intermédio do professor Archimedes, conseguimos uma sala nessa universidade.

Na seção AGB-Cps, havia as comissões de ensino, meio ambiente, assuntos estudantis, urbana, agrária e assuntos profissionais. Essas comissões se formavam e desapareciam conforme os interesses das pessoas que participavam da entidade; porém, a de ensino sempre teve atividades durante o tempo em que estive na AGB-Cps. Essa temática era o foco de quase todas as nossas ações. A maioria dos nossos associados eram professores da rede básica.

As comissões se reuniam separadamente e discutiam ações práticas que pudessem envolver os estudantes de graduação e os professores da escola básica. Começamos a promover minicursos, trabalhos de campo, oficinas, encontros, eventos diversos. Lembro que criamos o *Fórum Regional de Educação da AGB-Cps*, que durou até a 5ª edição. Esses fóruns foram realizados em Campinas e em outras cidades da região, como nas cidades de Americana, Indaiatuba e Mogi Mirim, por exemplo.

Sediamos e organizamos o 4º Encontro Paulista dos Estudantes de Geografia (EPEG) em 1991, sediado na PUC. Creio que, depois desse evento, não houve continuidade. Não me recordo se houve o quinto. Esse foi o primeiro de muitos outros que trabalhei na organização. No EREG, recebemos, em Campinas, cerca de 200 estudantes do estado de São Paulo e de outros estados.

As RGCs e os eventos de que participava e organizava fizeram parte da minha formação, pois não existia esse tipo de atividade no meu curso de graduação. Aprendi militando, frequentando os eventos da AGB-Cps e Nacional, conheci muitas pessoas, sobretudo os professores pesquisadores que produziam os livros e artigos sobre a Geografia que lia.

A AGB, no plano nacional na década de 1980, inicia um processo de aproximação das entidades políticas da época, partidos de

esquerda, sindicatos etc. Hoje tenho críticas sobre algumas ações da época. Cometemos alguns exageros, como minimizar o papel de entidade científica, que poderia optar pela pluralidade, atraindo os vários setores da Geografia nos seus quadros. Em face de uma linha bem definida no espectro político, as pessoas que compunham aquela entidade excluíram outros grupos que discordavam da Geografia Crítica, baseada no materialismo histórico-dialético. Naquele momento, o objetivo era tornar a AGB mais do que uma entidade científica e acadêmica. Pretendia-se que atuasse politicamente em conjunto com todos os movimentos sociais. Participávamos das greves e das manifestações políticas carregando a bandeira da AGB. Queríamos mostrar a Geografia para o povo.

Na década de 1990, estávamos no auge do movimento de renovação da Geografia e a maioria estava alinhada à Geografia Crítica. Essa tendência tinha suas bases teóricas no materialismo histórico-dialético. Como queríamos estar atualizados, criamos grupos de estudos e passamos a ler quase todos os livros citados pelos pesquisadores da época. Em consonância com essa perspectiva, passamos a questionar a Geografia que vinha sendo praticada no ensino básico e superior, que, naquele momento, denominávamos de “tradicional”. Aqueles que não aderiam às nossas ideias eram criticados e, às vezes, hostilizados.

Exemplo de envolvimento na época foi com o movimento ambientalista, que estava em ascensão. Em 1989, engajamo-nos no grupo contrário à construção da Usina Termoeletrica na cidade de Paulinha-SP, na região metropolitana de Campinas. Lá ficava a refinaria de petróleo de Paulínia, da Petrobrás. Nas imediações de Paulínia, planejavam construir uma usina que chamávamos de “Piche elétrica”, por que utilizaria os resíduos do refino do petróleo como combustível para a geração de energia.

A usina precisava de muita água, que seria retirada da bacia hidrográfica do rio Piracicaba, para o resfriamento das caldeiras. Paralelamente, havia uma discussão sobre a utilização da água para o abastecimento da região de Campinas, que sofria com a escassez e

a poluição. A maior parte da água que formava a bacia hidrográfica do rio Piracicaba e que abastecia a região nasce na serra da Mantiqueira. Esse rio é formado pelo encontro dos rios Atibaia e Jaguari. Estávamos muito ligados à questão da água. Frequentávamos as reuniões do Consórcio da Bacia do Rio Piracicaba sem sermos convidados, até que passamos a participar oficialmente como representantes das entidades científicas por dois anos.



Figura 24 – Manifestação contra a Usina “Piche Elétrica” em Cosmópolis. Foto da esquerda – Antonio Carlos e Fernanda. Foto Direita: Juliana; Juliana, filha da Silvia; Silvia; Fernanda, filha da Silvia, 1989

Fonte: Acervo do autor.

Em função das características do uso da água dessa bacia hidrográfica, a vazão dos rios diminuiria significativamente. Os rios foram represados nas cabeceiras e um grande volume abastecia a cidade São Paulo e várias outras da região de Campinas. Para resfriar a usina, era necessária muita água, que seria devolvida suja e quente. Isso mobilizou muita gente na época e, no fim, a usina não foi construída.

Estávamos no auge das discussões ambientais e a educação ambiental ganhou visibilidade, assim como os movimentos ambientalistas. Nos movimentos ambientalistas havia de tudo. Éramos mais politizados, olhávamos para as questões econômicas

e políticas numa perspectiva marxista e discutíamos as questões de classe e o capitalismo.

A educação ambiental tinha forte influência do preservacionismo e do conservacionismo. Por vezes, era romântica e utópica e, em alguns momentos, se aproximava do movimento ambientalista, mas nem sempre caminhavam juntos. A educação ambiental virou um “modismo”, separando-se da Geografia e da Biologia e se estabelecendo como uma área independente. Na época, surgiram muitos debates. Um livro importante foi o de Paula Brugger, *Educação ou adestramento ambiental?*. O livro foi publicado pela Editora Letras Contemporâneas de Florianópolis, em 1994. A autora considera que, entre as várias preocupações nessa área, nas dos defensores dessa modalidade de educação predominava uma educação conservacionista, com pouca discussão política.

Lembro-me de algumas pessoas da AGB-Cps que estudavam o movimento ambientalista. Uma delas era o professor Dr. Antônio Cesar Leal, que hoje é professor da Unesp, de Presidente Prudente, e que realizou diversos estudos e atividades na área. Mas, Cesar sempre foi muito sério e rigoroso, desenvolvia uma proposta de estudo tendo a bacia hidrográfica como base de discussão e isso incluía questões políticas, sociais, econômicas e ambientais. Outro foi o professor Dr. Salvador Carpi Jr, que trabalha atualmente na Unicamp como pesquisador.

A gente fazia muito trabalho de campo e isso era muito importante, porque no meu curso tinha muito pouco. Na AGB-Cps, a gente ia para todo canto, viajávamos para longe, íamos para outros municípios, para o litoral, para outros estados, sempre estudando juntos e discutindo sobre muitos assuntos. Na época, também estava em discussão a formação da região metropolitana de Campinas e fizemos muitos cursos e minicursos sobre o processo de urbanização e metropolização da região. Dialogava com o professor Dr. Antonio da Costa Santos, arquiteto e professor da PUC. Conhecido como “Toninho do PT”, foi prefeito de Campinas, assassinado no dia 10/09/2011, um dia antes do ataque das torres gêmeas de Nova

York. Foi muito triste, uma grande perda para a cidade e para a política nacional. Um homem brilhante, humilde, sensível. Sinto muitas saudades e pesar.

Encontros Nacionais de Geógrafos

Depois do 6º ENG de Campo Grande, o próximo, 7º ENG, aconteceu na cidade de Maceió, no ano de 1988, quando Collor era governador de Alagoas, “o caçador dos marajás”, na época, ganhou bastante espaço na mídia, como se fosse resolver todos os problemas, se intitulava como membro de uma “nova” política. Em 1989 disputou as eleições presidenciais com Lula no segundo turno e venceu. Em 1992 sofreu um processo de *impeachment*, mas antes renunciou ao cargo para o seu vice Itamar Franco.

Fomos de ônibus para Maceió e foi uma loucura. Quando chegamos, os locais onde seriam os alojamentos estavam inundados por causa de uma forte chuva. Estava comigo meu grande amigo José Alfredo Galasso (Zéca), que não era da Geografia, mas me acompanhava em vários eventos. Faleceu em 1994, em Bragança. No 7º ENG, fizemos passeata até o palácio do governo, Collor saiu na varanda do palácio fez um aceno, um discurso e ficou por isso mesmo.

O 8º ENG, em 1990, foi na cidade de Salvador – BA. Eu já estava mais engajado na AGB-Nacional e mais conhecido no Brasil por causa do trabalho em Campinas e da participação nas RGCs. Nesse evento, trabalhei na organização e coordenei a seção de audiovisual. Carregava equipamentos pesados, como retroprojektor, (não lembro se já existia “Data Show”). Foi a minha primeira participação dentro da organização de um evento de grande porte. Naquela época, participavam dos ENGs cerca de cinco mil pessoas que vinham caravanas de todos os lugares do Brasil para os lugares dos eventos.



Figura 25 – 7º Encontro Nacional de Geógrafos – Maceió. Na ponta, à direita, meu grande amigo José Alfredo Galasso (Zéca). 1988

Fonte: Acervo do autor.

Em 1992, o 9º ENG aconteceu na cidade de Recife-PE. Foi uma loucura, fomos de ônibus. Em 1994, houve o 4º CBG, de Curitiba-PR e já estava integrado na AGB-Nacional. Para Curitiba, foi um grupo grande da AGB-Cps. Fui com a Silva Mascarin, de carro, e nos perdemos na volta. Fomos parar quase no oeste de São Paulo. Durante o 4º CBG, trabalhamos na comissão de organização dos eixos temáticos, na prática a gente fazia tudo: carregava caixas, ia para o credenciamento, erámos “pau para toda obra”.



Figura 26 – 4º Congresso Brasileiro de Geógrafos – Curitiba. Em pé, da esquerda para a direita: Genoeffa Dal’Bo Marquesine, não lembro, Sandra de Campos, Ana Maria Cardoso, Maura, da AGB-Presidente Prudente, Antonio Carlos, Lilian Cascone. Sentadas: Célia Gobbo e Silvia Regina Mascarin. 1994

Fonte: Acervo do autor.

Queremos o curso de Geografia na Unicamp!

Desde que fundamos a AGB-Cps, começamos a questionar a falta do curso de Geografia na Unicamp. O curso da PUC era noturno, pago e caro. Além disso, formava poucos professores e a evasão era cada vez mais intensa por questões financeiras. Questionar a PUC era difícil, pois os professores eram diferentes de nós. Começou-se a criar uma relação difícil entre eles e nós. Fazíamos eventos na AGB-Cps que não aconteciam na PUC. Lá só havia eventualmente, a semana de Geografia. Tentamos fazer alguns eventos em conjunto, mas havia, por parte de alguns professores da PUC, uma relação de superioridade. No começo, sempre convidamos, mas depois deixamos de lado e fizemos nosso trabalho, até que entrei na

PUC como docente efetivo, por meio de concurso em 1992 e começamos a realizar atividades envolvendo os estudantes nos eventos.

Em 1993, concluímos que a solução seria a abertura de um curso de Geografia na Unicamp. O curso da PUC não dava conta de abastecer a necessidade de professores de Geografia da região de Campinas. Na época, com mais de dois milhões de habitantes, a maioria dos professores que atuavam nas escolas eram formados em faculdades particulares de pequeno porte e, muitas vezes, por cursos de finais de semana. Várias cidades do sul de Minas Gerais eram recheadas dessas faculdades particulares.

Decidimos fazer uma pesquisa nas quatro DEs de Campinas existentes na época para saber quem eram os professores que davam aula de Geografia em Campinas e em outros 10 municípios, na jurisdição destas delegacias. Nosso interesse era verificar se eram formados em Geografia ou em outros cursos e onde estudaram. O resultado foi alarmante, pois cerca de 50% dos docentes não eram formados em Geografia. Dos 50%, quase 80% foram formados em faculdades privadas. Dos não formados em Geografia encontramos: advogados, engenheiros, inclusive pessoas apenas com o ensino médio, além de muitos estudantes de diversos cursos. Com o resultado, tínhamos uma base empírica para começar a reivindicar o curso de Geografia na Unicamp.

Naquele tempo, havia uma movimentação interna na Unicamp discutindo a criação do curso. Não estava definido onde seria aberto: se no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) ou de Geociências (IG). O curso da PUC, na época, ficava no ICH. Aproveitamos o momento e começamos a solicitar audiências na reitoria para reforçar as reivindicações da criação do curso. Depois de várias reuniões internas na AGB-Cps, propusemos a realização do 1º Encontro Paulista de Ensino de Geografia (Epege). Só houve a primeira edição desse evento pelo que me lembro.

O encontro foi em Campinas, na Unicamp, como estratégia política. Inscreveram-se cerca de 800 pessoas. A estratégia foi trazer os professores mais importantes da USP e da Unesp para a Uni-

camp, com o intuito de fortalecer nossa reivindicação. Entre os professores, lembro-me de Milton Santos, um homem bem arrumado e carismático. Ele era nosso ídolo.

O evento impactou e considero que contribuímos para a abertura do curso de Geografia, que acabou sendo no IG, juntamente com o curso de Geologia. O modelo foi baseado nas Ciências da Terra com um primeiro ano básico e, a partir do segundo ano, os alunos faziam a opção por um dos dois cursos. O curso foi aberto em 1997.

Depois da realização dos Fóruns de Ensino, no ano 2000, começamos a realização dos Encontros Regionais de Ensino de Geografia de Campinas (EREG). Foram três encontros de que participei e ajudei a organizar. No primeiro, em 2000, fui o coordenador; no segundo, em 2001, da comissão de organização. Depois de doze anos, o evento foi revitalizado pelo professor Rafael Straforini, hoje professor da Unicamp. Em 2013, fui convidado para a mesa-redonda intitulada *As pesquisas no ensino de geografia: relação entre escola e universidade*, do 3º EREG. Em 2018, o evento chegou a 6ª edição.

No primeiro EREG, tínhamos poucos recursos e apoio, pois a taxa de inscrição era mínima, visto que nosso público alvo eram professores da escola básica e estudantes de graduação e de pós-graduação. Neste primeiro encontro, lembro que nós da equipe de organização chegamos antes para organizar o auditório do Centro de Convenções da Unicamp. Limpamos tudo, decoramos com as flores e colocamos a faixa, deixamos tudo no lugar. Depois fomos para o banheiro, eu e Rafael, e nos arrumamos. Troquei de roupa, coloquei o *blazer* e cheguei pela porta da frente, bem arrumado, para compor a mesa de abertura. Ninguém viu que tínhamos limpado tudo antes. Até hoje faço essas coisas (risos).



Figura 27 – Inauguração da AGB-Campinas na Unicamp. Da esquerda para a direita: Teresa Paes, Archimedes Perez Filho, Silvia Mascarin, Antonio Carlos. 2000

Fonte: Acervo do autor.

Com a criação do curso de Geografia da Unicamp, o professor Dr. Arquimedes Peres Filho, que foi meu orientador de doutorado, foi convidado para ser o diretor da AGB-Cps. Com sua influência, facilitou a aquisição para a AGB-Cps conseguir uma sala na Unicamp. No ano 2000, a gente estava cortando a fita de inauguração. Foi uma festa.

Experiência na gestão da AGB-Nacional

Em 1998, houve o ENG em Presidente Prudente. Na década de 1990, começou a haver um afastamento de vários professores universitários da AGB, mas, posteriormente, houve retomada, em partes, dessa participação. Na época, predominava na associação um grupo com orientação marxista. Grande parte das pessoas que atuavam no campo da Geografia Física ou com outras orientações teórico-metodológicas, políticas e ideológicas se distanciavam da entidade por desacordo ou desinteresse.

Com a entrada dos professores da escola básica e dos estudantes, a partir da década de 1980, em especial os de graduação, as práticas de gestão e participação estavam mudando e isso incomodava os professores mais velhos, que, de certa forma, queriam manter o padrão da AGB anterior. Anteriormente, desde a fundação, os assentos em vários conselhos internos e externos eram ocupados por professores universitários e o *status* de associado era outro.

Esse grupo começou a olhar a AGB com desconfiança, já que a quantidade de estudantes tinha aumentado. Houve muitos questionamentos e um deles era sobre os estudantes de graduação, por ainda não terem formação concluída, poderem atuar com os mesmos direitos de voz e voto na entidade. O fato dos estudantes representarem a associação na comunidade científica nacional e em outras instâncias começou a desagradar muitos professores universitários. Também alguns consideravam que não havia espaço na AGB para discutir a ciência e que a AGB tinha virado um partido político.

No ano de 1993, Milton Santos e outros professores universitários fundaram a Associação Nacional de Pós-Graduação em Geografia (Anpeg), como espaço estritamente acadêmico para atender os professores descontentes e, de certa forma, privar a participação dos estudantes de graduação e dos professores da escola básica. Na prática, a AGB se ocupava dos grandes eventos, como os ENGs, os eventos do *Fala Professor* e os CBGs, que ocorriam de 10 em 10 anos, além das RGCs, que eram semestrais.

No ENG de Presidente Prudente, em 1998, na plenária final, em que ocorria a votação para a próxima gestão da AGB, houve um esvaziamento da reunião. Tradicionalmente, a presidência da entidade era ocupada por um professor universitário, porém muita gente não apareceu e os que foram começaram a sair.

A sala contava com pouca gente e nada de compor a próxima gestão. Alguém trancou a porta, ficamos lá dentro até que resolvêsemos o problema. Recordo que estávamos na sala o professor Dr. Gil Sodero de Toledo, da USP. Olhamos para ele e falamos que ele seria o indicado pelo grupo para assumir a presidência, mas negou.

Depois de muita discussão, decidimos que quem seria o presidente seria o professor Zeno Soares Crocetti, de Curitiba, que, na época, era professor da escola básica. Ele aceitou presidir a AGB e o professor Gil ficou como vice. Também entrei na gestão. Depois de tudo resolvido, a porta se abriu e saímos.

Em 1993, organizamos o *Fala Professor* em Curitiba. O evento aconteceu em uma escola técnica de ensino médio. Depois que o Zeno assumiu a presidência da AGB-Nacional, tivemos dificuldades de aceitação, por vezes de reconhecimento e apoio efetivo das universidades, mas conseguimos realizar o encontro, apesar das adversidades. Em 2000, houve o 12º ENG, em Florianópolis. Foi minha primeira mesa-redonda: *Política educacional e o ensino de Geografia*. Fiquei morrendo de medo, mesmo sendo professor da PUC desde 1992.

Em 2002, houve o 13º ENG, em João Pessoa. Cheguei uma semana antes e trabalhei na organização. Fizemos uma festa da “Geografia Gay” em uma boate no bairro do Tambaú e elegemos a bixa mais bonita da Geografia (risos). Apareceram muitas “bixas enrustidas” (homossexuais que não se assumem publicamente) que estavam com medo de entrar na festa. Existe muita gente no espaço universitário que é LGBTQ+¹⁰ e tem medo de se assumir por conta da carreira que pretende construir. Isso mostra o quanto a universidade é machista e homofóbica¹¹. Nós queríamos quebrar esse

10 LGBTQ+: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer. O “+” entra com a intenção de englobar todas as outras identidades de gênero e sexualidades diferentes da heteronormatividade cisgênero que não estejam na sigla. Ou seja, qualquer sexualidade e identidade que não esteja na sigla e também não seja padrão da sociedade. <https://projeto colabora.com.br/ods16/por-dentro-das-siglas-da-comunidade-lgbt-e-seus-significados/>. Acesso: 01/02/2020.

11 Homofobia: consequência direta da hierarquização das sexualidades e do status superior arbitrariamente conferido à heterossexualidade, suposta como natural, em detrimento de outras manifestações e expressões das identidades e das práticas sexuais, tidas como inferiores ou mesmo anormais. A homofobia é um fenômeno que costuma produzir ou se vincular a preconceitos e mecanismos de discriminação, de estigmatização e violência contra pessoas GLBT e, mais genericamente, contra todas as pessoas (inclusive as heterossexuais) cujas expressões de masculinidade e feminilidade não se enquadrem nas normas de gênero, culturalmente estabelecidas. A homofobia, portanto, vai além do grave quadro de hostilidade e violência contra GLBT. Ela desencadeia e realimenta

padrão, pois tinha muita gente disfarçada que acreditava que ninguém os percebesse.



Figura 28, 13º Encontro Nacional de Geógrafos de João Pessoa. Da esquerda para a direita: Gevson Silva Andrade (professor Dr. da Universidade de Pernambuco – UPE-Mata Norte-PE), Antonio Carlos e Madalena de Oliveira (professora Dra. da Faculdade de Formação de Professores da Mata Sul – Palmares-PE). 2002

Fonte: Acervo do autor.

Em 2004, já aconteceu o 6º Congresso Brasileiro de Geógrafos em Goiânia-GO. Assumi a comissão dos alojamentos e fizemos uma festa enorme. Havia até *drag queens* fazendo a recepção das pessoas no evento. Foi um momento auge das LGBTQ+ na Geografia.

processos discriminatórios, representações estigmatizantes, processos de exclusão, dentre outros, voltados contra tudo aquilo que remeta, direta ou indiretamente, às práticas sexuais e identidades de gênero discordantes do padrão heterossexual e dos papéis estereotipados de gênero. (BRASIL) Presidência da República, Secretaria Especial dos Direitos Humanos. **Direitos Humanos e Políticas Públicas: o caminho para garantir a cidadania de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais.** Brasília, 2007. P. 58. http://www.ipea.gov.br/participacao/imagens/pdfs/conferencias/LGBT/texto_base_1_lgbt.pdf. Acesso: 01/02/2020.

Afastamento da gestão da AGB, mas não abandono

Em 2002, foi a minha última participação na gestão com o professor Dr. Marcio Cataia como diretor da AGB-Cps e eu como vice-diretor. Até 2002, fui de todas as gestões dessa seção. Depois do 6º CBG, em Goiânia, fui me desligando da associação. Nunca fui contra a AGB se abrir para os estudantes e professores da escola básica, mas também comecei perceber que começava a haver desrespeito em relação aos diversos professores universitários. Muita gente falava que era “frescura” por ser doutor, mas sempre tratei todos com muito respeito.

Inclusive, antes de terminar o doutorado, decidi exigir que as pessoas passassem a me chamar pelo meu nome – Antonio Carlos –, pois aquele apelido que inventaram nunca me agradou e estava me incomodando. Primeiro porque poucas pessoas relacionavam o Antonio Carlos a mim; segundo porque a única pessoa que me chamava assim era minha avó paterna. Em casa, sempre fui chamado pelo nome ou por Cacaio (apelido que deveria ter adotado em público. Acho tão simpático) e; terceiro, porque passou a soar ruim aos meus ouvidos, de “carinhoso” passou a significar uma pessoa “menor” pelo diminutivo. Isso foi um problema, pois muitos relutaram respeitar e até hoje alguns não respeitam e insistem em me chamar por aquele apelido. Quem deve dizer como devo ser chamado sou eu mesmo, afinal sou o dono de mim e do meu nome. Existem algumas pessoas que não sabem que não gosto, sobretudo as pessoas que não vejo há muito tempo. Como quase não os encontro, deixo por isso mesmo. Hoje tenho mais clareza de que não era só o apelido, pois me irritava o fato de ter terminado o doutorado e ainda muitas pessoas que conheci na AGB me trataram de forma desprestigiada.

Sei que várias pessoas utilizaram a AGB para crescimento pessoal. Na minha trajetória, atuei nessa associação em muitas frentes, com muito trabalho braçal e muita militância. Na AGB-Cps,

em quase todos os sábados havia atividades. Particpei de muitos eventos, indo de ônibus a diversos lugares do país, enquanto muita gente era financiada pelas seções locais ou pela nacional. Sempre senti preconceito. Mesmo sendo de esquerda, tinha muita gente homofóbica. Inclusive, ainda existe. A homofobia é sutil, estrutural, percebida por meio de brincadeiras e ações escondidas e, outras vezes, de forma direta mesmo. Aqui na UFPB, atualmente, isso não muda muito. Existe até um “partido *gay*”, como diz um professor, que, inclusive, participou muitos anos da AGB.

Depois do 6º CBG de Goiânia, fiquei descontente com a AGB, quando comecei e me cansar de trabalhar nesta associação com pessoas que colocavam seus interesses individuais acima dos coletivos. Quando concluí que a AGB parecia mais um partido político do que uma entidade científica, resolvi me afastar.

Quando as pessoas começam a mostrar seu trabalho, principalmente quando se é *gay*, negro ou mulher, esse trabalho pode ser desvalorizado. Parece que o nível de exigência aumenta. Vivenciei muitas falas desrespeitosas quando as professoras e os *gays* tomavam a palavra e assim também era com os negros.

Depois de Goiânia, o próximo encontro foi o 14º ENG, em Rio Branco-AC, em 2006. Não era por ser longe, mas não fui para esse evento, o primeiro a que faltei desde 1986. Particpei do 15º ENG, na cidade de São Paulo, em 2008, quando já estava na Universidade Federal de São Paulo – Campus de Guarulhos (Unifesp). Apresentei um trabalho e ministrei uma oficina.

Quando há o afastamento, é normal que não te chamem mais para as coisas. As pessoas que estão na direção também mudam e, por falta de informação, às vezes, nem se lembram da sua atuação. Aqui na UFPB, por exemplo, na AGB-João Pessoa, poucas pessoas sabem dessas histórias. Particpei do 18º ENG, em João Pessoa, realizado em 2018, na solenidade de abertura, como coordenador dos cursos de Geografia da UFPB, mas sem grandes envolvimento.

Outro tipo de preconceito dentro da AGB-Nacional era com os professores das faculdades privadas, com exceção de alguns casos, a maioria não tinha muito espaço. Concordo que a maioria dos professores e estudantes que participavam dos eventos estava nas universidades públicas, porém havia algumas pessoas das instituições privadas que participavam. Infelizmente a realidade das IES particulares é bem distinta da pública. Em geral, com algumas exceções, existe pouca pesquisa e muitos cursos de Geografia são noturnos, o que não favorece a participação dos estudantes. A maioria são trabalhadores, no entanto, isso também é observado nos cursos noturnos das universidades públicas, em especial nas licenciaturas, cujos alunos trabalham quase em período integral e têm dificuldades de participar desses eventos.

Para finalizar esse item, quero falar do orgulho que sinto da AGB-Cps, que está firme e forte. Inclusive, há alguns anos, dei uma entrevista para o *Boletim Campinense de Geografia* com alguns detalhes da minha participação na AGB.

Também quero homenagear aqueles com quem convivi e, em conjunto, construímos a AGB-Cps: Silvia Regina Mascarin, (somos amigos até hoje, acompanhei suas filhas crescerem: Juliana e Fernanda). Além de ter diversas funções, Silvia foi diretora em duas gestões. Heronilda de Alcântara foi diretora em uma gestão e sempre foi atuante na comissão de ensino. Salvador Carpi Junior e Antônio Cesar Leal, sempre atuantes na comissão de meio ambiente. José Carlos do Nascimento, da comissão de assuntos urbanos. Ana Maria Vieira Cardoso, Arquimedes Perez Filho, Maria Teresa Paes e Marcio Cataia, também diretores. Sônia Regina Pinto Soares, Genofe Terezinha Dal’Bó Marquezini, Fatima Juliana Calegari Marsula, Maria Sandra de Campos, Andrea Moreira de Araújo, Célia Gobbo, Maria Antonia de Sousa, José Rogério Corrêa, entre outros. Desculpo-me aqui por não ter citado o nome de todos.

Faço uma homenagem especial para Carlos Alberto Padovani, o “Carlão”, já falecido, que nos trouxe muitas alegrias com seu entusiasmo. Esteja onde estiver, nunca te esquecerei. Além de atuar

na AGB, fazíamos muitas coisas juntos, participávamos dos eventos, das manifestações, das greves, das cervejas e das festas que fazíamos. Pouco antes de nos deixar, ele passou a administrar o bar Pastelão, tradicional ponto de encontro dos estudantes e professores da PUC e militantes progressistas de Campinas. Encontrávamo-nos para discutir política, fazer projetos, beber cerveja e nos divertir. Praticamente foi nesse bar que escrevi minha dissertação de mestrado em forma de manuscritos, que depois foram passados para o computador.



Figura 29 – Bar Pastelão em Campinas. Esquerda: Bar pastelão. Direita: Beto, Cléo e Carlão, no Bar Pastelão, 1997.

Fonte: Fotos cedidas por Cleonice Calú de Lima (Cléo), 2020.

Também fui amigo de Péricles Mariotto, que tinha sido seminarista e trabalhava na biblioteca da PUC. A biblioteca tinha um acervo antigo muito bom, mas, independente disso, minha amizade extrapolava os interesses pessoais e os muros da PUC. Péricles era muito criativo e fizemos muitas coisas juntos para ganhar dinheiro (reformas, comidas, artesanato etc). Anteriormente eu era professor eventual da rede estadual e meu salário nunca era suficiente para as necessidades básicas. Depois ele cursou Psicologia e atualmente vive na cidade de Valinhos, ao lado de Campinas, com seu companheiro Márcio.

V

*Entrada na PUC-Campinas
como professor*

*Há esta hora, o mundo vive
Lá fora existem e acontecem fatos
Foi um dia longo, angústias rolaram, geografias passadas
Olhos brilharam, falei, gritei, usei mapas, exemplos, sentimentos
Fui chato, amigo com distância, sinto que estou longe
Saio fora da geografia, ensinada, teórica
Passo a viver na geografia, no espaço
No pátio, na rua, no real, na prática que tanto teorizo e organizo
É neste espaço que vivo que acontecem geografias e que sinto distância
Vejo as pessoas, fico preocupado, prendo meu prazer, ando vendo
Vontade de conversar, mudar o mundo, viver o mundo¹*



Em 1990, ministrei aulas na PUC como professor substituto. Dava aula de *Geografia Humana*. Em 1991, houve concurso para professor efetivo na PUC, mas ninguém me avisou. Soube pelo jornal. Quando vi, fui direto à PUC e me inscrevi. Foram uma prova escrita, uma didática, uma entrevista e, por fim, o currículo.

Meu currículo estava em construção, mas tinha alguns eventos e cursos que fazia, além da participação na AGB. Passei no concurso em segundo lugar e uma professora passou em primeiro. Ela era doutoranda da Unesp-Rio Claro e tinha sido minha professora no último ano do curso de Geografia, a Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira. Mas, mesmo com essa colocação, estava muito animado. Na época, poderia ter me aventurado a fazer os concursos em algumas universidades públicas, porque, na época, era possível entrar mesmo sem pós-graduação. No entanto, optei por ficar em Campinas, pois tinha a AGB, a escola e meu círculo de amizades.

¹ Trecho de um poema escrito por mim, Antonio Carlos Pinheiro, intitulado: *Minha doce geografia real*, em 20/03/1987.

Um dia, no início de 1992, estava andando pelos corredores da PUC e encontrei a professora Darlene, que passou em primeiro lugar naquele concurso. Disse-me que estava indo embora, pois tinha passado em um concurso na Unesp de Araraquara e estava deixando a vaga da PUC. Como o concurso tinha validade por dois anos, e, aconselhado por ela, imediatamente fui para a secretaria do ICH da PUC e falei que estava sabendo que a professora estava deixando a instituição. Perguntei quando poderia tomar posse e, na mesma semana, passei a ser professor do ensino superior. Atualmente a professora Dra. Darlene, embora aposentada da Unesp-Rio Claro, que ingressou depois na Unesp-Araraquara, ainda atua como professora voluntária.

Nesse mesmo ano, entrei para a universidade e comecei a dar aula como professor efetivo de *Geografia Humana* e de *Geografia Política* para o curso de Ciências Sociais e *Geografia Econômica* para o curso de Geografia. Tinha sido feita uma reformulação no curso e não havia mais aqueles blocos compactos de disciplinas de 120 horas como no tempo em que estudei. O concurso era específico para as disciplinas, o que facilitava para alunos e professores. Pelo menos as disciplinas tinham nome, diferente de quando estudei, que eram Geografia Humana I, II, III etc.

Levei muitos textos atuais que eu tinha acesso pela AGB. Os alunos adoravam e arrastei muitos para a AGB-Cps. A associação teve um crescimento considerável, porque nós tínhamos muitos professores de ensino básico e também os estudantes da PUC participando da entidade. Lembro-me de alguns alunos, como: Suzi Valadão, Consolação de Oliveira, Lilian Cascone, Rosana Caveana, entre outros, que era a turma toda que foi para a AGB-Cps. Quando dava aula na PUC, vários alunos que estavam no CA também foram para a AGB, o que começou a gerar incômodo entre alguns professores.



Figura 30 – Reencontro com amigas ex-alunas da PUC-Cps. O encontro foi durante o ENPEG de Campinas, 25 anos depois, no distrito de Barão Geraldo. Da esquerda para a direita: Antonio, Consolação, Rosana, Lilian, Suzi, 2019

Fonte: Acervo do autor.

Desde o início, na PUC, não me sentia à vontade com os professores do departamento. Recordo que, nas reuniões, causava algum incômodo. Falava e as pessoas não me ouviam, às vezes não me deixavam falar. Achava-me invisível. Parecia não gostar de que tivesse passado no concurso. O fato de questionar o currículo, algumas práticas tradicionais e propor outras mais próximas, que acompanhavam nos trabalhos da AGB, acabava incomodando. Por outro lado, na PUC, havia um diferencial: a maioria dos professores do departamento também trabalhava na escola básica e entendo que não tinham tempo para se dedicarem plenamente ao curso de Geografia.

Minhas propostas se baseavam nas experiências anteriores, como na escola Hercy Moraes, no Cefam e nas atividades da AGB-Cps. Mas logo fui percebendo que havia uma distância no comportamento dos professores entre a universidade e o que praticavam na escola. Em geral, com várias exceções, incorporavam o papel de superioridade nas relações com os alunos.

Logo que eu entrei para a PUC, como tinha amizade com a Cléo e conhecia o pessoal da Apropucc, aproximei-me dessa entidade. Em função da militância na AGB-Cps, na Apeoesp, e agora como professor da PUC, entrei para a Apropucc começando uma nova área de militância. Fiquei curioso para conhecer o seu funcionamento. Era um formato interessante, porque a associação era vinculada ao sindicato dos professores de Campinas (Simpro) como se fosse um departamento, o que me proporcionou conhecer muita gente. Conheci a Liliane e a Viviane, que eram gêmeas, a Clotilde Lemos Petta, que foi a presidente do sindicato por várias vezes, a Conceição, o Maurício, a Silvana Di Brásio e muitas outras pessoas igualmente interessantes.

Talvez a aproximação com a Apropucc pudesse trazer mais incômodo aos meus colegas, pois se juntavam a isso as críticas ao currículo e ao curso em geral por não haver pesquisa, trabalho de campo e financiamento por parte da universidade.



Figura 31 – Fotos como docente da PUC-Cps. Foto da esquerda: na sala de aula, em entrevista para o *Jornal da Apropucc*, em 1992. Foto da direita: na reunião do *Simpro-Cps*, sentado ao lado da Cléo. 1993

Fonte: Acervo do autor.

Sabia que só a crítica não bastaria e precisava fazer o mestrado para conseguir fazer outras atividades e pesquisas na PUC. Mas mesmo assim fiz muita coisa. Entrei em muitas comissões e todo o trabalho pelos quais os professores do curso não se interessavam eu fazia.

Na PUC, havia um sistema de cotas em relação à pesquisa: se fosse atingido o número mínimo de bolsas de pesquisa, não eram disponibilizadas outras mais. Não que não houvesse pesquisa, mas eram realizadas conforme as diretrizes da universidade. Quando estava lá, eram poucas e geralmente direcionadas para áreas consideradas estratégicas, como as tecnológicas e de saúde. Em relação aos professores, trabalhavam com a quantidade de mestres e doutores definidos como mínimos pelo MEC. Na época, quando era atingido o número desejado de doutores, não eram contratados outros. Geralmente preferiam os mestres.

A Apropucc questionava essa prática. O ato de fazer mestrado era tranquilo, mas o doutorado se tornava um perigo para o professor, porque podia ser demitido se a “cota” de doutores da universidade estivesse completa, pois gastaria mais com os salários. Em geral, a PUC pagava bem aos professores. Se comparado aos valores pagos pelas universidades públicas federais, na época, a PUC pagava mais que algumas delas para mestres e doutores. Naquele momento, parte da década de 1990, algumas universidades públicas eram muito precárias. Mas, mesmo com precariedades, as pesquisas eram produzidas em muitas delas, especialmente nas concentradas nas grandes cidades ou regiões mais ricas do país. Muita gente acabava pesquisando por conta própria, sem ou com recursos e, muitas vezes, sem apoio institucional.

Na PUC, apesar de não me sentir à vontade no departamento, tinha outras ocupações: participava da AGB-Cps e da Nacional. Ainda estava no Cefam, onde fiquei até 1993, trabalhava com formação continuada para professores, atuava na Apeoesp e, por quatro anos, atuei na Apropucc. Com isso, não tinha muito tempo

para centrar minhas preocupações no curso de Geografia e no mau humor daqueles professores.

Em 1994, entrei no coral da Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas, na época dirigida pelo maestro Benito Juarez, falecido no início de agosto de 2020, em São Paulo. Fiquei por dois anos. Meu timbre de voz era baixo. O coral da orquestra era predominantemente erudito, com ensaios exaustivos. Às vezes, durante uma peça, abria a boca poucas vezes no coral.



Figura 32 – *Coral Boca a Boca. Apresentação na prefeitura de Campinas, 1996*

Fonte: Acervo do autor.

Depois entrei em outro coral, chamado “Boca a Boca” (Figura 32) em 1996, com músicas diversas, focado na música popular. Participar do coral foi muito bom. Melhorei minha dicção, aprendi a empostar a voz, o que possibilitou dar aulas para turmas grandes sem esforço e sem gritar. Lá conheci várias pessoas, a exemplo de Dalmir Neves, que é meu amigo até hoje. Sempre nos falamos.

Apesar das dificuldades na PUC, comecei a fazer trabalho de campo, algumas vezes junto com o professor Paulo Pacheco,

com quem desenvolvi uma boa relação, e outras com o pessoal da AGB-Cps, abordado anteriormente, envolvendo alunos da PUC e professores da escola básica. Evidente que essas atividades eram custeadas por nós mesmos, desde transportes, estada, se houvesse, alimentação etc. Mas levávamos muito a sério. Esses estudos eram planejados anteriormente, subsidiados por mapas e textos prévios e após produzíamos os relatórios de campo. Geralmente, quando eram realizados em conjunto com a AGB-Cps, havia uma equipe que organizava tudo e sempre revezávamos. Às vezes, íamos com nossos carros quando havia pouca adesão, em outras, fretávamos ônibus com nossos recursos.



Figura 33 – Trabalho de Campo com alunos da PUC-Campinas. Foto da esquerda: indo para o assentamento do MST, em Sumaré, 1995. Foto da direita: estudo no distrito de Souza, em Campinas, 2000

Fonte: Acervo do autor.

Também fazíamos estudos exploratórios para organizar o campo. Lembro que, em um deles, fomos até a Vila Brandina, em Campinas, no carro da Juliana Marsula. Estávamos eu e a Consolação de Oliveira, que, assim como a Juliana, era aluna da PUC e membro da AGB-Cps. Esse bairro era uma favela incrustada numa área nobre, com relevo acidentado, as casas ocupavam as encostas

até o fundo do vale. Quando fomos entrar na viela para percorrer o bairro, fomos surpreendidos por duas pessoas armadas pedindo para sairmos do carro, anunciando o assalto. Juliana não obedeceu, acelerou o carro para cima deles, deu marcha ré e saiu em alta velocidade. Ficamos tremendo de medo e corremos grande risco. Daí aprendemos que, antes de ir para algum local, era preciso fazer um contato anteriormente.

A crise do curso de Geografia

No final de 1997, o curso de Geografia da PUC começou a definhar. A evasão era enorme, havia muito desinteresse pelo curso e pouca procura. O curso era caro, não chamava atenção e a decadência aumentava. Em 1999, o curso tinha poucos alunos e alguns professores já estavam buscando outros cursos para dar aula dentro da universidade, saindo da Geografia. Ninguém mais se interessava em ser chefe de departamento e coordenador de curso, então decidi que seria minha hora, bem na decadência do curso.

Provavelmente havia uns 20 alunos no curso todo. Depois chegou um momento em que o vestibular tinha sido fechado e ficaram três alunos, que estavam no último ano. Quando assumi a chefia do departamento, comecei, com apoio da AGB-Cps, a criar ações para não perder os poucos alunos que tínhamos e começamos uma campanha para atrair novos alunos.

Na AGB-Cps, criamos a *Campanha de Valorização da Geografia* para indiretamente ajudar o curso. Também intensificamos as reivindicações para a abertura do curso de Geografia da Unicamp. Radicalizamos as ações: todos os sábados, por quase um ano, íamos para as praças públicas movimentadas, às vezes no Largo do Rosário, lugar tradicional de manifestações políticas de Campinas, ou em outros lugares.

Levávamos mapas, globos, maquetes, cartazes, faixas, fazíamos jogos na praça envolvendo os passantes. Lembro-me do Carlão, que era muito criativo, fazia medicina na Unicamp e Geografia

na PUC, organizando as brincadeiras. As pessoas iam passando e nós falávamos: Viva a Geografia! Muitas loucuras foram feitas para reverter a situação. Íamos às escolas, fazíamos campanha em uma feira *hippie* na praça Carlos Gomes e depois no Centro de Convivência, que eram praças próximas, montamos barraca da Geografia, sem nada para vender, só para *marketing* da AGB-Cps e do curso, vendendo a PUC de graça (risos) e reivindicando o curso da Unicamp. Dávamos palestras nas escolas, entregávamos folhetos informativos sobre a Geografia (que financiamos com nossos recursos) para os alunos do ensino médio e a campanha foi feita. Uma loucura boa e inesquecível.

Nessa época, o professor Tarcísio Sigríst teve um enfarto e precisou se afastar. Ele era professor de *Estágio e Práticas de Ensino*. Nesse momento, assumi a disciplina. Foi a minha entrada na área de ensino de Geografia. Depois o professor se aposentou e fiquei nesse componente curricular até sair da PUC, em 2003. Naquele tempo, o curso ficava no prédio na área central em Campinas, um antigo casarão que foi a residência de um barão do café e adaptado. Aliás, um prédio histórico muito bonito. Criamos o laboratório de ensino, na sala onde ficava o armário da AGB-Cps. Desenvolvemos atividades, aproximamos mais a AGB com a PUC mesmo com o curso definhando.

Lembro que, na época, no final da década de 1990, houve o movimento pela libertação do Timor-Leste². Hoje um país independente, que fala português e fica no extremo oriente, próximo da Indonésia. Havia uma movimentação internacional liderada por

2 Timor-Leste é um país de língua portuguesa no sudoeste asiático. Foi ocupado pelos portugueses em 1515 se transformando em colônia. Timor é uma ilha. Em 1945, a Indonésia ocupou a porção ocidental e a oriental continuou sob o domínio português. Em 1974, a Revolução dos Cravos, em Portugal, causou, em 1975, a dissolução do império português. Nesse ano, foi proclamada a independência, porém a Indonésia ocupou toda a ilha. Daí surgiu um movimento de resistência que durou longos anos. Em 1996, José Ramos Horta e o bispo de Díli, D. Ximenes Belo, receberam o Nobel da Paz, defensores dos direitos humanos e precursores da resistência. Depois de protestos internacionais, em 1999, foi realizado um referendo e o Timor voltou a ser independente, mas a Constituição foi promulgada em 2002. Fonte: <http://timor-leste.gov.tl/?p=29>. Acesso em 01/04/2020.

Portugal para libertação daquele território, que estava ocupado pela Indonésia. O pró-reitor de graduação era português. Ele abraçou o movimento, percebeu meu envolvimento com a situação e logo me colocou na coordenação do *Comitê de Libertação do Timor-Leste*. Nesse comitê, utilizávamos do apoio da imprensa para divulgação.

Alguns anos antes, a Indonésia invadiu aquela região, que tinha sido colônia portuguesa. O país invasor era de maioria muçulmana e a ex-colônia era católica. A ocupação gerou perseguição contra o povo do Timor-Leste, proibindo falar português e queimando as igrejas. Com o fortalecimento do movimento na PUC, a universidade condecorou o líder da resistência, Jose Ramos Horta, com o título de *Doutor Honoris Causa*. Ele tinha sido preso político pela luta de libertação do Timor-Leste.

Com meu trabalho, ganhei notoriedade e “caí nas graças” da reitoria. Estava sempre em reuniões, vestido de terno, inclusive cheguei a representar a PUC num evento no Rio de Janeiro, o VII Encontro das Universidades de Língua Portuguesa. O encontro foi no Hotel Glória, muito chique. A PUC me deu algumas diárias, mas decidi me hospedar no próprio hotel. Queria sentir o *glamour*, mas claro que paguei a hospedagem com o meu dinheiro.

No evento, tinha pessoas de todos os países de língua portuguesa. Sobre o terno, na verdade nunca gostei de usar, pois me incomodava e, depois, sempre achei “fantasia de macho hétero”. Aquela gravata parece um “falo flácido” pendurado no pescoço (risos). Sempre fui mais despojado nas vestimentas, inclusive adoro usar bermuda.



Figura 34 – VII Encontro das Universidades de Língua Portuguesa. Conversando com uma professora de São Tomé e Príncipe, no VII EALP – Rio de Janeiro. 1997

Fonte: Acervo do autor.

Gestando a Geografia na PUC

Em 1999, fui eleito para ser o chefe do departamento, ficando até 2000. Nesse ano, fui aconselhado a assumir a coordenação novamente (2000-2002) e administrar a reforma curricular. Naquele momento, era mais urgente “salvar” o curso do que o departamento em face da crise. Na verdade, acumulava as duas funções, pois ninguém mais estava interessado. A maioria dos professores estavam preocupados em garantir seu emprego em outros cursos.

Em 2002, foi publicada uma nova diretriz curricular para todos os cursos de graduação. Era uma orientação para reestruturar os cursos superiores: as Diretrizes Curriculares Nacionais. A de Geografia foi aprovada pelo Parecer CNE/CES 492/2001 e homologado em 25 de janeiro de 2002. Aproveitando que deveríamos fazer uma reformulação, tive uma ideia. Na época, não havia chefe de departamento, apenas o coordenador de curso, e eu cumpria as duas

funções quando necessário. Fiquei responsável pela reestruturação do currículo com base nas diretrizes. Em seis meses, terminamos. Foi muito rápido.

Na época, o MEC me convidou para ajudar algumas universidades, em especial privadas, que ainda estavam nesse processo. Com isso, os dirigentes da PUC começaram a prestar mais atenção em mim. Fiquei bem com a administração superior, em especial com a pró-reitoria de graduação. Cheguei até a diminuir minha militância no sindicato para entrar de cabeça nesses projetos.

Em 2001, fiz a proposta de criação do bacharelado. Uma ousadia! O curso já estava definindo e propor, além da licenciatura, outra modalidade? Nessa proposta, o curso de Geografia sairia do Centro de Ciências Humanas e iria para outro centro. Nesse momento, a universidade estava se reorganizando, criando centros e aglutinando os cursos. Lá ficariam as faculdades e os departamentos. Na época, fiz uma articulação com a engenharia, e muitas pessoas adoraram a proposta enquanto outras me criticaram. Seriam dois cursos de Geografia: bacharelado e licenciatura. Com a proposta aceita, a Geografia passou para o recém-criado Centro de Ciências Exatas, Ambientais e de Tecnologias (CCEAT). Fui muito criticado por essa escolha, mas foi a estratégia política mais viável na época para a continuação da graduação em Geografia naquela universidade e, no momento, era a única saída que encontrei, pois, nesse centro, teríamos mais recursos, infraestrutura e visibilidade.

Nesse momento de destaque, aproveitávamos para fazer a divulgação do curso e a reitoria resolveu reabrir o vestibular, que, apesar da reformulação, aproximava-se do modelo 3+1, fazendo três anos de bacharelado e um ano de licenciatura. Porém, nas diretrizes, estava claro que não era o mesmo curso, eram graduações separadas. Entretanto, a PUC deu um jeito e conseguiu abrir. Montei o currículo, que passou por uma comissão da pró-reitoria de graduação, e, enfim, conseguimos abrir o curso com 60 vagas. Tinha proposto 40 vagas. Estava com medo de não ter candidatos, mas era o

padrão da universidade na época. Ocorreu o vestibular e as vagas foram preenchidas: um alívio!

Transcrevo, a seguir, o trecho de um relato realizado por mim, em formato de artigo, intitulado: *Vivências e práticas na formação de professores*, publicado em 2015, pela Editora da Universidade Federal da Bahia, no livro *Educação Geográfica: memórias, histórias de vida e narrativas docentes*, organizado por Jussara Fraga Portugal e Vânia Alves Martins Chaigar³, em que relato o seguinte:

Em 2001, com a reabertura do curso de Geografia, a PUC-Campinas ofereceu 60 vagas no vestibular, o curso com novo formato teve todas as vagas preenchidas. O aluno ingressante obtinha duas habilitações (Bacharelado e Licenciatura). Desde o início, os graduandos tinham contato com as disciplinas pedagógicas e específicas da Geografia. Segui na Chefia do Departamento até o final de 2002. Nesse ano, quando os antigos professores perceberam o potencial do novo modelo de curso, decidiram retomar o controle do Departamento.

No novo modelo, ministrava as disciplinas de Educação, Sociedade e Natureza e Prática de Ensino de Geografia. Na primeira, optei por ações que pudessem aproximar os alunos com a realidade local, realizamos Trabalhos de Campo na região de Campinas, articulando os conteúdos da sala de aula com problemas do cotidiano. Geralmente as temáticas eram eleitas pelos alunos. O propósito de incorporar o Trabalho de Campo como metodologia objetivava desenvolver nos alunos determinadas habilidades, como a capacidade de observação, análise da realidade de forma concreta sistematizando o conteúdo desenvolvido na sala de aula e atuação como geógrafo e educador social. Nessa perspectiva, estudar o lugar representava reunir um conhecimento suficiente para poder compreender diversos problemas do local, e assim, sugerir algumas soluções. Além do estudo do lugar, tínhamos como proposta realizar ações, em especial práticas educativas não formais com a comunidade local. (PINHEIRO, 2015, p.116).

3 PINHEIRO, Antonio Carlos. *Vivências e práticas na formação de professores*. In: PORTUGAL, Jussara F. e CHAIGAR, Vânia A. M. (orgs). **Educação Geográfica: memórias, histórias de vida e narrativas docentes**. Salvador: Ed. UFBA, 2015.

Em 2001, estava no doutorado e pensei que estava na hora de parar e me dedicar à minha tese, então não quis mais assumir cargos na PUC. Até porque, na época, as coisas estavam muito complicadas, ocorrendo um processo de “caça às bruxas”. Naquele momento, o Papa João Paulo II começou a intervir nas Pontifícias Universidades Católicas de vários lugares do mundo, devendo seguir algumas orientações e regras do Vaticano. O Chanceler da PUC era o arcebispo de Campinas. Um movimento conservador tomou conta das universidades católicas e atingiu as PUCs. Delas, a que mais resistiu no Brasil, que me lembre, foi a PUC-SP, mas as outras foram se encaixando nesse modelo moralista e neoliberal.

No meu último mandato como chefe de departamento, começou esse processo. Todo mundo que era divorciado, desquitado, *gay*, lésbica não podia mais ocupar cargos na universidade, somente continuar como professor, e todos que estavam nessa situação foram destituídos e alguns demitidos.

Antes de chegar nessa etapa, em 2001, a administração superior iniciou um processo para avaliar se os cursos estavam sendo lucrativos. Começaram a sugerir para os responsáveis dos cursos diversas ações, inclusive estranhas, como, por exemplo: promover missa para movimentar a capela do campus, envolvendo alunos e professores. Apesar de relutante, consegui fazer duas (risos). Quando a universidade foi reformulada e o curso de Geografia reabriu, mudamos do campus do centro para outro nas cercanias da cidade de Campinas, praticamente ao lado do campus da Unicamp. No momento, o curso já estava reformulado e estávamos no CCEAT, em fase de organização. Posteriormente, depois que sai da gestão, resolveram criar a Faculdade de Geografia.

Lembro que chamaram todos os gestores dos cursos e determinaram que deveríamos fazer uma avaliação dos professores. O processo foi realizado por meio de um formulário preenchido de maneira quantitativa, a partir do currículo dos docentes. Como tinha contato com Apropucc, pedi para o conselho da entidade

informações e colocaram que a reitoria estava usando da avaliação para demitir os professores.

A PUC desejava realizar uma “limpeza” para fazer novas contratações, porque tinha muitos professores com salários altos e com pouca qualificação. Não queriam mais doutores, privilegiavam os mestres, porém tinha muita gente que estava lá parada no tempo. Quando soube do propósito da reitoria, decidi que não comungaria daquele objetivo, que não era revelado publicamente.

Ao avaliar o currículo dos professores, tinha uma colega que ficou com nota quatro e o mínimo deveria ser cinco para não ser demitido. Então conversei com a Silvia Mascarin, que, na época, também era professora da PUC, sobre se deveria entregar a avaliação com aquela nota. Ela me disse que sim: “entregue nota quatro mesmo”. Aquela professora era improdutiva e sempre recebia reclamação dos alunos. Com sua saída, seria a chance de abrir um concurso. Mas, como não concordava com o procedimento da universidade, acabei não aceitando o conselho de Silvia e aumentei um ponto no currículo da professora. Ninguém da Geografia foi demitido. Essa professora, além de improdutiva, sempre causava problemas de relacionamento. Desde que assumi os cargos, gerou-me problemas, mas mesmo assim mudei a nota dela. Acredito que fui um bom coordenador, pois reformulei o curso, envolvi a AGB-Cps no processo. Foi um caso de sobrevivência e deu certo, mas errei em não ter ouvido o conselho da Silvia.

No final de 2001, chamaram-me na reitoria. Era um prédio horrível por fora. Parecia um galpão, típico da igreja para esconder a ostentação, mas por dentro era “chiquérrimo”. Lá ficavam as reitorias e era onde ocorriam as reuniões e as sessões solenes com o arcebispo e, quando aconteciam, precisávamos ir de terno. Na verdade, fui só uma vez. Geralmente os coordenadores e chefes não eram convidados, mas, como estava nas “graças” da reitoria, chamaram-me, pois provavelmente tinham planos para mim. Lembro-me de que, nessas sessões, tinha o “beija mão” com o arcebispo. Havia um tablado forrado de carpete vermelho, onde, no patamar mais alto, ficava o

religioso, em uma cadeira de veludo, todo paramentado e vestido de vermelho. Muitas comidas e bebidas eram servidas quando o arcebispo aparecia e, quando terminava a sessão, ele descia do tablado mais alto. Dai percebia que era baixinho. Estendia a mão com um anel enorme de rubi e os participantes faziam uma fila para beijar o anel. Estava na fila pensando o que fazer para não colocar minha boca naquilo. Lembro que, logo atrás de mim, estava o pró-reitor de graduação. Éramos amigos, então me disse que deveria beijar o anel. Como sair daquela situação? Não sou católico, aliás, não sou adepto de nenhuma religião e acho que a universidade deve ser laica. Estava com nojo de tanta saliva, com todo mundo colocando a boca naquele anel. Imagina se fosse hoje com essa pandemia (risos). Na hora que chegou minha vez, não beijei. Peguei na mão dele, segurei-a com aquele anel, e ela já estava mole de tanto ficar estendida, apertei e fui embora. Todos ficaram me olhando pela minha ousadia.

Depois de um mês, chamaram-me novamente na reitoria. Nesse mesmo salão, estava todo o *staff* da administração superior. Com as mudanças na PUC, não havia mais eleição, era nomeação e o primeiro escalão da reitoria era sempre composta por religiosos. O antigo pró-reitor não estava mais na administração. Botei o “termininho” e fui, estávamos somente eles e eu. Fiquei sentado na parte de baixo, na cadeira, e eles no tablado acima de mim, nas cadeiras de veludo. O reitor me perguntou: “o senhor tem 40 anos?” Confirmei afirmativamente. Então disse “o senhor já pensou em entrar para a vida religiosa?” Neguei, disse que minha função era ser professor apenas. Ele queria que eu fosse padre, disse que conseguiria me tornar religioso em pouquíssimo tempo. Falei logo que eu trabalhava lá, mas nem católico era e defendia que todas as universidades deveriam ser laicas. Daí fez outra pergunta: “se têm 40 anos, porque o senhor ainda não se casou?”. Aí que a coisa foi “por água a baixo”. Respondi que eu não tinha me casado porque ainda não tinha encontrado um homem por quem tivesse me apaixonado, mas que, quando encontrasse, certamente casaria. Ficaram perplexos com minha resposta e encerraram a sessão, mandaram me retirar e fui embora. Depois dessa impetuosidade, saí da sala e comecei a

esperar o pior pela minha ousadia. Essa característica sempre foi marcante em mim, inclusive até hoje: não penso muito para responder, na maioria das vezes sou sincero com minhas crenças e posições. Porém, numa sociedade hipócrita como a nossa, nem tudo deve ser dito, mas não tenho controle e sou impulsivo. Esse traço, ao mesmo tempo em que me torna transparente, também, em muitas situações, gerou problemas. Teoricamente até compreendo, mas, na prática, acabo respondendo. Exercitei muito esse controle, mas creio que adquiri esse hábito da minha mãe, que emitia sua opinião sem se preocupar. Desde criança, observei esse traço nela. Além do mais, entre as recomendações que me dava, essa era uma das mais repetidas por ela. Porém, creio que é uma das explicações por ter gerado incômodos em alguns lugares por onde passei. Não é qualquer grupo que aceita isso, pois é preciso maturidade para ouvir e aceitar a opinião do outro.

Novos rumos, novas fronteiras

Entreguei o cargo de coordenador, antes de me pedirem. Sabia que corria risco de ser demitido, porque estava terminando o doutorado e podia perder o emprego quando defendesse a tese e, depois daquela reunião, em que afrontei os preceitos da igreja e da heteronormatividade, minha situação poderia se agravar. Porém, fiquei tranquilo, pois, para me demitirem, precisavam encontrar um motivo. Naquele ano, um professor *gay* foi demitido. Ele entrou na justiça e conseguiu provar que o motivo foi homofóbico, recebeu uma indenização de 500 mil reais, então estavam mais cuidadosos.

Pouco tempo depois, as regras para ocupar cargos na universidade foram alteradas: seriam por indicação e não mais por eleição. Qualquer pessoa da comunidade acadêmica poderia indicar alguém sugerindo o nome por carta, que poderia ser anônima.

No final do ano de 2002, a professora, a quem dei um ponto a mais e ficou com nota cinco e não foi demitida, foi indicada para diretoria da recém-criada Faculdade de Geografia. Não sei quem a

indicou, talvez ela mesma (risos). Tínhamos algumas diferenças do tempo que estava na gestão, mas o pior foi quando ela soube que eu aumentei um ponto no currículo dela. Foi estranho não ter gostado. Penso que deveria ter me agradecido, mas foi o contrário: sentiu-se ofendida. Bem que deveria ter ouvido o conselho da Silvia na época!

No ano de 2003, estava no final do doutorado, inclusive a defesa já estava marcada para o dia 8 de dezembro. No início do ano, essa mulher criou uma armadilha para mim. Na época, tinha um carro popular, que comprei usado e sempre dava defeito. Estava indo para a PUC de ônibus. Um dia, depois da aula à noite, na volta para casa, um casal de alunos que havia entrado recentemente no curso, parou o carro no ponto de ônibus e me ofereceu carona. Eu não queria entrar, não tinha muita intimidade, agradeci e recusei, mas insistiram tanto que acabei aceitando. Esse é outro problema meu: aceitar propostas de terceiros. Queria parar numa lanchonete, tomar cerveja e comer lanche. Não queria ir, tinha uma rotina planejada entre academia, estudar, dar aulas, terminar a tese. Disseram que estavam com fome e acabei aceitando. Pediram muitas cervejas e queriam me embriagar. Eu nem bebi muito, apesar de que sempre fui resistente, raramente fico bêbado, mas, como estava longe de casa e refém dos dois, controlei-me. Falavam coisas estranhas, querendo desenvolver uma intimidade, comecei a desconfiar e ficar incomodado e disse que precisava ir embora, que me deixassem num ponto de ônibus ou de táxi. Depois de muita conversa, consegui convencê-los a me deixarem em casa.

No outro dia, fui chamado pela diretora, aquela professora a quem dei nota cinco. Ela me mostrou uma denúncia escrita pelos dois alunos. Disseram que revelei para eles que fazia “suruba” e “orgia” com os alunos na minha casa, com muitas drogas, álcool, sexo e que os chamei, na noite anterior, para uma “festinha”. Fiquei surpreso e perplexo. Depois descobri que esse casal era de uma linha bem conservadora da igreja católica, os “Carismáticos”. Na época, era comum pessoas dessa seita entrarem na universidade para vigiar os professores e alunos. Eles não eram jovens, deviam ter mais de

30 anos. Tenho guardado até hoje os documentos do processo. Na época, disse que eles teriam que provar e comecei a perceber que ela queria me incriminar. Descobri depois que eram amigos dela. Fui até o sindicato, mas, apesar do apoio dado, decidi centrar minha energia no doutorado. Respondi tudo sobre a acusação, no âmbito da universidade, fiz tudo o que podia fazer, mas não fui para a justiça comum.

Terminei o doutorado, defendi minha tese em 08 de dezembro de 2003, na Unicamp. No dia 20 de dezembro do mesmo ano, chamaram-me em uma sala e fui informado de que estava demitido, não revelaram o motivo. Não sei se foi vingança da professora, o fato de ser *gay* e ter afrontado os padres ou porque terminei o doutorado, ou talvez a soma de tudo. Fiz um acordo, recebi todo o fundo de garantia e fui aproveitar o final de ano. Em 2004, comecei a jornada nos concursos: inscrevi-me na Universidade Federal de Goiás (UFG), em Goiânia, na Universidade Federal do Paraná (UFPR), em Curitiba, e na UFMG, em Belo Horizonte.

Até hoje não sei o verdadeiro motivo da demissão. Fiquei espantado com a insanidade e a hipocrisia das pessoas: se todos sabiam que era *gay*, por que propor para ser padre? Evidente que existem muitos *gays* enrustidos na igreja, “dentro do armário”, mas nunca escondi minha orientação sexual de ninguém, sempre foi pública. Será que colocaram esses alunos para me perseguirem, para encontrar um motivo para me demitir? Será que foi obra da professora articulada com a reitoria? Tudo isso continua sendo uma incógnita. Mas, certamente o fato é produto de uma sociedade doente e intolerante. Quando você não serve mais, é descartado. Como estava focado nos concursos, não fui investigar.

Depois de ter prestado tanto serviço para aquela instituição, inclusive dedicando horas do meu dia, da minha noite, dos finais de semana, recebi em troca uma demissão sumária e sem explicação. Na época, outros professores também foram demitidos. Quando o curso de Geografia da PUC completou 50 anos, meu nome não foi lembrado. As pessoas têm memória curta nesse país e são mesqui-

nhas. Modestamente, se esse curso existe hoje, é porque dediquei muito do meu tempo e abri mão dos meus planos para que ele existisse. Porém, não me arrependo de nada, pois fiz tudo que acreditei ser o correto. Apesar de como terminou minha estada na PUC, realizei muitas atividades e guardo com muito carinho as pessoas com quem convivi, professores e principalmente alunos. Também sempre serei grato pelo aprendizado que tive na Apropucc, em especial a convivência com a Cléo, Silvana Di Brasio, Maurício, entre outros.

Antes de sair de Campinas, em março de 2003, comemorei, em conjunto com o Dalmir Neves, meu aniversário de 40 anos, no mês de fevereiro. Alugamos uma bela chácara e fizemos um festão. Foi minha despedida em grande estilo. 20 dias depois, estava mudando para Goiânia, para assumir na UFG.




Figura 35 – *Meu aniversário de 40 anos e de Dalmir Neves. Esquerda: com Dalmir Neves. Direita: Antonio. Campinas. 2003*

Fonte: Acervo do autor.

VI

*Da prática à teoria:
a pós-graduação*

*Em meio a tantas possibilidades
Entre tantos desejos, em vidas arguidas
Nossos sonhos, puros aromas, verdadeiros sons
Suprimidos desses encontros
Quanto havidos!
Sempre possíveis!
De todos os ângulos desses nossos cheiros¹*

Na época, em 1994, estava em dúvida se faria mestrado na Educação ou na Filosofia. Depois de algumas reflexões, achei que a Filosofia permitiria um aprofundamento nas discussões epistemológicas da Geografia. Na época, o debate girava em torno do objeto da Geografia, da dicotomia entre a Geografia Física e Humana e o papel dessa ciência na formação e na mudança social. Depois da decisão, organizei um projeto para discutir a epistemologia da Geografia na perspectiva filosófica e metodológica. Escolhi o Programa de Pós-graduação da PUC.

Na Unicamp, esse curso era praticamente de dedicação exclusiva. Além disso, sabia como seria difícil entrar no programa. Com formação em Geografia, soube que, na época, a prioridade era para os filósofos de formação. Além disso, havia certo “preconceito” na Unicamp, porque minha graduação foi na PUC, que era faculdade privada. Depois disso foi amenizando e creio que hoje não exista mais

¹ Trecho de um poema escrito por mim, Antonio Carlos Pinheiro, intitulado *Encontros*, em 1990.

essa distinção. Embora compreenda, acho que não deveriam existir essas diferenças entre alunos, professores e universidades.

Fazer o mestrado na PUC também tinha algumas vantagens: era professor da instituição e pagava cinquenta por cento das mensalidades. Era um curso caro. Entrei com muita empolgação, mas o curso, para minha surpresa era bem elitizado. Acabei ficando um ano no programa e tive dificuldade de encontrar um orientador e me integrar. De certa forma, também havia certo preconceito com outras áreas, afinal não tive as leituras básicas em Filosofia na visão dos professores. Em geral, muitos docentes do curso eram aposentados da Unicamp.

Em uma disciplina que cursei, li o livro *O Ser e o Nada*, de Jean Paul Sartre (1905-1980). Foi difícil, mas me identifiquei com a leitura. No livro, era trabalhada a fenomenologia da existência, o que é chamado também de *existencialismo*. Nessa perspectiva, na relação do sujeito com o objeto, o último, para existir, deve passar pela consciência de si, fora do objeto. Porém, ser e consciência, quando juntas, promovem o pensamento. Embora o ser preceda a consciência, entre o ser e o não ser existe o nada (SARTRE, 2005).

Depois dessa leitura, passei a ler outras obras de ficção de Sartre. Entre elas, impressionou-me *A Náusea*, um texto forte e pesado. No livro, Sartre narra a história de um pesquisador que vai para uma cidade pequena da França pesquisar sobre a vida de um antigo diplomata e passa a sentir náuseas diárias daquilo que vê. Com o tempo, desiste da biografia e permanece na cidade até encontrar sentido para a náusea que sentia (SARTRE, 1986).

Ao final de 1985, deixei o mestrado de Filosofia e decidi organizar um projeto para o Programa de Pós-graduação em Educação. Inicialmente tentei na Faculdade de Educação da Unicamp. Cheguei até as entrevistas, mas não fui selecionado. Com o mesmo projeto, tentei na PUC e passei. Na época, o programa de Educação da PUC era semelhante ao de Filosofia, com professores aposentados da Unicamp. Inclusive, a mesma professora que estava na

minha banca da Unicamp estava na banca da PUC. Engraçado que não serviu para a Unicamp, mas serviu para a PUC. Era aposentada e atuava como visitante na PUC. Novamente, não foi desta vez que entrei na Unicamp.

A origem da maquete dinâmica

Em 1994, era professor da PUC, do Cefam, militante da AGB-Cps e nacional, participava dos grupos, ministrava cursos de aperfeiçoamento, de preparação para concursos de professores da rede pública, promovia e frequentava eventos da AGB e decidi fazer o mestrado no programa de pós-graduação em educação. Parece que não tinha como fugir da área.

Para o projeto, resolvi relatar e refletir sobre minhas experiências no Cefam, na disciplina de *Metodologia e Conteúdo de Ensino de História e Geografia*. No Cefam, não existia um professor específico responsável pelos estágios. Essas atividades eram coordenadas por um grupo com representantes de todas as áreas. Acompanhávamos os estágios dos estudantes, trabalhávamos todos juntos, independente da disciplina que ministrávamos.

Durante o estágio com os alunos, decidimos observar como os professores trabalhavam os conteúdos de História e Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. Não íamos exatamente para as melhores escolas, mas selecionávamos as consideradas boas e as com dificuldades. Por várias vezes, os alunos chegavam ao Cefam dizendo que não tinham visto Geografia na escola visitada. Pela manhã, os alunos iam para a escola e, à tarde, para o Cefam.

Um dia, chegaram da escola de ensino fundamental I, onde faziam estágio, dizendo que não gostaram da aula. A professora estava trabalhando com maquete e eles relataram que ela fazia um desenho, um molde no formato de cruz, os alunos desenhavam e recortavam, colavam as partes e formavam uma casa. A professora definia como fazer a casa, como deveriam colorir. Ela tentava padronizar, pelo molde, como montar a cidade na maquete. Os alunos

criticaram esse procedimento, afirmavam que a professora definia *a priori* e não dava espaço para a criatividade dos alunos.

Os estudantes do Cefam eram muito críticos e nem sempre era fácil trabalhar com eles, mas adorava aquilo, bem meu estilo. Existem professores que, embora façam o discurso de formar um aluno crítico, na prática não sabem como lidar com os questionamentos deles. Muitos não entendem a crítica como positiva. Após o relato dos alunos, descontentes com a prática da professora, pensamos no que poderíamos fazer para construir uma maquete de forma diferente. Pensamos em um jeito de montar a maquete de maneira mais dinâmica, que envolvesse os alunos no trabalho e valorizasse a criatividade.

Os alunos estagiários falaram de uma professora que trabalhava com dramatização. Daí pensamos em juntar teatro com a maquete. Na época, o marxismo estava muito forte em mim. Até hoje, reconheço a importância de Marx para a Filosofia, Economia, História, Geografia e outras ciências, porém não me considero seguidor desse pensamento. Na época, utilizei esse pensamento como base para organizar as regras para a construção da maquete.

Lemos alguns textos para inspirar a atividade e definimos algumas regras e personagens, *a priori*, para iniciar a construção: para um grupo de 30 pessoas, estabeleceu-se esta configuração: 2 comerciantes, 2 industriais, 2 proprietários de terras, 1 prefeito e o restante do grupo, em princípio, seriam trabalhadores desempregados. Esses personagens eram escolhidos por meio de sorteio. O material utilizado era sucata, pedaços de papel, embalagens etc, que poderia ser levado pelos participantes. A base da maquete poderia ser uma placa de isopor ou papelão. Também foi necessário cola, fita adesiva, tesoura, canetas, tintas etc. As regras eram as seguintes: a) os comerciantes ficam com a sucata (a mercadoria); b) os industriais com a cola, tesoura (meios/instrumentos de produção); c) os proprietários com 80% da base da maquete e a prefeitura com os 20% restantes; d) nenhum material deve ser introduzido durante o trabalho; e) todos são moradores desta cidade, portanto, correm o

risco de morar na rua se não conseguirem emprego; f) as sobras resultantes (lixo) devem ficar sobre a base da maquete.

Em cada construção da maquete, o resultado era diferente dependendo da dinâmica que ocorria. Por exemplo, em um trabalho, alguns procuraram o prefeito para ser secretários, outros viraram capatazes dos donos de terra e assim as relações iam se formando. Em outro, um grupo criou o movimento dos sem-terra ou dos sem-teto querendo ocupar espaço. Outro já deu a ideia de que precisava ter um rio na cidade etc. O sujeito que tinha as tesouras e não tinha dinheiro precisava negociar, então trocava uma tesoura por um pedaço de terra, mas havia uns mais espertos que alugavam as tesouras. Isso me permitiu analisar as habilidades dos estudantes.

A dramatização acabava empolgando as pessoas e, às vezes, os participantes brigavam e era necessário lembrá-los de que estávamos numa simulação, daí tudo voltava ao normal, mas geralmente os ânimos se acirravam. Um fato muito interessante foi uma regra que coloquei sobre as sobras dos materiais utilizadas (como recortes de papel, papelão etc), de que deveriam ficar na maquete, pois era o lixo e não tinha como “jogar fora”. Criou-se uma crise, conflitos, a necessidade de criar a polícia etc.

Lembro que teve uma Feira de Ciências no Cefam. Vários supervisores das DEs foram visitar e apresentamos a maquete da cidade realizada no evento. Não era uma cidade toda organizada como a da professora da escola do fundamental que os alunos estagiaram. A maquete era um caos e chamava a atenção. Tinha muito lixo no rio, tinha os lugares bonitos e feios, era tudo muito bem feito na ótica de representação da realidade. Uma professora da DE perguntou como era aquilo, os estudantes explicaram e ela adorou. Convidou-me para fazer uma demonstração e acabei realizando oficinas em vários lugares com professores, depois em eventos científicos com grupos de estudantes em outras universidades etc.



Figura 36 – *A construção da maquete dinâmica. Foto da esquerda: discutindo sobre o trabalho com os alunos. Foto da direita: a maquete construída. 1993*

Fonte: Acervo do autor.

Os alunos do Cefam tinham uma ótima formação. Muitos deles nem exerceram a profissão no magistério, foram direto para universidade e depois para a pós-graduação. Inclusive encontrei na Unifesp, em 2010, andando no corredor, uma moça que me chamava de professor e eu não lembrava quem era. Depois me dei conta de que era a Rosângela Ferreira Leite. Disse-me que tinha acabado de ser admitida em concurso público como professora de História e fiquei muito feliz. Nunca vou me esquecer da Paula Regina Pereira Marcelino, uma menina simples e que vinha de uma família humilde, fez pós-graduação na Unicamp e em Paris e hoje é professora de Sociologia da USP; e Adrina Dalbo Lopes, hoje professora de Filosofia da UFG. Esses são alguns exemplos que me deixam orgulhoso.

Uma vez, fui fazer a maquete com um grupo de um movimento social, os coordenadores dos sem-teto da cidade de Jundiaí e, na hora, teve uma pessoa que foi sorteada para o papel de prefeito e logo o conflito começou a acontecer. No decorrer do trabalho, ele acabou assumindo um papel conservador e bastante ditatorial,

reproduzindo tudo aquilo que, no discurso, era contra. Como no final da atividade sentávamos para discutir, o que era o proposto da atividade, fizemos uma reflexão sobre a atuação dele. Ficou a questão: até que ponto a crítica é apenas um discurso e, quando se está no poder, muda a prática?

O mestrado em Educação

O mestrado foi realizado no Programa de Pós-graduação em Educação da PUC e foi orientado pela professora Dra. Olinda Maria Noronha. Uma pessoa maravilhosa, aposentada livre-docente da Unicamp, tinha sido professora da UFMG. O trabalho foi intitulado *A construção da Maquete Dinâmica: uma estratégia sócio-histórica para o ensino de Geografia*. Como já trabalhava com esse tema, recebi muitos relatos de pessoas que reproduziram essa atividade.

Esse trabalho rendeu várias publicações minhas e de outras pessoas: publiquei, em 1993, no *Caderno Propostas* da AGB-Cps, quando ainda estava no nível da experiência e, após o término do mestrado, um artigo nos *Cadernos do Instituto de Ciências Humanas da PUC*, em 1998, além de publicações em anais, em eventos científicos.

Entre os vários autores estudados para embasamento da dissertação, destaco Karel Kosik, no seu livro *Dialética do Concreto*², lido exaustivamente para a análise da experiência com a maquete. Minha preocupação era refletir sobre o processo e o produto do trabalho. Transcrevo aqui um trecho do artigo publicado em 1998, no *Caderno do Núcleo de Pesquisas do ICH*³:

-
- 2 Na orelha do livro *Dialética do Concreto*, publicado pela Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, em 1976, Leandro Konder faz o seguinte comentário: “Karel Kosik, nasceu em Praga, em 1926, participou da resistência antinazista, quando escreveu o livro, tinha 30 anos. Kosik analisa as mistificações do mundo da *pseudoconcreticidade*, que é o mundo da *reifificação*, das aparências enganadoras, dos preconceitos, da *práxis feitichizada*. Em semelhante mundo, a verdade e o erro se confundem, a ambiguidade se generaliza” (itálico do autor).
 - 3 PINHEIRO, Antonio Carlos. A construção da maquete dinâmica: uma estratégia sócio-histórica para o ensino de Geografia. In **Caderno do Núcleo de Pesquisas do Instituto de Ciências Humanas da PUC-Cps**. N. 9, 1998. Campinas: PUC-Campinas.

Na perspectiva dialética, o sujeito cognoscente é um ser que age objetiva e praticamente sobre a realidade. Este processo ocorre em um contexto de relações sociais. Nesta visão, a realidade não se apresenta, como informa Kosik (1976), no aspecto de um objeto que cumpre intuir, analisar e compreender teoricamente, mas como o campo em que se exercita a atividade prático-sensível. É neste âmbito que a realidade se revela como o mundo dos meios, dos fins e torna-se instrumento para a realização dos esforços e exigências do cotidiano. Os sujeitos, nesse processo, criam suas representações das coisas, elaborando um sistema correlativo de noções que capta e fixa a realidade, partindo da sua práxis. (PINHEIRO, 1998, p. 77).

Outro autor importante no embasamento das análises da maquete foi Henri Lefebvre⁴, que contribuiu para a discussão sobre as representações contidas no trabalho depois de realizado, como destaquei no artigo do *Caderno do Núcleo de Pesquisas do ICH*, em 1998:

Os participantes neste processo de interpretação passam da prática a reflexão, para a sistematização, ordenando e organizando as ideias resultantes das discussões coletivas. Percebem que a aparência é uma manifestação superficial, transitória. Esta é apenas um aspecto da Maquete, mas não a sua totalidade. A essência, por outro lado, não existe fora das conexões com um todo, das interações entre múltiplas variáveis; é uma totalidade das aparências, de relações e manifestações (LEFEBVRE, apud PINHEIRO, 1998, p. 81).

4 Trabalho com vários livros de Lefebvre, mas provavelmente a referência é do livro: *Lógica formal/lógica dialética*, publicado pela Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro em 1991. Segundo Machado (2008, p. 86), “Henri Lefebvre nasceu em 1901, em Navarroux (Baixos Pirineus), no sudoeste da França. Estudou filosofia na Sorbonne e, ao tornar-se professor, passou a lecionar a disciplina em escolas secundárias. Em 1928 entrou para o Partido Comunista Francês (PCF), e nos anos 1930, com a descoberta de textos de Marx inéditos (Manuscritos de 1844, etc.), traduziu-os para o francês, bem como outros textos de Hegel sobre a dialética, a teoria das contradições, etc.” MACHADO, Carlos R. S. **Momentos da obra de Henri Lefebvre**. Revista Ambiente & Educação. Vol. 13, 2008. file:///C:/Users/Antonio%20Carlos/Downloads/977-2060-1-PB.pdf. Acesso em 29/03/2020.

Outro autor a respeito do qual pude me aprofundar foi Vygotsky⁵, sobretudo por considerar a maquete, depois de construída, um instrumento de análise e reflexão para os participantes e proporcionar o estudo dos conteúdos, cumprindo o papel de mediadora para esse fim, como descrevi na página 81 do artigo no Caderno do Núcleo de Pesquisas do ICH:

A Maquete Dinâmica funciona como um condutor das representações dos personagens, sobre o objeto da atividade. Este referencial constitui-se como um meio para a elaboração dos questionamentos dos sujeitos. A relação entre os instrumentos e as simbologias resultantes da ação possibilita uma internalização, que, segundo Vygotsky (1988), é a reconstrução interna de uma operação interna. (PINHEIRO, 1998, p. 81).

Terminei o mestrado em 1997, e depois fiquei pensando sobre o que fazer no doutorado. Porém, como dava aula na PUC, o doutorado podia significar o fim do emprego. Na época, a universidade tinha o quadro mínimo de doutores necessários e novos doutores implicariam em maior remuneração. No entanto, não me importei com isso e comecei a organizar um projeto. Decidi que queria trabalhar em uma universidade pública, principalmente por causa do movimento social que a AGB representava no momento e minhas decepções com a PUC.

No mestrado, agradeço a professora Dra. Olinda Noronha pela paciência e confiança. Além do texto, produzi um vídeo de 20 minutos com depoimentos sobre a maquete, que foi editado e a locução realizada pela Silvana Di Brásio, por quem tenho muita gratidão por esse trabalho. Creio que o vídeo não foi bem compreendido pelos membros da banca, assim como a própria dissertação. Na época, minha orientadora permitiu que eu escolhesse a banca e

5 Lev Semenovich Vygotsky nasceu em 1896 na cidade de Orsha em Bielarus e morreu em 1934, de tuberculose, com apenas 37 anos. Li várias obras dele e o livro que utilizei para a dissertação foi *Pensamento e Linguagem*, de 1993, publicado no Rio de Janeiro pela Editora Martins Fontes em 1988. Provavelmente foi a tradução antiga.

optei por pessoas da Geografia. Depois dessa experiência, quando passei a orientar, passei a ter mais cuidado na definição da banca para não ter problemas com meus orientandos.



Figura 37 – Aniversário de 34 anos, em 1997. Foto da esquerda: Silvia Mascarin, Antonio no centro, e Olinda Noronha, minha orientadora de mestrado. Foto da direita: Antonio, Arlindo e Cléo

Fonte: Acervo do autor, 1997

Doutorado: tem ideias que caem na cabeça

Com o mestrado, na PUC-Cps já podia orientar pesquisa de Iniciação Científica, mas queria mais. Decidi que ia fazer doutorado, tentei fugir da Educação e novamente fui para a Unicamp fazer disciplinas como ouvinte no curso de pós-graduação em Sociologia. Fiquei quase dois anos nessa condição, estudava e cumpria todas as exigências.

Comecei a organizar um projeto sobre o lixo. A questão do meio ambiente era muito forte no momento, inclusive nas Ciências Sociais. Na época, Edgar Morin estava em alta e me foi sugerida a leitura de seus livros, em especial a coleção sobre *O Método*. Quando

pesquisei para comprar, descobri que só havia a edição portuguesa. Solicitei pela *internet* (eu já tinha computador) e demorou uns 20 dias para chegar. Como o tempo para ler e utilizar no projeto era curto, tive dificuldades de entender. A visão de Morin era muito diferente do que conhecia, era outro conceito de natureza, diferente da visão marxista. Coloquei algumas referências no projeto, estava bom, cheguei até as entrevistas, mas, na banca, ninguém me defendeu. Não fui aprovado e desisti definitivamente das Ciências Sociais.

Depois de dois anos, organizei um projeto e fui tentar a seleção para o programa de doutorado no Instituto de Geociências da Unicamp, na linha de Educação Aplicada às Geociências. Apresentei o projeto, no final de 2000, sobre interdisciplinaridade ligado ao ensino de Geografia, fui aprovado e selecionado, iniciando o curso em 2001. Apesar de entrar na Unicamp, meu sonho dourado, estava sem muita empolgação com o projeto. Comecei a fazer as disciplinas obrigatórias.

O tema do meu projeto, a interdisciplinaridade, era muito discutido na época, diria que estava na moda. Embora hoje questione esse tema, assumo que não fiz uma revisão bibliográfica aprofundada para escrever o projeto. Na verdade, estava na dúvida sobre minha escolha, mas, como passei e estava dentro, resolvi fazer. Meu orientador foi o professor Dr. Archimedes Perez Filho.

Na disciplina chamada de *Seminário de Tese*, que, na Unicamp, era no primeiro período, deveria apresentar meu projeto ao final do semestre para os colegas, avaliado pelo professor coordenador e pelo orientador. Nesse semestre, também cursei a disciplina de *Educação Aplicada às Geociências*, ministrada pelo professor Dr. Maurício Compiani, excelente mestre. Foi muito bom, pude aprofundar minhas leituras em Vygostky.

Depois que estava no programa, fui pesquisar mais sobre interdisciplinaridade em Geografia, encontrei a tese da Nídia Nacib Pontschuska e, quando comecei a ler, apesar de gostar, fiquei irritado. Minhas ideias estavam lá, ela fez antes de mim, não podia competir com a Nídia (risos). Fiquei desanimado e cheguei a pen-

sar em abandonar, falei com meu orientador que não ia fazer mais aquela pesquisa e iria mudar de tema, ele me apoiou. O professor Arquimedes, mesmo não sendo pesquisador do ensino, era sensível à causa. Sua área é a Geomorfologia. Ele permitiu pensar em outro tema, mas disse que teria pressa para apresentar outro projeto, praticamente dois meses.

Pensava e não surgia nenhuma ideia. Comecei a passear pelas bibliotecas para ver se “caía alguma coisa do céu”. Um dia, entrei na seção de dissertações e teses da biblioteca da Faculdade de Educação da Unicamp. Andando em volta das estantes, olhava os títulos, as propostas metodológicas e nada de uma ideia. De repente, vi uma que me interessou. Quando tirei da estante, veio junta outra que estava “grudada” nela. Ao puxá-la, caiu, batendo na minha cabeça e indo parar no chão. Abaixei para pegar e devolver na estante, mas antes li o título que estava escrito: *Tendências da Pesquisa Acadêmica sobre o ensino de Ciências no Ensino Fundamental*, de Jorge Megid Neto, professor da Faculdade de Educação da Unicamp. Achei interessante, levei para a mesa e comecei a folhar, gostei da proposta e, no mesmo instante, percebi que era sobre aquilo que organizaria meu projeto.

Essa descoberta me lembrou da história de Isaac Newton, que, ao descansar embaixo de uma árvore, recebeu uma maçã caída em sua cabeça e, a partir daí, criou a teoria da gravitação (risos). Segundo Martins (2006)⁶, o episódio da queda da maçã é uma lenda. Pode ter ocorrido em 1666, conforme relatos do próprio Newton, quando estava na fazenda *Woolsthorpe*, na Inglaterra. Acabou tornando-se uma anedota adotada pela maioria dos professores e incorporada na cultura científica escolar contemporânea para aumentar a motivação e o interesse dos estudantes sobre a lei da gravidade.

Levei a tese comigo e li inteirinha. Depois fiz uma busca para saber se havia alguma pesquisa semelhante na Geografia, pois não

6 MARTINS, Roberto de Andrade. *A maçã de Newton: história, lendas e tolices*. In: SILVA, Cibelle C. **Estudos de história e filosofia das ciências: subsídios para aplicação no ensino**. São Paulo: Livraria da Física, 2006.

queria cometer o mesmo erro anterior, e não encontrei nada. Tanto que depois o meu livro, produto da tese, tornou-se bibliografia básica na área. Literalmente, a ideia da tese “caiu sobre minha cabeça”.

A tese: conhecendo o presente e o passado

Minha tese de doutorado, intitulada *Trajatória da pesquisa acadêmica sobre o ensino de Geografia no Brasil, 1972-2000*, foi defendida em dezembro de 2003. Apresento o resumo abaixo:

Esta tese desenvolve um estudo analítico-interpretativo da trajetória da pesquisa sobre o ensino de Geografia no Brasil por meio das pesquisas acadêmicas realizadas sob a forma de dissertações e teses, apresentando o levantamento, a sistematização, a análise e a interpretação da produção acadêmica no contexto dos cursos de pós-graduação instituído com a reforma universitária de 1968 pelo Ministério de Educação. Para o estudo, foram levantadas 197 pesquisas, sendo 171 dissertações de mestrado e 26 teses de doutorado, defendidas em 37 universidades brasileiras no período de 1972 a 2000. Apresenta quadro das tendências em relação: a distribuição geográfica dos trabalhos, aos níveis escolares, as linhas de pesquisas, as diversas orientações teórico-metodológicas existentes nas investigações, aos gêneros de trabalhos acadêmicos e aos focos temáticos principais. Caracteriza-se como uma Pesquisa Bibliográfica e Documental, compreendida como gênero de trabalho acadêmico resultante da combinação de propostas metodológicas conhecidas como, “estado da arte”, do “estado atual do conhecimento”; além da “Pesquisa de Análise de Conteúdo” e da “Pesquisa Documental”. A Pesquisa Bibliográfica e Documental busca inventariar, sistematizar e avaliar a produção em determinada área do conhecimento, implica na identificação de trabalhos produzidos na área, na seleção e classificação dos documentos segundo critérios e categorias estabelecidas em conformidade com os interesses e objetivos do pesquisador, na descrição e análise das características e tendências do material e na avaliação dos seus principais resultados. (PINHEIRO, 2003, p. vii).

Ingressei no doutorado em 2001 e terminei em 2003. O mestrado concluí em dois anos, só atrasei alguns meses porque um professor perdeu minha prova de proficiência. No doutorado, até queria passar mais um ano na Unicamp, pois amava aquela universidade, tinha tudo de que precisava. Ótima infraestrutura, os alunos da pós tinham um prédio específico, a cada dois alunos havia uma sala com computador exclusivo. No prédio, havia uma copa com geladeira, fogão, micro-ondas (nem tinha na minha casa na época), copiadora para uso dos alunos etc. A funcionária que ficava na sala da entrada era uma moça alta com quase dois metros, chamada Valdirene Pinotti, era educadíssima, providenciava tudo, exemplo de funcionária pública, hoje aposentada.

Quando o computador quebrava chamava, o técnico e, em 15 minutos, ele chegava e não roubava as peças do computador (risos). Também havia um intercâmbio entre as bibliotecas das universidades públicas de São Paulo (USP, Unesp e Unicamp). Quando precisava de um livro, solicitava e vinha por um sistema de malotes em 24 horas. A Unicamp fornecia diárias para viagens para coleta de material e de dados, até auxílio financeiro para copiar documentos e textos quando estava fora da universidade. De forma geral, a universidade era muito estruturada. Durante os três anos em que estudei lá, passava todo o dia e, à noite, ia dar aulas na PUC, que ficava ao lado.

Tinha tudo de que precisava: restaurante universitário com boa comida, ambulatório médico específico para os estudantes e até academia de ginástica. Decidi continuar dando aulas na PUC, pois recebia um bom salário, maior do que a bolsa, na época. Além disso, estava acostumado com o ritmo e precisava garantir meu emprego. A PUC não dava afastamento para estudar. Mas entrar na Unicamp foi a realização de um sonho que tinha desde 1985 e, depois de 15 anos, enfim entrei como aluno regular para a universidade pública.

Além dessas facilidades, como passava o dia todo na universidade, fiz vários amigos, saíamos para tomar café e cerveja, fazíamos churrasco e muita festa. Dos amigos, tenho contato até hoje com Rachel Pinheiro, Miriam Bueno, hoje professora da UFG, e Rafael

Straforini, que, na época, fazia mestrado e também era orientando do professor Archimedes. Rafael foi aluno do Cefam-Sorocaba.

Conheci Rafael durante um evento da AGB, em Curitiba, o 4ª Encontro Nacional de Ensino de Geografia, em 1999. Estávamos em uma praça, na manifestação de apoio ao movimento dos sem-terra acampados no local. Na praça, fizemos uma grande roda e as pessoas deram as mãos. Tinha um menino ao meu lado que me deu a mão, quentinha, pois estava frio na época. Ficamos de mãos dadas por um tempo e começamos a conversar. Era Rafael. Depois desse dia, passamos a ser amigos e logo ele entrou no mestrado e foi uma grata surpresa. Fizemos muitas coisas juntos, organizamos os encontros regionais da AGB-Cps, participamos da gestão da AGB-Nacional de 2000 a 2002, ele foi secretário e eu da comissão de ensino. Em 2002, fizemos parte da comissão de organização do 13º Encontro Nacional de Geógrafos, realizado em João Pessoa. Foi quando conheci essa cidade e nunca imaginei viver nela.

Em 2009, durante o 12º Encontro de Geógrafos da América Latina (EGAL), realizado na cidade de Montevidéu, no Uruguai, em uma mesa de bar, eu, Rafael, na época professor da UERJ, Denis Richther, da UFG, e Sergio Miranda, da UFU, bebendo cerveja, discutíamos que não havia uma revista de ensino de Geografia de abrangência nacional. Pensamos: por que não criar uma? Foi aí que surgiu a ideia da *Revista Brasileira de Educação em Geografia*. Rafael se comprometeu a estudar como fazer e, no mesmo ano, em 2009, a revista foi fundada. Fiz parte do conselho editorial até 2014 e atualmente sou da comissão científica. A revista teve um crescimento muito rápido e hoje seu *qualis* é A2 pela Capes. Tenho orgulho de ter contribuído para existência desse periódico.

No doutorado, a qualificação foi bem tranquila. A banca me mandou suprimir 40 páginas, pois tinha contado a *História da Geografia* e falaram que todo mundo já sabia e que não precisava. Perdi esse arquivo. Poderia ter transformado em dois artigos (risos). Também após as sugestões, disseram que logo poderia defender. Queria aprofundar mais. Na verdade, adorava a Unicamp e me pagavam

para ir a eventos nacionais e internacionais. Recebi recursos para ir à Espanha em um evento, em 2002. A Unicamp é pragmática, além disso, procura cumprir todos os prazos. Em 2003, no mês dezembro, defendi a tese e foi ótimo porque consegui me inscrever em três concursos. Fiz o doutorado em três anos, mesmo sem querer sair daquela universidade.

Na época em que produzi a tese, destaquei as seguintes características da pesquisa sobre o ensino de Geografia: o desconhecimento, a concentração, a dispersão e a diversidade nessas investigações. A afirmação acerca do **desconhecimento** da produção acadêmica sobre o ensino de Geografia, em especial pela comunidade acadêmica e escolar, na época, foi embasado nas próprias pesquisas sobre o ensino de Geografia. Como a maioria se concentrava nas IES da região sudeste, visitei as universidades e fiz cópias de todas as pesquisas que encontrei. Durante as minhas visitas, encontrei trabalhos que estavam deteriorados pelo tempo, muitos datilografados e com a tinta bem fraca, alguns mofados, outros com as páginas coladas e muitos que nunca saíram da biblioteca. Quando olhava a ficha de empréstimo, tinham poucas consultas ou, às vezes, nenhuma. Basicamente era o primeiro a retirar a pesquisa para ler. Além disso, pesquisei os catálogos antigos de várias universidades e lá constava o resumo da pesquisa, mas os trabalhos não se encontravam na biblioteca, alguns se perderam com o tempo.

Até 1996, não havia bases de dados digitais, então o acesso às pesquisas era pelo material impresso na própria biblioteca. As pesquisas realizadas em universidades de outras regiões consegui quando ia para algum evento ou com ajuda de amigos, que faziam a cópia e me enviavam por correio. Consegui reunir cerca de 80% da produção, mas, infelizmente, nas minhas mudanças de estado e de universidade, fui deixando para trás. Algumas estão no Laboratório de Ensino da UFG, em Goiás, outras na biblioteca do Campus de Guarulhos da Unifesp, outras comigo e algumas emprestei e não me devolveram. De algumas pesquisas foram feitas duas cópias e deixei um exemplar na biblioteca do IG da Unicamp. Nas décadas

anteriores ao ano 2000, não era comum a publicação das pesquisas em formato de livros. Encontrei apenas alguns e vários artigos, mas não com a totalidade da pesquisa.

Outra questão que me permitiu afirmar sobre o **desinteresse** da produção científica estava no próprio trabalho. Como li todos que copiei, observei que poucas pesquisas utilizavam outras como fontes na revisão bibliográfica. Depois da instituição das bases digitais, notei que os pesquisadores começaram a consultar mais as pesquisas. Porém, as realizadas antes de 1996 e que não foram digitalizadas foram pouco lidas. Daí surgiu a minha preocupação: fazer uma análise e produzir um catálogo com os resumos das pesquisas, que posteriormente foi publicado em formato de livro, do qual falei depois. A partir dessas contestações, levantei algumas questões: o desconhecimento da pesquisa pode gerar dificuldades na sua contextualização para a prática docente e educativa, divulgando as discussões realizadas na academia? Cheguei a afirmar que esse desconhecimento revelava uma distância entre o que se produz na universidade e na escola básica. Uma das preocupações do meu estudo era como divulgar os resultados para a comunidade acadêmica e para os professores da escola básica.

Outra característica apresentada pela análise das pesquisas acadêmicas foi a **concentração**. Essa característica foi revelada pela distribuição geográfica dos documentos, sobretudo localizados nas universidades da região sudeste. Pode-se aferir que a maior quantidade de pesquisas sobre o ensino refletia a concentração dos estabelecimentos escolares em uma determinada região.

Foram 37 as universidades de onde foram levantadas as 197 dissertações e teses. Na época, as universidades que ofereciam programas de pós-graduação no país estavam concentradas na região sudeste, respondendo por 48,6% do total; as regiões sul e nordeste com 18,9%, a região centro-oeste com 10,8 %; a região norte aparece com 2,7 %. As universidades das regiões sudeste e sul, somavam 67,5% do total (PINHEIRO, 2003).

Atualmente houve uma ampliação de programas de pós-graduação em Geografia pelo país e muitos deles com linhas de pesquisas sobre ensino. Cavalcanti (2016) identificou 62 Programas em Pós-graduação em Geografia no Brasil, no ano de 2015, com 17 linhas específicas de ensino de Geografia. Em sua pesquisa, não estava preocupada com levantar apenas a quantidade, mas identificar as “tendências, ênfases, escolhas metodológicas e teóricas” existentes nos cursos (CAVALCANTI, 2016, p. 401)⁷. Recentemente, Pires (2020) levantou, em várias bases de dados, 3.743 teses e 11.411 dissertações defendidas em 71 Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Geografia, no Brasil, no período de 1970 a 2018. Desse total, 862 pesquisas discutem o ensino e/ou a formação de professores de Geografia, das quais 176 são teses e 686 são dissertações.

A **diversidade** da pesquisa acadêmica sobre o ensino de Geografia quanto às tendências teórico-metodológicas refletia a situação do pensamento geográfico no Brasil na época. Embora a Geografia brasileira tenha recebido influências pontuais na sua formulação, exprime multiplicidade de tendências científicas na sua constituição. Com relação à produção científica sobre o ensino de Geografia, de forma geral, em face do desconhecimento, concentração e pouca divulgação, considere, na época, que a diversidade que refletiam eram desconhecidas, levando em conta as suas características principais, como das tendências teórico-metodológicas, os gêneros de trabalhos acadêmicos e os focos temáticos.

Em meus últimos meses de doutorado, tive a companhia da Niti, minha gata, que me acompanhava há sete anos e, de alguma forma, inspirava-me. Na época, morava comigo. Tenho saudades. Depois da Niti, sempre tive gatos. Aliás, adoro a convivência com esses animais. São seres iluminados.

7 CAVALCANTI, Lana de Souza. Para onde estão indo as investigações sobre o ensino de Geografia no Brasil? Um olhar sobre elementos da pesquisa e do lugar que ela ocupa nesse campo. *Boletim Goiano de Geografia*. V. 36, N. 3, Goiânia: set/dez. 2016. <https://doi.org/10.5216/bgg.v36i3.44546>. Acesso em 03/12/2019.



Figura 38 – *Trabalhando com a Niti em
Campinas. Niti em cima do computador.
Antonio Carlos sentado. 2002*

Fonte: Acervo do autor.

VII

Estágio na Espanha

*Me peina el viento los cabellos
como una mano maternal
abro las puertas del recuerdo
y el pensamiento se me va
son otras voces las que llevo
es de otros lábios mi cantar
hasta mi gruta del recuerdo
tiene una extraña claridade
Frutos de tierras extranjeras,
olas azules de otro mar
amores de otras gentes,
penas que no me atrevo recordar,
y el viento,
el viento que me peina
como una mano maternal¹*



Em 2001, surgiu um edital para intercâmbio na Espanha, financiado pela Agência Espanhola de Cooperação Internacional (AECI) e me inscrevi. Era professor da PUC e o edital era para intercâmbio docente, entre universidades, portanto não foi ligado especificamente ao doutorado. Na época, estava no meu primeiro ano no doutorado.

Escolhi a Universidade Autônoma de Madrid (UAM). Quando entrei no edital e encaminhei o projeto, acreditava que não seria selecionado. O convênio era entre universidades e a inscrição encaminhada pela PUC no setor de intercâmbio internacional. Decidi praticamente no último dia e quase não consegui chegar a tempo.

Foram várias atribulações: no dia em que estava levando os documentos, chovia muito, tinha um carro popular um pouco “surrado” e, no caminho, envolvi-me em um acidente. Com a chuva,

¹ Trecho da música *Me peina el viento los cabellos*, composta por Pablo Neruda/ Horacio Guarani. Interpretes: Los Sabandeños. CD: 3 Reyes Magos. Madrid, 2000.

a visibilidade estava bem reduzida, o trânsito estava lento e, numa freada brusca, um motoqueiro bateu atrás do carro, indo parar no vidro traseiro, quebrando-o em vários pedaços. Evidentemente, parei o carro, que começava a inundar com a chuva, para ver se o motoqueiro estava bem. Por sorte, não aconteceu nada, mas tinha toda aquela discussão de quem foi o culpado.

No momento do acidente, eram 20:00h e as inscrições se encerravam às 22:00h. Para não esticar a conversa, assumi tudo, deixei meu contato, coloquei um plástico, que carregava no porta-malas, no lugar do vidro e fui embora. Cheguei a tempo, todo molhado e consegui fazer a inscrição. O rapaz nunca me ligou e, no outro dia, fui colocar outro vidro.

Depois de alguns dias, recebi mensagem dizendo que fui aprovado e tive que elaborar um projeto justificando a minha ida para a UAM. Como era intercâmbio entre universidades, a PUC garantiu meu emprego e fiquei por três meses em Madri. A passagem era por minha conta e todo o resto por conta da agência do governo espanhol, a AECI, como: alimentação, estada, transporte interno, além de 100 euros todo final de semana para alimentação, pois nem o alojamento nem a universidade forneciam nesses dias.

A estada era como docente. Resolvi toda a papelada e cheguei em Madri em novembro, era inverno. Foi a primeira viagem internacional e estava sozinho. Assim que cheguei a Madri, fui recebido pela professora Mestre Gloria Rodrigo Luna, da Faculdade de Formação de Professores e Educação, do Departamento de Didáticas Específicas da UAM. Ela seria responsável por me receber, cuidar e orientar durante minha estada. A professora Glória representava o tutor, o professor Doutor Clemente Herrero Fabregat, que era professor catedrático, ambos da Geografia. Durante o tempo que fiquei lá, encontrei com ele uma única vez, um homem educado e muito alinhado. Inclusive, Glória me deu várias recomendações sobre como deveria me comportar na frente do professor. Dirigir a palavra somente caso ele solicitasse, apertar sua mão se oferecesse a dele e não demonstrar intimidade. Pensei: “o cara é

um deus” (risos). Na verdade, encontrei esse professor depois, em outra viagem, e ele é muito gentil. Creio que o ambiente da universidade criava essas barreiras.

Chegando a Madri, Glória me recebeu no aeroporto. Cheguei às 6 horas da manhã e ela estava com um cartaz com meu nome. Saí do embarque todo arrumado, pois, antes do avião pousar, fui ao banheiro, lavei-me, “retoquei a maquiagem” e vesti as roupas novas que tinha levado.

Antes de ir, comprei muitas roupas de frio, dois sobretudos, um terno, meias e luvas de lã, cachecóis etc. Cheguei com duas malas e, quando a professora me viu, ficou surpresa. Nunca tinha saído do país e estava indo para a Europa como docente. Achei que tinha que levar roupas boas. Na verdade, depois de três dias, percebi como as pessoas comuns são despojadas inclusive na universidade. Daí fui para as “rebajas” (liquidação) e comprei roupas mais simples para andar por Madri.

Glória me deixou no alojamento da UAM, um prédio antigo, com três andares. No primeiro, ficavam as instalações coletivas; no segundo, os quartos e banheiros coletivos dos estudantes da Espanha e de diversos países; e, no terceiro, ficavam os professores que faziam intercâmbio. Eu não falava bem o espanhol, porém, tive algumas aulas antes da viagem. De qualquer forma, estava me esforçando. Nos primeiros três dias, a professora pediu para eu dar uma volta pela cidade e só depois me apresentar na universidade.

No prédio, tínhamos todas as refeições, academia de ginástica, salão de jogos, sala de televisão e uma área de convivência com jornais, livros e revistas. O quarto era simples, tinha uma boa infraestrutura, era individual com um banheiro privativo.

Depois de três dias, fui à UAM me encontrar com a professora Glória. Ainda não sabia o que iria fazer lá. Pensei que daria aulas e levei vários materiais didáticos do Brasil, que ocuparam espaço e pesaram na minha mala. Logo percebi que a professora não estava muito interessada nessa atividade.

As aulas começavam a partir das 10 horas da manhã, os estudantes almoçavam às 15 horas e voltavam às 18, ficando até as 22. Fui, aos poucos, acostumando-me aos horários. Perguntei o que iria fazer e ela me deu um livro para ler, chamado: *Enfocament globalitzador i pensament complex: una resposta per a la comprensió i intervenció en la realitat*², de um autor catalão, chamado Zabala, e escrito na língua dele. Ele era professor da Universidade de Barcelona. Não me preocupei com a língua, considerei um desafio. Fui para a biblioteca e, com ajuda de um dicionário, li o livro inteiro em três dias. Fiz um resumo e entreguei para a professora. Ela ficou surpresa.

Levei do Brasil muitos materiais didáticos, porque pensei que seria um intercâmbio de docentes, que daria aulas, conheceria escolas, os alunos, mas isso não aconteceu. A professora falava que deveria conhecer a cidade, ir aos museus, parques, porque seria mais vantajoso do que ficar na universidade. Conheci quase toda Madri e arredores, todos os museus possíveis, assisti muitos *shows*, fui ao cinema, teatro, bares, boates e principalmente fazer pesquisas para o doutorado nas bibliotecas.

Tinha uma carteira que me possibilitava circular pelo metrô o quanto quisesse. Os 100 euros que recebia davam para fazer muita coisa, inclusive utilizei para algumas viagens nos finais de semana. Mas minha preocupação era o relatório que deveria apresentar ao final do estágio.

Depois compreendi a proposta da professora Glória sobre circular pela cidade. Sobre essa prática, depois li um artigo que discutia as viagens realizadas no século XIX e XX, em especial pela elite brasileira, chamada de *viagem de formação*, que, segundo Romano (2013)³, foram as precursoras das viagens de turismo. Nelas o via-

2 VIDIELLA, Zabala Antoni. **Enfocament globalitzador i pensament complex: una resposta per a la comprensió i intervenció en la realitat.** (em catalão). Enfoque globalizador y pensamiento complejo: una respuesta para la comprensión e intervención en la realidad.(em espanhol). Ambos publicados em Barcelo pela Editora Graó em 1999.

3 ROMANO, Luís António Contatori. Viagens e viajantes: uma literatura de viagens contemporânea. **Revista Estação Literária**, Volume 10B, Londrina, jan. 2013. <http://www.uel.br/pos/letras/EL>. Acesso em 15/04/2020.

jante buscava nos lugares o conhecimento por meio das visitas aos museus, a arquitetura, os monumentos, vivenciando a cultura dos lugares. Embora não fosse da elite, basicamente foi isso o que fiz.

Clandestino sem destino

Embora tenha conhecido as belezas do primeiro mundo, acabei me envolvendo com os excluídos. Nessa época, havia uma discussão na Espanha em relação aos imigrantes ilegais, que eram chamados de “sin papel”.

A *Plaza Mayor*, no centro de Madri, é o lugar das manifestações políticas. Sempre que passava por lá, havia os “clandestinos” fazendo protestos e comecei a me interessar por aquilo, pois, de alguma forma, identifiquei-me com aquele povo. Costumava parar na praça e tentar entender o que se passava.

Muitos desses clandestinos queriam regulamentar sua situação e muitos espanhóis davam apoio. Comecei a ir às manifestações e passeatas, conheci muita gente que estava nessa situação, embora não fosse “sin papel”. Não tinha visto exatamente, mas recebi uma autorização da AECI comprovando minha situação de intercâmbio docente na Espanha durante aquele tempo. Estava com a passagem de volta comprada e, mesmo assim, envolvi-me com aquele povo: muçulmanos, africanos e a maioria latino-americana, inclusive brasileiros. Além de participar do movimento, era também uma forma de me solidarizar com as pessoas que estavam naquela situação.

Na segunda vez em que passei pela manifestação, um rapaz me olhava, aproximou-se e perguntou se era clandestino, então expliquei para ele a minha situação e passamos a nos encontrar. Ele se chamava Alejandro e era venezuelano. Conversávamos muito, principalmente sobre a sua condição de clandestinidade. Em Madri, era professor de danças caribenhas: salsa, merengue e similares. Contou-me que, na Venezuela, era bailarino clássico do *Ballet Nacional* do país e foi para a Espanha fazer um teste numa companhia de dança. Disse que estava esperançoso para ser chamado e foi

ficando. Com trabalho oficial, sua situação poderia ser resolvida no país. Com o tempo, não foi convocado e o dinheiro foi acabando. Ele estava em Madri há quase um ano na condição de ilegal e não conseguia voltar para casa. Sua família não tinha recursos para ajudá-lo.

Tivemos um breve romance, mas só nos carinhos e eu querendo mais (risos). Um dia, revelou que tinha vitiligo. Uma doença de pele que provoca manchas brancas, despigmentação e que pode se agravar em função de uma situação de estresse. Era inverno, usávamos muita roupa e não aparecia nenhuma mancha no rosto nem nas mãos, mas, segundo ele, seu corpo estava bastante tomado e tinha vergonha de tirar a roupa. Disse que não me importava com isso, até que um dia me levou ao seu apartamento, ficou nu e achei lindo vê-lo pelado. Era moreno, todo manchado, um contraste, além de ter um corpo perfeito. Depois de ir embora, mantivemos contato, que foi acabando aos poucos. Não sei o que aconteceu com Alejandro.

Em relação aos imigrantes, entre os espanhóis, considero que a maioria, na época, era tolerante. Porém o problema eram as pressões de alguns setores xenofóbicos e nacionalistas de outros países, como França, Alemanha, Reino Unido, Áustria, entre outros. Transcrevo aqui parte de um artigo que escrevi sobre isso:

A União Européia por ser composta de países que têm leis duras quanto à imigração, pressiona para que a Espanha contenha este fluxo, inibindo a chegada destes imigrantes. Considera-se que os mesmos, ao chegar à Espanha ou à Europa, não se integram no país que residem, continuam exercendo sua cultura ainda com ainda mais força. (PINHEIRO, 2000, p. 73).⁴

4 Embora o artigo tenha sido escrito em 2001, depois da volta da Espanha, o ano de publicação foi 2000, pois o número estava atrasado. PINHEIRO, Antonio Carlos. **Espanha Hoje; migração e identidade nacional**. Revista Humanitas, Vol. 3 N. 2, ago/dez., 2000. Puc- Campinas.

A música de Manu Chao⁵ sempre era cantada nas manifestações por várias pessoas. Até comprei o CD, que expressava muito a situação daquela época.

Solo voy con mi pena	Perdido en el corazón
Sola va mi condena	De la grande babylon
Correr es mi destino	Me dicen el clandestino
Para burlar la ley	
Perdido en el corazón	Yo soy el quiebra ley
De la grande babylon	Mano negra clandestina
Me dicen el clandestino	Peruano clandestino
Por no llevar papel	Africano clandestino
Pa' una ciudad del norte	Marihuana ilegal
Yo me fui a trabajar	Solo voy con mi pena
Mi vida la dejé	Sola va mi condena
Entre Ceuta y Gibraltar	Correr es mi destino
Soy una raya en el mar	Para burlar la ley
Fantasma en la ciudad	
Mi vida va prohibida	Perdido en el corazón
Dice la autoridade	De la grande babylon
Solo voy con mi pena	Me dicen el clandestino
Sola va mi condena	Por no llevar papel
Correr es mi destino	Argelino clandestino
Por no llevar papel	Nigeriano clandestino
	Boliviano clandestino
	Mano negra ilegal

Figura 39 – *Letra da música: Clandestino de Manu Chao*

Fonte: <https://www.letras.mus.br/manu-chao/7356/>. Acesso em 03/04/2020

5 Batizado como Jose-Manuel Thomas Arthur Chao, nasceu em Paris, em 1961, e tem nacionalidade francesa, mas suas raízes estão mais ao sul – mais precisamente na Galícia e País Basco, ambos na Espanha, de onde vieram o pai e a mãe do cantor, respectivamente. Ambos fugiram da ditadura franquista que na época dominava a Espanha. Tanto a música como o álbum *Clandestino* (ambos de 1998) são frutos de uma viagem de Manu Chao pela América Latina, com composições em inglês, espanhol, francês, galego e português, mesclando elementos do reggae, toques eletrônicos, rock e outros ritmos. Fonte: <https://www.migramundo.com/migracao-e-musica-clandestino-manu-chao/>. Acesso em 03/04/2020.

Vários falavam que eu deveria ficar na Espanha e tentar uma vida por lá, mas decidi que não. Amei Madri, mas muita coisa me fez escolher voltar. As touradas me irritavam profundamente, eles falavam muito alto e eram muito sinceros, sempre falam o que vinha à cabeça, inclusive dentro da universidade. Achava isso um pouco agressivo, mas creio que, com o tempo, a gente se acostuma, até porque sou parecido. Além disso, não gosto de frio e tinha a Niti me esperando em Campinas. Por fim, ficar lá como clandestino não era meu propósito.

Viva a democracia!

O Brasil em alta no velho mundo

Naquela época, o Brasil estava em alta, Lula havia sido eleito para a presidência e começaria sua gestão em 2002. Todos tinham muita empatia com os brasileiros e me senti bem recebido. Além disso, estava em uma situação privilegiada como professor universitário e em intercâmbio. Em todos os lugares perguntavam sobre o Brasil, tinham muita curiosidade sobre os costumes e, em especial, o carnaval. Achavam que era uma festa de nudez, que os brasileiros eram despojados, que havia várias praias de nudismo onde podiam ficar à vontade, como é comum no litoral mediterrâneo da Espanha. Sobre o carnaval, expliquei que não era bem assim, que isso acontecia num contexto específico, em desfiles de Escolas de Samba de algumas cidades e que, na prática, os brasileiros eram conservadores. De qualquer forma, era a imagem que recebiam pela mídia e pelas novelas exportadas pela televisão brasileira.

Apesar de não ter feito muita coisa na universidade, fui bem recebido pelos professores e estudantes que conheci. Sobretudo os estrangeiros que estavam no alojamento comigo, como Juan, um mexicano que foi meu parceiro nas visitas pela cidade.

Na Geografia, gostavam muito de Milton Santos. Acho que conheciam mais a obra dele do que nós brasileiros. Na Educação, admiravam Paulo Freire. Na biblioteca da universidade, havia livros

desses autores, em espanhol, os quais não via no Brasil em português. Para mim, Milton Santos é um dos mais importantes intelectuais da Geografia. Esse brasileiro ganhou o prêmio *Vautrin Lud*, em 1994, considerado o “Nobel da Geografia”. Milton Santos nasceu na Bahia, em 1926, e faleceu em São Paulo, em 2001. Acredito que muitas críticas e resistências de alguns acadêmicos brasileiros sobre ele estão relacionadas com a sua etnia, pois ele era negro. Desconfio de que além das dificuldades que temos de valorizar nossos pensadores, no caso de Milton Santos existe um componente racista que não é revelado na academia, assim como ocorre com a homofobia e outras formas de preconceito.

Um dia, resolvi ir à Universidade Complutense de Madri (UCM) para conhecer pessoalmente a professora Dra. Maria Jesús Marrón Gaité, que conhecia pela leitura de seus textos antes de ir para a Espanha. Informei-me antes onde ela ficava e, com “a cara e a coragem”, fui para a Faculdade de Formação de Professores da UCM.

Apesar do inverno, o prédio era rodeado de um jardim impecável. Aliás, toda a universidade era muito maior que a UAM. Fui até a secretaria e indicaram a sala dela. Cheguei lá apreensivo com medo de não ser bem recebido. Bati na porta e ouvi uma voz, “puede entrar”. Empurrei, abri, entrei e me apresentei. Disse que era do Brasil e estava fazendo intercâmbio na UAM. Ela se levantou da sua cadeira, uma mulher alta, muito bem vestida, com um penteado e maquiagem impecáveis, veio até mim, abraçou-me, beijou-me e me convidou para um café. Conversamos muito sobre a Geografia e o ensino. Deixou-me à vontade e contou como se organizava o ensino na escola, o sistema educacional, a formação de professores, a situação da educação, na época, na Espanha. Voltei lá outras vezes e sempre fui bem recebido. Cada vez que ia, aprendia mais coisas. Na Espanha, a Geografia, juntamente com a História, está na área de *Didáctica de Ciencias Sociales*, no plano do ensino e na estrutura da formação de professores na universidade.

Quem tem boca vai a Oviedo

Meu último compromisso na Espanha foi a participação do *Simposio Didáctico Internacional de las Ciéncias Sociales*, na cidade de *Oviedo*, no norte da Espanha. Não estava nos planos, mas fui convidado pelas professoras Gloria e Maria Jesús. Na ida, fomos de trem, fiquei estonteado com a paisagem magnífica, cortando os picos da Europa.

Oviedo não é uma cidade grande. A maior é *Gijón*, uma cidade portuária e industrial, que fica no litoral do Atlântico Norte. Oviedo é a capital do Principado das Astúrias, uma Comunidade Autônoma da Espanha⁶. Uma bela cidade com um patrimônio histórico bem preservado, além de possuir vários sítios arqueológicos do tempo do domínio do império romano. Para voltar, comprei uma passagem de Oviedo para Madri, chegando ao aeroporto horas antes de embarcar para o Brasil. Deu tudo certo.

No evento, havia cerca de 200 pessoas e a temática era *Identities y territorios: un reto para la Didáctica de las Ciencias Sociales*. Aliás, esse era o tema que estava em voga nos meios acadêmicos e na escola básica no momento. A questão da migração e dos separatismos não estava em primeiro plano, quanto a esta questão, algumas pessoas preferiam não opinar em face dos conflitos com o País Basco na época.

O debate da identidade também se articulava com a discussão do pluralismo e do multiculturalismo. Não havia consenso entre os professores, mas defesas e discordâncias

6 A Espanha é um Reino constituído de 17 Comunidades Autônomas: Andaluzia, Aragão, Cantábria, Castilla – La Mancha, Castilla y León, Catalunha, Comunidade Valenciana, Extremadura, Galícia, Ihas Baleares, Ihas Canárias, A Rioja, Madri, Murcia, Navarra, País Vasco e Principado de Astúrias, além de duas possessões: Ceuta e Melilla, localizados no norte do território africano. Também podem existir no interior de algumas Comunidades, províncias, como o exemplo da Andaluzia divide-se em oito províncias: Almeria, Cádiz, Córdoba, Granada, Huelva, Jaén, Málaga, Sevilla. Fonte: OLMO. Rafael, M et all. **Los geógrafos y la regionalización política de España**. Madrid, 2000. (não informa editora)..

em ambos os lados. Para o artigo que publiquei na época, li a entrevista de Giovanni Sartori, cientista político italiano para Alfonso Basalto, na revista *Época*, citada no meu artigo, que dizia o seguinte:

Sartori (2001) contrapõe pluralismo e multiculturalismo. Para ele, o pluralismo se manifesta como uma sociedade aberta, enriquecida pela multiplicidade de culturas. O multiculturalismo implica um desmembramento da comunidade em subgrupos de comunidades fechadas. No pluralismo cabe a integração, o multiculturalismo conduz ao enfrentamento. A Europa é resultado de séculos de pluralismo e de intercâmbio de culturas. Os Balcãs, por exemplo, são uma bomba multicultural, aparentemente sem solução. (PINHEIRO, 2000, p. 74).

De certa forma, esse cientista tinha restrições acerca da legalização de certos grupos étnicos na Europa, sobretudo os muçulmanos. Enquanto isso, as discussões no plano educacional estavam tentando resolver a questão da identidade, especialmente por ser a Espanha um território subdividido em diversos grupos e várias nacionalidades internas, como a catalã, galega e basca. Além disso, tinham que, ao mesmo tempo, construir uma identidade local (cidades e províncias); regional (comunidades autônomas); nacional (espanhola); europeia, (como parte da União Europeia); e ainda como cidadão de um mundo globalizado. Tudo isso respeitando as nacionalidades internas. Sobre essa questão, escrevi no meu artigo o seguinte:

A identidade de um povo ocorre por meio das relações entre as pessoas na sociedade e entre os lugares, no entanto estes aspectos apresentam muitas contradições. Essas relações não são lineares e sequenciais, nem harmônicas. Pelo contrário, são conflituosas exatamente por não haver uma força de homogeneidade completa a ponto de não permitir o diferente. Os espaços são seletivos, ao mesmo tempo podem acolher e excluir dependendo das relações econômicas, culturais, e dos acessos aos bens produzidos

socialmente, que muitas vezes são apropriados particularmente. Pois nem sempre todas as pessoas de uma comunidade têm acesso ao bem-estar e à justiça social igualmente (Callai, 2000). A riqueza das particularidades que dá sentido a identidade de um povo, de uma nação, de um território, reside nos movimentos dos fluxos que interferem nas estruturas estabelecidas, a partir de um jogo de forças entre o que vem de fora e o que já existe no lugar (Callai, 2000). A globalização visa a homogeneização dos povos e dos lugares, mas na realidade este processo é quase impossível, uma vez que o que forma a identidade é a relação com a diversidade e este processo é intrínseco à cada povo, neste sentido, o contato e convivência com outros povos amplia e enriquece a cultura. Para o processo de globalização atual, baseado, sobretudo no deslocamento do padrão capitalista de acumulação. (PINHEIRO, 2000, p. 76).

Sobre o primeiro estágio: voltei ao Brasil em dezembro e apresentei o relatório. Coloquei “quase tudo” do que participei. Relatei as visitas aos museus, o movimento dos clandestinos, a questão da língua, as conversas com a professora Glória, da UAM, e Maria Jesús, da UCM, as pesquisas para o doutorado etc.

Madrid 40 grados e os encanto de Portugal: o regresso

Fiquei dois meses, da primeira vez, e depois voltei em 2002. Dessa vez, fui convidado pela professora Glória Luna e fiquei mais um mês. Fui pela mesma agência, a AECI. Creio que ela leu o relatório (risos). Dessa vez, foi no auge do verão, com temperaturas chegando aos 40°C. Era outra Madri, o sol se punha às 22:00h, era muito diferente. As pessoas andavam com muito pouca roupa e durante a noite toda tinha gente na rua. Quando voltei para a Europa, a convite da professora Glória, foi para uma estada de um mês.

Na segunda vez que fui, não se tratava mais de intercâmbio docente e sim para fazer um curso de Cultura Espanhola, convidado pela professora Glória Luna da UAM. Novamente fiquei hospedado

no mesmo local, mas, dessa vez, sem alunos. Era temporada de férias, as *vacaciones de verano*. Revivi muitos momentos e vivenciei outras experiências. Particpei da Parada *Gay* de Madrid, uma loucura. Aquilo que é desfile de nudez (risos). Voltei outras vezes para eventos. Mantive vários contatos, porém, com minha volta para São Paulo, na Unifesp, e com vários problemas pessoais e familiares que tive para resolver, fui me distanciando e perdendo contatos. Mas, sem dúvidas, foi uma experiência incrível na minha vida. Um tempo curto, mas intenso, nunca esquecerei.



Figura 40 – *Visitas à Espanha e Portugal. Esquerda: Madrid, em 2001. Direita: Lisboa, em 2002*

Fonte: Acervo do autor.

No evento em Oviedo, conheci muitos professores e estudantes espanhóis e portugueses, inclusive a professora Emília Sande Lemos, da Universidade Nova de Lisboa (UNL). Naquela época, ela era presidente da Associação de Professores de Geografia de Portugal e me convidou para publicar um artigo na Revista *Apogeo*⁷.

⁷ Assim como a Revista da PUC-Campinas, o artigo publicado na Revista de Portugal, foi escrito depois da data de publicação. Vê-se que este problema não é só nosso. O artigo

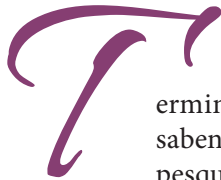
No artigo, parti do pressuposto de que as representações em Geografia não se restringiam apenas às cartográficas, mas que o espaço geográfico contém representações sociais construídas por meio da relação entre dos sujeitos com a realidade física-material e simbólica produzidas e reproduzidas por meio do imaginário, contribuindo para a formação das noções de espaço vivido, percebido, concebido e construído (Pinheiro, 2001).

Na época, também recebi convite da professora Emília para visitar a UNL. Depois de Madri, passei uma semana em Lisboa conhecendo a universidade e o entorno da cidade. Fui bem recebido e pude me informar sobre o funcionamento do sistema educacional de Portugal e sobre a formação de professores. Foi muito proveitoso, assim como a estada em Lisboa, com muitas aventuras que não vou relatar aqui, até porque esta história está muito longa (risos).

VIII

*Goiânia e a UFG:
comida boa e
gente receptiva*

*Ando devagar
Porque já tive pressa
Levo esse sorriso
Porque já chorei demais
Hoje me sinto mais forte
Mais feliz quem sabe
Só levo a certeza
De que muito pouco sei
Eu nada sei
Conhecer as manhas e as manhãs
O sabor das massas e das maçãs
É preciso amor pra poder pulsar
É preciso paz pra poder sorrir
É preciso a chuva para florir¹*



Terminado o doutorado, em 2003, e sabendo que poderia ser demitido da PUC, pesquisei sobre os concursos e me inscrevi para as universidades federais do Paraná, de Goiás e de Minas Gerais. As provas foram em janeiro de 2004. De início, preferia a UFMG, porque está mais próxima de São Paulo e a rodovia Fernão Dias, que liga as duas capitais (São Paulo – Belo Horizonte), passa pela minha cidade natal, Bragança Paulista, que faz divisa com o sul de Minas Gerais. Mas acabaram acontecendo uns “truques” na UFMG que não descobri até hoje. Apenas tenho suspeitas, mas eram umas coisas estranhas, nunca marcavam o concurso. A UFG, em Goiânia, saiu na frente. O concurso foi em janeiro e depois, no mesmo mês, foi o da UFPR, em Curitiba.

Antes dos concursos, vou relatar um fato. Quando eu fui apresentar parte da minha tese no 7º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia – ENPEG, em 2003, em Vitória, no

¹ Trecho da música: *Tocando em frente*. Composição: Almir Sater e Renato Teixeira. CD: Almir Sater ao vivo. São Paulo: Columbia, 1991.

Espírito Santo, convidado pela professora Dra. Gisele Girardi, da Universidade Federal do Espírito Santo, (UFES), conheci o professor Dr. Vanilton Camilo de Souza. Na época, era professor da PUC de Goiás e ficamos amigos. Quando fui fazer o concurso na UFG, fui convidado por ele. Fiquei hospedado no seu apartamento em Goiânia. Acordava às 6 horas da manhã e ele estava fazendo comida. Depois que me mudei para Goiânia, percebi o quanto a comida é valorizada e muito boa, como dizem os goianos, “comida mineira melhorada” (risos).

Logo depois, na semana seguinte, foi o concurso da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Praticamente, voltei de Goiânia para Campinas, refiz a mala e parti para Curitiba, tudo isso em janeiro, em pleno verão. Nesse concurso, era o único doutor entre os candidatos. Passei em todas as etapas e faltava a última para terminar, a entrevista. Na UFPR, divulgavam as notas a cada fase do concurso e estava sempre em primeiro lugar. No penúltimo dia do concurso, logo de manhã, o professor Dr. Manoel Calaça, diretor do Instituto de Estudos Sócio-ambientais (IESA) da UFG, ligou-me para dizer que eu tinha passado e me deu um prazo para confirmar se ia assumir.

Em pleno janeiro, em Curitiba, na semana do concurso, fazia calor. De repente, às 15 horas, na quarta-feira, o céu começou a fechar, formou-se uma névoa, escureceu tudo e começou a fazer frio. Nessa hora, estava andando pela cidade, entrei na primeira loja e comprei uma jaqueta. Depois dessa névoa e desse frio, decidi, naquele momento, que iria para Goiás. Fui para o hotel, entrei no quarto de uma colega, que estava hospedada no mesmo local e que também estava fazendo o concurso, e pedi para avisar à banca que fui embora e tinha desistido do concurso.

Sempre gostei do calor. Além disso, também não gostei do prédio onde ia dar aulas em Curitiba. Um edifício enorme de 10 andares. Imagina descer todos para fumar um cigarro? (risos). Gostei da cidade fisicamente, aliás, já a conhecia, mas morar era outra coisa. Resolvi não terminar o concurso para não correr o risco de

passar e depois meus amigos me pressionarem para assumir na UFPR. Desistindo estava reprovado.

Mudei-me para Goiânia em março de 2004. Assim que cheguei, uma mulher da UFMG ligou perguntando por que não tinha comparecido ao concurso. Fiquei intrigado, pois sempre ligava para perguntar sobre o concurso e respondiam que tinham mudado de prédio, de telefone e que ainda não tinham marcado a data. A ligação que recebi em Goiânia foi um dia depois do início do concurso. Não dava mais, a UFMG e Belo Horizonte ficaram para trás.

Depois que tinha decidido por Goiânia, fui para lá em fevereiro procurar um local para morar. Vanilton saiu comigo ajudando a procurar uma casa para alugar. Se fosse apartamento seria mais fácil, Goiânia é uma cidade bastante verticalizada, mas queria uma casa.

Em Goiânia, passamos uma semana vasculhando a cidade. Vanilton dava opinião sobre os bairros e as vantagens e desvantagens de cada um deles. Não encontramos nenhuma casa interessante. No último dia, disse-me que um professor da UFG que tinha uma chácara e queria alugar. No terreno, havia duas casas: um sobrado e outra menor. Para assumir sozinho seria caro. Vanilton disse que queria sair do apartamento onde morava e me fez a proposta de morarmos juntos na chácara e dividirmos o aluguel. Não dava mais tempo de ver mais casas porque estava com a passagem comprada para voltar a Campinas e, em breve, voltaria para ficar.

Voltei para São Paulo e, depois de uns dias, ele ligou falando que viu a casa, que estava boa, tinha piscina, um terreno enorme, daria para fazer horta, havia muitas árvores frutíferas e que dava para ir para a universidade caminhando. O Campus fica em um lugar bastante arborizado e do lado tem um bairro de chácaras, chamado de “Chácaras Califórnia”. Aceitei a proposta e ele foi resolver a papelada do aluguel. Depois de uma semana, ligou-me falando que tinha uma amiga que também estava interessada em morar junto conosco. Como havia duas casas, a maior era enorme, com dois andares, achei que daria certo. Foi meio estranho no começo, por-

que iria morar com uma pessoa que conhecia pouco e outra que não conhecia. No início, pensei que moraria em uma casa e Vanilton em outra, mas, como ele tinha organizado tudo, concordei e a moradia estava decidida.

Assumi o cargo de docente da UFG em março de 2004. Antes, organizei tudo, preparei a mudança, contratei um caminhão em Campinas, vendi meu carro e tudo estava pronto. Na véspera da viagem, saí de casa para lanchar e, quando voltei, a Niti estava morta na calçada. Não tinha sido atropelada, não havia sinal de envenenamento, simplesmente estava morta. Ainda estava com o carro, então a peguei e levei para o veterinário para saber o que tinha acontecido. Ele disse que tinha sido morte natural. Foi muito estranho, era saudável, nunca saía na rua, não tinha sinais de alguém ter entrado em casa. Deixei o corpo dela no veterinário, não tive condições de me despedir direito, estava me mudando, foi muito doloroso.

Cheguei em Goiânia um dia antes do caminhão de mudança e fui o primeiro a chegar na casa. Mesmo sem saber a diferença entre os quartos, Vanilton disse que o quarto da frente seria meu. Quando cheguei, fiquei surpreso, pois era uma suíte enorme, com banheira, um *closet* e uma sacada. Ele tinha deixado um colchão, porque sabia que eu chegaria antes. No outro dia, minha mudança chegou. Depois de uns dias, chegou a Odiones, a outra moradora. No início, tivemos alguns conflitos, pois ela é bastante sistemática (risos), mas depois fomos nos conhecendo e nos dando bem. Depois de alguns dias, chegou Vanilton com a mudança dele.

Essa casa foi muito significativa na minha vida em Goiânia. Morei lá por todo o tempo em que fiquei na UFG. A casa tinha jardim, piscina, um grande quintal. Goiânia é uma cidade onde chove por quase seis meses e os outros são de seca. Não tem muita água e os rios ficam longe. Quando podíamos, íamos para as praias do Rio Araguaia, em especial para a cidade de Barra do Garças, no Mato Grosso, com o Gilson Ferraz Fernandes, um grande amigo que conheci em Goiânia e que tinha casa na cidade. Ficava a cerca de 500 quilômetros de distância.

Nossa casa virou um ponto de encontro para reuniões, tanto acadêmicas, como de confraternização do grupo de ensino de Goiás. Também aconteciam muitos churrascos e festas. Foi muito bom ter morado lá.

Cheguei em fevereiro de 2004 e ainda não tinha tomado posse na universidade, então aproveitei para conhecer o lugar. Lembro que um dia estava indo para o Instituto de Estudos Socioambientais (IESA) e percebi um movimento no mato, olhei e não vi nada. Quando estava voltando para a casa, no mesmo lugar, começou um barulho. Era um filhote de gato, que veio andando atrás de mim e me acompanhou até a casa, era uma gatinha. Tinha feito duas semanas da morte da Niti, e essa gata apareceu. Foi interessante porque Vanilton não gostava muito de animal de estimação, mas aceitou a gatinha. Apaixonei-me por ela, uma gata tricolor e bem carinhosa.

Na chácara, já havia uma cadela que se chamava *Cherry*, era a cuidadora da casa, uma cachorra brava, mas dócil com a gente. Vanilton era extremamente rigoroso com a *Cherry*, não deixava que entrasse em casa, mas a gatinha entrou. Depois a Odiones apareceu com uma filhote de cachorro. Vanilton ficou louco com tantos bichos ao seu redor, mas depois se acostumou. A gata pulava muito, e, na época, a Daiane dos Santos, a ginasta, estava no ápice da carreira e nós demos o nome da gata de Daiane. Essa gata foi comigo para São Paulo e depois veio para João Pessoa, mas, na mudança do bairro do Manaíra para o Bessa, onde moro atualmente, desapareceu.

IESA/UFG: trabalho sério e risadas

Comecei a dar aulas na UFG em março de 2004, e foi tudo muito diferente, porque, até então, a relação que eu tinha como docente era com a PUC e com a Unicamp, onde frequentei e estudei. Na UFG, o curso de Geografia ficava no Instituto de Estudos Sócio-ambientais (IESA). Era um prédio padronizado, construído na época da ditadura, muito comum em várias universidades. Lá ficavam as salas de aula, a copa, os laboratórios, os ambientes dos

professores, geralmente divididos entre dois docentes e a administração. O instituto tinha um convênio com uma pequena papelaria onde podíamos fazer cópias, sem custo quando fossem para as atividades docentes. Na copa, sempre tinha café e havia também geladeira, fogão, micro-ondas e sempre alguém levava uns “quitutes” para comermos. Goiânia é a terra da boa comida. A biblioteca central era boa, moderna, tinha acabado de ser construída. Em geral, o campus é bem organizado, os jardins bem cuidados e limpos.

No início, como é normal, estranhava muitas coisas, pois tinha saído do Sudeste para o Centro-oeste. É outra cultura, o jeito de falar, de fazer a comida. Tudo era diferente, inclusive a universidade, outras formas de organizar as coisas. Cheguei como recém-doutor no ensino com todo gás. Mas, quando assumi, as disciplinas de ensino estavam com uma professora substituta e o coordenador do curso determinou que ela continuasse até o final do período. Acabei ministrando aulas de *Geografia Agrária*. Fiz o melhor que pude, mas não era minha área e fiquei muito chateado, pois queria trabalhar com a educação. Tive algumas diferenças com o coordenador, mas depois deixei de lado. Hoje temos uma relação amistosa.

Como tinha estudado a pesquisa acadêmica sobre o ensino de Geografia, durante o doutorado fiz muitos contatos com professores de outros lugares, inclusive de outros países. Pretendia fazer um estudo sobre a produção acadêmica na América do Sul, na época tinha contato com professores da Universidade de Buenos Aires (UBA), que visitei duas vezes e foi onde pude conhecer as professoras Dras. Raquel Gurevich e Maria Vitória Fernandez Caso. Na UBA, os alunos ingressavam no Ciclo Básico Comum por um ano e só depois escolhiam o curso que desejam seguir. Geralmente eram acompanhados de uma orientação vocacional durante o período. O curso de Geografia ficava na Faculdade de Filosofia e Letras. Os alunos cursavam a licenciatura, equivalente ao nosso bacharelado e outro curso específico para formação de professores, com cinco anos, podendo aproveitar as disciplinas de ambos.

Quando se faz um concurso, é preciso apresentar um plano de trabalho e, no meu, além do ensino, demonstrei que iria dar continuidade à minha pesquisa de doutorado. Quando fui para Goiânia, levei as cópias das dissertações e teses utilizadas na minha pesquisa. Tinha quase 80% dessa produção, que ocupou um bom espaço do caminhão (risos). Quando cheguei à UFG, deparei-me com outra realidade. Na época, a turma do ensino era pequena, as disciplinas eram ministradas pelas professoras Dras. Lana de Souza Cavalcanti e Eliana Marta Barbosa de Moraes.

As professoras Dras. Lana, da UFG, Helena Copetti Callai, da Universidade de Ijuí-RS, e Sônia Vanzella Castellar, da USP, convidaram-me para participar de uma pesquisa como colaborador sobre saberes de professores de Geografia, mediante estudo comparativo entre três cidades brasileiras: Ijuí-RS, Goiânia-GO e São Paulo-SP. A pesquisa objetivou comparar saberes de professores a respeito de sua cidade, considerada como lugar de vivência, espaço da vida cotidiana com características próprias, seja grande ou pequena. No início, relutei um pouco, falei que tinha uma proposta de continuidade do doutorado, mas, como estava chegando, acabei entrando no projeto. Era muito interessante, porque era um projeto que trabalhava o ensino da cidade. A professora Lana também trabalha com o urbano, mas é conhecida pelo ensino. Tanto é que ela acabou unindo essas temáticas e hoje, na UFG, existe um núcleo de estudos sobre ensino da cidade. Como era minha primeira experiência na universidade pública, parei de questionar e entrei no projeto.

Antes mesmo de trabalhar em Goiânia, conhecia por leituras as obras de Lana Cavalcanti e de Helena Callai. Destaco dois livros, que aparecem ilustrados logo abaixo, e que foram marcantes na minha formação. O livro de Lana é um clássico, utilizado há duas décadas. Na leitura, pude entender melhor o uso dos conceitos no ensino e aprofundar meus conhecimentos em Vygotsk, sobretudo para a Geografia. Callai tem vários livros e artigos, dos quais destaco o 2º capítulo do livro *Práticas e contextualizações no cotidiano*. Foi o que mais utilizei, intitulado *Estudar o lugar para compreender*

o mundo. Esse texto baseou muitos de meus trabalhos na docência, pesquisa e extensão, inclusive me inspirou no projeto de extensão realizado na UFPB, em 2019.

Considero que essas autoras, foram importantes na configuração da área de ensino. Inclusive, creio que foi a partir de seus escritos que começamos a utilizar o termo “Educação Geográfica”. Tenho o prazer de conviver com elas até hoje. Na educação, a leitura de Maurice Tardif contribui para entender o professor e sua formação. Usei e abusei desse texto no pós-doutorado.



Figura 41 – Livros marcantes na década de 2000

Fonte. Capas escaneadas pelo autor. 2020.

Acabou que a proposta que tinha colocado no plano de trabalho não foi efetivada. Na prática, encontrei poucos trabalhos no formato de dissertações e teses em algumas universidades de países latino-americanos. Na época, inclusive, havia poucos programas de pós-graduação na área de ensino de Geografia. Diante disso, acabei desistindo, principalmente por falta de recursos para ir até essas universidades. Porém continuei estudando as pesquisas por vários anos, trabalhando temáticas específicas sobre a produção acadêmica, apresentando em eventos e publicando em formato de artigos.

Mas me arrependo de não ter digitalizado as cópias das dissertações e teses, pois muitas delas se perderam pelo caminho, em face das minhas mudanças.

Comecei a ministrar aulas na área de ensino no segundo semestre. Nessa época, aconteciam as discussões para a reestruturação do currículo, com base nas DCNs de 2002. Embora estivessem bem avançados no IESA, havia algumas questões polêmicas e resistências. Alguns professores não concordavam com a DCN para a licenciatura e consideravam que não eram necessárias tantas disciplinas voltadas para o ensino. Defendiam o modelo anterior, o 3+1, que estava em vigor desde a década de 1970: para a formação de professores, os alunos cursavam três anos e, no último, faziam uma complementação com algumas disciplinas pedagógicas e o estágio.

Alguns professores desejavam incluir, no currículo da licenciatura, disciplinas técnicas, relacionadas às suas especificidades de pesquisa, questionando a diferenciação entre o bacharelado e a licenciatura. Esse comportamento é comum quando se reformula o currículo, em que muitos aproveitam para incluir disciplinas que contemplem áreas específicas, para atender a interesses particulares. Desconhecem a organização de um currículo, a realidade de atuação desses profissionais, em especial dos professores da escola básica. Mas, pela força dos argumentos e apoio de vários colegas, o currículo foi votado e iniciado em 2005.

As reuniões do IESA, na época, principalmente sobre o currículo, eram pesadas, muitas disputadas, mas, quando terminava, eram poucos que ficavam problematizando nos corredores. Uma vez ou outra acontecia, sentia que havia certo profissionalismo entre os colegas na época. Em relação ao currículo, acredito que a professora Lana, por ser uma pessoa de renome nacional na área, conseguiu, com seu prestígio, demonstrar a importância da reestruturação do curso de licenciatura. No IESA, havia ambas as modalidades de curso, sendo licenciatura de manhã e à noite, e bacharelado era integral. Da Faculdade de Educação, vinham as disciplinas de *Psicologia da Educação*, *Didática Geral* e *Política Educacional*, porém os

Estágios, as Práticas de Ensino, a Didática do Ensino de Geografia e a Didática para a Formação do Professor de Geografia eram de responsabilidade do instituto.

Considero que o fato das disciplinas específicas para formação do professor de Geografia serem baseadas no IESA garantia mais qualidade e organicidade para o curso de licenciatura, tanto que o “ensino” passou a ser considerado uma área dentro do instituto. Porém, com tantas disciplinas e dois períodos, em 2005 começamos a perceber que aqueles professores não dariam mais conta. Na época, eram três professores: eu, Lana e Eliana. A disciplina da manhã era repetida à noite. Com o novo currículo, a carga horária aumentaria. Com isso, começou um movimento para que houvesse concurso para professores pesquisadores na área de ensino. Na época, o governo Lula tinha lançado o projeto de Reestruturação e Expansão das Universidades (Reuni)². O projeto envolvia construção de prédios, contratação de professores, abertura de novos cursos, investimento em equipamentos. Foi nesse momento que o instituto começou a reivindicar um prédio novo, inaugurado depois que tinha voltado para São Paulo.

Em 2004, aconteceu, em Goiânia, o 6º Congresso Nacional de Geógrafos (CBG) da AGB, encontro que acontece de 10 em 10 anos. Cheguei à UFG no momento de sua organização e realização. Como conheciam minha militância, atribuíram-me a tarefa de organizar a comissão dos alojamentos. Relutei, pois sabia que iria dar muito trabalho, mas acabei assumindo a função. Na época, o presidente da AGB era o professor Dr. Bernardo Mançano, da Unesp de Presidente

2 Segundo o Ministério da educação, em 2010, o projeto que foi iniciado em 2003 com previsão de término para 2012, significava “A expansão da educação superior conta com o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), que tem como principal objetivo ampliar o acesso e a permanência na educação superior... As ações do programa contemplam o aumento de vagas nos cursos de graduação, a ampliação da oferta de cursos noturnos, a promoção de inovações pedagógicas e o combate à evasão, entre outras metas que têm o propósito de diminuir as desigualdades sociais no país. O Reuni foi instituído pelo Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007, e é uma das ações que integram o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE). Fonte: <http://reuni.mec.gov.br/o-que-e-o-reuni>. Acesso: 07/04/2020.

Prudente, velho conhecido. O coordenador do evento era o professor Dr. Manoel Calaça, diretor do IESA.

O evento foi uma loucura! Teve cerca de cinco mil pessoas de vários estados do país. A maioria das pessoas que iam para os alojamentos eram estudantes, creio que cerca de dois mil eram desse grupo. Os alojamentos ficaram no campus da PUC-Goiás, próximos ao centro de Goiânia, e o 6º CBG no campus da UFG, mais distante. Naquela época, as universidades públicas, disponibilizavam ônibus como mais facilidade para os estudantes e, desde a década de 1980, era uma prática da AGB providenciar alojamentos para estudantes. Geralmente eram subsidiados pelos eventos e, às vezes, até a alimentação era mais barata para eles. Era comum, nos eventos, serem 50% dos participantes dessa categoria. Por estar numa área central e ocupado por jovens, toda noite ocorriam festas no alojamento. Foi montada uma superestrutura, com banheiros e chuveiros coletivos, refeitório para café da manhã etc. Todas as salas do bloco estavam lotadas além dos acampados na área externa. Evidente que com tantos jovens com os hormônios à “flor da pele”, foi uma loucura administrar, sobretudo nas festas. Mas, no final, deu quase tudo certo.

Ao final da gestão de Manoel Calaça, o professor Dr. João de Deus se candidatou para diretor e me convidou para ser o vice-diretor. Falei que não queria e que seria melhor um professor com mais experiência, porém acabei aceitando, acumulando a função de vice-diretor e coordenador do curso, o que era permitido na UFG. Assumimos em 2005 e comecei a ter mais proximidade com João de Deus. Ele tinha o compromisso de ampliar a área de ensino, começar a abertura de concursos e abrir vagas. No primeiro concurso, entrou o professor Dr. Tadeu Arraes, que, depois do estágio probatório, mudou para a área de urbana que tinha uma vaga, que depois foi destinada para o ensino. Foi realizado outro concurso em 2007, porém, nessa época, não estava mais na UFG por motivos que vou expor no próximo item. Tive que voltar para São Paulo. Creio que quem entrou foi o professor Dr. Denis Ritcher.

Quando era o vice-diretor e coordenava o curso com currículo novo, havia reuniões do colegiado do IESA e as reuniões específicas do curso. Na segunda, discutíamos os problemas relativos ao currículo, também outros relacionados às questões pedagógicas e aos problemas dos alunos e fazíamos leituras de textos para subsidiar as discussões. Essas reuniões eram coordenadas por mim e nunca tive problemas com a participação dos professores. Na UFG, havia muita aula de campo e conheci muitos lugares do estado de Goiás.

Na universidade, a pró-reitoria de graduação estabeleceu o Fórum de Licenciaturas da UFG e tinha reuniões mensais para todos os coordenadores para discutir as licenciaturas. Havia um programa institucional que apoiava a formação de professores, sempre presidido pela pró-reitora de graduação, que, na época, era representada pela professora Dra. Sandramara Matias Chaves, da Pedagogia. Na próxima gestão, entrou o professor Dr. Edward Madureira Brasil, que era do curso de agronomia, muito gentil, e me ajudou na minha transferência para São Paulo.

As reuniões da pró-reitoria de graduação eram muito produtivas, pois havia uma preocupação real com os cursos e, em especial, com os alunos. A professora Sandramara, além de ser uma pessoa muito amável, conhecia profundamente a educação e o funcionamento da universidade. Discutíamos desde as questões triviais do cotidiano até os problemas maiores da política educacional nacional. Sentia a presença tanto da reitoria como da pró-reitoria de graduação no cotidiano do curso, a administração superior chegava até a gente. Foi muito proveitoso. Na UFG, aprendi a trabalhar coletivamente.

Núcleo de Estudos e Pesquisa em Educação Geográfica

Desde que cheguei, participava do grupo de estudos coordenado pela professora Lana, frequentado pelos professores e estudantes da UFG, UEG e PUC-Goiás. Com o crescimento do grupo e professores de diversas instituições, inclusive da escola básica,

pensamos em fundar um núcleo que juntasse todos e possibilitasse promover eventos e publicações. Começamos a discutir essa possibilidade e, em 2004, foi fundado o *Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Geográfica* (NEPEG). Sou orgulhoso de ter contribuído na construção do estatuto. Foram criadas as regras de como se associar. Atualmente sou membro associado externo.



Figura 42 – Fórum Nepeg – Caldas Novas. Esquerda: Antonio Carlos com a professora Dra. Vânia Vlach-UFU. Direita: professora Dra. Lana de Souza Cavalcanti-UFG, Iuri, acadêmico da UFMG, e professores Drs. Valéria Roque – UFMG, Vanilton de Souza-UFG e Carolina Busch-UFT

Fonte: http://nepeg.com/fotos_videos/. Acesso 20/07/2020.

Na época, foi criado o *Fórum Goiano de Formação de Professores de Geografia do NEPEG*. Lembro-me de que, do segundo fórum em diante, fixou-se na cidade de Caldas Novas, cidade turística de águas quentes, a 200 km de Goiânia. Nos fóruns, passávamos o dia discutindo e a noite nas piscinas tomando cerveja. O Fórum NEPEG tornou-se um evento nacional e depois internacional. Desde o primeiro, foram treze edições. Essa experiência foi importante na minha formação. Na PUC, tinha pouco acesso a trabalhos em grupo e, quando acontecia, era na Apropucc ou na AGB-Cps.

Em conversa por telefone com o professor Vanilton, perguntei se poderia me ajudar a rememorar alguns fatos que vivemos juntos e

ele me enviou um depoimento que decidi, após seu consentimento, transcrever, textualizar e reproduzir aqui em forma de texto:

Quando o professor Antonio Carlos passou no concurso e deu início a suas atividades, ele entrou no grupo de ensino de Geografia. A primeira coisa que eu gostaria de destacar é que nós nos conhecíamos antes dele entrar na UFG. Conhecemo-nos no Encontro de Práticas de Ensino de Geografia (ENPEG), que aconteceu na cidade de Vitória-ES, em 2003. Quero destacar isso porque, nesse evento, tivemos algumas atividades, e, entre elas, uma das decisões do evento foi o rumo do ENPEG. Hoje o ENPEG é um evento grande da área de Ensino de Geografia, que congrega pesquisadores sobre Educação Geográfica, e ele ocorreu em função da decisão que tomamos naquele período. Naquela ocasião, havia um grupo que se articulava para que houvesse a reunião do ENPEG com o *Fala Professor*³, e outro grupo se colocava contra essa união e propunha desenvolver uma ideia de que o ENPEG tinha que ser um evento mais acadêmico na área de ensino de Geografia, um evento que congregasse pesquisadores, professores, todo o processo de formação de professor relativo à Educação Geográfica. Houve muito debate, um evento muito caloroso (ENPEG de Vitória). Lembro-me bem do Professor Antonio Carlos. Defendíamos essa situação de dar continuação ao ENPEG como uma atividade mais autônoma em relação à AGB, que era quem propunha a união

3 Ambos os eventos são importantes. O ENPEG é um encontro que não está articulado exatamente a nenhuma entidade. O grupo que assume tem autonomia para organizar, geralmente baseia-se no anterior, porém é independente. O *Fala Professor* é um evento organizado pela Associação dos Geógrafos Brasileiros e segue as suas regras. Segundo o site da Apegeo, o ENPEG foi idealizado pela professora Lívia de Oliveira, com primeira edição em 1985, na Unesp-Rio Claro; o 2º, em 1987, Aracaju-SE; sem informação de data, o 3º em Juiz de Fora-MG; o 4º sem informação de data e local. Depois de um período sem ser realizado, voltou em 1999, o 5º, em Belo Horizonte-MG; o 6º em 2001, São Paulo-SP; 7º em 2003, Vitória-ES; 8º em 2005, Dourados-MS; 9º em 2007, Niterói-RJ; 10º em 2009, Porto Alegre-RS; 11º em 2011, Goiânia-GO; 12º em 2013, João Pessoa-PB. Depois ficou parado por quatro anos. Em 2015, deveria ter sido em Belém – PA, mas a organização desistiu, sendo retomado em 2017 e realizado o 13º em Belo Horizonte-MG; o 14º em 2019, Campinas-SP, e o próximo, o 15º, será em 2021, em Salvador-BA. Fonte: <http://www.apegeo.com.br/enpeg2019/historico>. Acesso em 15/04/2020. Dos ENPEG, desde São Paulo, menos o de Niterói fui a todos. O *Fala Professor* – Encontro Nacional de Ensino de Geografia começou em Brasília em 1987, está hoje na XI Edição, já aconteceu em Presidente Prudente-SP, Curitiba-PR, Uberlândia-MG e Belo Horizonte-MG. Não fui a todos.

com o *Fala Professor*. Nós articulamos esse novo rumo no NEPEG e o professor Antonio Carlos foi muito ativo nessa defesa e, a partir desse evento, o professor Antonio Carlos esteve presente em todas as demais versões do ENPEG, ele sempre foi defensor desse rumo do evento, tendo em vista essa manutenção de um evento acadêmico na nossa área. Outra situação que eu gostaria de registrar foi a importância e presença do professor Antonio Carlos na Universidade Federal do Goiás quando nós articulamos e fizemos debate, fazendo o encaminhamento para o grupo que se destaca muito hoje no cenário nacional em relação à Educação Geográfica, que é o NEPEG. Naquele momento, no início dos anos 2000, nós fazíamos imensas discussões sobre a formação de professores da educação básica, e, nesses debates e discussões sobre essas diretrizes, pensávamos como se daria esse impacto na formação dos professores no estado de Goiás. O professor Antônio Carlos, Lana Cavancanti, eu, Eliana Marta, Marcos Antônio, da UEG, Losandra, da UEG, Beatriz Zanatta e Angêla Dantas, da PUC-Goiás, juntamos esse grupo e formamos esse núcleo. Esse núcleo objetivou inicialmente a discussão sobre a formação dos professores de Geografia com base nessas diretrizes, mas de uma forma muito rápida esse núcleo passou a discutir a pesquisa de Educação Geográfica. O NEPEG, naquele momento, era um grupo muito restrito ao estado do Goiás e o professor Antonio Carlos ampliou as bases, atividades e proposições para se pensar a questão da pesquisa. Então o grupo passou a ter outra dimensão. Essa ampliação das discussões permitiu que o NEPEG fosse agregando pesquisadores e formadores de professores de Geografia de diversas universidades. Hoje esse grupo se constitui tal como ele é, um grupo grande, ativo, produtivo por conta dessas nossas ações de protagonismo, juntamente com o professor Antonio Carlos no NEPEG.

A partir de 2003, quando conheci o professor Antonio Carlos, – conhecemo-nos nesse movimento com a Educação Geográfica – e durante todos esses anos, nós continuamos muito parceiros no desenvolvimento da defesa da Geografia na escola. Mesmo ele estando na UFPB, nossas atividades são muito articuladas, mesmo à distância. Ele, desde então, é muito importante para a pesquisa nessa área de Geografia na escola. Vale destacar que o NEPEG, dentre todas aquelas atividades acima, teve a efetivação de outra

atividade que também se tornou muito forte, que é a formação do Fórum NEPEG de Formação de Professores de Geografia, que ele ajudou a iniciar e hoje estamos na 10ª edição do fórum, que, naquela época, era um fórum regional e hoje se estabelece como nacional. O professor Antonio Carlos participa ativamente como membro do NEPEG até hoje, como membro externo do núcleo, está presente em todas as atividades, inclusive no fórum em todas as versões, seja como convidado a participar de mesas redondas ou como integrante na proposição de trabalhos acadêmicos e nas discussões dos nossos Grupos de Trabalhos.

Por fim, outra coisa que eu gostaria de registrar no período da nossa convivência no estado de Goiás, que é uma marca forte do professor: a dedicação que ele tem com os alunos da graduação e com os professores da educação básica. Todas as atividades de ensino ele faz com muita competência, com muita objetividade, sempre tendo como meta os alunos dele. Ele gosta muito de sala de aula, gosta muito de lidar com os alunos e a reciprocidade dos alunos também é muito importante porque eles gostam muito do professor Antonio Carlos.

Agradeço muito as palavras de Vanilton. Na verdade, o NEPEG é um grupo com muita sintonia e compromisso com o ensino e com a formação de professores de Geografia e só foi possível porque as pessoas deixaram a vaidade pessoal de lado e apostaram no trabalho coletivo. Aprendi muito com essa experiência e sou muito grato.



Figura 43 – Com amigos em Goiânia. Da esquerda para a direita: Carolina Busch, Odion Borba, Guibson Lima, Antonio Carlos, Vanilton de Souza. Goiânia. 2018

Fonte: Acervo do autor.

Pós-graduação no IESA/UFG

Em 2005, entrei no Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGG) da UFG. Comecei a orientar no mestrado. Meu primeiro orientando foi Jean Molinari, professor da UEG da cidade de Goiás. Em 2006, por recomendação do programa, abri quatro vagas, defendidas em 2008: Ádria Messias Pereira; Anna Maria Kovacs Khaoule, professora da UEG de Porangatu; Genésio Amorim de Lima Junior e Lucineide Mendes Pires, professora da UEG de Morrinhos e hoje do PPGG/UFG.

Atuar na pós-graduação foi uma experiência exitosa, exigiu estudar para conhecer os temas pesquisados pelos orientandos. Planejar as disciplinas impulsionou a produção de artigos, além de dar visibilidade acadêmica, sendo convidado para bancas e eventos. Não tive problemas com meus orientandos na UFG. Destaco Genésio, que era um ótimo aluno, era *gay*, falava muito bem,

estudioso, bem-humorado, espirituoso e muito bonito. Ficamos muito amigos.

Genésio fez um trabalho sobre as entidades que lidavam com a AIDS em Goiânia no plano da educação não escolar. Estudava a territorialidade das ONGs, como elas se comunicavam com as pessoas e de quais maneiras desenvolviam os projetos educacionais. Era casado com Marx, grande artista plástico. Inclusive tenho algumas obras dele em casa. Acredito que atualmente vive em Minas Gerais. Em 2010, Genésio começou a ficar doente, depois foi diagnosticado um câncer. Na época, era professor da rede estadual de Goiás. Sempre teve problemas com a família por causa da orientação sexual. Quando ficou doente, mesmo a mãe tendo recursos para ajudá-lo, não fez muita coisa. Em 2011, ele foi para São Paulo com Vanilton assistir ao carnaval no Sambódromo do Anhembi, ano em que desfilei na Escola de Samba Nenê da Vila Matilde.



Figura 44 – Em São Paulo com Genésio, Eduardo e Vanilton. Foto da esquerda: Antonio e Genésio na cidade de São Paulo. Foto da direita: Genésio, Eduardo, Antonio e Vanilton em Paranapiacaba-SP. Fevereiro de 2010

Fonte: Acervo do autor.

Em dezembro de 2011, quando eu, Eduardo e as gatas, estávamos morando em João Pessoa, Genésio, Max e Gilson vieram passar o Réveillon conosco. Depois, em 2012, quando ele estava internado

em um hospital em Goiânia, fui visitá-lo. Foi a última vez que o vi e logo veio a falecer. Tinha 30 e poucos anos, foi uma perda irreparável para a Educação e para a Geografia. Aliás, para o mundo. Tenho muitas saudades.

Lembranças de Goiânia e da UFG

Goiânia é uma cidade conservadora que caminha para um cosmopolitismo. Tive sorte de dentro do meu círculo de amizades não ter sofrido homofobia. Minha adaptação foi rápida, principalmente pelo acolhimento das pessoas. Quase não tive problemas de relacionamento e, quando tinha, era resolvido rapidamente. Isso me confortava, porque tive uma experiência traumática no ano de 2003 na PUC. Anteriormente, conhecia o professor Dr. Vanilton Camilo de Souza, a professora Dra. Odiones de Fátima Borba, na época professora da Universidade Evangélica de Anápolis. Morávamos juntos. Também conhecia a professora Lana Cavalcanti por ter sido leitor de suas obras e ter participado da minha banca de doutorado na Unicamp, o professor Manoel Calaça, que fez o contato para minha entrada na UFG.

No cotidiano da UFG, conheci o professor Dr. Alecsandro Ratts, que trabalha com etnia, negros, índios, quilombolas, gênero, na linha da *Geografia Cultural*, e também com a questão da sexualidade; às vezes trabalhava com o ensino. O professor Dr. Carlos Maia, que trabalha nessa área da *Geografia Cultural*, porém ligado às festas, hoje está na Universidade Federal de Juiz de Fora. A professora Dra. Maria Geralda de Almeida, também da área cultural. A professora Dra. Sandra de Fátima Oliveira, que era ligada ao meio ambiente, hoje aposentada. O João de Deus, uma pessoa tranquila que trabalhava com *Geografia Urbana*. A professora Dra. Gislaíne Cristina Luiz, de *Climatologia Urbana*, e a professora Dra. Eliana Marta de Moraes, do ensino, entre outros.

Na época, Vanilton era professor da escola básica e da PUC-Goiás. Tive o prazer de conhecer as professoras Dras. Beatriz Zanatta, Angêla Dantas e Marcia de Alencar Santana, atualmente

Pró-reitora de Extensão e Apoio Estudantil. Também o professor Dr. José Carlos Libâneo, de quem era leitor bem antes de ir para Goiânia, professor titular da Faculdade de Educação da PUC-Goiás.

Destaco que, em geral, as pessoas eram bem-humoradas. Além das discussões, fazíamos muitas festas, saíamos para bares, restaurantes etc. Apesar das disputas, era muito prazeroso trabalhar na UFG. Tive alunos respeitosos e aconteceram trocas acadêmicas e cotidianas significativas. Todos gostavam muito de festa, cerveja e comida. Tinha um bar em frente ao campus, chamado de “Pamonharia”, aonde ia sempre inclusive com os alunos. Quase todo final de semana tinha churrasco ou almoço na nossa casa. As pessoas faziam muitas festas e havia dias em que marcavam reuniões festivas concomitantes em lugares diferentes, então eu tinha que escolher para qual ir. Mas, quando não dava para ir às duas, as pessoas ficavam chateadas porque você não foi à festa.

Conheci várias pessoas em Goiás, participei da pós-graduação, era convidado pelos campi da UEG para palestrar, circulei muito. Trabalhei num curso de formação continuada com professores da escola básica, por seis meses, na cidade de Trindade, promovido pelo governo do estado. De tudo tenho boas recordações. Quando posso, passeio por Goiânia. Vejo que continuam fazendo festas. Adoro o mercado central, as feiras e as comidas (risos). O grupo de ensino da UFG é hoje referência nacional na pesquisa sobre a Educação Geográfica. Na época, tinha uma máquina digital e todas as fotos guardadas em arquivo foram corrompidas. Perdi tudo e agora restaram as lembranças apenas na minha memória.

Publicação do livro/catálogo produto da tese

Diferentemente das pesquisas anteriores, a minha passou a ser consultada por vários pesquisadores. Em 2004, na UFG em Goiás, tive a proposta da Editora Vieira para publicação em formato de livro, porém, quando enviei o material, o Sr. Vieira, proprietário

da editora, propôs dar mais ênfase para o catálogo que estava em anexo e que fizesse uma atualização.

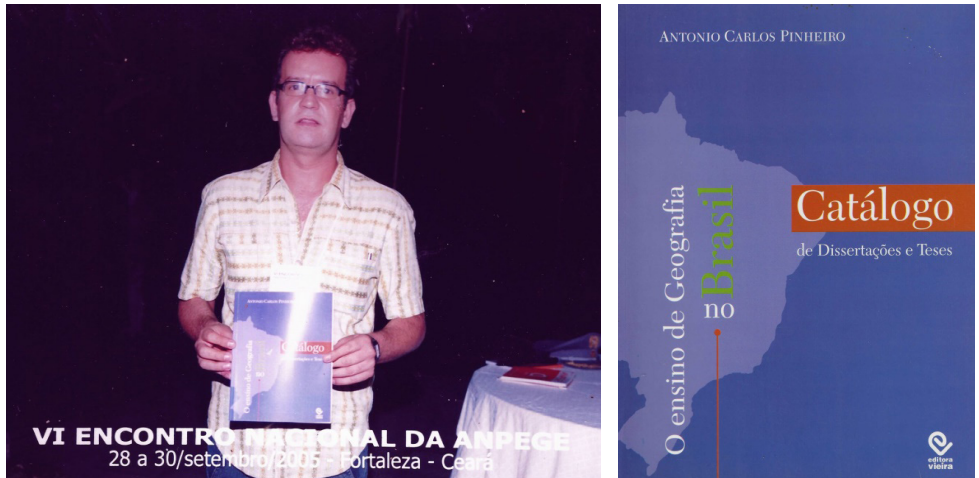


Figura 45 – Lançamento do livro em Fortaleza. Esquerda: lançamento do livro, realizado na cidade de Fortaleza, durante o 6º Encontro Nacional da Associação de Pós-graduação em Geografia – ANPEGE. Direita: Livro publicado, 2005

Fonte: Acervo do autor.

Em 2005, publiquei o livro: *O ensino de Geografia no Brasil: catálogo de dissertações e teses*. Levantei 317 dissertações e teses no período de 1967 a 2003, produzidas em 47 universidades brasileiras, sendo 277 dissertações de mestrado e 40 teses de doutorado. Para esse trabalho, também considerei três teses realizadas no formato anterior, realizadas antes da instituição dos cursos de pós-graduação no final da década de 1960 pela reforma universitária de 1968, que instituiu os cursos de pós-graduação no Brasil pela Capes. Esse livro foi e acredito ainda ser bastante utilizado pelos pesquisadores, pois deu visibilidade às pesquisas realizadas antes de 1996. Modestamente já era conhecido no Brasil pela militância na AGB e o livro me deu mais projeção.

Depois desse estudo, continuei acompanhando e atualizando a produção das pesquisas, escrevendo artigos com temáticas específicas, como: formação de professores, relação conteúdo-método, inclusão social, entre outros. Porém, com minha transferência para a Unifesp, fui para o curso de Pedagogia e, em função de problemas pessoais, acabei não conseguindo mais acompanhar a produção acadêmica. No entanto, sei que meu trabalho incentivou outros estudos e isso me orgulha muito. Acredito que foi uma importante contribuição para a área de pesquisa sobre o ensino de Geografia.

Fiz diversos lançamentos do livro em 2019, com ajuda de Eduardo Souza Falcão, meu companheiro e que fez as correções, e David Luiz Rodrigues de Almeida, meu orientando de doutorado da UFPB, que realizou correções, adequações e nova editoração. O livro foi transformado em *E-Book* e relançado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Geográfica (GEPEG) da UFPB, em 2020.

IX

*Frio e chuva:
volta para São Paulo
e entrada na Unifesp*

*É sempre lindo andar na cidade de São Paulo
O clima engana, a vida é grana em São Paulo
A japonesa loura, a nordestina moura de São Paulo
Gatinhas punk, um jeito yankee de São Paulo
Na grande cidade me realizar
Morando num BNH
Na periferia a fábrica escurece o dia¹*



Em 2007, estava em Goiânia. Meu irmão me ligou de Bragança Paulista avisando que meu pai estava muito mal no hospital e que eu deveria ir imediatamente. Comprei passagem e fui. Quando cheguei à cidade, ele já tinha falecido.

Apesar de ser o primogênito entre dois filhos, nunca fui ligado ao meu pai. Nossa relação era distante e fria. Trabalhei comigo mesmo essa relação, principalmente depois que ele se foi, porque não deu tempo de resolver quando estava vivo. Acredito que nunca conseguiria, pois, em todas as vezes que tentei conversar, suas respostas eram monossilábicas, “sim”, “não”. Era difícil de desenvolver um diálogo. Comigo ele era muito calado e fechado, mas não era assim com outras pessoas. Parece que tinha uma “trava” e não conseguíamos nos comunicar. Minha suspeita é de que provavelmente tinha algum problema com a minha sexualidade, ou, quem sabe,

1 Trecho da música: **São Paulo, São Paulo**. Composição: Biafra / Claus / Marcelo / Oswaldo / Wa. Interpretes: Premeditando o Breque (Premê). <https://www.letras.mus.br/premeditando-breque-preme/381602/>. Acesso em 03/08/2020.

com a dele. Concretamente não nos sentíamos à vontade juntos e 5 minutos pareciam uma eternidade.

Foi assim desde a minha infância. Lembro que minha avó materna, Angelina, costurava bonecas e eu tinha uma cesta que levava para casa dela e voltava para a minha cheia de bonecas de pano. Adorava, mas me reprimiam dizendo que não era brinquedo para meninos. Lembro que me obrigavam a soltar pipa (ou papagaio). Não gostava, aliás, tudo a que me forçavam não me agradava. Gostava de fazer a pipa, mas, na hora de fazê-la subir, “empinar” achava chato. Lembro até hoje que uma pessoa da família ficou horas comigo, fazendo-me empinar a pipa, mas não fiz o menor esforço. Depois que percebeu que eu não estava interessado, disse para eu guardar para tentar no outro dia, então pensei: tinha que me livrar daquela pipa. Entrei no banheiro e enfiei no vaso sanitário, liguei a descarga e fui empurrando com o pé até ela se quebrar e, aos poucos, ser “sugada” pelo vaso. Devia ter uns seis anos na época. Guardo até hoje a sensação de felicidade que senti, livrando-me da pipa e da opressão.

Não poder brincar do que gostava era muito difícil para mim, mas sempre dava um jeito de burlar. Hoje entendo que cresci num mundo machista e homofóbico. Em relação ao meu pai, deveria seguir o mesmo caminho dele, mas nasci diferente e adorava brincar com as meninas e com os meninos, apesar de quase sempre as brincadeiras dos meninos serem agressivas. Por mais que entenda a criação dele e suas dificuldades em aceitar minha orientação sexual, considero que ele, como adulto, tinha a responsabilidade de garantir minha existência e de me proteger. Evidente que não posso me queixar de tudo, pois era trabalhador e nunca faltou nada em casa. Também não sofri violência física, nunca me bateu, mas tive pouco carinho e atenção.

Sobre minha orientação sexual, sofri com a homofobia desde criança, sempre soube da minha natureza. Comecei a trabalhar aos treze anos de idade. Com meu dinheiro, resolvi uma série de coisas, como poder comprar roupas que desejava e me divertir. Afastei-me

da igreja católica, por entender que não era lugar para mim e não me deixei afetar pela minha condição sexual. Resolvi aceitar e seguir em frente. Considero que não tive grandes sequelas com a minha orientação sexual, aprendi a viver com ela me protegendo das violências – físicas, psicológicas e simbólicas – comuns com os homossexuais. Porém, nessa sociedade hipócrita, sofre-se dos dois jeitos: se não se assume, corre o risco de ter que se esconder e de se anular; caso se assuma, passa a ser alvo da opressão, por isso, parece que não tem muita solução.

Depois do sepultamento do meu pai, fiquei uma semana em Bragança e voltei para Goiânia. Passou-se um mês e meu irmão me ligou avisando que ia fazer uma cirurgia. No outro dia, ligaram-me comunicando que ele estava na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) e voltei novamente para Bragança. Ele não resistiu e, por insuficiência total dos órgãos, faleceu. Inicialmente foi fazer uma cirurgia de vesícula e não se sabe se ele não revelou para o médico, mas sofria de uma hepatite crônica, que causou complicações. Minha mãe ficou muito abalada, perdeu o marido e o filho querido em um curto espaço de tempo, praticamente dois meses, entrou em depressão.

Basicamente a família eram os três, que se davam muito bem entre eles, viviam praticamente juntos. Meu irmão trabalhava na loja de peças automotivas e na oficina de propriedade do meu pai. Meu pai era conhecido por “Dito Careca” e meu irmão por “Sergio Goiaba”. Aliás, muitas pessoas têm mania de arrumar apelido, parece que tem preguiça de chamar as pessoas pelo nome, é comum falar a primeira sílaba dos nomes: Fer, Lu, Ma etc. Parece que, quando a criança nasce, escolhem o nome visando o possível apelido. Acham carinhoso. Esse hábito é comum, porém pode ser desrespeitoso, sobretudo se não houver consentimento da pessoa.

Sergio era divorciado, mas, mesmo quando casado, almoçava todo dia na casa da minha mãe. Saí de casa aos 20 anos e, mesmo antes, tinha a minha vida. Trabalho desde os 13 anos e sempre fui independente, não era “colado” neles. Após o sepultamento, tive que ficar mais um mês em Bragança, resolvendo o que fazer com a loja.

Na época, meus dois sobrinhos eram menores de idade e a ex-esposa de meu irmão conseguiu, por meio de uma ação judicial, ser a administradora da empresa. Descobri, após a morte de meu irmão, que, antes de meu pai morrer, meu irmão tornou-se sócio da empresa. Assim, meus sobrinhos passaram a ter a maioria das cotas. Acabei aceitando, pois pensei que aquilo poderia garantir o futuro dos meus sobrinhos. Com essa notícia, eu e minha mãe juntos tínhamos 25%, além da maior parte dos prédios onde funcionava a empresa.

Como não tinha interesse no negócio, fiz um acordo: parte dos 25% dos lucros mais uma parcela do aluguel iria para minha mãe, que sempre foi do lar e não tinha aposentadoria. A pensão que recebia do meu pai pagava as despesas básicas da casa e seu tratamento médico. Também ficou acertado que minha tia Maria José, que era viúva, irmã mais nova da minha mãe, iria morar com ela, fazendo companhia e papel de cuidadora. Acertei com ela um valor mensal. Tudo resolvido, parti para Goiânia.

Bragança e família são melhores à distância

Depois de 15 dias, minha tia ligou dizendo que não tinha nada para comer e que as contas estavam atrasadas. Minha ex-cunhada, que ficou com a administração da loja, não repassava a parte dela conforme o combinado. Enviei um dinheiro pelo banco de Goiânia e tive que ir para Bragança.

Chegando à cidade, fui ao supermercado, fiz compras, paguei as contas. Minha mãe era uma católica fervorosa, fazia parte de uma congregação na igreja do bairro, as “Marianas”. Foi diversas vezes presidente e tinha o hábito de contribuir financeiramente e com alimentos para as obras assistenciais. Mesmo naquela situação, continuou ajudando. Toda semana tinha gente em casa pedindo coisas, tirava da dispensa e dava. Haja dinheiro! Tanto que, antes de morrer, deixou a recomendação que queria ser sepultada com a roupa que usava na igreja: um vestido azul e um medalhão da con-

gregação. Um ano depois, seu nome foi indicado para nomear um lugarejo em Bragança como cidadã benemerita. Não sei se concretizou.

Chegando à cidade, fui até a loja e a ex-cunhada estava com o domínio do único local onde poderia gerar recursos financeiros para subsidiar minha mãe e suas despesas. Percebendo que teria dificuldades na relação, em conversa com minha mãe, decidimos fazer outro acordo e trocamos a parte da loja com um imóvel que meu pai deixou, com a condição da loja pagar o salário da minha tia para ficar em casa como parte do aluguel. Esse imóvel era uma chácara que não era regularizada. Tive que entrar com um processo de *uso capião* que se enrolou desde 2008, resolvido em 2019. Levou 11 anos e muito investimento do meu bolso.



Figura 46 – Maria José (Marzé) e Izaura, minha mãe. Bragança Paulista. 2008

Fonte: Acervo do autor.

Depois disso, minha vida ficou difícil. Dividia meu tempo entre Goiânia e Bragança, às vezes de 15 em 15 dias, para resolver entraves, dar assistência para as questões de saúde de minha mãe e resolver os problemas criados pela administração da loja. Como não tinha mais dinheiro para ir de avião, estava indo de ônibus. Minha mãe nunca gostou da ex-cunhada, porém o que mais a incomodava era o fato dessa mulher ter participado de um atentado contra meu irmão. No entanto, o atirador se confundiu no dia da emboscada e acertou o vizinho, que não morreu, mas ficou com sequelas. No outro dia, a polícia localizou o atirador, que confessou o envolvimento dela. Foi presa em flagrante e ficou uns bons anos na prisão.

Na época, chamaram-me de ingênuo, mas acabei deixando na mão dela os bens que eram de direito dos meus sobrinhos. Hoje me arrependo profundamente. Poderia ter questionado na justiça. Sempre penso que as pessoas podem se recuperar, mas infelizmente não

foi o caso. Ela se aproveitou da situação de responsável dos filhos para se apossar da empresa. Até que, um dia, entrou em falência e foi definitivamente fechada. Mas, mesmo assim, ainda se aproveitaram de mim: fizeram empréstimos no banco utilizando meu nome, não pagaram um processo trabalhista em que me envolveram. Até hoje tenho problemas de crédito. Compro tudo com cartão de débito ou em dinheiro.

Na época, não dava mais para ficar naquela situação e ter que viajar duas vezes ao mês para Bragança. Além do cansaço e das despesas, estava interferindo no meu trabalho e na minha produção acadêmica. Conversei com o reitor da UFG, professor Edward Madureira Brasil, sobre a situação. Era início do segundo semestre e, com aval do professor João de Deus, consegui três meses de licença para tentar resolver os problemas. Concluí que essa situação não se resolveria tão fácil. A solução era tentar uma transferência para uma IES mais próxima de Bragança.

A Unifesp e o Campus de Guarulhos

Naquele tempo, soube que a Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) estava abrindo um campus em Guarulhos, na área de Ciências Humanas. Apesar de não ter o curso de Geografia, teria o curso de Ciências Sociais e o curso de Pedagogia. Marquei uma entrevista com a professora Dra. Cyntia Andersen Sarti, que seria a futura diretora do campus, apresentei a situação e solicitei uma redistribuição. Quando comecei a falar, ela me perguntou onde eu achava que poderia atuar e eu disse que tinha experiência no curso de Ciências Sociais na PUC. Mas ela me disse que não haveria nenhuma disciplina no curso que eu poderia ministrar e que, pela minha formação em educação (mestrado e doutorado), poderia ir para o curso de Pedagogia. Concordei. Deixei a sala dela com o comprometimento de fazer uma consulta com a professora Dra. Celia Maria Benedicto Giglio, que era a coordenadora do curso de Pedagogia, na época. Ela me aceitou prontamente e, no final do ano de 2007, estava de mudança para São Paulo.

No início, firmou-se um convênio entre a Unifesp e a UFG, um empréstimo, até que o processo fosse resolvido, que foi bastante burocrático. Na época, eu gostava de Goiânia, tinha amigos, adorava a UFG, tinha passado daquela fase inicial de adaptação, era respeitado, os alunos queriam ser meus orientandos, tinha eventos para ir, cheio de projetos, tinha até comprado um terreno ao lado da universidade, que depois acabei vendendo.

A Unifesp era rigorosa. Essa prática de redistribuição não era muito comum na universidade. Foi um processo demorado, envolvendo vários laudos médicos de minha mãe. Praticamente foi um novo concurso. Embora tivesse direito, não era simplesmente uma transferência. Tive que redigir um projeto sobre as intenções no ensino, pesquisa e extensão, considerando a graduação e a pós-graduação. Montaram uma banca, que me examinou, respondi muitas perguntas e, após o processo, fui aprovado. Aceitaram-me e começaram os trâmites da redistribuição. Na verdade, sabia que, pelas condições, tinha o direito, mesmo que não quisessem, mas cumpri todo o ritual para ter credibilidade.

Fui designado para o recém-instalado curso de Pedagogia no Campus de Guarulhos. Quando cheguei, o campus estava em obras, não tinha piso, mas muita lama. Havia alguns prédios construídos pela prefeitura. Esse local seria uma escola técnica. Ali havia um teatro bem estruturado: *O Adamastor Pimentas*. Os prédios foram doados para a Unifesp para iniciar o campus.

Como o curso de Pedagogia estava sendo instalado, as vagas para os docentes ainda não tinham sido todas ocupadas. Guarulhos fica a aproximadamente a 75 quilômetros de Bragança. Dava para ir e voltar no mesmo dia, se quisesse, mas preferi morar na cidade para ter mais conforto e privacidade.

Guarulhos é atualmente a segunda maior cidade do estado de São Paulo, sendo superada apenas pela capital. Segundo estimativa do IBGE, em 2019, contava com 1.379.182 habitantes. O município tem o maior complexo aeroportuário do país, o *Aeroporto Internacional de São Paulo/Guarulhos*, inaugurado em 1985. No entanto,

apesar das grandes obras em curso na época, a maioria dos habitantes da cidade vivia em condições precárias, principalmente de moradia e de acessibilidade urbana.

O local de instalação do campus foi o bairro dos Pimentas, que fica entre as rodovias Presidente Dutra, que liga São Paulo ao Rio de Janeiro, e a Rodovia Airton Sena, que dá acesso da cidade de São Paulo ao Vale do Paraíba e litoral norte do estado. Na época, o bairro era a maior área administrativa do município e o mais populoso. No censo de 2000, o IBGE registrou um total de 132.450 habitantes, concentrando 12,35% do total do município.

Com a instalação do campus e a construção de um *shopping*, o bairro passou a receber inúmeras melhorias, como pavimentação de ruas, construção de terminais de ônibus, saneamento básico, tanto internamente, como nas suas imediações. Porém, nos mapas de inclusão/exclusão social, apresentava índices preocupantes. O campus ficava em uma área com relevo montanhoso, num platô em dos topos mais altos da região, de onde poderia se avistar o bairro, como muitas casas empilhadas umas em cima de outras, os famosos “puxadinhos”. Ao lado, um grande canteiro de obras, onde estava em construção um conjunto habitacional de prédios de apartamentos.

A criação do campus de Guarulhos estava no contexto do Reuni, do governo Lula, em 2008. Como ainda estava em obras, quando chegamos, andávamos por tábuas para nos locomovermos de um local para o outro. Em 2009, aconteceu o primeiro processo seletivo e, no mesmo ano, comecei a ministrar aulas no curso de Pedagogia. Como a disciplina de Geografia estava mais à frente no currículo, a primeira disciplina com que trabalhei foi a de *Introdução à Educação*.

Confesso que fiquei apreensivo, mas confortável com a confiança dos colegas. Afinal, vários eram pedagogos e pesquisadores da educação e, além disso, a maioria teve formação acadêmica e escolar nas melhores escolas e vinham de famílias de classe média alta ou até aristocráticas (risos). Lembro-me de que, quando cheguei, na primeira reunião, fiquei impressionado com a forma como todos

se tratavam. Antes de iniciar a primeira reunião do curso, houve uma apresentação e, após começaram as aproximações, havia muita curiosidade e gentileza entre as pessoas. Tinham aquela educação que não se aprende exatamente na escola, mas que certamente vem da criação familiar, como dizem popularmente: “de berço”.

A maioria dos professores eram formados na USP, Unicamp, Unesp e PUC-SP, vários eram provenientes da classe média paulistana. Muitos deles eram doutores há muito tempo e não prestaram concursos para outras universidades porque não queriam sair de São Paulo. Alguns continuavam bolsistas na USP mesmo depois de doutores, atuando em grupos de pesquisas e fazendo investigações financiadas pela FAPESP, agência de fomento de bolsas de pesquisas do estado de São Paulo. Também havia, em menor escala, professores de outras regiões do país e estrangeiros. Inclusive destaque os professores nordestinos que migraram e fizeram concurso na Unifesp. Não percebi xenofobia em relação a eles, em geral, na minha estada em São Paulo. As hostilizações estavam relacionadas à classe social, questões socioeconômicas. O preconceito contra os nordestinos era com os migrantes pobres, que são a maioria, o que também não é justificável.

A Unifesp foi fundada como Escola de Medicina de São Paulo pela burguesia paulistana e sempre teve como lema a excelência. Depois a faculdade virou de responsabilidade do estado, até se transformar em universidade federal. Mas a universidade continuou com uma formação muito forte nas ciências da saúde, até que teve o fortalecimento do REUNI e novos campi foram criados, abrindo vários cursos de ciências humanas e exatas. Foram criados campus em Diadema, Guarulhos, Santos, São José dos Campos e Osasco².

2 Unifesp – “... Seu núcleo de origem é a Escola Paulista de Medicina, cuja fundação remonta a 1933 e que se sustentou por meio de recursos privados e subsídios governamentais até a federalização em 1956. Com a promulgação da lei n.º 8.957, em 1994, a EPM transformou-se em universidade federal...” “...A partir de 2005, com o apoio das prefeituras locais e os recursos provenientes do programa de expansão do governo federal, a Unifesp implantou novas unidades em municípios próximos a São Paulo. Os novos campi – denominados Baixada Santista, Diadema, Guarulhos, São José dos Campos e Osasco – assumiram a responsabilidade pela organização de áreas

Logo no início, houve muitas inaugurações do campus. Em uma delas, o Lula veio de helicóptero, em outra foi com o prefeito da cidade e seu *staff*. Sempre havia coquetéis. Lembro que, quando terminaram o piso e fizeram o jardim, teve outra inauguração. No teatro, depois dos discursos, tinha muita comida e bebida. Em um evento no *hall* do teatro com os novos colegas, passou por mim uma mulher bem arrumada. Olhei para ela e sabia que a conhecia. Aproximei-me e reconheci, era a professora Lindabel Delgado, que trabalhou no Cefam e era coordenadora da Apeoesp em Campinas. Ela perguntou o que eu estava fazendo lá, disse que era professor. Ela era a Secretária de Educação de Guarulhos. Conversamos e me convidou para ir ao seu gabinete no outro dia. Na época, eu morava ao lado da prefeitura, no bairro do Bom Clima, em Guarulhos. O governo era do PT e estavam interessados no campus. Quando nos encontramos no evento, algumas pessoas observaram nossa intimidade e possivelmente fiquei mais importante. Logo a diretora do campus, a professora Cíntia, chamou-me em sua sala e perguntou sobre a relação com a Secretária da Educação. Esclareci e então me pediu para ajudar na intermediação entre a universidade e a prefeitura.

Minha estada em Guarulhos e na Unifesp foi um “festival” de boas coincidências. Tudo fluía, ao contrário de Bragança, onde imperavam os problemas. Acho que para compensar o peso que foi resolver os entraves dos inventários e conflitos familiares e aguentar o tratamento desrespeitoso de algumas pessoas.

Em Guarulhos, havia dois teatros Adamastor, um do bairro dos Pimentas e um do centro, o original. Sempre havia peças de teatro, minicursos e atividades para as quais levava os alunos. No centro, era um complexo: além do teatro, tinha auditórios, salas para exposição e cursos. Utilizavam para eventos de educação continuada de professores. Frequentei vários eventos, inclusive convi-

do conhecimento que incluem, entre outras, as ciências exatas, humanas, ambientais e sociais aplicadas. No Campus São Paulo estão localizadas a Escola Paulista de Medicina e a Escola Paulista de Enfermagem, que representam o núcleo histórico da instituição.”. Fonte: <https://www.unifesp.br/institucional/institucionalsub/apresentacao>. Acesso: 20/07/2020.

dado como palestrante. Chamava-se Adamastor porque o centro cultural antes era uma fábrica, cujo antigo proprietário português homenageou o famoso navio cruzador militar português, chamado do mesmo nome, que operou desde o final do século XIX até meados do XX. Quem se lembra da música de Noel Rosa, *Com que roupa?*, que menciona na penúltima estrofe o seguinte: *Seu português agora deu o fora / Já foi-se embora e levou seu capital / Esqueceu quem tanto amou outrora / Foi de Adamastor pra Portugal*. A música provavelmente retrata um marinheiro que abandonou uma moça que o autor da música enamorou tentando reconquistá-la³. Cantei essa música várias vezes no coral.

Sentia-me importante. Quando chegava à prefeitura e aos eventos, davam-me as “boas vindas”, tinha passagem livre em tudo. Alguns até me chamavam de Doutor Antonio Carlos. Achava engraçado. Esse hábito também era de vários funcionários da Unifesp. Acho que foi o único local em que de fato fui doutor (risos).

Desvendando a realidade de Guarulhos: as PPPs

Em relação à disciplina que ministrei, *Introdução à Educação*, fiz pesquisa para organizar o programa, discutido posteriormente com os professores. O curso de Pedagogia da Unifesp tinha um formato diferente no projeto pedagógico, constava que, desde o início, deveria haver as práticas, representadas pelas Práticas Pedagógicas Programadas (PPP). Segundo o projeto do curso, as PPPs têm por finalidade proporcionar espaço para a aprendizagem prática dos pedagogos em formação, levando para o interior da universidade a realidade educacional na sua complexidade, nas

3 Mais informações sobre o Navio Adamastor: <http://www.portugalgrandeguerra.defesa.pt/Documents/Cruzador%20Adamastor.pdf>. Sobre a letra de Noel Rosa da música **Com que roupa?** <https://www.letras.mus.br/noel-rosa-musicas/125759/>. Acesso em 30/07/2020.

escalas local, regional, nacional e global (Projeto Pedagógico – Pedagogia/Unifesp, 2006)⁴.

As PPPs aconteciam nos quatro primeiros períodos e, na sequência, os estágios, que tinham o formato de Residência Pedagógica, iniciavam-se. As PPPs eram atividades práticas diversificadas, em que todos os professores deveriam propor com a carga horária de 60 horas, e a temática era livre. Trabalhavam com presidio, literatura, orfanato, EJA. Enfim, o professor tinha liberdade para propor e o aluno para escolher. Relato trechos dos Relatórios, apresentados nas PPPs, e também partes publicadas em artigos do livro *Educação Geográfica: reflexões e práticas*, organizado por Helena Callai, em 2014, editado pela Ed. Unijui⁵ e em periódicos.

A primeira PPP do curso foi coletiva, envolvendo os professores e as duas turmas iniciais. Como não conhecíamos Guarulhos, foi realizado mapeamento dos estabelecimentos de ensino da cidade. Fui até a prefeitura de Guarulhos, na Secretaria de Desenvolvimento Urbano, e consegui um mapa com uma escala de aproximadamente 1.100.000, que ocupava uma parede de 40 metros quadrados praticamente cobrindo-a inteira. O mapa estava em branco, mas tinha as divisões dos bairros, das principais avenidas, os cursos d'água. Como tínhamos duas turmas de 40 alunos cada, dividimos em grupos e cada um pesquisou uma modalidade de ensino. O meu grupo ficou responsável para preencher o mapa e fazer a legenda.

A intenção do projeto era que os alunos fossem protagonistas na sua realização, tomassem decisões e fizessem escolhas por si mesmos, enquanto nós, professores, atuávamos como orientadores. Começamos a mapear as escolas estaduais, municipais, privadas, filantrópicas, entre outras. Compramos adesivos coloridos em formato de bolinhas para marcar o mapa. Divididos em vinte catego-

4 UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO. **Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia**. São Paulo: Unifesp/Campus Guarulhos, 2006.

5 PINHEIRO, Antonio Carlos. *Práticas educativas com base local: estudo sobre o Bairro dos Pimentas em Guarulhos-SP*. In CALLAI, Helena Copetti (org.). **Educação Geográfica: reflexões e práticas**. Ijuí: Ed. Unijui, 2014.

rias, levamos seis meses para completar o mapa e, ao final, tínhamos o mapeamento do sistema de ensino de Guarulhos. O mapa ficou na sala do Laboratório de Ensino para as próximas turmas observarem o trabalho anterior.

Nas PPPs, os alunos podiam escolher qual projeto queriam entrar. Depois dessa primeira atividade em conjunto, cada professor apresentaria o seu projeto, que era socializado com todos em reunião no início do semestre. Também, naquela época, quando ingressava uma turma nova de alunos, os veteranos apresentavam o trabalho realizado anteriormente.

Como a atividade era livre, resolvi elaborar uma PPP que intitulei de *Comunidade de aprendizagem: estudo do meio no Bairro dos Pimentas*, realizado no segundo semestre de 2007. O objetivo era, a partir de expedições e incursões com os alunos, conhecer o bairro, identificar aspectos significativos, problemas, curiosidades, projetos sociais, culturais e educativos. O projeto, além de realizar um inventário das características do lugar, visava a construir uma rede de articulação entre ações existentes no bairro. *Comunidades de aprendizagem* é um projeto de transformação social, cultural e pedagógico de um centro educativo e de seu entorno, envolvendo pessoas com o propósito de oferecer igualdade de oportunidades para todos os alunos participantes do processo, respondendo a critérios de justiça social.

Para esse trabalho, cada aluno recebeu um mapa em branco do bairro dos Pimentas com as referências principais, como avenidas, o campus, o rio Tietê e as rodovias Dutra e Ayrton Senna. Para as atividades de campo, os alunos levavam um caderno ou bloco para anotações e registros. Na medida em que caminhávamos, anotávamos o que encontrávamos, fotografávamos e registrávamos no mapa (PINHEIRO, 2014).



Figura 47 – Atividades das Práticas Pedagógicas Programadas. Foto da esquerda: orientações para preenchimento do mapa das escolas de Guarulhos, 2007. Foto da direita: PPP no Parque Chico Mendes, do bairro dos Pimentas, com parte dos alunos. Kelly, Inez Isaque, Antonio, Valéria Soga, Marlene Benedicto, Keni Souza e Silvia Martins (da esquerda para a direita), 2007

Fonte: Acervo do autor.

Para essa PPP, inscrevam-se 12 alunos. A maioria era de moradores da região e estudava no período noturno. Eles tinham um perfil diferenciado: alguns já eram professores e a maioria era de pessoas mais maduras. Decidimos fazer essa PPP no sábado e todos aderiram. Com a identificação da Unifesp (crachá), fomos à feira, andamos pelas ruas, conversamos com as pessoas, que, quando viam que eramos da universidade, ficavam curiosos. O bairro era extenso, o campus ficava ao norte, ponto de saída, e, andando, chegamos ao sul, nas margens do Rio Tietê, próximo à divisa de Guarulhos com o bairro de São Miguel Paulista, em São Paulo.

Após as incursões, voltávamos para a sala de aula e procedíamos à seleção das fotos, sempre acompanhada de discussões. Após a seleção, os alunos descreviam e elaboravam um texto sobre elas. O produto do trabalho resultou em relatórios individuais e numa exposição fotográfica organizada coletivamente e apresentada várias

vezes no campus. Antes de vir para a UFPB, deixei todo o material guardado na Unifesp.

Destaco que esse trabalho me trouxe muita felicidade e prazer, principalmente pelo grupo que participou. Os alunos aceitavam todos os desafios, acordavam cedo para ir para ao campus aos sábados. Na época, eu morava no bairro do Bom Clima, próximo ao centro de Guarulhos, no oeste da cidade. Dirigia aproximadamente 14 quilômetros para o bairro dos Pimentas, que ficava a cerca de 11 km do aeroporto, sentido leste. Dependendo do dia, cumpria o trajeto em 20 minutos, mas, como era tudo incerto, às vezes levava mais tempo.

Os encontros eram produtivos. Além de o grupo ter sintonia, depois do trabalho, todos os sábados, Keni nos levava para um bar nordestino. Tomávamos cerveja e acabava tudo com feijoada, mocotó e favada. Foi uma ótima turma e até hoje tenho contato com alguns deles, como Valéria e Silvia, ambas dedicadas professoras do ensino fundamental.

Em outra atividade, realizada em 2008, conhecemos instituições de educação não formal ou não escolar. Descobrimos muitas mulheres que alfabetizavam por conta própria nas suas casas, atuando no Movimento Popular de Alfabetização de Adultos (MOVA), muito forte em Guarulhos. Também havia mulheres que ensinavam a fazer salgados, bordados, tapetes etc, geralmente de forma gratuita. Não imaginava que isso acontecia entre essa população. Milton Santos afirmava que, se existia colaboração entre as pessoas, entre os pobres, ocorria uma espécie de solidariedade forçada pelas condições da vida e necessidades semelhantes. Parece que ajudar o outro é a garantia de ajudar a si próprio nos momentos de escassez e tragédias. A ajuda financeira, mesmo que parca, é uma prática constante. Muitos trabalham pensando na próxima refeição, sem contar os desastres socionaturais, como deslizamento de terras, enchentes, incêndios, que deixam pessoas desabrigadas, mas que acabam sendo acolhidas pelos vizinhos. Sem contar também com a constante abordagem pela polícia, principalmente dos jovens, sobretudo os negros, que, às vezes, resultam em desgraças, entre outros problemas.

Por outro lado, vivenciei uma prática comum de colaboração entre eles, como: mutirões para ampliar e reformar as casas, empréstimos de dinheiro, de alimento, a vizinha cuidadora da criança enquanto a mãe trabalha em troca de favores. Tinha um evento muito comum de que cheguei a participar uma vez no bairro, era chamado de “bater a laje”. As pessoas se reuniam no final de semana para fazer a laje de uma casa, aumentando um andar, criando um novo pavimento que poderia seria mais um cômodo ou outra casa. Como o terreno era pequeno, muitas vezes produto de ocupação, era a solução para a ampliação, podiam chegar a mais de cinco andares. Nesses eventos, todos participavam, cada um com a sua habilidade. Enquanto alguns faziam o cimento, armavam a laje, outros faziam a comida ou o churrasco. No final, acabava em festa.



Figura 48 – *Imagens do bairro dos Pimentas – Guarulhos. Padrão de construção e autoconstrução da área nobre e relevo do bairro dos Pimentas. 2007*

Fonte: Acervo do autor.

Após ter observado essas práticas, em especial, a alfabetização e os cursos oferecidos na comunidade, quase sempre gratuitos e espontâneos, resolvemos organizar um evento no campus. Em 2009, realizamos, no sábado, o *I Encontro de práticas educativas não for-*

mais do Bairro dos Pimentas. Fizemos contato com lideranças, em especial com as mulheres que ofereciam os cursos e foi um sucesso. Apareceram em torno de cinquenta pessoas, todos animados por estarem na universidade e poderem falar das suas experiências. Foi emocionante. A maioria mulheres, todas com as suas melhores roupas, orgulhosas de pisar na Unifesp. Elas trouxeram lanches, que foram socializados e, ao final, como de costume entre esse povo, houve festa. Nunca mais esquecerei. Depois não conseguimos mais fazer outros e não sei se teve continuidade.

Os estudos anteriores sobre o mapeamento das instituições educacionais de Guarulhos e o estudo do meio no bairro permitiu conhecer ações educativas, tanto realizadas por entidades, como por grupos de pessoas sem vinculação institucional e com parcerias com o estado e a comunidade.

Em 2008, foi organizado o projeto *Rede de ações educativas não formais no Bairro dos Pimentas*, gerando dois grupos para estudos de caso: um investigou dois cursinhos populares de preparação para ingresso na universidade, o *Cursinho Popular dos Pimentas* e o *Programa Educiança – um confronto entre o Educar e o Cuidar*.

O cursinho era uma iniciativa de alguns moradores do bairro, envolvendo professores da rede pública que trabalhavam voluntariamente. As aulas aconteciam nos finais de semana na sede da associação dos moradores, que doavam alimentos para as refeições dos participantes. A comida era preparada pelas mulheres da própria comunidade. O cursinho era inspirado no *Educafro*, que, segundo o *site*, têm como objetivos:

reunir pessoas voluntárias, solidárias e beneficiárias desta causa, que lutam pela inclusão de negros, em especial, e pobres em geral, nas universidades públicas, prioritariamente, ou em uma universidade particular com bolsa de estudos, com a finalidade de possibilitar empoderamento e mobilidade social para população pobre e afro-brasileira. São objetivos específicos da *Educafro* que contribuem para o cumprimento de sua missão: organizar e provocar o surgimento de núcleos de pré-vestibular (novos

núcleos) nas periferias de todo Brasil; proporcionar surgimento de novas lideranças e cidadãos conscientes nas comunidades e nas universidades; formação cidadã e acadêmica através das aulas de professores voluntários nos cursinhos comunitários. (EDUCAFRO, 2020).⁶

No *site*, não encontrei informações sobre data e lugar de fundação do Educafro, que também oferece bolsas de estudos aos estudantes negros e pobres que participam e depois retribuem quando entram na universidade. O cursinho se esforçava para seguir esse modelo, fazendo parcerias com o governo, empresários, comunidade e principalmente com seus ex-alunos. Fizemos entrevistas com alunos e professores, com a comunidade, várias observações no local, resultando em relatórios e divulgação do projeto na Unifesp, em artigos e apresentados em eventos.

O *Programa Educriança* era polêmico, foi criado em 2002 pela Prefeitura Municipal de Guarulhos (PMG), que, na época, era administrada pelo PT. O projeto atendia crianças de zero a três anos, em idade de creche, mediante a formação concomitante de mães e crianças com visita domiciliar e fornecimento de uma bolsa mensal de R\$ 60,00 por criança. O programa desenvolvia-se nas escolas municipais e cada grupo de mães, pais e responsáveis frequentava as reuniões uma vez por semana. Participava do projeto quem não desejava colocar as crianças nas creches oferecidas pela prefeitura. Geralmente nessas reuniões, eram dadas informações sobre cuidados específicos com saúde, alimentação, educação. Eram oferecidas oficinas diversas com esses temas, além de orientação psicológica. Enquanto os adultos estavam nas reuniões, as crianças ficavam na brinquedoteca.

O *Programa Educriança* foi encerrado por determinação do Ministério Público em Guarulhos, em 2008, o qual entendeu que a prefeitura desenvolveu o programa com a justificativa de não

6 Fonte: <https://www.educafro.org.br/>. Acesso: 20/07/2020.

construir creches, mas, a partir dos depoimentos dos participantes, concluímos que não era esse o propósito, pois havia creches o suficiente. A rede municipal de ensino de Guarulhos, na época, era bem estruturada e exemplar no bom atendimento, havia um investimento grandioso nas escolas. O programa tinha outro propósito: dar assistência para quem estava fora da creche por opção. Acompanhamos por seis meses esse programa, participando das reuniões e até chegamos a ministrar oficinas em algumas escolas do bairro dos Pimentas e no bairro vizinho, o Bonsucesso.

Em 2009, elaboramos o projeto, relacionando educação, saúde e ambiente. Entre os objetivos, queríamos conhecer as doenças mais comuns no bairro que estivessem relacionadas com o ambiente, como doenças respiratórias, pois havia muita poluição atmosférica no local, dengue e outras verminoses – as casas eram construídas às margens de cursos d’água, o que envolvia as condições das moradias, alimentação, entre outras que se relacionavam a essas doenças. Entre as ações, havia o trabalho de campo, o mapeamento dos cursos d’água e a situação da rede de saneamento básico. Visitamos e fotografamos alguns deles. Também visitamos e entrevistamos os funcionários das Unidades Básicas de Saúde (UBS).

Naquele momento, comecei a me preocupar também com as escolas, sobretudo depois do estudo sobre o *Programa Educriança*. Passei a questionar quais ações são efetuadas no interior das escolas e quais se denominavam de práticas educativas não escolares. Começamos com as seguintes indagações: Como as questões relacionadas à saúde são trabalhadas nas escolas? Quais as relações entre as escolas e as UBSs? De maneira geral interrogamos: Como as práticas educativas não formais ou não escolares impactavam o ensino formal dessas escolas?

Nos estudos anteriores, constatamos que era comum, em Guarulhos, a prefeitura construir, no mesmo terreno uma escola, uma UBS. Identificamos e escolhemos três dessas unidades no bairro. Depois de conseguir autorização do Conselho de Ética da Unifesp e consentimento da PMG, elaboramos questionários para

as escolas e para as UBSs estudadas. As escolas nos recebiam bem. Tivemos algumas dificuldades com as UBSSs, mas conseguimos as informações. Depois de visitas, observação e entrevistas com gestores e funcionários e usuários das UBSSs, constatamos que a relação era complicada. Em relação à escola, havia palestras pontuais durante o ano sobre dengue, gravidez na adolescência, prevenção quanto ao uso de drogas e contra doenças, em especial as sexualmente transmissíveis. De ambos os lados, ouvíamos reclamações, como: interferência na gestão, acusações de falta de colaboração e dificuldade do trabalho em equipe.

Em uma ocasião, chegamos a uma escola e nos deparamos com um cavalo morto no jardim. A diretora disse que fazia alguns dias que o animal estava no local, informou que fez reclamação junto a UBS que estava ao lado da escola e a Unidade disse que não era sua jurisdição, pois aquilo era problema do Centro de Zoonoses. Que reclamassem com eles. A diretora estava indignada porque, na visão dela, era uma questão de saúde pública. Depois ficamos sabendo que a própria população retirou o animal do local e enterrou.

A última atividade que realizei na Unifesp foi em 2010. Estudamos a *Cooperativa dos Catadores de Materiais Recicláveis de Guarulhos*. Essa cooperativa era conveniada com as escolas públicas municipais para recolhimento dos resíduos gerados. Durante as visitas ao local, realizamos entrevistas com os coordenadores, que relataram descontentamento com alguns gestores das escolas. Diziam que, mesmo orientadas, muitas escolas misturavam papel comum com papel higiênico, por exemplo, impossibilitando a reciclagem, pois acabava contaminando todo o material, que não poderia mais ser aproveitado. Além disso, o líder da cooperativa disse que sempre alertava os gestores sobre como deveria ser separado e armazenado corretamente o lixo. Disse que alguns gestores não permitiam que os membros da cooperativa entrassem na escola e conversassem com os professores e alunos.

Relatou que algumas escolas, embora tivessem recipientes próprios para depósito do lixo fornecidos pela prefeitura – aqueles colori-

dos –, quando iam buscar o lixo, estavam todos no mesmo saco. Além disso, era comum, nas escolas, apenas quatro recipientes: azul para papel, vermelho para plástico, verde para vidro e amarelo para metal. Na visão dele, se a escola desejasse educar os alunos sobre como fazer a divisão correta, faltavam outras cores, pois, tanto na escola como na casa dos professores e alunos, havia outros tipos de resíduos.

Também reclamou da forma de tratamento que recebiam, como se fossem inferiores por fazer aquele trabalho. Várias vezes eram recebidos no portão da escola junto com o lixo. Queixava-se de não ouvirem as reclamações dos catadores e da cooperativa. Esse trabalho nos fez questionar o modelo de Educação Ambiental praticado nas escolas em relação ao lixo. Ao visitar algumas delas e entrevistar os gestores, notamos que faziam um discurso e praticavam outra coisa e não reconheciam esses profissionais como conhecedores do seu trabalho.



AZUL: papel;
VERMELHO: plástico;
VERDE: vidro;
AMARELO: metal;
PRETO: madeira;
LARANJA: resíduos perigosos;
BRANCO: resíduos ambulatoriais e de serviços de saúde;
ROXO: resíduos radioativos;
MARROM: resíduos orgânicos;
CINZA: resíduo geral não reciclável ou misturado, ou contaminado não passível de separação.

Figura 49 – Padrão universal de cores para a coleta seletiva

Fonte: Esquerda – os recipientes comuns nas escolas. Direita – padrão de cores universais. <https://www.setorreciclagem.com.br/3rs/as-cores-da-reciclagem/>. Acesso em 20/07/2020.

Desde o doutorado, comecei a questionar o modelo de Educação Ambiental praticado nas escolas e, depois desse projeto, tive mais certeza de que muitas ações centradas na separação do lixo não

funcionam. É comum separar e depois juntar tudo de novo e colocar na rua para ser recolhido, um “faz de conta”. O pior é que os alunos percebem e, assim como provavelmente acontece com outras disciplinas, não estendem para a sua realidade o que aprendem na escola. O professor faz de conta que ensina e os alunos fazem de conta que aprendem, e, na prática, todos sabem disso, mas não verbalizam. Infelizmente acontece também na universidade, o mundo do “faz de conta”. Em recente artigo na *Revista Brasileira de Educação em Geografia*⁷, faço algumas reflexões sobre a questão:

Embora seja patente o discurso da interdisciplinaridade, muitos pesquisadores que trabalham com a Educação Ambiental tendem a compartimentar a dimensão ambiental como um tipo específico de conhecimento. Muitas vezes, acaba por centrar suas ações apenas na instrumentalização, reduzindo, em alguns momentos, suas propostas às práticas de separação do lixo e/ou material reciclável, de comportamentos de sensibilização com o meio ambiente, descolados da realidade dos alunos. Frequentemente, terminam deixando de lado a dimensão política e econômica existente e, por vezes, desconsiderando a realidade social dos alunos. Nesse sentido, ao se distanciar da Geografia, dos seus conceitos, essa área tem levado os professores e suas práticas a uma educação ou a um adestramento ambiental? (PINHEIRO, 2020, p. 210, 211).

Sobre a questão do adestramento ambiental, cito, no item sobre a AGB, o livro de Paula Brugger, que esclarece essa posição. A Educação Ambiental é mais um conteúdo para ser decorado, mas não internalizado. Nos estudos realizados no bairro dos Pimentas e recentemente na Comunidade Santa Clara, em João Pessoa, encontramos áreas onde não existe nem a coleta, ou pelo acesso ou porque o caminhão do lixo não passa. Em outros casos, quando passa é uma vez por semana. Pergunto: como esse povo vai separar o lixo se não

7 PINHEIRO, Antonio Carlos. **Revisitando e refletindo sobre as pesquisas acadêmicas na área de Educação Geográfica no Brasil**. Revista Brasileira de Educação em Geografia. Campinas, v. 10, n. 19, p. 198-214, jan./jun., 2020

existe coleta? Nessas áreas, em face da falta do serviço de coleta, é comum queimarem o lixo ou jogarem nos cursos d'água. Centrar práticas, na escola, de separação do lixo sem discutir o destino e as reais condições de moradia e saneamento básico da população é inconseqüência, é mais uma prática excludente do que educativa. Existem outros exemplos de práticas, mas vou ficar por aqui.

Conhecendo as escolas: Programa de Residência Pedagógica

No ensino, além das disciplinas, participei dos *Estágios Supervisionados* no Programa de Residência Pedagógica (PRP), idealizado e implantado no curso de Pedagogia, iniciados em 2009. Transcrevo aqui trecho do artigo que produzi com o professor Dr. Jorge Luiz Barcellos da Silva sobre o programa, publicado no *Boletim Paulista de Geografia*, número 89, em 2010⁸:

O Programa de Residência Pedagógica do Departamento de Educação da Unifesp é uma organização de estágio curricular que visa a formar pedagogos. Esses profissionais em formação são paulatinamente inseridos em diferentes contextos escolares, objetivando superar as desconexões existentes entre teoria e prática, usualmente presentes em sua formação.

Ao longo do processo de formação dos futuros professores, a partir da segunda metade do curso os alunos experimentam quatro tipos de modalidades de residência pedagógica: na educação infantil, nos anos iniciais do ensino fundamental, na EJA e na gestão educacional. Os alunos residentes, com participações organizadas, vivenciam práticas pedagógicas e de gestão das escolas públicas de educação básica, totalizando a carga horária de 300 horas estabelecida pelas Diretrizes Curriculares Nacionais do Ministério da Educação para o curso de graduação em Pedagogia (BRASIL, 2006, artigo 7). (PINHEIRO e SILVA, 2010, p. 89).

8 PINHEIRO, Antonio Carlos e SILVA, Jorge Luiz Barcellos. A Geografia na formação de professores no Departamento de Educação na Unifesp. **Boletim Paulista de Geografia**, N. 89, Vol. 1, São Paulo: AGB, abril/2010.

Na PRP, atuei na educação infantil, no ensino fundamental I e no EJA. Naquela época, todos os professores participavam dos estágios, pois não era considerada uma área específica de um especialista.

Na educação infantil, atuei em uma escola com crianças de cinco anos com a proposta de trabalhar com a categoria de espaço. Uma vez, com os alunos, cheguei à escola e as crianças haviam feitos desenhos, a diretora pendurou todos em uma altura para os adultos. Questionei que aquela disposição dificultava as crianças verem o que produziram. Com base em outras experiências de professores da educação infantil, fizemos uma proposta e, nessa escola, a diretora era aberta a inovações. Então, propusemos um varal na altura das crianças, para que elas pudessem ver os desenhos e, ao contrário, os adultos teriam que se abaixar. Também era comum o hábito das crianças de riscar as paredes da escola. Durante o estágio, propusemos colocar azulejos nas paredes até a altura das crianças para que elas pudessem riscar, facilitando apagar com um pano posteriormente. A direção da escola acatou a ideia, utilizando uma verba que tinha e, com a ajuda da comunidade, azulejou a escola. Ficou ótima e todo dia tinha desenhos novos.

Na experiência com o EJA, o problema era a frequência regular dos alunos. Identificamos vários, por exemplo, quando chegava época de datas festivas (mães, namorados, natal), a maioria que trabalhava, como os ambulantes, desaparecia. Alguns desanimavam e não voltavam mais. Outra questão era as mulheres que engravidavam e não conseguiam frequentar regularmente. Outras trabalhavam e, quando chegavam em casa, iam para o segundo turno de trabalho, o doméstico, o que dificultava acompanhar a escola. Também em relação às mulheres, havia a dificuldade de deslocamento da casa até a escola. Como era curso noturno, relatavam que tinham medo de andar à noite sozinhas e acabavam abandonando o curso.

Quando chegamos às escolas de EJA, as professoras percebiam que questionávamos a baixa frequência. Algumas reclamavam que os alunos eram desinteressados e que naquela idade era difícil

estudar. Lembrávamos que eles trabalhavam o dia todo, pegavam ônibus para ir até a escola, depois tinham que pegar outro para ir para casa. Muitos professores não conseguiam se colocar no lugar dos alunos e, muitas vezes, utilizavam a mesma atividade dada para as crianças no período da manhã para o EJA à noite. Desenhos prontos para colorir, com motivos infantis, por exemplo, além da forma como expunham os conteúdos e até o tratamento dado incomodava os alunos, pois, às vezes, eram tratados como crianças. Certa vez, um senhor que trabalhava como pedreiro durante o dia alegou que ficava irritado com a forma que ele era tratado. Disse que nem com os netos dele fazia daquela forma, até porque muitas crianças na periferia trabalham desde cedo e amadurecem rápido.

Durante o tempo em que atuei no estágio do EJA, chegamos a propor as práticas da *Pedagogia da Alternância* para os alunos, além de horários alternativos, sobretudo para as mulheres e para os trabalhadores informais. Mas, todas as escolas eram municipais e, no EJA as aulas ocorriam no período noturno e, geralmente, durante o dia eram escolas de ensino fundamental I além de, na maioria dos casos, as professoras serem as mesmas. Quando pensamos na *Pedagogia da Alternância*, prática que tem sido utilizada na educação no campo, levamos em conta o tempo dos alunos, suas realidades e seus ritmos de trabalho. O EJA era realizado nos mesmos moldes de outras modalidades, com as mesmas regras. Na prática, o que se via era um número considerável de desistência, evasão e reprovação.



Figura 50 – Com *Angélica e Célia*. *Angélica Minhoto, Antonio Carlos e Célia Giglio*. São Paulo, 2010.

Fonte: Foto cedida por Célia Giglio.

Na Unifesp, fiz muitos amigos entre professores e alunos. Dos professores, tenho relação até hoje com as Dras. Célia Giglio e Angélica Minhoto. Dos alunos, destaco Valéria, que hoje é uma ótima professora, e Silvia Martins, que foi minha primeira bolsista de Iniciação Científica.

Também conheci Leandro Mendes Menog, que foi meu aluno no ano de 2008, quando cursou o primeiro semestre de Pedagogia na Unifesp. Aproximamo-nos imediatamente. Nosso “santo bateu”. Disse-me do seu interesse em cursar Geografia. No segundo semestre de 2008, foi convocado para o curso de Geografia da Unesp-Ourinhos. Voltou para São Paulo, transferido para a USP em 2011, terminou a graduação e fez pós-graduação. Hoje é professor da escola básica em São Paulo. Nossa amizade permanece. Esteve várias vezes em João Pessoa e, quando vou a São Paulo, fico hospedado na casa dele e do Carlos.



Figura 51 – Passeio e diversão em São Paulo. Rafael Straforini, Leandro Menog, Antonio Carlos, Carlos Eduardo Rainov. São Paulo. 2010

Fonte: Acervo do autor.

Destaco que o PRP, na época, tinha apoio institucional da universidade. As escolas participantes eram conveniadas e recebiam assessoria. Havia um carro, uma van que levava os alunos estagiários partindo do campus para a escola. Ia buscar e trazia de volta. Isso facilitava o trabalho.

A experiência na Unifesp foi muito exitosa. Estávamos construindo o campus, o curso, as relações com o lugar. A maioria das pessoas tinha vontade de fazer as coisas e se envolvia. As reuniões nunca atrasavam e tinha pouca burocracia e geralmente as questões administrativas eram resolvidas pelos funcionários. A maioria deles tinham curso superior e até pós-graduação em gestão. Havia um diretor administrativo com especialização em administração, que resolvia vários problemas, possibilitando aos professores centrar as atenções nos problemas do curso.

Embora o campus estivesse em construção, a universidade tentava manter um padrão de qualidade, como uma sala para os alunos com vários computadores, cinco máquinas de xérox e, ao lado, pilhas de papel sulfite. Cada aluno tinha uma senha e uma cota por mês. Os professores também tinham uma cota mensal de cópias gratuitas. Na Unifesp, havia um setor que cuidava da divulgação dos trabalhos realizados na universidade, “garimpando” espaço na mídia para divulgar a produção dos professores e alunos. Sempre mandavam *e-mail* perguntando se tínhamos algum artigo publicado ou novidades para divulgação. Essa estratégia da universidade funcionava para mostrar para a sociedade o que a comunidade acadêmica produzia. Tinha também um funcionário especializado que monitorava os editais e mandava para os professores. Se alguém quisesse se candidatar, orientava como proceder na burocracia, além de, muitas vezes, auxiliar no preenchimento e envio do projeto.

Na UFG e na Unifesp aprendi a trabalhar coletivamente na universidade. de forma colaborativa, prática que já desenvolvia na AGB-Cps, aprimorada nesses dois lugares que depois dei continuidade no GEPEG na UFPB. Os grupos dialogavam, sobretudo na Pedagogia, havia certa comunhão de ideias. Se o aluno ingressante não conhecesse o bairro ou a cidade, os veteranos apresentavam para eles o estudo anterior sobre o conhecimento acumulado. Bastava utilizar o material produzido anteriormente como fonte de pesquisa.

Se trabalhar na Unifesp era tão bom, por que a deixei? Por que me redistribuir para outro local? Realmente minha situação profissional na época era boa, gozava de respeito e prestígio por parte dos docentes, funcionários e estudantes. Além disso, tornei-me conhecido na prefeitura de Guarulhos e entre a classe política da cidade. Era sempre convidado para eventos e festas.

Creio que um dos problemas foi ter me mudado de Guarulhos para a cidade de São Paulo. Assim como em muitos lugares, o preconceito geográfico é muito forte em São Paulo. Muitas pessoas têm vergonha de dizer que moram em Guarulhos, porém eu morava num bairro “nobre” da cidade e bem equipado. Também existe muito pre-

conceito em São Paulo em relação às zonas da cidade, como a Zona Leste e a Zona Norte, que são estigmatizadas. Geralmente o sonho dourado da classe média e dos intelectuais é morar na Zona Oeste, em Pinheiros, Vila Madalena, Perdizes, Vila Mariana, Jardins etc. Que me lembre, na época, a Célia era a única professora que morava na Zona Leste, onde fui morar posteriormente.

Eduardo e mudança para a cidade de São Paulo

Em 2009, conheci Eduardo Souza Falcão quando ainda morava em Guarulhos, no bairro do Bom Clima, em Guarulhos. Desde essa época, estamos juntos. Em 2011, fizemos nossa união civil. Estava com 45 anos e nem esperava conhecer alguém e compartilhar uma vida juntos. Como dizem: “desencalhei” (risos).



Figura 52 – Visitando a cidade de Vitória/ES. Eduardo e Antonio Carlos em Vitória-ES, 2014

Fonte: Acervo do autor

Em 2010, dia 29 de abril, minha mãe faleceu em Bragança e, nesse mesmo ano, faleceu o pai de Eduardo, em Vitória-ES, cidade onde Eduardo nasceu. Sua mãe já havia falecido. Sem compromisso de ir toda semana para Bragança, decidimos nos mudar para a cidade de São Paulo.

Para ficar mais próximo do campus de Guarulhos, fomos morar na Vila Matilde, na Zona Leste, a duas quadras da linha vermelha do metrô. A ideia era passar a utilizar com mais frequência o transporte público e facilitar a circulação de Eduardo, que estava estudando Pedagogia em uma faculdade privada no bairro do Carão, também Zona Leste, que ficava duas estações depois da nossa. Em 2011, afastei-me por um ano das atividades docentes para fazer pós-doutorado na USP.

Embora o bairro fosse muito bom em relação aos serviços básicos, não havia opção de lazer. Para tanto, tínhamos que nos deslocar para área central de São Paulo ou para bairros como Vila Madalena, Vila Mariana, entre outros. Apesar de ser uma grande cidade, a vida cultural da cidade é centralizada. Na prática, São Paulo é uma cidade segregada, os equipamentos de melhor qualidade artística e cultural, são concentrados em determinadas áreas, privilegiando uma parcela ínfima da população em relação ao tamanho da cidade. As únicas coisas interessantes que havia no bairro eram a padaria, alguns restaurantes, o metrô, a escola de samba Nenê da Vila Matilde, que frequentava no período de carnaval, e a feira semanal, de que tenho muitas saudades pela variedade de produtos, frutas e verduras frescas.

Morar próximo ao metrô não facilitou minha circulação, pois a linha vermelha atende uma população de cerca de cinco milhões de pessoas na Zona Leste. Na estação da Vila Matilde, os trens quase sempre chegavam lotados. Além disso, para me deslocar para a Unifesp (tanto Guarulhos como o campus central na Vila Clementino), tinha que fazer diversas baldeações. Continuei utilizando meu carro.

Com o tempo comecei a desenvolver algumas fobias, não necessariamente de dirigir, mas de circular pela cidade. A distân-

cia da minha casa para a universidade era longa, levava duas horas ou mais na ida e o mesmo tempo para voltar. Geralmente as aulas terminavam quase às 23 horas e o percurso me dava medo. Além de assaltos, podia, a qualquer momento, cair um temporal, comum na cidade, tornando o trânsito lento aumentando o tempo de deslocamento. O mesmo acontecia quando precisava ir para a USP, que ficava no lado oposto da minha casa, na extremidade da Zona Oeste.

O metrô também começou a me dar medo, pois estava sempre lotado e, às vezes, não conseguia entrar no trem. Além dos assaltos e roubos, certa vez sofri agressão por homofobia no trem. Não estava fazendo nada, mas o sujeito implicou comigo e passou a me agredir verbalmente e ninguém me defendeu. Fiquei muito assustado e, quando andava de metrô, era acompanhado.

São Paulo é uma cidade contraditória: têm de tudo, inclusive intolerância e preconceitos de diversas matizes, convive-se com uma multidão, mas se está sempre sozinho. Por outro lado, é uma cidade receptiva, cosmopolita, relativamente fácil de fazer amizades. No entanto, era difícil encontrar os amigos naquela imensidão. Em função da grandiosidade da cidade, eram incomuns as visitas dos amigos na minha casa. Sempre gostei de fazer comidas e receber amigos. Às vezes, encontrava-os uma vez por mês, geralmente em algum lugar central de São Paulo. Nessa cidade, a distância não se mede em quilômetros, mas pelo acesso de um lugar para o outro.

Outro fator era o clima, pois havia muita instabilidade no tempo meteorológico, as mudanças eram bruscas: às vezes, estava calor de manhã e repentinamente, ao meio dia, o céu ficava cinza e vinha uma frente fria, além das chuvas constantes. Aliás, predominava o céu cinzento, carregado de nuvens, que perdurava por dias. Nunca fui adepto do frio, pois sempre gostei do calor, tanto que adorava Goiânia.

Conversando com Eduardo, começamos a fazer planos de mudar de São Paulo, mas, para isso, precisava mudar de universidade. Apesar da minha satisfação com o trabalho, optamos pela qualidade de vida. Pensamos em ir para uma cidade litoral, pois Eduardo nasceu

e cresceu em Vitória e adorava praia. A praia mais próxima ficava na cidade de Santos, a 75 km de distância, mas, dependendo da data e do trânsito, podia levar quase o dia todo para chegar.

Comecei a pesquisar semanalmente sobre concursos e comuniquei a vários colegas de outras universidades sobre meus planos. Em 2011, durante o Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia (ENPEG), realizado em Goiânia, encontrei um velho conhecido da UFPB, que, durante nossa conversa, falou que tinha uma vaga na UFPB para ensino de Geografia. Sugeriu que eu fizesse o concurso. Estava articulando com pessoas de alguns lugares para fazer uma redistribuição, mas surgiu a oportunidade de vir para a Paraíba.

Uma semana após, na minha casa, em São Paulo, recebi um *e-mail* da UFPB demonstrando interesse na minha redistribuição. Comprei uma passagem e vim para João Pessoa conhecer melhor a cidade. Há dez anos, quando participei do ENG, em 2002, não tive a oportunidade de conhecer tão bem a cidade.

Quando cheguei e passei a circular, tive um impacto, pois era outra cidade a que conheci dez anos antes. Os bairros de Manaíra, Cabo Branco e Bessa estavam bastante verticalizados. Fui à praia e achei bem limpa. Conheci o centro, à noite fui a barezinhos e, por último, a universidade (risos). Voltei a São Paulo, conversei com Eduardo, se estava disposto a me acompanhar, ele concordou.

Antes de vir, fomos ao cartório e formalizamos nossa união civil estável, para garantir direitos para ambos. Foi muito interessante. O cartório era no bairro de Pinheiros e convidamos para testemunhas Angélica Minhoto e Paulo Rosa, nossos amigos. O tabelião insistia muito se tínhamos consciência do que estávamos fazendo dizendo: “o que estão fazendo é como se fosse um casamento, entre um homem e uma mulher”. Aquilo estava me irritando e disse para ele se apressar com o casório.

Conversei com alguns colegas na Unifesp e disse que tinha recebido um convite para me transferir para a Paraíba. Tentaram me fazer mudar de ideia, falaram que tinham muitos planos para

mim, que meu trabalho na Unifesp era reconhecido, que as pessoas gostavam de mim e eu realmente sentia isso. Justifiquei a minha transferência com base na busca de qualidade de vida e não podia perder a oportunidade. Também na época, havia a previsão da aposentadoria para 2019, mas, por causa de várias reformas da previdência, meu prazo mudou para 2023.

Na segunda semana de dezembro de 2011, de madrugada, eu, Eduardo e as gatas: Daiane, Samira e Lindinha, estávamos aterrissando em João Pessoa para começar a trabalhar na UFPB em 2012. Daiane trouxe de Goiânia, Lindinha foi abandonada na casa da Vila Matilde pelos antigos moradores e Samira era a gata do meu pai que vivia na chácara com ele e levei para São Paulo. Daiane desapareceu em 2014, Lindinha teve um ataque súbito em 2015, Samira morreu aos 20 anos de idade em 2018.



Figura 53 – *Da esquerda para a direita: Daiane, Lindinha e Samira, 2010*

Fonte: Acervo do autor.

Vidas e lugares de professores: estágio de pós-doutorado

Em 2011, realizei meu estágio de pós-doutoramento na Faculdade de Educação da USP, supervisionado pela profa. Dra. Sônia Vanzella Castellar. Decidi fazer uma pesquisa com professores da escola básica, realizando entrevistas e analisando seus relatos, pois, no mestrado, foi uma análise de experiência e, no doutorado, uma pesquisa documental. Sentia necessidade de experimentar outra metodologia e ter contato com professores.

Na época, estava me aproximando dos estudos autobiográficos e decidi utilizar essa metodologia como referência para a pesquisa. Entrevistei quatro professores, sendo duas mulheres e dois homens, e os nomes deles foram trocados por outros fictícios para garantir o anonimato. Os nomes escolhidos foram: Marina, Júlia, Paulo e Fábio. A seguir, descrevo, em linhas gerais, os sujeitos e os objetivos da pesquisa, reproduzindo trechos do livro: *Lugares de Professores: vivências, formação e práticas docentes nos anos iniciais do ensino fundamental*, publicado em 2012, escrito por mim como produto da investigação:

Essa investigação foi realizada com quatro professores concluintes do curso de Pedagogia da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) – Campus Guarulhos, em 2010, que anteriormente cursaram o Magistério na modalidade do ensino médio e atuam como professores na escola básica dos anos iniciais do ensino fundamental, nas cidades de São Paulo, Guarulhos e Suzano. Nessa pesquisa, as narrativas dos sujeitos foram estimuladas, orientadas e analisadas, conforme os seguintes objetivos: conhecer a partir das experiências formativas o processo de alfabetização, a construção da identidade profissional e o contato com o ensino de Geografia, o aprendido e ensinado; identificar por meio da autobiografia dos professores a trajetória escolar como referência para entender os processos de socialização profissional; refletir sobre sua prática docente atual, em especial sobre o ensino de Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. Não houve a preocupação em definir categorias de

análises a priori, embora elas apareçam a partir das narrativas dos professores entrevistados. (PINHEIRO, 2012, p. 19).

Na época, estava conhecendo as bases teórico-metodológicas das pesquisas autobiográficas. Nesse sentido, na medida em que realizava as entrevistas com os sujeitos, ia estudando sobre a autobiografia. Como resolvi fazer por conta própria, tive pouco interlocutores entre os estudiosos da área. Hoje posso afirmar que conheço melhor os estudos autobiográficos e seus pesquisadores, sobretudo por meio de orientandos que trabalham com esses estudos. Na defesa e qualificações, tive a colaboração das professoras Dras. Jusara Fraga Portugal, da UNEB, e de Patrícia Cristina de Aragão, da UEPB, pesquisadoras da área a quem sou muito grato.

Na pesquisa do pós-doutorado, foram os próprios professores que me ajudaram a encaminhar a pesquisa por meio das suas narrativas. Sobre a autobiografia, escrevi:

A experiência de relatar sua história de vida oferece àquele que a conta uma oportunidade de (re)experimentá-la, ressignificando sua vida (SILVA et al., 2007). Além disso, estabelece um vínculo entre o pesquisador e o sujeito. O sentido que o sujeito dá para a sua história desperta no pesquisador o repensar da sua própria história. A análise da narrativa está centrada na relação entre o sujeito e o pesquisador. O relato não corresponde necessariamente ao real, o que importa é o sentido que o sujeito dá a esse real (SILVA et al., 2007). A experiência vivida pelos sujeitos no decorrer do tempo inclui uma seleção de sucessos, pessoas e situações em que cada um participou e sua interpretação é mediada pelas experiências posteriores. Quem narra sua experiência o faz com base nas crenças, valores e atitudes do presente (ALLIAUD, 2010). Outro dado importante é o contexto histórico e social em que o sujeito produz seu relato. Além da escola, o momento sócio-histórico dos sujeitos é significativo para explicar sua história de vida, assim como suas relações familiares, de classe social e de gênero⁹. (PINHEIRO, 2012, p. 23).

⁹ Indico aqui as fontes utilizadas na época: SILVA, A. P.; BARROS, C. R., NOGUEIRA, M. L. M., BARROS, V. A. **Contem sua história: reflexões sobre o método de História**

No estudo, busquei conhecer a formação escolar e acadêmica dos professores e confrontá-las com sua prática docente atual. Durante as entrevistas, lançava uma questão e deixava que falassem à vontade. Foram várias horas de gravação. Em muitos momentos, os participantes entravam em contradição, mas também revelavam aspectos do cotidiano da escola que não havia percebido. Uma delas foi a questão da rotina, que me surpreendeu, pois não imaginava a força que ocupa no trabalho escolar. Acabei estudando um pouco mais esse tema por considerá-lo estruturante no trabalho docente. Sobre ele, escrevi:

Mesmo considerando que a rotinização tem papel contributivo na organização escolar, com base nos relatos dos professores entrevistados, quando indaguei se lembravam como e o que aprenderam em sua escolarização, suas respostas foram semelhantes, ou seja, que pouco dos conteúdos que tiveram recordam e que não lembram como aprenderam. Nesse sentido, percebe-se que a rotina se enquadra muito mais num processo de controle do que num procedimento que auxilia no aprendizado dos alunos. Quando lembram a sua escolarização, a maioria dos professores recorda mais das atividades extracurriculares do que aquelas desenvolvidas no cotidiano da sala de aula. Mesmo concordando com Tardif (2010), quando afirma que os saberes dos professores são construídos pela experiência, envolvimento e estudo, além da própria prática cotidiana produzindo, reproduzindo e ressignificando seu saber-fazer, acredito que esses sujeitos são também condicionados por uma cultura escolar que ordena o trabalho cotidiano. Com base nos depoimentos dos professores entrevistados, a rotina faz com que o sujeito mais reproduza uma prática do que aprenda com algum sentido, assim, não se configura um aprendizado significativo. O que chama a atenção na fala dos entrevistados é o fato de lembrarem mais de cenas e experiências que saíram da rotina. Porém continua

de Vida. Revista Mosaico: estudos em psicologia. Vol. I, n. 1, Belo Horizonte: UFMG, 2007. Disponível em: www.fafich.ufmg.br/mosaico. Acesso em: 15 ago. 2011. ALLIAUD, Andréa. *La biografía escolar de los docentes. modos de abordage y perspectivas de formación* In: MORAES, D. Z. e LUGLI, R. S. G. (org.). **Docência, pesquisa e aprendizagem: (auto) biografias como espaços de formação/investigação.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

a dúvida: se a aprendizagem se basear apenas em atividades diferenciadas, será que elas não viram rotina, como afirma Paulo? (PINHEIRO, 2012, p. 111).

Nesse estudo, utilizei os textos de Maurice Tardif. Já o conhecia antes, em especial pela leitura do livro *Saberes Docentes e formação profissional*, da Editora Vozes, de 2010. Naquele momento, concordava plenamente com ele, já hoje tenho algumas críticas, porém foi uma leitura importante para minha formação.

Essa pesquisa me possibilitou refletir sobre minhas crenças em relação à educação e à escola. Havia uma tendência de acreditar na centralidade da escola como primordial para a formação das pessoas, mas narrativas dos professores pesquisados revelaram que o trabalho docente é limitado pelas condições concretas da vida e de materiais, considerando as crenças e o lugar onde se situa a escola. Outra surpresa ocorreu com dois professores do gênero masculino. Na verdade, desde que os vi, tinha percebido sua orientação sexual, mas, durante as entrevistas, foram ficando mais à vontade e se assumiram como *gays*. Geralmente quem é homossexual tem um dispositivo interno que percebe o outro e, na maioria das vezes, a gente acerta (risos).

Esse trabalho foi muito significativo e agradeço a oportunidade que a Unifesp me deu ao me liberar para fazê-lo. Acredito que essa é uma das funções do pós-doutorado: desenvolver uma atividade e devolver para a instituição e para a sociedade, afinal um ano de afastamento possibilita muita coisa. Infelizmente não é o que vejo no cotidiano de algumas instituições, pois vários professores se afastam, não produzem e ninguém cobra. Tanto na USP como na Unifesp, tive que entregar um relatório, em ambas as universidades, que foi encaminhado para uma comissão de pareceristas, o que acho ser



Figura 54 – Livro *Lugares de professores*, 2012

Fonte: Capa do livro escaneado pelo autor. 2020.

um procedimento correto. Essa experiência permitiu a apresentação em eventos científicos, bem como a publicação de alguns artigos e de um livro, intitulado *Lugares de professores: vivências, formação e práticas docentes nos anos iniciais do ensino fundamental*, pela Editora Porto de Ideias, São Paulo, 2012, de que transcrevo neste memorial vários trechos.

Também tive o prazer de dialogar com Célia Giglio. Foram muitas conversas na sua casa regadas a cafezinho. Ajudou-me muito. Gostaria de ter tido uma relação mais próxima com a Sônia quando realizei o pós-doc, porém estava sempre ocupada. Uma pena não termos aproveitado melhor aquele tempo.

X

*Aterrissando na
ensolarada capital
da Parayba*

*Num recanto bonito do Brasil,
Sorri a minha terra amada...
Onde o azul do céu
É mais cor de anil...
Onde o Sol tão quente
Parece mais gentil!*

Mo ano de 2011, começou o processo de redistribuição na Unifesp para a UFPB. Embora afastado para o pós-doutoramento, as pessoas entenderam meus propósitos e me liberaram, assim como a administração superior, dispensando-me do pedágio de um ano. Em dezembro, chegamos à maravilhosa capital da Paraíba. Tinha alugado uma casa no bairro do Manaíra um mês antes. Em São Paulo, organizamos a mudança, contratamos uma empresa e despachamos tudo para cá, inclusive o carro. Três dias depois eu, Eduardo e as gatas, embarcamos no avião com destino a João Pessoa. Célia nos levou até o aeroporto de Guarulhos.

As primeiras impressões foram as melhores, chegamos no auge do verão: praias lotadas e águas mornas. Praticamente íamos à praia todos os dias. O bairro do Manaíra é bem equipado, repleto de serviços,

1 Trecho da música **Meu sublime torrão**, composta por Genival Macedo e interpretada por Marinês e Elba Ramalho. <https://www.lettras.mus.br/elba-ramalho/meu-sublime-torraoparaiba-meu-amor/>. Acesso: 02/08/2020.

como bares, restaurantes, lojas, supermercados, *shoppings* etc. A casa era antiga, mas bem localizada e grande. Estávamos muito felizes.



Figura 55 – Primeiro aniversário na Paraíba. Foto da esquerda: Eduardo e Antonio Carlos. Foto da direita: Surya, Mauricéia e Barroso, 2012

Fonte: Acervo do autor.

O primeiro impacto na universidade: professor substituto

No início de 2012, embora o processo de redistribuição não estivesse concluído, fui liberado pela Unifesp para assumir na UFPB, aguardando a publicação no Diário Oficial da União (DOU). Em fevereiro, apresentei-me no Departamento de Metodologia da Educação (DME), no Centro de Educação (CE). Iniciei o período, trabalhando com as disciplinas de *Ensino de História e Geografia* para o currículo antigo e *Ensino de Geografia* para o novo, ambas com 60 horas, para o curso de Pedagogia, e *Prática de Ensino e Estágio Supervisionado I* para a Geografia, com 160 horas.

Fiquei surpreso quando vi o currículo do curso de licenciatura de Geografia, pois, em 2012, ainda praticava o modelo 3+1, apesar das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) terem sido publicadas em 2002. Também, logo que cheguei, descobri que o professor

da mesma área entrou em afastamento para pós-doutorado e passei a substituí-lo.

Antes é importante relatar o que ocorreu no primeiro semestre de 2012. Desde fevereiro, acompanhava diariamente o DOU. Em função da demora da publicação, desconfiei que houvesse alguma coisa errada no processo. Fui até o setor de pessoal da UFPB, na Pró-reitoria de Gestão de Pessoas (Progep), e ninguém soube me informar. Disseram que esse processo passou por lá, mas não sabiam onde estava. Liguei para a Unifesp e informaram que estavam aguardando o retorno do processo da UFPB para enviar para o MEC. Fiquei preocupado, afinal oficialmente estava lotado em São Paulo e já tinha me estabelecido em João Pessoa.

Na UFPB, existe um setor específico para atendimento dos funcionários e professores, uma sala grande, com cadeiras de espera, com vários guichês. Quando se chega, retira-se uma senha e fica-se aguardando ser chamado. Parece atendimento de banco. O fato de não haver distinção entre as categorias pode ser positivo, mas, logo no início, estranhei a forma de tratamento dos funcionários. Com o tempo, descobri certos “macetes”, como saber o nome do responsável por cada setor e ir direto ao funcionário. Voltando para o problema do processo perdido, descobri que alguém da UFPB enviou o documento direto para o Ministério do Planejamento. Na época, segundo as normas, deveria ser enviado para a Unifesp, que encaminharia para o MEC, pois a Unifesp queria garantir o código da vaga. Parece-me que, naquele tempo, funcionava dessa forma. Quando o funcionário era do setor administrativo, o processo era remetido para o planejamento e, se fosse professor, para o MEC.

Como ninguém resolvia o caso, decidi investigar por conta própria. Em 2012, era Ministra do Planejamento a professora Dra. Miriam Belchior e, por sorte, conhecia alguns assessores dela do tempo em que militei no PT. Ela foi esposa de Celso Daniel, prefeito da cidade de Santo André, assassinado em 2002. Entrei em contato e, depois de várias buscas, encontraram o processo junto com outros esperando os despachos. Nenhum documento saía sem aval

da ministra. Entendendo minha angústia, um funcionário resolveu o problema e encaminhou o processo para o MEC, no mês de julho de 2012. Em 30 dias, foi publicado no DOU. Durante esse tempo, para a Unifesp, estava emprestado e, para a UFPB, meu *status* era de professor substituto.

As reuniões de departamento: o DME

Nas primeiras reuniões do DME, tentava me manter calado, ouvindo e tentando conhecer onde estava pisando, até porque não perguntavam minha opinião e sobre quem eu era. Esse departamento contava com cerca de 40 professores. Em geral, atendiam as licenciaturas da UFPB e o curso de Pedagogia.

Quando cheguei, estavam discutindo a reformulação do currículo de Pedagogia. Como tinha acabado de sair de um curso recém-criado na Unifesp, achei que podia contribuir com minha experiência, mas percebi que tinha uma comissão responsável que apresentava nas reuniões as propostas para decisão do coletivo. Alguns professores queriam discutir, mas a maioria não estava muito interessada, acatavam as proposições, até porque a pauta geralmente era extensa e recheada de assuntos burocráticos. Percebi também que agrupavam as disciplinas em áreas, como por exemplo: *Ciências Exatas e Naturais*, *Educação Popular*, *Didática* e *Ciências Humanas*, onde estava a Geografia.

Não lembro se a reformulação ocorreu, pois, durante o tempo em que fiquei no DME/CE, nunca fui convocado para reuniões no curso de Pedagogia, de que também era docente. Observei que, na UFPB, com algumas exceções, na prática, são os departamentos que definem a organização dos cursos, como criação de disciplinas, horários e estágios, mas sempre pelo viés burocrático-administrativo e, algumas vezes, para atender a interesses individuais. Quando fui coordenador do curso de Geografia, consegui fazer apenas uma reunião para discutir os problemas do curso, como as questões pedagógicas e a situação dos alunos, mas compareceram poucos

professores. Lembro que, na época em que fui coordenador, em uma reunião do Departamento de Geociências (Degeoc), fui questionado se a coordenação tinha autoridade para convocar reunião. Informei que estava previsto no Estatuto da universidade essa atribuição, inclusive estava claro que deveria ser periódica e obrigatória. Em geral, percebi que a maioria dos professores desconhecem as normas da universidade, o que dirá das diretrizes e documentos originários do MEC?

Lembro que, com exceção da licenciatura de Letras, as disciplinas de *Práticas de Ensino e Estágio Supervisionado* para os cursos de licenciatura eram abastecidas pelo DME. Creio que esse modelo ocorre até hoje. Desde que assumi a disciplina para a Geografia, tinha que me deslocar para dar aulas no Degeoc, localizado no Centro de Ciências Exatas e da Natureza (CCEN). Com o objetivo de conhecer melhor o ambiente e os professores do curso, chegava mais cedo.

Não havia uma sala específica para os professores que vinham de fora, sendo a maioria deles professores do CE. No curso de Geografia, predominam no currículo as disciplinas específicas da área e são dadas pelos professores do Degeoc. Em outras universidades em que trabalhei, como na UFG, que assumi as disciplinas da licenciatura, notei que a qualidade na formação do professor era diferenciada. O fato de haver professores da área e pesquisadores do ensino proporcionava maior aproximação das disciplinas do curso com as pedagógicas. Sentia que pelo fato de ser lotado no DME, mesmo sendo da Geografia, tornava-me um alienígena no curso. O fato de não pertencer ao Degeoc, tornava-me quase invisível.

Minha estada no DME não foi satisfatória, sentia falta de discussões pedagógicas, dificuldade de relacionamento entre os professores, não conseguia desenvolver o sentido de pertencimento com o lugar. Geralmente meu prazer estava restrito à sala de aula.

A relação com os alunos sempre foi respeitosa e com algumas turmas consegui desenvolver projetos de ensino para além do programa estabelecido para a disciplina. Em relação aos professores, sentia certa desconfiança. Tratavam-me como se fosse novato no

ensino superior. Achava muito estranho. Parece que nunca tiveram interesse em saber quem eu era, minha formação, meu currículo. Acho que realmente minha condição nesse departamento foi de professor substituto. As reuniões tinham um clima pesado, as posturas eram enfadonhas e mal-humoradas. Havia muita disputa e um grupo que predominava nas discussões e nas proposições.

Certa vez, logo no primeiro ano, em uma reunião, pedi a palavra para relatar a experiência do Programa de Residência Pedagógica do curso de Pedagogia da Unifesp, durante a discussão sobre o estágio. Antes mesmo de começar minha fala, um professor interferiu e disse que a minha experiência não servia para a UFPB e que ali havia professores capacitados para definir o que deveria ser aplicado nos cursos.

Depois que saí do CE, conheci muita gente séria e competente com quem hoje tenho ótimas relações profissionais e pessoais. Parece que aquele clima não favorecia a cordialidade entre as pessoas. Inclusive me encontrei com a professora Dra. Mauricéia Ananias, que trabalha no CE com *Política Educacional e História da Educação* aqui na Paraíba. Foi um prazer esse reencontro. Conheço Mauricéia desde a PUC, quando era professor. Na época, estava na graduação em Filosofia, não fui seu professor, mas nos encontramos nas manifestações políticas e tínhamos muitos amigos em comum, como a Cléo, da Apropucc. Por meio dela, conheci o professor Dr. Raimundo Barroso Cordeiro Jr., do curso de História, seu companheiro, hoje chefe de gabinete da reitoria. Mauricéia é professora do Departamento de Habilitações Pedagógicas (DHP) e do Programa de Pós-graduação de Educação (PPGE). Nossa amizade perdura até hoje. Antes da pandemia, sempre saímos juntos, para festas, eventos, botecos e reuniões em casa. Quando esse isolamento passar, vamos retomar nossos encontros. Por intermédio de Mauricéia, conheci várias pessoas, como os professores Doutores Súria Aaronovich Pombo de Barros, também do DHP, Claudia Cury, do curso de História, e meu quase xará, Antonio Carlos Ferreira Pinheiro, seu companheiro, que foi meu colega do DME, ambos do

PPGE. A aproximação com essas pessoas aconteceu fora da universidade. Depois estreitei laços com o professor Dr. Charlinton José dos Santos Machado, que trabalha com história oral, é professor do DME e do PPGE e foi candidato a prefeito pelo PT nas últimas eleições. Também com o professor Dr. Joseval Miranda dos Reis, do DME e do Programa de Pós-graduação de Formação de Professores de Letras, que sempre participa das minhas bancas.

Como nem tudo é negativo, durante minha estadia no DME, desenvolvi uma pesquisa entre 2012 e 2014 utilizando a autobiografia sobre professores dos anos iniciais de João Pessoa, que se transformou em artigo publicado pelo *Boletim Goiano de Geografia*². Transcrevo o trecho da introdução do trabalho:

O presente artigo é parte de investigações realizadas entre 2012 e 2014 na UFPB, com doze professores da escola básica na cidade de João Pessoa (PB). O problema relaciona-se ao controle do tempo-espaço escolar e da aprendizagem, exercida pelo professor e condicionada por uma permanência de práticas tradicionais que dificultam a flexibilidade curricular; observa-se que, embora existam na atualidade várias propostas inovadoras no cotidiano escolar, o controle do tempo-espaço e da aprendizagem promove pouca autonomia para ensinar e aprender entre professores e alunos. (Pinheiro, 2015, p. 38).

Em 2013, João Pessoa sediou o 13º ENPEG. Em 2012, com o professor Dr. Aldo Gonçalves de Oliveira, da UFCG-Campus de Cajazeiras, tivemos a ideia de promover um evento piloto para testar nossa capacidade para realizar um evento nacional. Inicialmente pensamos num evento local sobre o ensino, mas, em conversas de mesa de bar, decidimos ser mais ousados e criamos o *I Encontro Regional de Práticas de Ensino de Geografia* (EREPEG), um evento do Nordeste, como se realiza em outras regiões do país.

2 PINHEIRO, Antonio Carlos. *Trajetória formativa e prática docente de professores de Geografia em João Pessoa (PB)*. **Boletim Goiano de Geografia**. V. 35. N. 1. Goiânia. 2015. <http://www.revistas.ufg.br/index.php/bgg/article/view/35483>.

Planejamos, organizamos e o evento aconteceu nas dependências do CE. Envolvermos alunos e professores. Foram cerca de 100 inscritos de vários estados do Nordeste, com mesas redondas, apresentações de trabalho e eventos culturais. Também tínhamos a proposta de criar a *Rede de Pesquisadores de Ensino de Geografia do Nordeste*. Chegamos a redigir a proposta, mas infelizmente, na Plenária Final do evento, no meio da discussão, um professor criou alguns problemas e as pessoas foram saindo. Então decidimos encerrar e eleger a próxima sede do evento. O 2º foi em Teresinha-PI, em 2014; o 3º, em Campina Grande-PB, em 2016; o 4º foi realizado no Crato-CE, e, em 2018, o 5º está previsto para Maceió-AL, que seria em junho de 2020. Em função da pandemia, será em 2021. Fico muito feliz por ter contribuído com esse projeto.



Figura 56 – 12º Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia. Na mesa, da esquerda para a direita: Rafael Straforini, Antonio Carlos, Helena Callai, Jorge Barcelos. João Pessoa. 2013.

Fonte: Acervo do autor.

O PPGG e a esperança da felicidade

Em 2012, logo no primeiro semestre, fui convidado para participar de uma reunião do Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGG) da UFPB. O PPGG tem como área de concentração *Território, Trabalho e Ambiente*, sendo organizados em três linhas de pesquisas: *A – Cidade e Campo: espaço e trabalho; B – Gestão do território e análise geoambiental e C – Educação Geográfica.*

Na época que entrei no PPGG, estavam encaminhando o projeto para instalação de doutorado. Redigi uma proposta de credenciamento e fui aprovado. Iniciei as atividades no segundo semestre de 2012 assumindo dois orientandos que estavam à minha espera. Também no segundo período do mesmo ano, além das disciplinas da graduação, comecei a ministrar na pós-graduação a disciplina de *Metodologia para Investigação Geográfica*, de 60 horas.

Desde que entrei, em 2012, ministrei muitas disciplinas na graduação e pós-graduação. Durante quatro semestres cheguei a ter carga horária de 20 horas semanais. Quando um professor voltou do pós-doutorado, saiu outro, e, embora ambos tivessem feito um acordo entre eles, acabei ajudando, cobrindo o afastamento dos colegas, afinal era substituto (risos).

No PPGG, quando assumi efetivamente, tive a oportunidade de selecionar os orientandos. Aliás, desde que entrei, com exceção do ano de 2019, fui da Comissão de Seleção todos os anos e do colegiado até 2020. No PPGG, consegui encontrar a felicidade por meio dos meus orientandos, que, na sua maioria, são dedicados, cumpridores das suas tarefas e são fundamentais para a existência do GEPEG.

Supervisão de Estágio Docência no PPGG

No programa existe uma norma de que, quando o aluno recebe bolsa e não tem experiência no ensino superior, deve fazer o *Estágio Docência* na graduação. Tive vários alunos que supervisionei. Foram várias experiências positivas, sempre os acompanhei na sala de aula, inclusive entendo como parte da formação. Não permito que assumam totalmente a regência da sala de aula, como infelizmente ocorre em várias universidades. Todos tiveram que apresentar um projeto e posteriormente um relatório final. A atividade do estágio, seja no ensino superior ou no ensino básico, necessita do acompanhamento do professor responsável e, quando realizam ações, devem ser organizadas previamente e discutidas antes de sua realização. Embora a maioria tivesse bom desempenho, escolhi alguns relatos para ilustrar essa experiência. A transcrição resultou de áudios e de trechos contidos nos relatórios dos estagiários.

Ana Néri Cavalcante Batista, professora da escola básica na cidade de Olivedos, na região do Curimataú Ocidental, no interior da Paraíba, fez o seguinte relato:

O estágio aconteceu no período de 2012.2, era uma turma do curso de Pedagogia e a disciplina era *Ensino de Geografia*. A turma tinha um total de 34 alunos. Na turma, havia apenas um aluno do gênero masculino, o que é bastante comum nas turmas de Pedagogia, a maioria das turmas é formada por mulheres.

Lembro muito das dificuldades que elas citavam no seu dia-a-dia para estudar. Muitas, como ainda estavam fazendo o curso, apenas poderiam trabalhar como assistentes em escolas de bairro, lembro-me de seus depoimentos e conversas informais quando diziam que eram as primeiras a chegarem na escola para receberem as crianças que e as últimas a sair. A professora principal responsável pela turma saía antes e elas ficavam responsáveis por entregar os alunos aos pais. Relatavam também que grande parte do trabalho desenvolvido em sala de aula, principalmente a disciplina e cuidado com as crianças, alimentação e higiene eram delas. Reclamavam da desvalorização e do salário. Alguns falavam que é porque não

eram formados, mas mesmo assim notei a desvalorização do salário das pessoas que estudam Pedagogia e estão nessas escolas. As que trabalhavam em escolas particulares de João Pessoa, falavam que não tinha diferença salarial entre escolas grandes e pequenas. Ganhavam em torno da metade do salário da professora responsável. Lembro também do cansaço, falavam que acordavam cedo para as escolas e corriam para a universidade à tarde.

A maioria falava muito da dificuldade que tinham com Geografia, percebi que faltava uma melhor alfabetização geográfica para esses futuros professores, já que vão lidar com esse público da Educação Infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental. Relatavam também que a grade curricular das escolas dava mais ênfase para Português e Matemática, relatavam que Geografia, História e Ciências ficavam nas margens. Uma delas relatou que trabalhavam Geografia, uma vez por semana, com muita dificuldade e falta de livros, principalmente no 4º e 5º anos. Era nítida a dificuldade que tinham com localização, orientação, mapas. Lembro-me da fala de uma aluna, sobre morar em João Pessoa, mas não saber se o bairro está ao norte, sul, leste ou oeste da cidade. Que tinha dificuldades com esses conceitos básicos da Geografia. Falavam que o curso de Pedagogia é bom, prepara sobre as teorias de ensino, as avaliações, o processo de ensino-aprendizagem, mas quando chegavam na sala de aula, havia muita dificuldade. Havia uma aluna com deficiência visual, observei que tinha muita autonomia. Ela vinha sozinha para a universidade. Percebi também que tinha ótima convivência com as colegas da turma e participava ativamente de todas as discussões propostas. Certo dia, Antonio me pediu para preparar um *slide*, considerando a dificuldade que as alunas tinham com localização, orientação e pontos de referência. Trouxe alguns mapas e projetamos na parede. Preparei-me, entretanto, fui surpreendida e senti dificuldade em explicar aqueles conceitos básicos da Geografia para a aluna deficiente visual. Durante a aula, falando das regiões da Paraíba, falei um pouco da minha pesquisa que naquela época abordava o Curimataú Ocidental e alguns municípios. Mostrei a localização da rodovia, apontava para o mapa, todos olhando e a aluna cega quieta. Um momento ela começou a me questionar. Eu apontando no mapa e ela disse: Mas onde é? Em cima ou embaixo? Norte ou sul? E lembro-me de ter ficado extremamente constrangida por não saber responder. Preparei-me pra tentar sanar algumas

dúvidas e levantar questionamentos em sala, mas não me preparei para essa aluna. Houve um momento que ela parou de perguntar por que eu não sabia responder. Quando falava que existia o Curimataú Ocidental e o Oriental ela pedia para que explicasse. Isso foi difícil e a partir daí, lembro que tentamos trazer outra metodologia e fazer algo diferente. Recordo de um depoimento dela quando discutíamos a categoria paisagem, ela questionava que reconhecia os lugares quando vinha da casa até a universidade, percebia mudanças de paisagem, pela audição, olfato, tato. Percebia quando passava próximo da Bica (Parque de João Pessoa), escutava os pássaros, sabia dos locais com mais congestionamento, sentia os altos e baixos da cidade e todo seu relevo, então ficou bem claro que a paisagem não é só o visível e sim o perceptível.

Essa experiência foi importante para Ana Néri e para mim e concluímos que não estávamos preparados para lidar com pessoas com deficiências, então começamos a estudar o tema. Na prática, passamos a ouvir a própria aluna que nos explicava como deveríamos dar aulas de Geografia para ela. Pedia que a gente descrevesse com detalhes quando estávamos falando de um lugar. Foi muito gratificante o aprendizado.

Ainda sobre o estágio, David Luiz Rodrigues de Almeida fez o primeiro em 2014, no curso de Pedagogia, quando estudou mes-trado, defendido em 2015. A experiência de David foi diferente de Ana Néri, ocorreu no período noturno:

A disciplina que o professor Antonio ministrava no curso de Pedagogia chamava: *Ensino de Geografia*. A aula ocorria uma vez por semana, na sexta-feira à noite, com o horário até às 22 horas. Eram três turmas reunidas em um grupo de 90 alunos. Duas turmas de Pedagogia e uma de Pedagogia do Campo. Depois de duas semanas, com o número de trancamentos e desistências, foi reduzido para 65, a maioria mulheres.

Hoje, olhando as circunstâncias daquela experiência, posso inferir que me auxiliou a enxergar melhor as condições de trabalho no ensino superior. O grupo de estudantes era heterogêneo, pois tínhamos que pensar em práticas de ensino de Geografia que

pudessem contribuir para o ato educacional na cidade e no campo; além disso, em alguns casos, pensávamos nas práticas de alguns discentes que já ministravam aulas na Educação Infantil ou nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Além das dificuldades teórico-metodológicas, uma parcela significativa não residia na cidade de João Pessoa, vinham de municípios próximos como: Bayeux, Cabedelo, Itabaiana, Pilar, Santa Rita e Sapé. 60% tinham entre 20 a 30 anos e trabalhavam durante o dia. As condições de infraestrutura na central de aulas do CE, naquela ocasião, não eram favoráveis. Das poucas vezes que fomos atrás dos funcionários solicitar o *datashow*, não conseguimos achá-los em seus postos. Quando levávamos os recursos por conta própria, as tomadas não eram compatíveis com os aparelhos. Com uma sala cheia de alunas, os velhos e barulhentos ventiladores não davam conta do arejamento. O desconforto era geral, nas noites quentes de João Pessoa.

Minhas colegas de turma do mestrado falavam de suas experiências exitosas no estágio no mesmo curso e disciplina no horário da manhã. As turmas eram menores. Apesar das mesmas dificuldades de infraestrutura, era mais fácil encontrar assistência dos funcionários e disponibilidade dos estudantes para atividades extraclases.

As alunas, em sua maioria, atuavam no mercado de trabalho. Uma parcela significativa, no último semestre do curso desejava receber o diploma e fazer concurso público. Rememorando todas as dificuldades enfrentadas naquela experiência, observo que poderiam ser evitadas. Contudo, parece-me, hoje, que havia certa má-fé ou descaso do CE, em especial, dos cursos de Pedagogia, quanto à situação dos estudantes do curso noturno. Por que reunir tantos alunos em uma única turma, estimulando a evasão ou trancamento? Não seria mais favorável aumentar o número de turmas e professores e atender a demanda dos estudantes?

Para aquelas alunas que continuaram matriculadas na disciplina de *Ensino de Geografia*, pudemos observar, suas dificuldades e comprometimento com relação aos conhecimentos geográficos. Muitas se lembravam da Geografia estudada na escola como uma disciplina enfadonha e de memorização. Procuramos, ao longo das aulas, estimular a importância dos conceitos geográficos, temáticas e recursos didáticos. Na ocasião desenvolvia minha pesquisa sobre

o uso de mapas mentais para o ensino de Geografia. Incluímos essa metodologia para a formação das alunas. Discutimos, representamos, analisamos e propomos possíveis intervenções na Educação Infantil e no Ensino Fundamental.

Para mim, com todos os desafios vividos, discutidos e refletidos com meu orientador, pude perceber que algumas das dificuldades encontradas na educação básica podem também estarem presentes na educação superior. Aquela experiência foi muito significativa e marcante na minha formação. Isso me auxiliou e contribuiu para o melhor discernimento da atividade profissional do professor.

No ano de 2018, no doutorado, David fez estágio na disciplina de *Organização Regional do Espaço Brasileiro (OERB)*, no período noturno na licenciatura em Geografia. Nas suas considerações apresentadas no Relatório Final, destaca o seguinte:

O desenvolvimento do estágio docência no componente curricular OERB oportunizou experimentar e aprender como se desenvolve o contexto de formação de professores no curso de licenciatura em Geografia da UFPB. Entre as características básicas da maioria dos discentes da turma observou-se a desmotivação, pouco rendimento acerca da compreensão teórica e respostas as estratégias didáticas assumidas.

Em decorrência das características gerais da turma e de certa descontinuidade das atividades no início do semestre a estratégia inicial não obteve sucesso. Embora tenha proposto ações que levassem a construção de competências para o ensino de Geografia, pouco foram os resultados positivos:

Compreensão para o ensino do conteúdo: mesmo ao final da primeira unidade os discentes ainda não compreendiam o uso de conceitos básicos como região e regionalização articuladas às temáticas voltadas ao ensino;

Múltiplas linguagens para o ensino e aprendizagem de Geografia: observamos, ainda no início das aulas, a dificuldade dos alunos no processo de compreensão de mapas e sua articulação aos temas do componente. Na produção escrita, havia problemas relacionados à leitura (compreensão e interpretação de textos) e sua recodificação

em explicações próprias, além de apropriação das normas de língua portuguesa no ato de escrita;

O desenvolvimento do trabalho em equipe: muitos alunos desenvolveram suas ações e cresceram mais e melhor na compreensão dos conteúdos e ressignificações, todavia alguns se recusaram a trabalhar com pessoas as quais não pertenciam aos pares de costume;

Responsabilidade e ética: no que se refere a esse ponto, um dos maiores problemas ocorreu na pontualidade da entrega das atividades e, em alguns casos, no respeito à opinião divergente dos colegas em sala de aula;

Comunicação pedagógica do conteúdo: tal categoria foi mais bem alcançada a partir da segunda unidade temática pelos alunos, quando puderam melhor entender a proposta do componente curricular para as ações docentes enquanto futuros professores.

O que foi observado é que os alunos da turma estavam “acostumados” a metodologias mais tradicionais de ensino como: aulas expositivas, com pouco debate e questionamentos, exercícios de pergunta-resposta, aceitando, sem muito questionamento, os conhecimentos apresentados pelo professor.

A partir da verificação das dificuldades o professor supervisor sugeriu outra abordagem de efetivação das propostas a partir da segunda unidade. Ela foi composta, principalmente, de atividades durante as aulas, oficinas mais direcionadas aos conteúdos durante a aula, solicitando sempre o debate e exposição da compreensão dos alunos. A partir dessa estratégia, notamos maior envolvimento dos discentes, todavia o ritmo de empenho deles apenas melhorou na última unidade do semestre. Sendo assim, a experiência desenvolvida durante o estágio docente possibilitou analisar as dificuldades, resistências e novas estratégias para formação de professores. (grifos do autor)³.

Registrei e transcrevi os depoimentos dos dois alunos como testemunhos elucidativos das condições reais que encontrei e para demonstrar as dificuldades do cotidiano no ensino superior nos cursos de Pedagogia e Geografia.

3 ALMEIDA, David L. R. **Relatório de Estágio Docência**. João Pessoa: PPGG/UFPB, 2019.

Outras atividades e supervisão de pós-doutorado no PPGG

Em 2014, realizei experiência de intercâmbio com o PPGG/UFG, em conjunto com o Prof. Dr. Vanilton Camilo de Souza, uma espécie de “casadinho”. Nesse ano, enviei dois orientandos para Goiás, que ficaram um mês fazendo um estágio sob a supervisão de Vanilton, João Paulo de Oliveira e David Luiz Rodriguez de Almeida, e recebi o mestrando Luan do Carmo. Foi uma experiência positiva, porém não realizamos novamente, principalmente por falta de apoio institucional e recursos. A estada e despesas foram custeadas pelos próprios estudantes.

Além das orientações de mestrado e doutorado, também supervisionei dois estágios de pós-doutoramento. O primeiro foi em 2016, com a participação do professor Dr. Emerson Ribeiro da URCA, que desenvolveu o trabalho de *Geografia e criatividade: as instalações geográficas*. Emerson Ribeiro define a Instalação Geográfica como “uma forma de representação de um conteúdo geográfico pesquisado e trabalhado coletivamente com signos e símbolos aplicado sobre materiais produzidos ou não pelo homem” (RIBEIRO, 2016, p. 12).

Na UFPB, Emerson trabalhou com alunos da pós-graduação com a turma de bolsistas do PIBID, o qual coordenava em conjunto com a professora Dra. Christianne Maria da Silva Moura. Desenvolveu várias oficinas e um trabalho de campo no centro de João Pessoa, que culminou numa instalação geográfica sobre a experiência, exposta no pátio da Geografia.

A segunda experiência foi em 2018, com a professora Dra. Miriam Aparecida Bueno, da UFG, que trabalhou com atlas escolares municipais. Com Miriam, já tínhamos realizado um projeto em 2016: o *Atlas Escolar Geográfico, Histórico e Cultural de Ipojuca-PE*, que teve a participação da equipe dos alunos de pós-graduação, Guibson da Silva Lima Junior e Alisson Clauber Mendes de Alencar.

MEMÓRIAS E AVENTURAS NA EDUCAÇÃO E NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Durante sua estada na UFPB, em 2018, produzimos com uma equipe o *Atlas Escolar Municipal de João Pessoa* envolvendo vários professores e estudantes da pós-graduação e do Grupo de Estudos e Educação Geográfica (GEPEG) da UFPB. Foram organizados três grupos: 1 – Cartografia, coordenada pela professora Dra. Camila Cunico; 2– Temáticas da Geografia Física, coordenado pelo prof. Dr. Marcelo de Oliveira Moura; 3 – Temáticas da Geografia Humana e Cultural, coordenado por Antonio Carlos Pinheiro. A metodologia foi coordenada por Miriam, que, nesse tempo, também ministrou uma disciplina na pós-graduação, co-orientou um aluno, participou da organização de eventos e de diversas bancas.



Figura 57 – Trabalho de campo com o professor Dr. Emerson Ribeiro no centro de João Pessoa. Da esquerda para a direita: prof. Emerson é o terceiro, de camisa preta. 2016

Fonte: Acervo do autor.



Figura 58 – *Atlas escolares municipais. Esquerda: Atlas do Ipojuca. Recife: Informe – Tecnologias Integradas à Educação, 2016. Direita: Atlas de João Pessoa. Goiânia: Ed. C&A Alfa Comunicações, 2018*

Fonte: Imagens escaneadas pelo autor. 2020.

Licença para capacitação

Em 2017, tive a oportunidade, pela primeira vez na universidade pública, de usufruir da licença de três meses de capacitação. Com mais tempo e tranquilidade, desenvolvi um estudo sobre a trajetória da produção acadêmica dos 10 anos da linha de pesquisa em Educação Geográfica da UFPB.

Para a análise, levantei 39 dissertações de mestrado defendidas de 2007 até 2017. Os procedimentos utilizados foram: levantamento das dissertações do PPGG/UFPB sobre Educação Geográfica; leitura prévia dos resumos e, posteriormente, dos próprios trabalhos, partindo do sumário e introdução e gradativamente do conjunto do texto. Busquei identificar os dados propostos para os estudos, mesmo não estando claros nas dissertações. Identifiquei os lugares de estudo das pesquisas, os sujeitos, as modalidades de ensino, as temáticas e os procedimentos metodológicos.

O relatório produzido gerou um artigo publicado na *Revista Interfaces* da Universidade Federal do Tocantins (UFT), N. 14, dez/2017, intitulado: *Dez anos de Pesquisa Acadêmica em Educação Geográfica no Programa de Pós-graduação da Universidade Federal da Paraíba, 2007-2017*. Nesse trabalho, observei diversas tendências nas pesquisas, que refletem a realidade dessa produção na atualidade, a qual é diferente do resultado da pesquisa que realizei no doutorado, e que acredito aparecer em outras universidades, como destaco a seguir:

De certa forma, os pesquisadores que lidam com o ensino, salvo algumas exceções, tendem a buscar nos teóricos da Educação suas bases para as discussões sobre suas especificidades, predominantemente as pesquisas qualitativas; isso também pode ser observado pelas modalidades metodológicas, a qual sofreu uma diversificação no seu uso, podendo o pesquisador, em uma mesma pesquisa, utilizar procedimentos combinados de vários gêneros, como: pesquisa-ação, Estudos Autobiográficos, Estudo de Caso, entre outros. A partir da década de 1990 cada vez mais a pesquisa na Educação tende para as análises qualitativas, predominante nas Ciências Humanas. (PINHEIRO, 2017, p. 13).

Após meu retorno, entreguei o relatório para o Degeoc e para o PPGG. Ofereci-me para apresentar para a comunidade da graduação e da pós-graduação o meu estudo, mas não houve interesse e acredito que ficou no esquecimento.

O fato de me integrar ao PPGG, facilitou ser conhecido por uma parte dos professores da Geografia, pois praticamente os mesmos que atuam na graduação estão na pós. Na minha percepção anterior, tive a impressão de que as discussões fossem mais qualificadas, porém refletem muito as práticas do Degeoc, são reuniões burocráticas e mal-humoradas.

Geociências ou Geografia?

Em 2015, recebi o convite para me transferir para o Degeoc. Na época, não pensei duas vezes e aceitei, então, no mesmo ano, mudei de departamento. No início, fui bem recebido, percebi que havia muita expectativa com minha chegada, aliás, na sequência fui “eleito” para a coordenação do curso de Geografia e para o Núcleo Docente Estruturante (NDE). Creio que a motivação para minha transferência era para ocupar esses cargos.

Quando ingressei efetivamente no Degeoc, era tratado com cordialidade e respeito. Não sei se foi porque, quando cheguei, transformei-me em coordenador do curso. Sentia que não era mais invisível. Porém, depois da experiência no DME, passei a ter mais cautela nas minhas intervenções nas reuniões e nas conversas com os colegas.

No ensino, ainda ministrei, por um semestre, uma disciplina para o DME, por solicitação do chefe de departamento, em face de professores de licença. Por caridade, aceitei (risos). No Degeoc, trabalhei e trabalho com várias disciplinas, como: *Pesquisa Geográfica*, *Metodologia do Trabalho Científico*, *Formação do Espaço Brasileiro*, *Organização Regional do Espaço Brasileiro*, para a licenciatura e bacharelado, e *Metodologia para o Ensino de Geografia* para a licenciatura. De lá para cá, encontrei turmas diversas, alunos interessados e outros nem tanto. Mas observo que, depois que os cursos de bacharelado e licenciatura se separaram, sendo o primeiro de manhã e o segundo à noite, existe uma tendência das turmas do noturno a serem melhores e mais interessadas. Atribuo dois fatores: 1º – O fato de os cursos serem específicos, ficando claro para os alunos que estão entrando no bacharelado ou na licenciatura foi positivo. No caso do noturno, o aluno tem consciência de que será professor de Geografia. No *site* do curso, está descrita a função de cada curso. Considero positivo, pois aqueles que permanecem no curso o fazem por opção. No entanto, observo que isso não acontece com os alunos da manhã. A descrição do bacharelado não é clara, não menciona a palavra “professor”, aborda genericamente, destacando que o geó-

grafo pode fazer pesquisas e exercer funções técnicas; 2º – Outro fator relevante está relacionado a faixa etária dos alunos, a maioria dos alunos que procuram o curso noturno, são mais maduros, em geral são trabalhadores, vivenciam o mundo do trabalho e vieram buscar o curso com o objetivo de obter uma nova profissão. Os alunos da manhã são mais jovens e imaturos, alguns nem sabem o que estão fazendo no curso, além disso, muitos saíram do ensino médio direto para a universidade e não vivenciaram o mundo do trabalho.

Embora trabalhe com as duas modalidades, confesso que prefiro a licenciatura. Quando estou com eles, posso direcionar as disciplinas para a formação de professores. Inclusive essa é uma reclamação constante dos alunos do noturno sobre algumas disciplinas e alguns professores. Segundo eles, não conseguem ver relação do que aprendem com o ensino. O pior é que existem professores que atuam na licenciatura que fazem discurso contra a profissão do professor. Apesar de serem docentes, menosprezam a escola e dizem que são pesquisadores e estão ali para formar o geógrafo. Alguns se preocupam mais com o conteúdo e, quando os alunos os questionam, não aceitam e, às vezes, utilizam-se da avaliação como forma de controle. Quando estava na coordenação, eram constantes essas reclamações.

Na medida do possível, quase todo semestre tento fazer Trabalho de Campo (TC) e geralmente organizo de forma que os alunos possam participar sem utilizar os recursos da universidade, como o transporte principalmente. Ultimamente tem sido cada vez mais difícil reservar um carro ou ônibus, daí escolho lugares de fácil acesso, pois meu objetivo não é apenas com o conteúdo, mas com a metodologia do TC.

Quase em todos os períodos realizo essa atividade. Já fomos para vários lugares no entorno de João Pessoa. Em vários trabalhos, tive a colaboração de Eliane Souza da Silva, minha orientada de doutorado. Com Eliane, fizemos um TC no distrito de Forte Velho, município de Santa Rita. O caminho mais curto era pelo rio Paraíba, de ônibus-lancha. Foi uma aventura, pois a maioria dos alunos e eu nunca tínhamos experimentado. Basicamente é um ônibus colado

num barco, muito criativo. Também, sempre que trabalhamos com a mesma turma no semestre, eu Marcelo e Christianne nos reunimos e, em conjunto, fazemos essa atividade.

No ano passado, fizemos um TC para o Forte de Santa Catarina, em Cabedelo, e depois fomos para o município de Lucena, que fica o outro lado do rio Paraíba. O acesso mais rápido é pela balsa. No caminho, paramos na Igreja Nossa Senhora da Guia, construída no século XVI um símbolo da arquitetura chamado de barroco tropical.

O curso de Geografia é o único do Degeoc que oficialmente se chama Departamento de Geociências. Alguns professores gostariam que se chamasse de Departamento de Geografia. Porém notei que, para muitos professores, esse termo tem mais *status*, é mais abrangente permitindo pesquisas para além da Geografia. O problema é que muitos professores não se identificavam com a licenciatura, inclusive negando-a. Contudo, existem disciplinas no curso que não são necessárias para formar professores de Geografia ocupando espaço no currículo.



Figura 59 – Trabalhos de Campo – UFPB. Foto da esquerda: TC utilizando o ônibuslança de Cabedelo para Forte Velho com Eliane. 2017. Foto da direita: TC no município de Lucena, em frente à Igreja da Guia com Marcelo, Christianne, Eliane e alunos de Geografia, 2019

Fonte: Acervo do autor.

A coordenação descoordenada

Quando assumi a coordenação, decidi primeiramente entender o papel definido pela universidade e como os professores do departamento concebiam a função do coordenador. Como tinha desempenhado essa atividade em outras universidades, sabia como deveria me proceder, mas, depois da experiência no DME e no curso de Pedagogia, cuja coordenação era praticamente nula, passei a ter cuidado nas minhas ações.

Meu primeiro impacto foi com os funcionários. Eram dois, ambos estavam no setor há muitos anos, sendo um pela manhã e outro à noite. A funcionária da manhã fazia tudo. Como estava lá há mais de trinta anos, comportava-se como se fosse a própria coordenadora. Tinha acesso ao sistema, decidia a vida dos alunos e se articulava diretamente com a chefia do departamento e com as instâncias superiores. O funcionário da noite apenas ficava na coordenação, ao contrário da outra, não redigia nenhum documento, encaminhava os alunos do noturno para a manhã.

Em relação ao Projeto Pedagógico Curricular (PPC) do curso de Geografia, tinha me informado antes sobre e prevalecia o modelo antigo. Quando cheguei, o currículo vigente era de 1998, nos moldes do 3+1. Comecei a entender porque ainda não tinham feito a reformulação do curso de Geografia com base nas Diretrizes 2002. O MEC tinha dado um prazo de 10 anos para adequar o curso, ou seja, seria expirado em 2012, depois prorrogado por mais dois anos, terminando em 2014. Nesse ano, a Pró-reitoria de Graduação (PRG) passou a pressionar o curso de Geografia para finalizar o PPC. Descobri que a discussão com base nas diretrizes de 2002 se alongava durante anos no Degeoc. Como em outros cursos da UFPB, o departamento tradicionalmente é concebido como instância superior ao curso, em especial no Degeoc. Cada vez que o NDE apresentava uma proposta sobre a reformulação, era recusada, sobretudo porque a maioria não concordava com a separação entre o bacharelado e a licenciatura. A proposta das diretrizes era que o curso de forma-

ção de professores fosse específico desde o início. Grande parte dos docentes defendiam o modelo antigo, ou seja, um curso de bacharelado com complementação em licenciatura, priorizando disciplinas com caráter técnico valorizando a pesquisa. Inclusive havia um grupo que não reconhecia o ensino como temática para o TCC.

Em 2015, Marcelo, enquanto chefe do departamento, assumiu a reformulação do PPC, tentando não alterar muito o texto que tinha sido discutido nos últimos anos e cumprindo algumas regras gerais. Quando cheguei, observei que o PPC tinha muitos problemas: continuava sendo um curso de bacharelado com algumas disciplinas para cumprir a lei, os estágios foram separados das práticas e divididos em três disciplinas, quando geralmente a maioria das universidades organizam em quatro. Para a licenciatura, a única disciplina específica proposta foi a de *Metodologia para o Ensino de Geografia*, que passei a ministrar desde que o novo PPC foi implantado em 2017.

Em relação às práticas, não havia nenhuma disciplina. Sobre elas havia uma concepção equivocada da PRG, definida pelo CE. Entendiam que as disciplinas de *Fundamentos Antropológicos, Filosóficos, Psicológicos, Históricos e Políticos da Educação*, que se dividem em três, com carga horária de 60 horas cada uma, em conjunto com a *Didática Geral*, eram consideradas as práticas como componente curricular, compondo as 400 horas definidas pelas diretrizes. Um “pacote” definido previamente pela PRG para todos os cursos de licenciatura com aval do CE. Daí entendi porque havia tantos professores no CE e a luta para manter o domínio nas licenciaturas. Como estava chegando à Geografia e sabia da publicação, em 2015, de uma nova Diretriz Curricular, resolvi acatar aquela proposta, pois a PRG estava pressionando, inclusive ameaçando fechar a licenciatura e o próprio DME. Começou a negar a oferta de estágios para o curso. Apoiei Marcelo e decidimos encaminhar aquela proposta.

Quando cheguei, aceitei a coordenação com a esperança de poder contribuir, mas, no final de 2015, Marcelo não se candidatou para a chefia do departamento para mais dois anos. Tínhamos

uma parceria muito boa, então fiquei muito preocupado. Mas decidi continuar, afinal sentia que havia, entre os professores, um voto de confiança em mim.

Embora o departamento se coloque como instância superior ao curso, na estrutura da universidade, pelo estatuto da UFPB, é autônomo e vinculado diretamente ao centro, no caso, ao Centro de Ciências Exatas e da Natureza (CCEN). Porém, diferentemente do departamento, não administra recursos financeiros. Tudo tem que ser solicitado para a direção do CCEN, desde material de consumo até reparos físicos.

Ao assumir a coordenação, a primeira ação foi solicitar reparos na secretaria, na sala do coordenador e na de reuniões. As paredes estavam sujas e manchadas, dava para perceber que fazia tempo que haviam pintado, o teto de gesso arrebentado, havia goteiras, a própria rede de energia estava em más condições (acho que estava fora de padrão), piso quebrado, móveis estragados e velhos. O ambiente era insalubre, mofado e cheio de cupins. Era ali que trabalhavam os funcionários e era o lugar de recepção dos alunos. Fiquei na gestão por dois mandatos, de 2015 a 2017 e de 2017 a 2019, e não consegui resolver o problema.

Na primeira gestão, comecei a solicitar ao diretor do centro uma reforma simples, mas nunca foi atendida. Também a reivindicar mais um funcionário para cobrir o turno da noite no lugar do outro, que dizia que ia se aposentar. Observava que a única coordenação do centro que tinha instalações precárias era a Geografia, enquanto as salas dos outros cursos (Física, Biologia, Química e Estatística), todas eram bem cuidadas, algumas tinham passado por reformas recentes e recebido móveis e equipamentos novos e mais adequados. Foram várias solicitações, fui até a sala do diretor várias vezes, foram várias promessas, mas nunca atendidas.

No campo administrativo, reorganizei o trabalho dos funcionários e passei a ter o controle do sistema e resgatar o contato com outras instâncias, o que criou um problema com a funcionária. No pedagógico, aproximei-me da PRG, em especial da Coordenadoria de

Currículos Acadêmicos (CCA), para reformular o PPC com base nas diretrizes de 2015. Sempre fui bem atendido pelos professores Drs. Fabio do Nascimento Fonseca e Glória das Neves Dutra Escarião.

Em 2017, terminou minha primeira gestão, e, até então não tive problemas com os professores, pois a reformulação baseada na diretriz de 2015 estava paralisada em função das discussões da PRG sobre a definição das práticas como componente curricular, principalmente por desacordo com o CE. Estava pensando em sair, mas acabei cedendo ao apelo de vários professores e resolvi continuar na gestão para o biênio de 2017 a 2019. Não estava muito empolgado para continuar, mas tenho um grande problema: acreditar que poderia fazer algo, principalmente porque, nesse ano, foi implantado o novo currículo.

Na segunda gestão, foi trocado o vice-coordenador, que, inclusive, desde o primeiro mandato, repassava metade da gratificação de 600 reais líquidos para o colega. Logo no início, recebemos uma nova funcionária, uma moça jovem que tinha terminado o curso de Arquitetura na UFPB. Também consegui uma estagiária, uma estudante do curso de Biblioteconomia. A nova funcionária era jovem, chegou muito animada para trabalhar, tinha habilidades e conhecimentos de informática. Aproveitei para atualizar a página da *web* do curso. Praticamente estruturou tudo, modernizando a página e alimentando-a. Também criamos uma página no *Facebook* e um e-mail específico da coordenação. A princípio, ficou no turno da manhã para aprender a rotina da secretaria com a funcionária mais antiga, juntamente com a estagiária. Rapidamente ela aprendeu o trabalho e a rotina, até porque estava sempre fazendo cursos de aperfeiçoamento oferecidos pela universidade. Mas logo começaram os problemas, pois a funcionária antiga passou a se incomodar com ela e começou a criar intrigas. Todos os dias tinha que resolver conflitos. Decidi transferir a funcionária nova para outro período. Como podiam fazer seis horas corridas, ela começava às 17 e saía às 22 horas. A estagiária foi para o período da tarde, mas não fazia trabalho administrativo, apenas organizava os arquivos. Logo a devolvi

para o centro, pois, como ficava sozinha, não via mais motivo para sua permanência.

Foi muito difícil administrar esses conflitos, foi desgastante, até porque, mesmo estando em outro período, elas não se comunicavam e eu que fazia a intermediação. Notei que a funcionária antiga já estava incomodada comigo, pois tinha tirado dela várias funções que, na verdade, eram minhas. Além disso, ela tinha muito ciúmes da nova, pois minha relação com ela fluía mais, sobretudo porque não tinha vícios e me ajudava em atividades que exigia conhecimentos digitais, possibilitando a geração de relatórios de alunos, facilitando meu trabalho. A nova funcionária se envolveu com o trabalho.

Em relação aos reparos da sala, retomei as reivindicações para sua realização. Agora tinha ajuda da nova funcionária que era arquiteta. Também recebi uma comunicação que o centro disponibilizava de recursos para realização de obras e compra de móveis e equipamentos. Solicitei para a funcionária nova me ajudar a fazer um projeto de reforma e ela foi impecável. Em alguns dias, encaminhou-me um projeto em três dimensões, considerando todos os problemas da secretaria, inclusive a disposição dos móveis. Montamos um processo e encaminhamos para o centro, que, além de ter sido por meio digital, ainda levei tudo impresso pessoalmente para o diretor. Na reunião, disse que entraríamos em uma fila, mas afirmou que a reforma e a compra dos móveis seriam realizadas. Fiquei muito feliz e cheguei a anunciar para os professores e alunos a promessa. Encaminharam um engenheiro e um arquiteto para avaliar a obra.

As reformas começaram no centro, que parecia um grande canteiro de obras, reformaram e pavimentaram o estacionamento, melhoraram os jardins, reformaram e pintaram vários prédios, mas nunca chegavam à coordenação de Geografia. Terminei a gestão em 2019 e a reforma não foi feita. Um mês após a minha saída, a funcionária nova conseguiu uma transferência para outro setor. Impressionou-me que, depois de um mês que deixei a coordenação, também fizeram a reforma, não como tínhamos planejado, mas melhorou o aspecto da sala.

Em 2017, a PRG chegou a um acordo com o CE sobre as 400 horas de práticas como componente curricular, liberando os cursos para proceder a reforma curricular baseados na diretriz de 2015, recomendando que reativássemos a reformulação do PPC. Naquele momento, estávamos realizando um estudo no Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Geográfica (GEPEG). O estudo estava articulado a um projeto maior, envolvendo várias universidades brasileiras, com a coordenação do NEPEG, intitulado *Projetos de formação de professores de Geografia: 10 anos após as Diretrizes Curriculares Nacionais*. Ficamos responsáveis pelas universidades públicas do estado da Paraíba. Esse estudo me ajudou a pensar na proposta de reformulação do PPC. Na apresentação do projeto está descrito:

Objetiva-se analisar a formação de professores de Geografia em diferentes Instituições de Ensino Superior (IES) no Brasil, avaliando as alterações ocorridas na formação inicial no período de 2002 a 2012 em função das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN's). Trata-se de uma pesquisa coletiva desenvolvida no âmbito do Núcleo de Ensino e Pesquisa em Educação Geográfica (NEPEG), que agrega pesquisadores de diferentes IES situadas em distintas regiões brasileiras. A problemática da formação de professores de Geografia no âmbito das DCN's envolve o contexto político da educação brasileira; o cenário de sua implantação; e os impactos já percebidos na formação de professores de Geografia em função dessas DCN's. O desenvolvimento da pesquisa, assenta-se na análise de documentos, questionários, entrevistas e na realização de workshops, tendo por subsídio a metodologia qualitativa do tipo estudo de caso.⁴

A equipe local do projeto do NEPEG foi composta por mim, Eliane Souza da Silva e David Luiz Rodrigues de Almeida, estes estudantes de pós-graduação da UFPB e meus orientados de doutorado. Na análise dos currículos das universidades públicas da

4 NEPEG (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Geográfica). **Projetos de formação de professores de Geografia: 10 anos após as Diretrizes Curriculares Nacionais**. Goiânia: NEPEG, 2011.

Paraíba, com exceção da UFPB, que não tinha esse componente no PPC, constatamos que cada instituição resolveu a questão da prática de forma diferente. A UFCG, campus de Cajazeiras, por exemplo, colocava disciplinas com o nome de *Prática de Geografia Humana*, *Prática de Ensino de Geografia Física*. (PINHEIRO e ALMEIDA, 2017)⁵. Observamos também que algumas universidades, inclusive de outros estados, incluíam a prática na mesma disciplina, como de *Introdução à Geomorfologia*, por exemplo, com 40 horas teóricas e 20 horas práticas, perfazendo as 60 horas. A diretriz de 2002 já mencionava a questão da prática e a de 2015 reforçava e dava ênfase à prática no componente curricular. Com base nesses estudos, convoquei o NDE e começamos a discutir como inserir no PPC as 400 horas, pois a própria PRG assumiu que havia se equivocado na interpretação da lei, considerando disciplinas básicas como práticas.

Para minimizar o impacto no curso de licenciatura e diminuir as resistências, criamos uma nova disciplina de práticas denominada de *Práticas de Ensino de Geografia, Ambiente e Sociedade*, para evitar o termo *Educação Ambiental*, que, a meu ver, está cheio de vícios e por entender que a primeira é mais abrangente. Também consideramos duas que já existiam no curso, como: a de *Relações étnico-raciais* e a *Metodologia para o Ensino de Geografia*, como parte das práticas; transformamos a disciplina de *Cartografia Escolar* que era optativa em obrigatória; acrescentamos na disciplina de *Pesquisa Geográfica* o termo *em Educação* e deixando para os alunos escolher uma do CE para totalizar as 400 horas.

As discussões para aprovar essas propostas foram difíceis, mas conseguimos convencer nossos colegas, até porque não excluímos nenhuma disciplina existente, apenas criamos mais uma, ampliando a carga horária da licenciatura para 3.200 horas, como exigiam as diretrizes. Na prática, o curso continuou com

5 Artigo sobre análise dos PPC das IES públicas da Paraíba. PINHEIRO, Antonio C. ALMEIDA, David L. R. *Currículo e formação de professores de Geografia na Paraíba*. In SILVA, Anieris B. et al (orgs). **Paraíba 2: pluralidade e representações geográficas**. Campina Grande: EUFCG, 2017.

a mesma característica anterior. A proposta de reformulação foi encaminhada para a PRG e, até minha saída, em 2019, não tive notícias do resultado.

Um problema que considero crítico no curso diz respeito à área de ensino, refletindo na graduação e na pós-graduação. Quando fui redistribuído do DME para o Degeoc, soube que praticamente era o primeiro pesquisador especificamente da área de ensino que estava atuando no departamento. Minha ida resultou de uma necessidade desse profissional e acredito que do fortalecimento da área, na graduação e na pós-graduação, principalmente porque na maioria das universidades atualmente existem vários pesquisadores da área nos cursos de licenciatura.

Desde que cheguei e assumi a coordenação, tinha o propósito de sensibilizar os colegas para a importância de mais um professor pesquisador no ensino, pois sabia da demanda após a implantação do novo PPC. A partir da segunda gestão na coordenação, passei a ser mais enfático sobre isso e a sempre colocar essa questão nas reuniões. O Degeoc é um departamento com um número grande de professores por ter apenas dois cursos e da mesma área. Atende com algumas disciplinas os cursos de Engenharia Ambiental, de Biologia, Turismo e Relações Internacionais. No entanto, a maioria dos professores atua no curso de Geografia. Com tantas aposentadorias, ficou estabelecido que uma vaga fosse destinada para o ensino.

Os incômodos começaram quando comecei a ter mais visibilidade em função das minhas atividades na coordenação do curso, no PPGG, no GEPEG etc. Foram vários problemas: primeiro quando surgiu uma vaga para professor que seria destinada ao ensino. Foi feita uma articulação de alguns colegas, inclusive de uma interessada que tinha sido aprovada em terceiro lugar para ocupá-la. Conseguiram reverter a destinação da vaga e aprovar a solicitação da interessada. Na condição de coordenador, entrei com um processo no CCEN questionando a decisão do departamento. Acredito que esse procedimento é comum, porém me parece que não foi entendido dessa forma pelo centro, pois, depois da recusa, apelei para o

Conselho Universitário. Na UFPB, a tendência, quando é de interesse, é manter as decisões da instância menor, no caso, do departamento. Creio que cometi uma “heresia” entrando com recurso. Após o esgotamento dos recursos, a interessada ganhou o direito de ingressar e foi nomeada imediatamente.

Quando o processo estava no âmbito do centro, houve algumas discussões, e, após o acontecido, o chefe do departamento de Química da época propôs uma solução: eles tinham três vagas ociosas e deveriam destiná-la logo para concurso, mas o quadro de professores estava estável, então decidiram repassar para a Geografia uma vaga para o concurso de ensino e acalmar os ânimos. Essa vaga chegou, mas, em uma decisão repentina, foi destinada para redistribuição de um professor. Mais uma vez o ensino ficou de fora.

Nesse intermédio, ocorreu um fato: um aluno que ninguém sabia de sua procedência certa, mas sabia-se que é de Minas Gerais, chegou à Paraíba e se apresentou no departamento. Apesar da sua aparência, era proveniente de classe média, mas se apresentava com roupas velhas, andava descalço, cabelos desalinhados e barba por fazer. Como chegou um período antes de ingressar no curso, não tinha direito à moradia e nem ao restaurante universitário, pois não tinha matrícula. Como coordenador, na época, tentei ajudar, mas obtive resposta negativa da Pró-reitoria de Assistência Estudantil. Como o Centro Acadêmico estava sem gestão havia seis meses, um aluno que tinha a chave o deixou ficar lá até que conseguisse algum lugar. Ocorre que o sujeito se hospedou na sala e ficou lá até começar o período. Desde o início, tinha um comportamento antissocial, vivia atrás de mim pedindo coisas. Ele tinha causado diversos problemas com a segurança e com a nova gestão do CA, que acabara de ter eleição e não conseguia a sala de volta.

Certo dia, estava na pracinha da Geografia ao celular e o sujeito saiu do banheiro e foi reclamar comigo que não tinha papel higiênico. Estava muito agressivo e passou a me agredir verbalmente, inclusive sendo homofóbico. Que me lembre, alguns alunos e um professor presenciaram a cena. Abri um processo de

advertência, porém, em outra ocasião, nas proximidades da sala da coordenação, novamente o sujeito surtou e me agrediu verbalmente, falando absurdos, pois eu pedi para ele tirar a bicicleta da sala. Esse episódio foi presenciado por muitas pessoas, professores, alunos, funcionários e seguranças. O sujeito afrontou todo mundo. Tudo foi gravado e filmado.

Diante disso e de outros problemas, resolveram abrir, no CCEN, um processo administrativo. Formou-se uma comissão, que ficou um bom tempo para decidir. Pediram-me para indicar testemunhas a meu favor, então conversei com os alunos e com alguns professores, mas apenas um aceitou. Para depor, foi convocado apenas um professor e um aluno, que também tinha sido agredido. A funcionária da coordenação (aquela antiga) se ofereceu para defendê-lo, talvez por vingança. Além de desrespeito e calúnia, aleguei homofobia. Soube depois que o professor, no seu depoimento, acabou amenizando o fato e acabou dando vantagem para o sujeito. No final, o sujeito que estava cursando foi notificado e não aconteceu nada. No entanto, passei a ser visto pelo centro como uma ameaça, primeiro porque questioneei a decisão daquela vaga, depois porque sempre solicitava a reforma e, modestamente, na minha gestão, a Geografia estava sempre em evidência.

Hoje acredito que, principalmente na minha segunda gestão, a negação do atendimento das minhas solicitações foi um castigo. Além do mais, comecei a perceber um incômodo por ser *gay* assumido e trabalhar muito, pois atuo no ensino, pesquisa, extensão e na gestão. Outro incômodo foi dar visibilidade para a coordenação do curso, indo contra a tradição do poder do departamento.

Em 2019, após a aposentadoria de uma professora, decidiram finalmente que a vaga seria para o ensino. Deixei a coordenação no mês de maio. Antecipei um mês do final da gestão, pois não aguentava mais. No Degeoc, é comum todo mundo opinar em tudo e, tratando-se do ensino, mais ainda, pois o discurso de alguns é de que todos são “educadores”, porém o contrário não se aplica quando a área é *Cartografia*, *Geografia Agrária* etc. Durante as discussões da

montagem do concurso, foram muitas interferências e, às vezes, percebi a tentativa de direcionar o concurso para outras áreas. Embora defendesse que haveria candidatos com especialização no ensino, optaram por um edital que permitia a inscrição de todos que fizeram doutorado em Geografia. Com isso, apareceram 40 candidatos.

Não pude participar da banca, pois tinha contatos com alguns candidatos. O concurso foi tenso, isso era perceptível entre os candidatos. Durante o concurso, havia pessoas andando de um lugar para o outro, em especial, um professor que costuma ser o articulador no departamento. Inclusive fui convidado a me retirar do processo do concurso e não assistir às aulas didáticas e à defesa de memorial dos candidatos. Não aceitei e disse que o concurso é público e, como era da minha área, é normal que tenha interesse em acompanhar.

Em momento algum a banca conversou comigo, inclusive durante o evento apenas manteve contato com o chefe do departamento. Entravam e saíam e, às vezes, sem me cumprimentar, mesmo conhecendo todas as pessoas. Ocorre que a maioria dos candidatos especializados no ensino de Geografia foram reprovados na prova escrita e deles cinco entraram com recurso. Desses, dois foram aceitos e três negados. As duas candidatas que tiveram o recurso aceito eram muito boas e com um excelente currículo. O aceite dos seus recursos também me surpreendeu e, ao final, uma ficou no primeiro e a outra no segundo lugar. Foram quatro aprovados.

Depois disso, houve o tempo dos recursos e, ao final, a candidata que ficou em primeiro lugar não foi nomeada. Desde o término do concurso, havia ameaças de recursos contra o resultado final, mas este só apareceu depois que o processo terminou de tramitar na universidade em forma de processo judicial na justiça comum, pela candidata aprovada em terceiro lugar. Provavelmente foi orientada por alguém daqui. O concurso está paralisado.

As ameaças também me envolviam. Desde o final do concurso, começaram boatos de que eu tinha manipulado o resultado, influenciado a banca. Uma tentativa de justificar o resultado que não agradou alguns interesses. Mas o pior foi o que aconteceu depois:

como se não bastassem os boatos, um dia recebi um e-mail encaminhado pelo chefe do departamento de uma pessoa que não consegui descobrir quem é. Na sua mensagem, fazia uma série de denúncias sobre mim: que intervi no concurso, aliciei os candidatos, interferi na banca etc. Diante da acusação, respondi todos os pontos.

A mensagem da acusadora, repassada pelo chefe de departamento, também foi encaminhada para vários professores do departamento e de outras universidades. Não posso provar, mas tenho suspeitas de que foi produzida por pessoas de dentro do Degeoc ou por algum candidato orientado por alguém daqui. Infelizmente esse tipo de prática não é incomum. Cheguei a procurar um advogado, mas fui aconselhado a não entrar na justiça para não atrapalhar o processo do concurso.

Fiquei muito chateado com isso, pois imaginava muita coisa, mas a esse ponto, foi surpresa. Uma espécie de *fake news* para me prejudicar. Desde que estou aqui, observei que é muito comum resolverem as questões internas da universidade na justiça comum. Qualquer coisa pode ser motivo para abrir um processo e me parece que a universidade não tem competência para resolver seus problemas. Não deixei de fazer minhas coisas, mas confesso que esse episódio me deixou decepcionado. Depois de 35 anos de serviços prestados ao ensino, em todas as modalidades, ter que passar por isso.

PIBID e Prodocência: de volta para as escolas

Na época que cheguei ao Degeoc, o professor Dr. Marcelo de Oliveira Moura era o chefe de departamento, o conhecia anteriormente. Em 2014 fui convidado para coordenar com ele o Programa de Iniciação de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) na Geografia. Trabalhamos em conjunto no programa por dois anos (2014 e 2015). No período desenvolvemos atividades em três escolas. Trabalhamos com vinte e seis bolsistas, com três professores supervisores, um de cada escola. Realizamos diversos projetos de intervenção nas

escolas que geraram apresentação de trabalhos em eventos científicos, artigos em revistas e capítulos de livros.

Marcelo também coordenava o Programa de Consolidação das Licenciaturas (Prodocência) do Degeoc. Após sua saída do PIBID, em 2015, passei a coordenar até 2016 o Prodocência. Nos anos de 2016 e 2017, trabalhei em conjunto coma Profa. Dra. Christianne Maria da Silva Moura em duas escolas.

A participação no PIBID foi muito prazerosa, possibilitou conhecer a realidade da escola básica de João Pessoa e a própria universidade. Para os bolsistas, alunos do curso de Geografia, oportunizou maior aproximação da teoria e da prática por meio da vivência do cotidiano da escola e da rotina do professor permitindo maior integração entre a escola e a universidade. O PIBID é um dos melhores programas criados pelo MEC no campo da formação de professores, espero que não seja extinto e sim aprimorado. Fiquei no PIBID até 2017, depois Marcelo voltou e assumiu com Christianne em 2019.

Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Geográfica – GEPEG

Tudo começou em 2013, quando ainda estava no DME, mas já estava no PPGG e decidi formar um grupo de estudos como referência para os alunos, em especial da pós-graduação. Creio que fiquei mais de um ano sem um ambiente próprio, mas nos reuníamos na praça da Geografia ou em salas de aula vazias no Degeoc ou do CE. Por um ano não registrei o grupo no Diretório dos Grupos de Pesquisas da CNPq, esperando que ele se consolidasse, em 2015, foi formalizado e registrado.

Colocamos o nome de GEPEG porque me lembrei do NEPEG (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Geográfica), que contribui para sua formação em Goiânia. Quando o grupo foi criado, com esse nome, não me dei conta que a nossa linha de pesquisa na pós-graduação do PPGG, chama-se “Educação Geográfica”. Hoje

acredito que deveria ter colocado outro nome, confesso que não foi intencional, na verdade fui me dar conta disso, em 2017 quando realizamos o segundo seminário do grupo. Quando o grupo passou a se consolidar em 2017, cheguei a ouvir pelos corredores que queria dominar e tomar para mim o controle da linha de pesquisa, mas na época eu nem pensei nisso.

Aqui as relações são frágeis e demorei a perceber, no entanto, todos os problemas começaram a partir de 2018. De qualquer forma registramos, sendo eu coordenador e Marcelo. Na época não convidei outros colegas que atuavam na pós da mesma linha, primeiro porque não atuavam no Degeoc e segundo porque eram de outro grupo sediado no CE e tive experiências que não foram positivas, além disso, a estratégia era fortalecer a área de educação no departamento.

O GEPEG está localizado no Degeoc, compõem o grupo, professores do departamento, alunos de pós-graduação e de graduação, além de professores de outras universidades e da rede básica de ensino. Foi criado com o objetivo de estimular e desenvolver estudos e investigações científicas no campo da Educação Geográfica.

Começamos com estudos de textos, discutimos muita metodologia, teoria, assuntos de outras áreas. A proposta do grupo é que seja aberto e democrático. Sempre decidimos juntos os textos que lemos e debatemos. Geralmente sempre alguém se responsabiliza para fazer uma apresentação para orientar o debate e muitas vezes também coordenam a reunião, que na maioria são registradas em Atas. Estudamos documentos curriculares oficiais, entre outros. Criamos os Seminários de Educação Geográfica, inicialmente para atender os membros do grupo, que depois foi estendido para os estudantes e professores de outras universidades e da escola básica.

Das atividades que desenvolvo no Degeoc, coordenar o GEPEG é uma das mais satisfatórias. Destaco aqui o depoimento de Eliane Souza da Silva, participante do GEPEG desde sua fundação, atualmente, minha orientanda de doutorado:

O GEPEG teve uma contribuição significativa na minha trajetória acadêmica. Nossa história iniciou no ano de 2013, quando ainda não sido registrado e os nossos encontros aconteciam no CE. Na época estava terminando a licenciatura em Geografia na UFPB quando comecei a participar das reuniões. As leituras e discussões realizadas no grupo envolviam diversas temáticas, formação inicial e continuada de professores, prática de professores, relação academia e escola, documentos oficiais da área de educação, metodologias e instrumentos de pesquisa. Esses debates contribuíram para ampliar o meu conhecimento teórico e conceitual, me levando a escrever o projeto de mestrado e participar da seleção. Após a aprovação no mestrado e anos depois no doutorado, podemos afirmar que as leituras e debates realizados no GEPEG foram norteadores para a construção de nossas pesquisas. Além de um grupo de discussões, o GEPEG se diferencia pela colaboração e incentivo entre seus membros. O grupo é composto por alunos da graduação, pós-graduação, professores da Educação Básica e do Ensino Superior. Assim, é observável entre os colegas a parceria, a disposição de ajudar o outro. Além dos participantes, temos também o incentivo e a orientação do professor coordenador Antonio Carlos, que sempre tem buscado partilhar seus conhecimentos obtidos ao longo de sua trajetória na Educação e na vida cotidiana. O GEPEG vem crescendo e se fortalecendo ao longo dos anos e posso afirmar que ele tem contribuído para a consolidação da Linha de Pesquisa em Educação Geográfica no PPGG/UFPB. Durante todos esses anos participando do grupo, tenho tido a oportunidade de me aprofundar em algumas áreas que envolvem a Educação Geográfica. Além disso, tenho aprendido com as experiências partilhadas pelos colegas. Outra grande contribuição do GEEPG foi à oportunidade que me foi dada de participar da construção e a realização do Seminário de Educação Geográfica que já vai para sua quarta edição. Portanto, é notório o valor que o GEPEG apresenta na vida dos alunos e professores, colaborando com o fortalecimento da Educação Geográfica.

Entendo o grupo como um espaço de aprendizagem para os estudantes e parte de sua formação, buscamos desenvolver práticas colaborativas para que os participantes experimentem outras

formas de trabalho. Logo que criamos o grupo, tivemos a ideia de fazer um seminário para apresentação das pesquisas, convidando outros pesquisadores e professores de fora da UFPB para apresentar suas experiências.



Figura 60 – Parte da equipe do GEPEG e do LOGEPA. Atrás da esquerda para a direita: Adriano, Guibson, Antonio, Josias, David, Maurílio, não identifiquei, Dayane. Na frente da esquerda para a direita: Joabe, Rita, Ana Neri, Fabiano, Eliane

Fonte: Acervo do autor. 2019.

Em 2015 realizamos o 1º Seminário de Educação Geográfica, com o tema: *Práticas Curriculares e Educação Geográfica*. Decidimos fazer nos moldes acadêmicos, com Comissão de Organização, Científica, inscrição prévia, seleção por meio de pareceristas e apresentação de trabalhos no formato de Comunicações Científicas, além de mesas-redondas com convidados.



Figura 61 – 1º Seminário de Educação Geográfica Da esquerda para a direita: David de Abreu, Gilyane Pauferro, David de Almeida, Marcelo Moura, Guibson Lima, Ana Paula Pacheco, Antonio, Adeni, Alisson Glaber, Eliane Silva. 2015

Fonte: Acervo do autor.

A proposta inicial era evento do grupo para o grupo, abrindo para os alunos de graduação e professores da escola básica, como divulgamos nas redes sociais, fomos surpreendidos com a quantidade de inscrições. No primeiro seminário, foram cerca de 150 participantes, 42 trabalhos inscritos, organizados em cinco grupos.

Optamos por fazer uma dinâmica diferente da forma tradicional de apresentação, baseada nas experiências do Fórum NEPEG, definimos previamente os coordenadores dos grupos e encaminhamos os trabalhos para elaborarem questões para o debate. Os inscritos representaram nove estados da federação, Paraíba, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Goiás, Bahia, Ceará, de Alagoas, de Mato Grosso do Sul e Santa Catarina.

Os trabalhos foram publicados em Anais no formato de CD-Rom e entregues para todos os participantes convidados e inscritos no evento. Tivemos duas mesas redondas, além disso, oferece-

mos quatro oficinas. As discussões geradas durante o evento culminaram em uma Plenária Final com uma síntese geral das temáticas específicas e do tema geral do evento.

O II Seminário de Educação Geográfica foi em 2017, com o tema: *Saberes e culturas na Educação Geográfica: escola, universidade e sociedade*. O evento contou com a participação de cerca de 160 pessoas dos estados da Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Ceará, Bahia, Rio Grande do Sul, São Paulo e Goiás. Foram seis Grupos de Trabalhos, com 41 trabalhos apresentados, duas mesas redondas e cinco oficinas pedagógicas.

Para o segundo, passamos a ser mais criteriosos na seleção dos trabalhos apresentados e desde o primeiro estabelecemos uma taxa de inscrição, sempre com menor valor para estudantes de graduação e professores da escola básica. Os recursos financeiros resultantes do primeiro permitiu subsidiar custos de deslocamento e diárias para os convidados do segundo e assim sucessivamente. Os trabalhos formam publicados em *CD-Rom*.



Figura 62 – 2º Seminário de Educação Geográfica

Fonte: Plenária Final do II Seminário. Acervo do autor. 2017.

MEMÓRIAS E AVENTURAS NA EDUCAÇÃO E NO ENSINO DE GEOGRAFIA

O 3º Seminário de Educação Geográfica, realizado em 2019, contou com quase 200 inscritos dos estados da Paraíba, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Ceará, Bahia, Maranhão, Piauí, Rio de Janeiro, Goiás, São Paulo e Rio Grande do Sul. Foram 90 trabalhos apresentados entre Comunicações Científicas e Pôsteres em sete grupos. Para esse evento, substituímos as oficinas pela seção de pôster, para atender as demandas dos alunos de graduação e professores da escola básica que solicitaram mais espaço no evento na plenária final do 2º seminário. Também tivemos duas mesas redondas.

A partir do 2º Seminário notamos que os participantes compreenderam melhor o formato implantado de discussão dos Grupos de Trabalho, cujos coordenadores, com base nos trabalhos inscritos, propõem questões para um debate com o coletivo. No início houve resistências, tradicionalmente, nos eventos científicos, as pessoas apresentam o trabalho e alguns se retiram da sala. Nossa proposta é que ao final do evento possamos finalizar fazendo uma síntese de todas as discussões dos grupos com os participantes do Seminário.



Figura 63 – 3º Seminário de Educação Geográfica. Plenária Final do 3º Seminário, 2019

Fonte: Acervo do Autor.

Em 2019, decidimos publicar um livro com artigos resultantes da produção das pesquisas dos membros do GEPEG e convidados do 3º Seminário. Em conjunto com o professor Dr. Wellington Alves Aragão, organizamos o livro: *Formação de Professores: metodologias e ensino de Geografia*, publicado em parceria com a Editora Espaço Acadêmico de Goiânia.

Neste ano, 2020, em parceria com o professor Dr. Vanilton Camilo de Souza da UFG, organizamos outro livro, que ainda está em processo de avaliação pela Editora da UFPB, com artigos de membros do grupo e convidados.

Atualmente em face da pandemia continuamos as reuniões quinzenais de forma remota e uma vez por mês convidamos alguém para participar e divulgamos nas redes sociais. A primeira foi com a participação da profa. Dra. Carolina Machado Rocha Busch Pereira da UFT que apresentou o tema: *A extensão como componente curricular na formação inicial em Geografia*, na segunda foi a profa. Dra. Maria Angélica Pedra Minhoto da Unifesp, com o tema: *O papel da escola na pandemia e pós-pandemia* e a terceira a profa. Dra. Valéria de Oliveira Roque Ascensão da UFMG, com o tema: *Sentidos da Geografia escolar e a abordagem dos componentes físico-naturais*.

Laboratório e Oficina de Geografia da Paraíba e a extensão

Em 2017 assumi a coordenação do Laboratório e Oficina de Geografia da Paraíba (Logepa), este também é um trabalho que me dá satisfação. O laboratório foi criado em 1997 no Degeoc, completando 23 anos de existência em 2020. A idealização do Laboratório foi da Profa. Dra. Emilia de Rodat Fernandes Moreira, que coordenou desde sua criação até o ano de 2004.

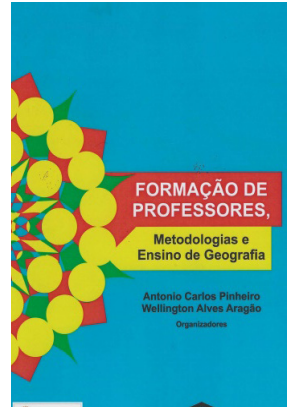


Figura 64 - Livro publicado em 2019 pelo GEPEG

Fonte: Livro escaneado pelo autor. 2020.

Durante este tempo, o Logepa construiu um vasto patrimônio para subsidiar as práticas de ensino, de pesquisa e de extensão, como: uma Maquete do Estado da Paraíba com escala horizontal de 1:100.000; uma Maquete do Parque Arruda Câmara – Bica com escala horizontal de 1:500 e vertical de 1:200; coleção de fósseis paleontológicos da Paraíba; amostra de rochas e minerais; peças artesanais; Mapas diversos; uma publicação, intitulada de Cadernos do Logepa. Esse acervo é disposto em uma grande sala e apresentados nas visitas do ensino básico e superior. Em relação a equipamentos, havia um *Datashow*, um computador que só funciona para a projeção de slides. Os outros computadores sumiram e os que ficaram estavam obsoletos. Infelizmente, os computadores foram utilizados para outro fim e alguém apagou todos os arquivos existentes do Logepa.

Desde que entrei, fiz várias solicitações, sem sucesso, depois que começamos a ter visibilidade para além do Degeoc e do CCEN, consegui um computador e uma impressora diretamente com a Reitoria. Inclusive, no ano de 2019, após do processo tumultuado do concurso e do sucesso do III Seminário, tivemos duas tentativas de sabotagem no laboratório, uma tentando avariar a impressora e outra desformatando e mudando a senha do computador, por sorte um aluno resolveu o problema. Temos suspeitas, mas até hoje não sabemos de fato o que aconteceu, nenhuma investigação foi realizada.

Quando cheguei ao laboratório, a etapa inicial foi o levantamento e inventário do acervo e um plano de organização e recuperação dos recursos disponíveis. Em 2018 apresentamos o projeto de Extensão: *Do litoral ao sertão: sociedade e natureza na Paraíba*, reeditado até 2020.

A primeira ação foi organizar e restaurar parte do acervo do Logepa, como as maquetes, amostra de rochas, fósseis, livros, cartas topográficas etc e reabrir para visitas, contribuindo para a produção, divulgação e articulação dos conhecimentos produzidos na universidade, na escola básica e na sociedade. Organizamos um mutirão e aos sábados para essa atividade.

Processo de restauração:



Figura 65 – Restauração, reforma e organização do Logepa. Acima à esquerda: Antonio Carlos pintando a parede. Acima à direita: Marcelo lixando a mesa. Abaixo a esquerda: organização do acervo dos livros. Abaixo a direita: Pedro e Joabe organizando a bancada

Fonte: Fotos de Fabiano Cunha. 2018.

No primeiro semestre dedicamos grande parte do tempo na reforma do espaço. Mesmo em processo de catalogação e restauração, resolvemos reabrir o Logepa para visitação e atividades. Na restauração centramos o trabalho na maquete do Estado da Paraíba. Desde 1998 a maquete não passava por uma limpeza e atualização, iniciamos o projeto de restauração sob a coordenação do Prof. Dr. Marcelo de Oliveira Moura e atuação precisa da bolsista Maria Tatiana Pinho da Silva Santos que ficou de 2017 a 2019. O processo de recomposição durou até o final de 2017. As atividades este ano foram intensas, em abril de 2018, realizamos a pintura do Logepa, fizemos um mutirão com os participantes do laboratório e revitalizamos o local.

Em 2018 começamos a receber as visitas, no final do ano, contabilizamos 27 oficinas para escolas de ensino básico (fundamental e médio) Escolas Técnicas, Institutos Federais, cursos de graduação

da UFPB e de outras universidades. No ano de 2019, também foram cerca de 30 visitas.



Figura 66 – *Visitas e oficinas promovidas pelo Logepa. Esquerda acima: Fabiano expondo para alunos da Escola Municipal Ministro José Américo de Almeida, 2018. Direita acima: visita dos alunos da Escola Estadual Arruda Câmara, Itambé-PE, com o Ensino Médio, 2019. Esquerda abaixo: Tatiana com alunos do curso de Pedagogia da UFPB, 2018. Direita abaixo: alunos do curso de Economia da UFPB. 2019*

Fonte: Fotos de Fabiano Cunha e Joabe Pires.

Transcrevo abaixo trecho do relatório final das nossas atividades encaminhadas para a coordenação de extensão do CCEN:

No Logepa, a articulação pesquisa e ensino são indispensáveis, pois como resultado, ela traz a adoção de novas tecnologias, a aquisição de habilidades, a mudança de comportamento, tanto na equipe executora do projeto como no público alvo envolvido.

No projeto proposto, a pesquisa aplicada a extensão também gera novos processos, serviços e produtos, a exemplo da elaboração de materiais didáticos pedagógicos para auxiliar na assistência as escolas. Bolsistas, voluntários e colaboradores, vinculam a pesquisa ao ensino e a extensão, na realização de coleta e sistematização de dados e informações do espaço territorial paraibano com o objetivo de melhorar cada vez mais a prática extensionista.

Em 2019, decidimos organizar um projeto de extensão com crianças e adolescentes. Parafraseamos um artigo de Helena Callai⁶ e intitulamos: *Geografia e cidadania: Conhecer o lugar para compreender o mundo*. O projeto teve como principal objetivo desenvolver nos moradores, em especial nas crianças e adolescentes, uma perspectiva diferente sobre o espaço em que vivem relacionados ao sentido de pertencimento e identidade.



Figura 67 – Atividades na Comunidade Santa Clara. Foto da esquerda: Joabe de palhaço com as crianças. Foto da direita: a esquerda sentada, Tatiana, no centro de bermuda, João Carlos e Joabe

Fonte: Fotos de Fabiano Cunha. 2019.

6 CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. In CASTROGIOVANNI, Antonio C. CALLAI, Helena C. KAERCHER, Nestor A. **Ensino de Geografia. Práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: E. Mediação, 2000.

O lugar trabalhado pelo projeto foi a Comunidade Santa Clara, localizado no Bairro Castelo Branco, próximo a UFPB. O trabalho foi realizado em parceria do Logepa com a Associação de Moradores contando também com a participação de voluntários do laboratório e da própria associação.

Neste projeto o bolsista foi João Carlos Mota Mathias Nery da Silva. Durante as ações, foram realizadas visitas quinzenais com desenvolvimento de atividades diversas. O público atendido foram pessoas com idade entre 4 aos 15 anos. Baseamos nosso trabalho na educação não escolar, por meio de jogos e brincadeiras que pudessem leva-los a pensar, refletir e agir sobre seu local de moradia, considerando os problemas ali existentes, como saneamento básico, destinação do lixo, acessibilidade, cooperação, entre outros. Este projeto foi bastante desafiador, pois foi uma atividade realizada fora do laboratório, a cada etapa, avaliávamos e discutíamos as próximas ações.

A partir desse trabalho, Fabiano Cunha propôs um projeto de pesquisa de Iniciação Científica, que apresentamos e foi selecionado no PIBIC em 2019. Fabiano está analisando sobre as dificuldades e as descobertas que tivemos com essas ações. Seu trabalho se encerra no mês de julho deste ano. Transcrevo abaixo trecho do relatório final sobre o estudo: *Geografia e cidadania, conhecer o lugar para compreender o mundo*,

Como parte integrante dos três pilares, a extensão é a parte principal do Projeto proposto estreitando a comunicação entre a universidade e a comunidade, como uma via de mão dupla, em que o Logepa aprende com a realidade, leva conhecimentos geográficos à comunidade e é retroalimentada para aprimorar e refletir sobre suas ações. Entendemos que durante o processo, ocorreu uma troca de conhecimentos, em que nós da universidade também aprendemos com a própria comunidade sobre a sua cultura, modo de vida, problemas e dificuldades enfrentados no cotidiano. Portanto, a extensão como processo educativo, cultural e científico sob o princípio da indissociabilidade, ensino-pesquisa-extensão, permitiu a articulação do conhecimento gerado pela pesquisa com as atividades de ensino em função dos problemas, das demandas da

sociedade e das necessidades do desenvolvimento local e regional. Dessa forma, consideramos que nosso projeto, possibilitou uma aproximação entre a produção acadêmica com a realidade em todas as suas escalas.

Destaco a parceria com o Laboratório de Climatologia Geográfica (Climageo), coordenado pelo professor Dr. Marcelo de Oliveira Moura em conjunto com o Logepa. Toda a organização do acervo de instrumentos meteorológicos e informações sobre climatologia foram organizados por Marcelo e membros do Climageo. Em 2018 convidamos a professora Dra. Emilia de Rodat Fernandes Moreira, idealizadora do Logepa para contar a história do laboratório e da construção da maquete da Paraíba. O evento foi gravado e está nos nossos arquivos. A professora Emília sempre foi defensora da educação básica, mesmo não sendo pesquisadora da área, sempre incentivou os alunos para o ofício do magistério. É professora Titular aposentada da UFPB e referência nos estudos da Geografia Agrária e da Paraíba, em conjunto com seu companheiro o professor Dr. Ivan Targino, realizam vários estudos sobre essa temática. Pelo seu envolvimento com o trabalho e com a universidade, também enfrentou vários problemas, decidindo pela aposentadoria, mas continua pesquisando e produzindo na área.



Figura 68 – Visita e palestra da Profa. Dra. Emilia de Rodat. De pé da esquerda para a direita: Irineu Soares, Prof. Dr. José Lidemberg de Sousa Lopes da UNEAL, Marcelo Moura, Profa. Dra. Emilia de Rodat Fernandes, Antonio Carlos, não lembro, Profa. Dra. Joçandra Araújo Barreto de Melo da UEPB, de vermelho e azul não me lembro e Guibson Lima Jr. Embaixo da esquerda para a direita: não me lembro, Tatiana Pinho, Rita Lira, Fabiano Cunha

Fonte: Foto de Joabe Pires. 2018.

Rita fez um depoimento sobre sua participação no Logeapa que transcrevo aqui:

Entre no Logeapa no primeiro dia de aula, a recepção do curso foi neste laboratório, o impacto foi imediato, vontade de pertencer aquele ambiente. Mesmo sem conhecer como funciona a vida acadêmica, os projetos de pesquisa, ensino e extensão, no primeiro dia decidi participar do Logeapa. Neste momento e, a partir daí, o Logeapa e o professor Antonio se tornaram parte essencial da Geografia que eu estava e estou construindo. O laboratório me proporciona aprendizagem diária em vários aspectos, como na relação entre professor e aluno, trabalho em equipe, leitura de assuntos variados


e a experiência de por a teoria em prática, que acredito ser o ponto mais forte do Logepa. Pensar na formação inicial dos professores de Geografia e nas suas práticas ficou mais acessível na UFPB, quando os alunos entram no laboratório. Temos a oportunidade de conhecer uma variedade de pessoas, de diversos cursos, escolas, idades e lugares, fazendo com que o contato entre Geografia e realidade se torne real dentro das paredes da universidade. Além de tudo isso, o Professor Antonio trouxe junto com a experiência no Logepa, a oportunidade de conhecer o GEPEG, onde encontrei minhas atuais referências em pesquisa, em sala de aula e também descobri amigos. Por estar, desde o primeiro período o contato com mestres e doutores transformou minha visão da pesquisa e da extensão. Hoje me tornei bolsista do Logepa, depois de 2 anos como voluntária. O trabalho com o Professor Antonio e a equipe dos seus orientados transformou em experiência, fortificando cada dia a minha vontade de estar na sala de aula, em uma escola pública, lecionando Geografia ajudando a colocar em prática o que aprendo com meus colegas do laboratório e do grupo de estudos, e quem sabe no futuro, a pós-graduação. E essa vontade forte de estar no chão da escola, conhecendo a realidade dos estudantes aprendi com o professor, por isso sou grata.

Rita, assim como Tatiana, Fabiano, Joabe e Bruno que se transferiu para a Universidade Federal de Alagoas, são exemplares, abraçaram o projeto e trabalham muito. Estão sempre dispostos, em qualquer período estão no Logepa para receber as escolas, quando realizamos o projeto na Comunidade Santa Clara, abraçaram a tarefa, todos os sábados estavam presentes envolvendo as crianças e adolescentes nas atividades com paciência e respeito. Além de dedicados são proativos, além das tarefas propostas, estão sempre propondo coisas novas, se não fossem eles, provavelmente teria deixado a coordenação do laboratório. Eles são o laboratório, sou muito grato.

XI

*Reflexões sobre minha
trajetória na univerdade*

Qué é, hoje, a consciência do lugar? Não nos embaracemos com essa questão, penúltima herança das ideias estabelecidas em um mundo imóvel. Hoje, certamente mais importante que a consciência do lugar é a consciência do mundo, obtida através do lugar. – MILTON SANTOS (2008, p. 161)¹

eus valores sempre foram: **envolvimento, respeito com o trabalho, respeito com o outro, honestidade, dedicação, pontualidade, senso de coletividade e bom humor.** Incomoda-me muitas coisas, mas as principais são o **egoísmo, inveja, preconceito, carreirismo, traição, hipocrisia, desrespeito, uso do coletivo e da instituição para interesses pessoais, conquistar o poder a qualquer custo e mau humor.**

Quando estava na PUC vivenciei duas fases distintas: a primeira de 1992 a 2000 quando fui apenas professor e a segunda de 2000 a 2003 até minha saída. Na primeira etapa era contratado apenas para dar aulas com duas horas para planejamento. Não havia extensão e pesquisa, se fizesse seria por conta própria. A PUC tinha os contratados específicos para essas atividades. Na segunda etapa, além de professor passei para a gestão e me envolvi com os assuntos internos da instituição. Até esta fase meu envolvimento era com a AGB-Cps, com os movimentos políticos e com os professores da

1 Trecho do livro: SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar.** São Paulo: Edusp, 2008.

escola básica. De certa forma, praticava a extensão e a pesquisa na AGB voluntariamente que ocupava um tempo considerável na minha vida. Na segunda etapa, o envolvimento com a gestão me tornou visível. Diminui minha dedicação nas outras atividades para reverter a situação da crise do curso de Geografia, na época estava fazendo o doutorado e tinha que me dividir. Infelizmente gerou incômodos em vários professores, em especial na professora que depois assumiu a gestão e inventou injúrias para me prejudicar.

Em relação à saída da PUC, de certa forma estava prevista, pois sabia que a defesa da tese seria um empecilho para minha permanência. Depois do golpe do Papa na época, somando ao doutorado e minha orientação sexual, minhas chances de sair aumentaram. Meu plano na época era pedir demissão no final de janeiro para receber as férias. Porém não esperava que fosse demitido em dezembro e daquela forma. Não me abalou e nem me afetou, fui dispensado do aviso prévio, recebi meu fundo de garantia e me senti aliviado. Mas a perseguição não se justificava, em um ambiente acadêmico isso não deveria ocorrer. Acredito que na PUC os problemas foram inveja e vingança da professora, preconceito e diminuição de custos da universidade.

Na UFG não tive problemas, talvez por ter ficado quatro anos, cheguei numa época em que o currículo novo estava sendo implementado e graças ao prestígio da professora Lana Cavalcanti, estava em formação um grupo que envolvia professores de várias universidades e da escola básica. Havia uma expectativa com a minha chegada. Daí a boa receptividade e o que esperavam era que me envolvesse, o que fiz sem nenhum problema. Ao contrário da PUC, na UFG era estimulado para trabalhar, não fui uma ameaça.

Não sei como seria hoje, recebo alguns relatos que existe um grupo que causa conflitos. Atualmente essas posturas têm predominado em várias entidades acadêmicas e universidades. Geralmente essas pessoas tendem a criticar quem está na gestão, mesmo sendo alinhado ideologicamente a elas. Embora seja em número reduzido, são barulhentos. Inclusive alguns se identificam com a esquerda,

fazem discursos utilizando os oprimidos e excluídos, como bandeira e temática de estudo, mas na prática almejam ocupar espaço, obter privilégios e chegar ao poder. Quando assumem a gestão, são excludentes e rechaçam seus opositores, utilizando de vários meios para atingir seus propósitos. Necessitam eleger um ou mais inimigos para justificar sua “luta” e o espírito de coletividade é circunstancial, o aliado de hoje pode não ser o de amanhã. São egoístas e transformam a instituição em aparelho (meio) para seus propósitos. Consideram-se os detentores da verdade e do saber e qualquer um que os critique e pode atrapalhar seus planos, deve ser neutralizado.

Como mencionei em outro item, para os *gays* nenhum dos espectros políticos (esquerda-direita) são totalmente inclusivos. De certa forma vivenciei o grupo da direita desde criança, onde nasci em Bragança, à sociedade era muito conservadora refletindo nas relações entre as pessoas, sobretudo na igreja que participei até meus 13 anos, então posso afirmar com base na experiência que para os homossexuais ambos os campos ideológicos são excludentes, como ainda podemos observar na atualidade.

Na Unifesp, não tive problemas, o contexto que encontrei era outro, o campus e os cursos estavam sendo implantados, então era preciso se envolver para a garantia da qualidade futura. Os professores daquela época entraram quase ao mesmo tempo, não tinha vícios e uma cultura pré-estabelecida, os grupos estavam em formação. No caso do curso de Pedagogia, havia propostas inovadoras, como as PPP e a PRP que necessitavam de dedicação para que tivesse sucesso. Também a graduação estava sendo iniciada, não havia pós-graduação e poucos professores tinham projetos de pesquisa. No meu caso, assumi as PPP e depois as PRP e levei a sério as propostas. As coincidências proporcionaram aproximação com a prefeitura de Guarulhos. Era o único professor que morava na cidade e ao lado da sede da prefeitura, além de ser conhecido da Secretária de Educação. Creio que tudo isso proporcionou visibilidade entre os colegas e respeito. Ao contrário da PUC meu envolvimento era importante para o bom andamento do curso e do campus.

Os problemas em Bragança, não influenciaram no trabalho e logo conheci Eduardo, estava feliz profissionalmente e apaixonado. Não sei se atualmente estaria feliz na Unifesp, alguns colegas que continuam no campus, desde aquela época, relatam que muita coisa mudou, com a entrada de outros professores se formaram grupos e algumas atividades realizadas coletivamente e colaborativamente foram esvaziadas. Além disso, poderia ter ficado estressado em São Paulo com aquele ritmo acelerado. Mas em relação ao meu trabalho acredito que teria tido melhor reconhecimento.

Na UFPB, nos dois departamentos que atuei os grupos estavam formados e estratificados. Existe disputa e conflitos entre os professores. No DME, não tinha como me envolver, não havia interlocutores. Os grupos competiam entre si pelas suas posições, estavam centrados nos problemas burocráticos. Sem contar que as reuniões eram pesadas e mal humoradas. Não havia acolhimento e percebi que tinham dificuldade com quem chegava de fora, para eles como veteranos, que chegava deveria ser subserviente, passar por uma “prova” de confiança e devo ter sido reprovado (risos).

O grupo de pesquisa que entrei era insatisfatório com práticas centralizadoras e às vezes autoritárias. O que me salvou foi a criação do GEPEG, porém depois que entrei na pós-graduação, possivelmente desagradou alguns professores, mas precisava de um espaço para reunir com meus orientandos, não estava disposto trabalhar para um grupo cujo o crédito ficava apenas para alguns, na prática não era trabalho coletivo.

Na Geografia, primeiro foi o PPGG. Entrei num momento de conflito com dois professores, na primeira reunião assisti tudo e fiquei temeroso, houve tratamento desrespeitoso, gritos e até choro no final. Confesso que fiquei assustado. Quando fui para o Degeoc, no início foi tranquilo, de certa forma parece que estavam me esperando, sobretudo para assumir a coordenação do curso. Antes disso estava no PIBID e satisfeito com o trabalho. Percebi que também havia grupos organizados e muitos conflitos. Quem ameaçava os interesses de alguns, era atacado, por vezes grosseiramente. Durante

um bom tempo fui observador, tentando falar menos e controlar o envolvimento. As reuniões também eram pesadas, centradas na burocracia e o clima de mau humor imperava.

Quando cheguei percebi que era disputado, em especial por um grupo, com pessoas com aquele perfil que narrei quando falei da UFG. Fui cauteloso, conhecia essas práticas da AGB. Mas na medida em que o tempo foi passando ficava cada vez mais difícil não me envolver, as demandas sobre o currículo, problemas de evasão dos alunos, além das solicitações da Pró-reitoria de Graduação exigia atenção. Como para mim o envolvimento é um valor básico e fundamental para qualquer profissional, não pude evitar.

Aproximei-me do grupo da “esquerda” (com aspas, fazem um discurso, mas as práticas os contradizem) com cautela, prezo minha autonomia e discernimento e voto com a minha consciência. Não concordo com as táticas deste grupo e muito menos da direita. Com o tempo, sobretudo na segunda gestão do curso, os problemas começaram a emergir. Senti mudança de tratamento e me mantive fiel as minhas crenças, mantendo boas relações. Creio que a partir do segundo semestre de 2018, começaram as hostilizações por membros desse grupo. Foi inevitável, mas logo virei alvo de grosserias e ataques, fui eleito o inimigo. Tentei me manter sereno, mesmo que algumas vezes cortassem minha fala nas reuniões. Comecei a adoecer, estava no ensino, pesquisa, extensão e gestão. Com tantas tarefas e hostilidades, meu tempo não era suficiente, daí fui deixando minhas atividades pessoais em segundo plano, como cuidados com saúde, alimentação, lazer e academia, até minha relação afetiva com Eduardo chegou a ser arranhada. Em 2019, as coisas se agravaram, foi um ano difícil. Além da hostilidade, enfrentei calúnia de professores e de um aluno, além de boicote da instância superior e sabotagem no laboratório.

Apesar das reflexões se basearem no Degeoc, muitas destas questões existem em outras universidades em maior ou menor escala. Assim como no DME, não encontrei no Degeoc um espírito de trabalho coletivo, prática que foi desenvolvida no GEPEG e no

LOGEPA. Nele existe um único curso, o de Geografia e mesmo com as diretrizes de 2002 e 2015, a licenciatura está modelada no bacharelado. Na minha experiência e vivência nesse lugar, constatei que, entre os alunos e professores não existe uma prática coletiva, o que existe é um conjunto de grupos de pessoas que se juntam em determinadas situações para realizar algum projeto, em poucos momentos existem parcerias, tanto no âmbito acadêmico, como no político, mas essas também não são duradouras, são circunstanciais.

A própria organização do espaço do departamento reflete isso, com poucas exceções, cada professor tem seu ambiente, sua própria sala, todos os professores têm suas salas e podem fazer com elas o que quiserem, por vezes nem as chaves são de posse do departamento. Na sala, o professor pode sediar seu grupo de pesquisa (quando tem), ou transformar em laboratório (se houver), pode fazer o que quiser, é um espaço privado dentro do público, pode transformar em sala de visita, de descanso, de refeição etc.

Com os laboratórios é a mesma coisa, todos que existem são coordenados por um professor e praticamente torna-se propriedade do mesmo, geralmente até sua desistência ou aposentadoria. Os alunos percebem isso, pois como não existe no departamento um ambiente específico para eles, como uma sala de estudos, um local para lanches, sala com computadores, muitos se aproximam dos professores para ter acesso aos laboratórios ou suas salas, lá utilizam para estudar, comer, descansar. É uma troca de favores, os alunos do período noturno, que trabalham e estudam a noite, quem não tem esse tempo, vão para a universidade apenas para estudar e seu espaço se resume a sala de aula ou a pracinha da Geografia, inclusive porque, no caso dos laboratórios, a maioria não funciona no período noturno. Em geral os espaços são excludentes. Quando cheguei confesso que isso me estranhou, existe pouca preocupação com o bem estar dos alunos.

As relações entre as pessoas também são frágeis e circunstanciais. Seu parceiro hoje pode amanhã ser seu adversário. Se essas disputas ocorressem apenas no plano das diferenças de ideias, seria

compreensível para um local de produção do conhecimento, porém as disputas muitas vezes se dão por interesses particulares e geralmente as táticas utilizadas não são claras, pelo contrário, na medida em que alguém passa a discordar de uma prática, passa a ser visto como inimigo e devem ser neutralizado. As táticas utilizadas podem ser perversas, como: difamar o outro, tratar com grosseria, inventar fatos que não existe, colocar os colegas uns contra o outros e pior envolver os próprios alunos.

Refiro-me a práticas, porque em geral a maioria das disputas internas não se dão por visões e posturas diferentes quanto ao curso ou a Geografia, não se trata de diferenças ideológicas, epistemológicas, filosóficas, políticas, mas as disputas giram em torno de interesses individuais e momentâneos. Essas práticas dificultam a melhoria da qualidade do curso, por vezes, pessoas com a mesma visão política, por exemplo, tornam-se rivais quando seus interesses individuais estão em jogo. Isso reflete na organização do currículo, na distribuição das disciplinas, dos horários, nos concursos para professor etc.

Sinto que impera uma hipocrisia generalizada e quem a questiona, deve ser amulado, interessante que esta prática envolve desde os professores mais conservadores até aqueles que se consideram progressistas. Normalmente, existe um grupo que deseja manter-se no poder, daí quem questiona, experimentaram o “castigo” quando tentam interferir no sistema vigente. Aqueles que já assistiram punição de algum colega, preferem não se envolver e se calar, fazendo de conta que não existe nada de errado, ou que não dá para “mudar nada mesmo”, geralmente, alguns que estão há mais tempo no departamento, aconselham os novatos a não se envolver, que nada vai mudar e alerta para os perigos que esse enfrentamento pode gerar.

Um professor, por exemplo, que está há anos no departamento, usa a seguinte tática com os que chegam. Quando um professor entra no Degeoc, esse sujeito começa uma aproximação, trata o novo colega com muita cordialidade e simpatia, analisa o outro,

percebe o que ele gosta, faz uma demonstração de que é confiável, um verdadeiro processo de sedução, de influência, porém se essa pessoa começar a não apoiá-lo, logo passa a ser um inimigo e para neutralizá-lo, não mede palavras e nem ações para prejudicá-lo. Essa prática é comum, mas alguns são mais agressivos, inclusive utilizando-se de golpes baixos, como incriminando o colega, disseminando boatos e desqualificando-o. Diante disso, mantém-se no poder.

Não sei se essa perversidade é uma patologia ou egoísmo exacerbado. Essa prática perversa dificulta toda discussão ao nível das ideias, na troca de conhecimentos, tornando o ambiente de trabalho pesado e de desconfiança. O individualismo, os particularismos atrapalham o trabalho coletivo refletindo no objetivo do departamento, que deveria ser a formação de profissionais qualificados e a produção de conhecimentos. Durante o tempo que estou nesse departamento, presenciei práticas de difamação com outros professores que discordaram e questionaram algum fato. Quem faz isso é um grupo pequeno, mas feroz, estão imbuídos na missão de conquistar espaço e o poder a qualquer custo. A maioria dos professores, mesmo quem não concorda com essas táticas, se calam e entram no jogo, preferem não se expor para não ser a “próxima vítima”. É muito comum, por exemplo, ninguém questionar os afastamentos para pós-doutorado, licença para capacitação ou intercâmbio. Alguns se afastam com frequência às vezes com um ano de espaço entre uma e outra licença. Como não avaliam os relatórios e nem exigem uma devolutiva para o coletivo, a licença é uma alternativa para “férias estendidas”.

Não acredito nos resultados das avaliações apenas centradas nos conteúdos, mas nesse quesito, observei nos quatro anos como coordenador de curso, que muitos alunos deixam a desejar. Aliás, vários alunos, sobretudo aqueles que têm tempo integral para se dedicar ao curso e se aproximam dos professores que podem oferecer espaço e bolsas de pesquisa, conseguem ter mais acesso a infraestrutura para estudar. Por outro lado, existem muitos alunos compe-

tentes e lúcidos, em especial no período noturno, na licenciatura que se esforçam e que não encontram espaço para se desenvolver.

No caso do noturno a situação é distinta do diurno, desde que me deslocava do DME/CE para dar aulas de estágio na Geografia percebi as diferenças entre os períodos, de manhã é lotado de gente circulando, a noite basicamente os alunos dentro das salas de aula, nos corredores com pouca iluminação e pouca segurança. Enquanto os cursos do CE ficam numa área mais movimentada, com diversas cantinas, mais próximo à saída da universidade, local onde estão os pontos de ônibus, o Degeoc fica num local afastado e isolado. Na Geografia a Cantina e a copiadora fecham às 20 horas e às vezes a própria secretaria fechava mais cedo. Muitas vezes, principalmente nas sextas feiras ficavam duas turmas sozinhas e atualmente com o corte de verbas, com pouca segurança à noite.

Outro problema é com os professores que vem de fora para dar aulas no curso, em especial da educação. Não existe uma sala para acolhimento, se chegam mais cedo, ficam perambulando pelos corredores ou sentados na pracinha esperando a hora da aula.

Outra questão que me incomoda muito é o tratamento dado aos animais que vivem no campus. Infelizmente a população da cidade “desova” muitos cães e gatos no campus. Como a universidade não tem uma política para esta população, a situação é caótica e cruel. Com a falta de uma política voltada para esse problema, existem muito professores, alunos e funcionários que se dedicam a cuidar, alimentar, levar ao veterinário para castrar e dar assistência médica, além de procurar doação para os animais. Além do abandono, me atormenta profundamente, aquelas pessoas que estudam e fazem discurso em prol do meio ambiente, algumas delas raramente se sensibilizam, para elas as questões ambientais não passa de um tema de estudo, não se envolvem com a realidade. Às vezes criticam a população de cães e gatos utilizando o argumento que desequilibram a população dos poucos animais silvestres que resistem no campus, mas na prática não fazem nada para ajudar nenhum deles. Em face do “ilhamento” do campus, resquícios de Mata Atlântica,

os poucos que restaram passam fome no meio da mata. Existe um grupo que está cobrando uma postura da reitoria há algum tempo, com pequenos avanços, mas no geral não existe sensibilidade para com os animais, os domesticados e os silvestres.

A lógica excludente da organização do espaço se estende para a pós-graduação, embora os alunos da pós tenham uma sala, em conversa com vários deles, não se sentem pertencidos ao local. A maioria dos alunos vem para assistir aulas, cumprir as disciplinas obrigatórias e desaparecem. Destaco que basicamente os mesmos docentes que atuam na graduação estão na pós-graduação, existe uma reprodução nas práticas em ambas as modalidades.

Se não conseguimos desenvolver um trabalho coletivo, imagine o colaborativo? Esse tipo de trabalho ocorre esporadicamente entre pequenos grupos de professores, independente de área de atuação, mas por empatia, afinidade, respeito e quando têm os mesmos propósitos, podendo inclusive envolver colegas de fora do departamento. Desde que cheguei me aproximei de Marcelo e Crhistianne. Quando fundamos o GEPEG, eles entraram no grupo, fizemos parceria no PIBID, no Prodocência e posteriormente com o Logepa. Em todos os Seminários de Educação Geográfica, colaboraram e participaram. Somos de áreas diferentes, mas nos respeitamos e buscamos uma formação de qualidade para os alunos. Existem outras pessoas que considero que pensam assim e que é possível confiar, como as professoras Camila e Dayse, por exemplo. Existem outros que também respeito, porém alguns, sobretudo os mais novos estão sendo contaminados, às vezes conseguimos fazer alguns trabalhos pontuais, como participar de comissões específicas, mas não parcerias.

Além da amizade que construímos, eu e Marcelo, estabelecemos uma parceria que rendeu muitos projetos conjuntos. Marcelo é da Climatologia, mas tem clareza da especificidade da formação do licenciando e do bacharel. Sua trajetória foi marcada por muitas dificuldades e conquistas. Em seus relatos teve dificuldades para conseguir estudar desde a escola básica no interior do Ceará até a universidade na UFC, sobretudo pela sua origem socioeconômica. Após con-

cluír a graduação atuou como professor no ensino básico, antes de se tornar professor do ensino superior. Acredito que esta experiência faz diferença entre os professores que atuam no ensino superior, em especial nos cursos de licenciatura. Evidente que isso não é regra geral, mas tenho notado que o professor que teve o privilégio de estudar em boas escolas a vida toda, pôde dedicar seu tempo integral para a graduação e pós-graduação em uma universidade pública e seu primeiro emprego se deu depois de toda essa formação, não passando pela escola básica, tende a reproduzir práticas que não consideram a especificidade da formação de professores. Geralmente defende a pesquisa em detrimento do ensino, acreditando que apenas o conteúdo garante a formação profissional. Infelizmente existem muitos casos como estes entre os professores universitários.

Com Marcelo e Christianne, além das relações profissionais desenvolvemos amizade, trabalhamos e saímos juntos para o lazer e diversão. Sempre fazemos reuniões nas nossas casas, adoro fazer comida e convidar os amigos, estamos sempre comemorando, até as pequenas coisas.



Figura 69 – *Confraternizando com os amigos. Antonio Carlos, Marcelo, Christianne e Eduardo. 2019*

Fonte: Acervo do Autor.

Depois de ter frequentado diversas reuniões na universidade: departamento, centro, reitoria, PIBID, sindicato, constatei que é um problema da própria instituição, ou seja, são predominantemente burocráticas, recheado de conflitos e agressões, com níveis diferenciados. É um problema estrutural e cultural da universidade, se reflete de cima para baixo e de baixo para cima. A maioria são pesadas e mal humoradas. Claro que não conheço todas as unidades da universidade, mas em todas que frequentei, observei o mesmo traço. Considero que é possível ter seriedade com leveza, flexibilidade e cordialidade.

Que fique claro que estou com a consciência tranquila, mesmo com cautela, sempre agi conforme meus valores. Continuo acreditando no envolvimento, no trabalho coletivo, no respeito, na lisura com o serviço público, para mim a universidade não deveria ser um campo de disputa para satisfazer interesses individuais. Trabalho pelo princípio da ética que acredito e nunca fiz uso da prerrogativa de coordenador para me beneficiar. Todas as decisões que envolveram o curso foram socializadas e respeitadas as deliberações do coletivo. Também nunca utilizei de recursos da coordenação para equipar minha sala, para o GEPEG, Logepa e muito menos para mim. As únicas coisas que levarei embora quando sair serão meus livros e alguns quadros. Provavelmente na UFPB, os problemas foram: egoísmo, dificuldade de ouvir o outro, ânsia pelo poder, meu envolvimento no trabalho, tudo isso somado ao preconceito pela minha orientação sexual.

Na universidade pública no regime de dedicação exclusiva, quem de fato trabalha no ensino, pesquisa, extensão e contribui com a gestão, tem uma carga horária que muitas vezes ultrapassa às 40 horas semanais. Já frequentei a universidade a semana toda, e por diversas vezes fiquei os três períodos trabalhando.

Em relação à pesquisa, além da pós-graduação, desde os tempos da PUC e AGB-Cps desenvolvi individualmente ou em grupos. Tive pouco apoio financeiro das agências de fomentos oficiais na minha carreira. Quando estudei na graduação, em Bragança e em Campinas, estava em instituições privadas, não

havia oferta pelos professores. Na PUC, como professor, consegui uma única vez, quando era mestre uma bolsa para um aluno pela Fapesp. Quando cursei o mestrado e doutorado trabalhava na PUC e optei pelo salário. Na UFG, quando comecei a organizar projetos, tive que voltar para São Paulo, alguns orientandos tiveram bolsas fornecidas pelo PPGG. Na Unifesp, o curso estava começando, mas consegui duas bolsas do CNPq para alunos de graduação. Em 2011 entrei num edital do MEC para um projeto de educação continuada com professores, para começar em 2012, mas como me transferi para Paraíba, deixei a coordenação para outro colega. Na UFPB, consegui uma bolsa do CNPq para PIBIC e duas por meio da pró-reitoria de pesquisa para a graduação. No PIBID, recebi uma bolsa do MEC para coordenar o programa, assim como os estudantes do curso e professores da escola básica. Os orientandos da pós sempre tiveram bolsas do PPGG. Enfim, as mudanças que fiz de universidades não me possibilitaram “fazer carreira” de pesquisador no CNPq, a maioria das minhas pesquisas foi custeada por mim mesmo.

Além das questões enumeradas acima sobre as universidades por onde passei, acredito que embora todas tenham características próprias, talvez a situação política do país possa ter influenciado. Em 2003, quando ingressei na UFG, Lula assumiu o governo federal com vários projetos para o país. Em especial para as universidades públicas, como o REUNI que possibilitou ampliação e criação de novos campi e outras universidades. Promoveu a abertura de novos cursos, fomentou mais investimentos em pesquisas e na melhoria dos equipamentos etc. Havia uma euforia no país, parece que tínhamos recuperado o orgulho de ser brasileiro. Lembro-me de uma viagem internacional, em 2004, andando pelas ruas de várias cidades europeias, estava exposto na entrada das livrarias livros sobre a biografia do Lula. Quando voltei para São Paulo, em 2007 e assumi na Unifesp, Lula foi reeleito para o período de 2007 a 2011, tempo que fiquei naquela instituição. Tudo estava em obras, muitas discussões, muitos projetos. Em 2011 assumiu a presidente Dilma e, em 2012 ingressei na UFPB, em João Pes-

soa. O primeiro governo de Dilma, para a universidade, era quase uma continuidade de Lula, mas aos poucos começaram as críticas, tanto da direita como da esquerda. De um lado, os ditos progressistas queriam mais avanços no papel do Estado, ampliando serviços e benefícios. Os conservadores e vários setores da classe média desejavam o contrário, porém desejavam um Estado que os privilegiasse como sempre ocorreu historicamente no Brasil. Foram boatos, calúnias, espionagens, interferência da mídia, fake news, iniciando um processo de desestabilização do governo. Em 2015, após a reeleição de Dilma, esse processo culminou no impeachment da presidente, ocorrido em 2016. Estes dois anos foram muito difíceis, a movimentação dos setores políticos, criava uma sensação de dúvida e descrença nos propósitos do governo Lula, que propunha construir um país forte sem desigualdades sociais. A partir daí elegeram os culpados: o PT, Lula e Dilma, passaram a ser alvo de denúncias diárias promovidas pela grande mídia. O país começa a se desestabilizar, entrando numa crise. Considero que o afastamento de Dilma e a prisão de Lula foram arbitrários. O governo que assumiu posteriormente, que considero participante do “golpe”, gradativamente foi desmontando o que os anteriores fizeram. O atual governo é uma vergonha, além de representar uma elite descompromissada com a população é homofóbico, machista, racista, entre outros preconceitos. Até o momento tem sido um desastre para o país, em especial para a educação pública. Será que o mau humor que vivenciei na UFPB é influência disso?

Apesar das questões narradas, esses problemas não afetou meu desempenho nas atividades que realizei e realizo na universidade, minhas aulas são preparadas, não falto, chego e saio no horário, oriento os alunos, atuo na extensão, produzo artigos, sempre participei de comissões e faço pesquisa. Orgulho-me do GEPEG e do Logepa, os bolsistas e alunos são dedicados e me tratam com muito respeito.

Considero que se tem algo errado nos relatos acima, não posso ser responsabilizado. Acredito no que faço e até meu último dia con-

tinuarei atuando com o mesmo compromisso, tendo por base meus preceitos como sempre fiz a minha vida toda. Inclusive vou orientar até o último trabalho na extensão, graduação e pós-graduação, ninguém ficará órfão. Se existe problema, não é exclusivo das minhas ações, mas das pessoas que não tem capacidade de se auto avaliar. Evidente que certamente se estas pessoas lerem esse texto negará e até rechaçará minhas reflexões, quanto a isso estou tranquilo, nem sempre se pode agradar a todos.

Palavras finais

É!

A gente quer valer o nosso amor
A gente quer valer nosso suor
A gente quer valer o nosso humor
A gente quer do bom e do melhor

A gente quer carinho e atenção
A gente quer calor no coração
A gente quer suar, mas de prazer
A gente quer é ter muita saúde
A gente quer viver a liberdade
A gente quer viver felicidade

É!

A gente não tem cara de panaca
A gente não tem jeito de babaca
A gente não está
Com a bunda exposta na janela
Pra passar a mão nela

É!

A gente quer viver pleno direito
A gente quer viver todo respeito
A gente quer viver uma nação
A gente quer é ser um cidadão
A gente quer viver uma nação

É, é, é, é, é, é, é!

1 Trecho da música É de Gonzaguinha (composição e interpretação). <https://www.ouvirmusica.com.br/gonzaguinha/>. Acesso em 02/08/2020.



Quando iniciei esse texto, meu propósito era fazer uma rememoração da minha trajetória de vida e formação escolar, desde minha infância e posteriormente a formação acadêmica e atuação como docente e pesquisador. No início pensei destacar apenas minhas lembranças positivas, porém no decorrer da escrita, percebi que não podia deixar de mencionar as dificuldades que vivi e ainda vivo nessa trajetória. A vida não é feita apenas de bons momentos, mas infelizmente de obstáculos e problemas. Acabei deixando fluir e fui narrando o que veio a cabeça. Detalhei algumas passagens e outras não dei muita importância. Não que o que está escrito aqui seja o mais importante, mas foi o que veio a minha memória no ato de recordar e escrever. Muitos episódios ficaram para trás, tanto bons como ruins. Inclusive acabei suprimindo vários relatos, pois o texto estava ficando muito extenso, alguns mantive, por considerá-los importante. Narrar sobre a minha trajetória, foi um processo terapêutico, às vezes queria esquecer algum fato passado, mas acabei por decidir enfrentar, em alguns momentos quando rememorava, tive momentos de alegria, outras de risos, outras de tristeza, outras de prazer, porém tudo isso faz parte da minha vida.

Trabalhei em muitas frentes e em tudo que fiz, “entrei de cabeça”. Sempre me envolvi com meu trabalho, o que, em muitos momentos, tive sucesso e em outros muitos problemas. Não relatei tudo, mas desde os tempos da escola básica, apesar da timidez, me envolvia com as atividades escolares para além da sala de aula. No curso superior continuei assim, desde que ingressei no curso de Estudos Sociais em Bragança Paulista, depois em Campinas, quando estudei na PUC, fui do CA e depois militei muitos anos na AGB-Campinas e Nacional, em sindicatos, no PT e entrei em diversos movimentos que existiam. Desde que cheguei à Campinas, tinha o sonho de entrar na Unicamp, de certa forma sempre frequentei

essa universidade, mas só entrei efetivamente como aluno regular em 2000 no doutorado.

Profissionalmente não desejava ser professor, aconteceu na minha vida. Depois que comecei na docência, tentei sair várias vezes, mas fui me envolvendo e estou a 35 anos no magistério. Vivi muitas experiências na docência, a maioria delas exitosas, nunca tive problema na sala de aula e com os alunos, aliás é o melhor lugar dessa profissão, também tive momentos de muito aprendizado em várias escolas e universidades que trabalhei.

Quando era jovem, não tive muita escolha, sempre gostei de artes desde criança, acreditava que seria a área que seguiria minha profissão. Aliás, gosto até hoje, sempre faço trabalhos com pinturas, artesanatos entre outras atividades. Mas como dediquei muito tempo à docência em Geografia, não aprimorei minhas técnicas e meu talento. Acredito que ainda há tempo. Também desde os tempos de infância gostei de plantas, sempre cultivei hortas, jardins e hoje essa atividade me dá muito prazer, pois a casa que moro me proporciona muitas variedades de plantas. Na escola básica e na universidade, nunca fui reprovado em uma disciplina, sempre consegui chegar à média estabelecida. Também sempre gostei de animais, em especial dos gatos, hoje temos muitos em casa, na maioria abandonados, recolhidos da rua e da universidade. Desde pequeno adoro cozinhar, sempre me arrisquei na cozinha e até hoje tenho muito prazer em receber amigos em casa para comer. Penso que pela minha dedicação, se tivesse tido outras oportunidades, poderia ter exercido outras profissões, como: agricultor, jardineiro, arquiteto, agrônomo, biólogo, botânico, veterinário, cozinheiro, chefe de cozinha, artista plástico etc. No entanto me tornei professor de Geografia, área que na verdade nunca foi a minha preferida na escola. Mas como em tudo que fiz me envolvi, acabei tornado essa profissão e essa área o centro da minha vida até o momento.

Em relação a minha orientação sexual, confesso que tive poucos problemas, desde criança sentia que era diferente, sonhava com os homens e adorava todo o tipo de brincadeira, de meninos e

meninas, o que não agradavam os adultos que me cercavam. Porém adoravam comer minha comida, aos sábados arrumava os cabelos da minha mãe e fazia faxina em casa.

Sempre gostei de festas, da igreja adorava os rituais da semana santa, do *corpus cristi*, as procissões, o natal, os cantos. Em geral as bixas adoram rituais, por isso explica a quantidade deles envolvidos nas religiões. Gostam de enfeitar, de organizar os eventos etc. Inclusive, o que seria da sociedade sem as bixas? Teria menos brilho, menos cor. Os *gays* estão nas profissões que enfeitam o mundo, que cuidam do mundo. São professores, cabelereiros, estilistas, enfermeiros etc. Mas diferente de muitos *gays*, aos 13 anos abandonei a igreja, percebi que não era lugar para mim, pois nunca desejei ser padre. Além dos *gays*, quero destacar o papel das mulheres na nossa sociedade, também são cuidadoras, pode até ser pelo lugar que ocupam no mundo machista, mas é notável a preocupação com o outro e com a natureza. Na atualidade me envolvi com grupos de protetores de animais, 90% são mulheres e algumas delas lésbicas, são as que saem as ruas, recolhem os animais, dão assistência e cuidam. Existem alguns homens heterossexuais que cuidam, mas a maioria são mulheres. Também no interior e no campo são elas que cuidam da horta, das sementes, são as conhecedoras das ervas medicinais.

Em relação aos *gays*, existem mulheres machistas e homofóbicas e outras que gostam das bixas por não se sentirem ameaçadas. Mas na minha trajetória me deparei com um tipo de mulher que aparentemente aceita os *gays* desde que eles se submetam a elas, trata-os como um “bichinho de pelúcia” e assim como os homens héteros não suportam seu sucesso. Essas mulheres são muito comuns no meio acadêmico, sempre tive problema com elas, no fundo são homofóbicas enrustidas. As vezes, acho que deixam o melhor da mulher para se equiparar ao pior dos homens.

Durante minha trajetória em relação à homossexualidade, tive experiências diversas. Nos partidos políticos, no sindicato e na AGB-Nacional com exceção da Apropucc e da AGB-Campinas, havia preconceito. Na UFG e na Unifesp sempre foi tranquilo, mas

na PUC e na UFPB esse problema é latente. Nesses lugares, quando a bixa se sobressai pelo trabalho e competência, gera incômodo e as táticas utilizadas, sobretudo pelos homens héteros, muitas vezes são cruéis. É a homofobia estrutural, internalizada que ameaça o poder do macho. Os *gays* e lésbicas que existem, na sua maioria, se escondem, são enrustidos, muitos, inclusive são casados com o gênero oposto. Durante minha trajetória como professor, nunca tive uma aluna travesti e alunos transexuais, infelizmente, a maioria são excluídos da escola e da universidade. No meu caso, me casei aos 45 anos, foi quando conheci Eduardo em Guarulhos e sou muito feliz. Mas o fato de assumir e ser feliz incomoda muita gente e embora façam de conta que aceitam, na prática não admitem. Ser *gay* nessa sociedade heteronormativa não é fácil, parece que não basta fazer, tem que ser melhor que o padrão estabelecido, no entanto quando se tem sucesso, passa a ser hostilizado.

Atualmente no *ranking* nacional a Paraíba é um dos estados que mais hostiliza e mata pessoas LGBTI+, no Nordeste é a primeira. Será que esse fato influencia a universidade?

Minha marca registrada, sempre foi o bom humor, aprendi com as adversidades da vida a rir das desgraças, mas também das coisas boas. Às vezes as pessoas riem da forma como falo e narro algum evento ou passagem da minha vida. Também nas aulas sempre procurei utilizar do bom humor para tornar as aulas mais amenas. Tive oportunidade de exercer o bom humor em muitos lugares. Em Campinas, nas aulas com os alunos, na AGB-Campinas, na Apropucc, no bar Pastelão, minha segunda casa quando vivia por lá. Quando fui para a UFG encontrei muita gente bem humorada, muitos professores do IESA eram bem humorados, apesar da seriedade nas reuniões, sempre alguém fazia uma piada, o que a tornava mais leve. Era muito divertido nossos encontros no corredor do IESA. Goiânia é uma cidade bem humorada, o comércio, os bares, as pessoas nas ruas. Adorava o mercado central de Goiânia, quando perguntava sobre algum produto, as respostas eram sempre recheadas de bom humor, acabava sempre comprando. Vanilton

tem muito bom humor, morávamos juntos e na nossa casa havia muita festa, sempre com muita risada. Gilson e Genésio também eram bem humorados, quando nos encontrávamos, chegávamos a rir tanto que dava dor de barriga e saía lágrimas pelos olhos. Tempos maravilhosos. Na Unifesp, inicialmente as pessoas eram muito reservadas e contidas, com o tempo, comecei a me soltar e não se importavam, daí passei a fazer gracejos nas reuniões, as pessoas não me reprimiam, e até hoje, escuto que alguns têm saudades das minhas intervenções. Os alunos eram ótimos, nas nossas saídas a campo, nos divertíamos muito e sempre acabava o trabalho na mesa de um bar com muita risada.

Quando vim para a Paraíba, tinha uma visão estereotipada do Nordeste, como se fosse tudo a mesma coisa. Na TV, no sudeste e pelas músicas nordestinas, que em geral são muito bem humoradas, acreditava que todas as pessoas fossem assim. Na UFPB, quando cheguei fui bem recebido, apesar dos problemas burocráticos com minha redistribuição. Na primeira reunião do DME, percebi um peso, as pessoas entravam, algumas nem se cumprimentavam, sentavam e a reunião começava. Geralmente a chefia lia a pauta recheada de pontos burocráticos. Olhava para o rosto das pessoas e a maioria sérios, as vezes havia um cochicho com alguma risadinha, mas como não conhecia ninguém nem podia fazer isso. Em geral as reuniões eram enfadonhas, as pessoas votavam rápido para ir embora. Raramente presenciei um riso coletivo. Ao término da reunião alguns iam para a cantina tomar café eu ia atrás tentando fazer amizade. Quando cheguei ao Degeoc e ao PPGG foi a mesma coisa, quando tentava fazer um comentário em forma descontraída, havia pouco *feedback*, com o tempo, começaram a cansar do meu jeito e algumas vezes chegaram até me pedir para me calar: “aqui não é lugar para brincadeira”. Geralmente as reuniões são carrancudas e pesadas, inclusive em outras que fui à UFPB, da PRG e do PIBID, também são. Se o Nordeste é bem humorado será que a capital da Paraíba é exceção?

João Pessoa é uma ótima cidade, bem organizada, praias limpas e com águas quentes. Com exceção das periferias, em geral

é um pouco mal humorada. O comércio, os bares, restaurantes, os serviços em geral são um pouco carrancudo. Será que a UFPB é assim por influência? Por outro lado, no carnaval as pessoas se soltam, no Bloco do Cafuçu, das Virgens do Tambaú, entre outros, se liberam e são bem humorados. João Pessoa é uma cidade provinciana. Apesar disso adoro a cidade e pretendo ficar por aqui. Atualmente sinto falta de rir e ter dor de barriga e lacrimejar, pretendo voltar a ter essa sensação.

Não sei se a UFPB reflete a cidade ou o contrário. A estrutura da universidade é muito burocrática. Falta articulação entre os órgãos e unidades da instituição. Desde que estou aqui não sinto a reitoria no cotidiano do departamento e do curso. Parece que é um conjunto de unidades sem relação ocupando o mesmo espaço. Cada departamento, cada centro, cada pró-reitoria é autônoma, não sinto articulação entre eles. O curso não existe enquanto instância. Muitos processos não se resolvem dentro na instituição, existe uma prática entre estudantes, professores, funcionários e gestores resolver os problemas internos na justiça comum fora da universidade. Espero que este texto não me cause problemas e tenha que responder na justiça as críticas que faço aqui. O fato de vários professores que atuam seja formado aqui da graduação a pós-graduação, não proporciona para eles outras experiências. Porém quando se trata do grupo que almeja o poder, não existe distinção entre nativos e os de fora.

Escrever este texto me fez refletir sobre meus sucessos e insucessos. Ao ler, observei quantas vezes, cito a palavra “respeito”, passei a pensar sobre isso. Na minha origem socioeconômica, parte da formação acadêmica e orientação sexual, o respeito é um valor que prezo muito. Quando falo de respeito, me refiro ao cuidado com a instituição e com o trabalho coletivo. Respeitar as resoluções que foram discutidas e não desviar para interesses pessoais. Muita gente apenas dá aulas e se incomodam com quem desenvolve outras atividades. Não respeitam as regras, mesmo que tenha participado na sua elaboração. E o pior, para destruir o outro utiliza de recursos espúrios e ilegais. Minha experiência na coordenação na UFPB foi a pior

da minha vida profissional, sinto que fiz muito pouco e criei alguns desafetos. Adoeci, pelas más energias das pessoas, por ter deixado de me cuidar para me dedicar ao curso, não fui mais para a academia fazer exercícios físicos e relaxei com minha saúde e enfrentei falta de apoio e sabotagens durante a gestão.

O que penso para o futuro? Atualmente minha maior satisfação é coordenar o GEPEG e a convivência com os participantes do grupo. Também me traz muita felicidade a relação com os orientandos na pós-graduação e o trabalho de extensão no Logepa com os alunos da graduação.

Em relação ao professor Titular a universidade não compreende a sua função no seu quadro. Até porque os critérios para a progressão nem sempre são levados a sério. Não muda em nada esse título. Atualmente, em função das exigências de produtividade, existe um desespero para alimentar o currículo a qualquer custo, sobretudo entre os mais jovens que chegam com essa intenção e buscam ocupar todos os espaços possíveis. Evidente que entre os professores mais velhos existem vários improdutivos, que contribuem pouco, mas os professores mais jovens podem seguir o mesmo caminho. Sinto-me em plenas condições de contribuir para a universidade. Porém não sei se é possível nesse local e com esse grupo com quem trabalho atualmente.

Minha aposentadoria está prevista para março de 2023 e diante dessa realidade, que tenho esperança que não se altere, não estou motivado para continuar nesta universidade. Pretendo continuar trabalhando, descobrindo outras atividades, me reinventando ou até contribuir com outra instituição como colaborador ou visitante. Embora no Brasil, quando se aposenta, está praticamente morto, principalmente no meio acadêmico, rapidamente sendo esquecido e deixando de ser convidado para as atividades é um risco que corro, temos um grave problema de esquecimento e de memória.

Infelizmente, são poucos os grupos que têm maturidade para reconhecer o esforço dos outros sem se sentirem ameaçados. Tenho muita pena das universidades onde existem pessoas que agem dessa

forma. Fico triste por ter setores na universidade com estas características. Desejo o melhor, prefiro acreditar que é uma fase e que um dia passará. Reconheço que existem muitas pessoas que se envolvem em prol da instituição, para elas meus parabéns e diria que persistam nas suas crenças.

Saio de cabeça erguida, ciente de ter meus serviços prestados com dedicação e responsabilidade. Levarei as melhores lembranças e recordações de vários funcionários, professores e alunos que conheci aqui e em outros lugares.

Eduardo que já tinha cursado Gastronomia anteriormente, em São Paulo estava no curso de Pedagogia quando viemos para João Pessoa cursou na UFPB a licenciatura em Letras e se formou em 2017, depois fez especialização em Psicopedagogia, o que me deixa muito orgulhoso. Gosto muito de Eduardo, às vezes mal humorado, rigoroso, mas é uma pessoa generosa, atencioso, prestativo, honesto e particularmente, muito gostoso.



Figura 70 –
*Antonio Carlos
e Eduardo.
Réveillon de
2019,
João Pessoa*

Fonte: Foto acervo
do autor.

Fica aqui um recado: respeitem o setor público, melhore seu humor, a vida é efêmera e precisamos sorrir e ser felizes. Depois de refletir sobre minha trajetória, agradeço a todos e a todas que participaram coletivamente e individualmente das minhas conquistas e alegrias e perdoou aqueles que não entenderam minhas intenções e também peço perdão para aqueles que posso ter desagradado com minha sinceridade e meu trabalho.

Tenho muito respeito por mim, pois sei o quanto me esforcei para essa profissão. Meu amor por mim é imensurável. Viva meu amor por Eduardo, meus amigos, meus alunos, meus gatos e minhas plantas... AMO TODOS.... A vida continua...

Antonio Carlos Pinheiro

Capital da Parayba, agosto de 2020.

referências

AB'SABER. Aziz Nacib. **O que é ser geógrafo**: memórias profissionais de Aziz Ab'Saber em depoimento para Cynara Menezes. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

AGB NACIONAL. A AGB e o documento final do Projeto Diagnóstico e Avaliação do Ensino de Geografia no Brasil. **Revista Terra Livre**, São Paulo, AGB, N. 1 A. 1, 1986.

ALMEIDA, David L. R. **Relatório de Estágio Docência**. João Pessoa: PPGG/UFPB, 2019.

ANAIS do Encontro Nacional de Ensino de Geografia “Fala Professor”. Brasília: AGB, 1984.

AGB-SECÃO-CAMPINAS. **Editorial “AGB: 60 anos de Brasil”**. Boletim Informativo da AGB-Campinas: O Espaço Geográfico, N. 13, mar/abr., 1994.

BRASIL. Presidência da República, Secretaria Especial dos Direitos Humanos. **Direitos Humanos e Políticas Públicas**: o caminho para garantir a cidadania de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Brasília, 2007. P. 58. http://www.ipea.gov.br/participacao/images/pdfs/conferencias/LGBT/texto_base_1_lgbt.pdf. Acesso: 01/02/2020.

BRUGGER, Paula. **Educação ou adestramento ambiental?** Florianópolis: Ed. Letras Contemporâneas, 1994.

BUENO, Miriam A. e PINHEIRO, Antonio Carlos. **Atlas Escolar Geográfico, Histórico e Cultural de Ipojuca-PE**. Recife: Informe – Tecnologias Integradas à Educação, 2016.

CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. In CASTROGIOVANNI, Antonio C. CALLAI, Helena C. KAERCHER, Nestor A. **Ensino de Geografia: Práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: E. Mediação, 2000.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Ed. Papirus, 2013.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Para onde estão indo as investigações sobre o ensino de Geografia no Brasil? Um olhar sobre elementos da pesquisa e do lugar que ela ocupa nesse campo. **Boletim Goiano de Geografia**. V. 36, N. 3, Goiânia: set/dez. 2016. <https://doi.org/10.5216/bgg.v36i3.44546>. Acesso em 03/12/2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1993.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1982.

GÓIS JUNIOR, Edivaldo. **Movimento higienista e o processo civilizador: apontamentos metodológicos**. X Simpósio Internacional Processo Civilizador. Campinas: Unicamp, abril/2007. http://www.uel.br/grupo/estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais10/Artigos_PDF/Edivaldo_Gois_Jr.pdf. Acesso em 29/01/2020.

KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LACOSTE, Yves. **A Geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Campinas: Ed. Papirus, 2ª Ed. 1989.

MACHADO, Carlos R. S. **Momentos da obra de Henri Lefebvre**. Revista Ambiente & Educação. Vol. 13, 2008. <file:///C:/Users/Antonio%20Carlos/Downloads/977-2060-1-PB.pdf>. Acesso em 29/03/2020.

MARTINS, Roberto de Andrade. A maçã de Newton: história, lendas e tolices. In SILVA, Cibelle C. **Estudos de história e filosofia das ciências: subsídios para aplicação no ensino**. São Paulo: Livraria da Física, 2006.

MORAES, Antonio Carlos R. **Geografia: pequena história crítica**. São Paulo: Ed. Hucitec, 4ª Ed., 1985.

MOREIRA, Maria Ester L. **Diretas Já (verbetes)** <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/diretas-ja>. Acesso em 31/01/2020.

MOREIRA, Ruy. **Origem da Gestão Coletiva**. Site da Seção Local de Juiz de Fora-MG, 2010. <https://agbjuizdefora.webnode.com.br/reuni%C3%A3o%20de%20gest%C3%A3o%20coletiva%20%28rgcs%29/historico/>. Acesso em 14/01/2020.

MORIN, Edgar. **O Método – a natureza da natureza**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1987.

NEPEG (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Geográfica). **Projetos de formação de professores de Geografia: 10 anos após as Diretrizes Curriculares Nacionais**. Goiânia: NEPEG, 2011.

NIDELCOFF, Maria Teresa. **A escola e a compreensão da realidade**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987

OLIVEIRA, Ariovaldo U. *et all.* **Para onde vai o ensino de Geografia?** São Paulo: Ed. Contexto, 1989.

OLMO. Rafael, M *et all.* **Los geógrafos y la regionalización política de España**. Madrid, 2000. (editora não informada).

PINHEIRO, Antonio Carlos. A construção da maquete dinâmica: uma estratégia sócio-histórica para o ensino de Geografia. *In Caderno de Pesquisas do ICH/PUC-Cps*. N. 9, 1998. Campinas, PUC-Campinas.

PINHEIRO, Antonio Carlos e SILVA, Jorge Luiz Barcelos. A Geografia na formação de professores no Departamento de Educação na Unifesp. **Boletim Paulista de Geografia**, N. 89, Vol. 1, São Paulo: AGB, abril/2010.

PINHEIRO, Antonio C. CUNICO, Camila. MOURA, Marcelo O. BUENO, Miriam A. **Atlas escolar municipal de João Pessoa**. Goiânia: Ed. Alfa Comunicação, 2018.

PINHEIRO, Antonio Carlos. Dez anos de Pesquisa Acadêmica em Educação Geográfica no Programa de Pós-graduação da Universidade Federal da Paraíba, 2007-2017. Palmas-TO. **Revista Interface**. N. 14, dezembro de 2017. [file:///C:/Users/Antonio%20Carlos/Documents/Artigos%202018/4779-Texto%20do%20artigo-21425-1-10-20171212%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Antonio%20Carlos/Documents/Artigos%202018/4779-Texto%20do%20artigo-21425-1-10-20171212%20(1).pdf). Acesso em 03/12/2019.

PINHEIRO, Antonio C. ALMEIDA. David L. R. Currículo e formação de professores de Geografia na Paraíba. In SILVA, Anieris B. *et all* (orgs). **Paraíba 2: pluralidade e representações geográficas**. Campina Grande: Ed.UFCG, 2017.

PINHEIRO, Antonio Carlos. Entrevista com a professora Nidia Nacib Pontuschka: trajetória escolar, profissional e atuação no ensino de Geografia. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 01-23, jan./jun., 2011. Acesso: 14/01/2020.

PINHEIRO, Antonio Carlos. Espanha Hoje; migração e identidade nacional. **Revista Humanitas**, Vol. 3 N. 2, ago/dez., 2000. PUC-Campinas.

PINHEIRO, A. MASCARIN, S. R. CABLOCO, E. BARCELOS, I. **Gente de São Paulo – São Paulo da Gente**. São Paulo: Editora do Brasil, 1ª Ed. 2001.

PINHEIRO, Antonio Carlos. **Lugares de Professores: vivências, formação e práticas docentes nos anos iniciais do ensino fundamental**. São Paulo: Ed. Porto de Ideias. 2012

PINHEIRO, Antonio Carlos. **O ensino de Geografia no Brasil: Catálogo de dissertações e teses (1967-2003)**. Goiânia: Editora Vieira: 2005.

PINHEIRO, Antonio Carlos. Representações sociais na Geografia: uma reflexão. **Revista Apogeo** (Associação dos Professores de Portugal), Lisboa: mar/set/2001.

PINHEIRO, Antonio Carlos. Revisitando e refletindo sobre as pesquisas acadêmicas na área de Educação Geográfica no Brasil. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**. Campinas, v. 10, n. 19, p. 198-214, jan./jun., 2020.

PINHEIRO, Antonio Carlos. Práticas educativas com base local: estudo sobre o Bairro dos Pimentas em Guarulhos-SP. In CALLAI, Helena Copetti (org.). **Educação Geográfica: reflexões e práticas**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2014.

PINHEIRO, Antonio Carlos. **Trajетória da pesquisa acadêmica sobre o ensino de Geografia no Brasil, 1972-2000**. Tese (Doutorado em Geociências). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2003.

PINHEIRO, Antonio Carlos. Trajetória formativa e prática docente de professores de Geografia em João Pessoa (PB). **Boletim Goiano de**

Geografia. V. 35. N. 1. Goiânia. 2015. <http://www.revistas.ufg.br/index.php/bgg/article/view/35483>. Acesso em 20/09/2019.

PINHEIRO, Antonio Carlos. Vivências e práticas na formação de professores. In PORTUGAL, Jussara F. e CHAIGAR, Vânia A. M. (orgs). **Educação Geográfica: memórias, histórias de vida e narrativas docentes**. Salvador: Ed. UFBA, 2015.

PIRES. Lucineide M. Políticas educacionais e curriculares para o ensino e a formação de professores de Geografia: um olhar sobre a produção acadêmica. In: **Formação de professores e ensino de Geografia: contextos e perspectivas**. Rosa, C. C, BORGES, O. F. e Oliveira, S. R. L. (orgs.). Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2020.

RESENDE, Márcia Spyer. **A Geografia do aluno trabalhador**. São Paulo: Ed. Loyola, 1986.

RIBEIRO. Emerson. **Arte e criatividade em Geografia**. Fortaleza: URCA, 2016.

ROMANO, Luís Antônio Contatori. Viagens e viajantes: uma literatura de viagens contemporânea. **Revista Estação Literária**, Volume 10B, Londrina, jan. 2013. <http://www.uel.br/pos/letras/EL>. Acesso em 15/04/2020.

SANTANA, Marco Aurélio. **Classe trabalhadora, confronto político e democracia: o ciclo de greves do ABC-paulista e os desafios do sindicalismo atual**. Lua Nova, São Paulo, 104: 19-65, 2018. <http://www.scielo.br/pdf/ln/n104/1807-0175-ln-104-19.pdf>. Acesso: 29/01/2020.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Ed. Hucitec, 3ª Ed., 1986.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2008.

SARTRE, Jean Paul. **A Náusea**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1986.

SARTRE. Jean Paul. **O Ser e o Nada**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2005.

SONSIN. Antônio F. **Bragança Viva**. Bragança Paulista: Editora Parma, 2003.

TARDIF M. **Saberes Docentes e formação profissional**. Petrópolis, Editora Vozes, 2010.

TUAN, Yi-fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

MEMÓRIAS E AVENTURAS NA EDUCAÇÃO E NO ENSINO DE GEOGRAFIA

TUAN, Yi-fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

VIDIELLA, Zabala Antoni. **Enfocament globalitzador i pensament complexo**: una resposta per a la comprensió i intervenció en la realitat. Barcelona: Ed. Graó, 1999.

VYGOTSKY, Lev S. **Pensamento e Linguagem**. Rio de Janeiro: Ed. Martins Fontes, 1993.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO. **Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia**. São Paulo: Unifesp/Campus Guarulhos, 2006.

SOBRE O LIVRO

Formato: 14,8x21 cm

Tipologia: Minion Pro

Tamanho do Corpo: 11

Nº de Páginas: 330

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS AO AUTOR.



C&A ALFA COMUNICAÇÃO

Rua 14, Qd. 12, Lt. 21, St. Itatiaia III – CEP 74.690-390 – Goiânia-GO
editoraalfacomunicacao@gmail.com

Falar da própria história de vida, das experiências vivenciadas e acumuladas é um processo reflexivo que leva o sujeito a repensar sobre suas ações no presente e no passado. Rememorar fatos ressignificando-os e reeditando-os por meio da narrativa, das experiências vividas e imaginadas, representa uma reconstrução e uma reinvenção, por meio da memória, da sua própria identidade. (PINHEIRO, 2012, p. 27).